



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E  
ANTROPOLOGIA  
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA**

**RILDO FERREIRA DA COSTA**

**TECNOLOGIA, ÉTICA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA**  
**Uma fenomenologia das relações entre professor e aluno em sala de aula na**  
**era da tecnologia digital**

**BELÉM-PA  
2018**

**RILDO FERREIRA DA COSTA**

**TECNOLOGIA, ÉTICA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA**  
**Uma fenomenologia das relações entre professor e aluno em sala de aula na**  
**era da tecnologia digital**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (PPGSA / UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia e Antropologia.

Área de concentração: Sociologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Marly Leite Mendonça

**BELÉM-PA**  
**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C837t Costa, Rildo Ferreira da  
TECNOLOGIA, ÉTICA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA: Uma fenomenologia das relações  
entre professor e aluno em sala de aula na era da tecnologia digital / Rildo Ferreira da Costa. — 2018  
317 f.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Kátia Marly Leite Mendonça

1. Tecnologia. 2. Ética. 3. Sociabilidade. 4. Educação. 5. Professor-Aluno. I. Mendonça, Kátia  
Marly Leite, *orient.* II. Título

---

**RILDO FERREIRA DA COSTA**

**TECNOLOGIA, ÉTICA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA**  
**uma fenomenologia das relações entre professor e aluno em sala de aula na**  
**era da tecnologia digital**

**Banca examinadora:**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Marly leite Mendonça (Orientadora - PPGSA / UFPA)

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Fábio Fonseca de Castro (Examinador Externo - PPGCOM / UFPA)

---

Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior (Examinador Externo – PPGCR / UEPA)

---

Prof. Dr. Paulo Henrique Façanha de Miranda (Examinador Externo – CCE / UFPA)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Edila Arnaud Ferreira Moura (Examinador Interno - PPGSA / UFPA)

---

Prof. Dr. Samuel Maria de Amorim e Sá (Examinador Interno -PPGSA / UFPA)

---

Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos (Examinador Suplente Externo - PPGCR / UEPA)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréa Bittencourt Pires Chaves (Examinador Suplente Interno – PPGSA / UFPA )

**BELÉM-PA**  
**2018**

## DEDICATÓRIA

Dedico esta tese de doutoramento à minha amada esposa **Roseane Costa** com quem tenho compartilhado todo o meu amor e minha vida em uma entrega existencial de doação e totalidade humana. A esta mulher maravilhosa, que tem me acompanhado incansavelmente por toda minha vida, desde que decidimos formar uma só pessoa em nossos corações, não existe um dia sequer que não vivamos felizes. Entrego este estudo, cujo principal fomento é a busca do amor, fraternidade e da esperança entre as pessoas.

Aos meus amados filhos **Rafael e Ruanne** que mesmo em meio às minhas tantas ausências que o estudo demandava, compreenderam e nunca deixaram de dizer: “Eu te amo, papai”!

À minha mãe **Terezinha**, que como mãe me ensinou os primeiros e mais fecundos valores da vida que me orientam como pessoa e, como professora, ensinou-me as primeiras leituras e escritas que orientaram os meus passos de um eterno estudante. É uma senhora de sabedoria ímpar, que está sempre a me indicar a fé em Deus como o melhor caminho para a concretização de nossos sonhos.

Ao meu pai **José Rodrigues da Costa** (*in memoriam*), que foi um guerreiro incansável até os últimos dias de sua vida, para ensinar-me valores com os quais eu enfrentaria os desafios da vida.

Às minhas **irmãs e irmão**: Diná, Quelita, Sila, Roseli, Neuci e Ivan, que sempre com uma palavra ou ação me ajudaram em mais esta caminhada acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por toda a iluminação e sabedoria que tem me proporcionado na minha vida e nesta jornada acadêmica.

À **Professora Kátia Mendonça**, amiga e orientadora, que com dedicação ímpar e sempre disponível para partilhar seus conhecimentos, abria muitas “janelas” pelas quais conseguíamos enxergar o “invisível”, apontando percepções fundamentais para a realização deste estudo. Pessoa de uma espiritualidade plena, cujo brilho de sua alma e condição humana sempre foi uma tocha iluminada nesta minha caminhada acadêmica.

Aos **Professores** Fábio Fonseca de Castro, Manoel Ribeiro de Moraes Junior., Edila Arnaud Ferreira Moura, Samuel Maria Amorim Sá, Paulo Henrique Façanha de Miranda, Denise Machado Cardoso, Andréa Bittencourt Pires Chaves e Ipojucan Dias campos, cujas contribuições, rigor acadêmico e serenidade intelectual, foram de fundamental importância para a concretização deste estudo.

Aos **Professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA)**, por compartilharem seus conhecimentos e concepções de mundo, pela sua disponibilidade e pela constante preocupação e ponderações acerca do desenvolvimento de nossas pesquisas.

À toda a **equipe do PPGSA** que garantem o funcionamento operacional com muita humanidade, desse ambiente acadêmico. Agradeço à Rosângela da secretaria por sua incondicional dedicação e disponibilidade; e um agradecimento muito especial ao nosso saudoso colega Paulo (*in memorian*).

Aos **colegas do grupo de estudo “Imagem, Arte, Ética e sociedade”**, a começar pela nossa líder Profa. Kátia Mendonça e demais como Hélio, Jorge Oscar, Jones, José Maria, Joana, Irene, Valber, Vera, Verônica, Marcelo e ao saudoso Samir (*in memorian*); um obrigado muito especial pelo apoio que me deram, às vezes mesmo sem saber disso, fornecendo-me força interior para continuar e concluir esta tese, mas, sobretudo pelo espírito de partilha e experiências humanas inesquecíveis de vivermos uns com os outros momentos plenos de doação na dimensão Eu-Tu.

A todos **Professores(as) colaboradores(as)** neste estudo, que gentilmente se disponibilizaram fornecer informações fundamentais para a pesquisa, sem as quais a mesma não seria realizada.

À **Professora Patrícia** por sua dedicação e disponibilidade em fazer de forma crítica e perspicaz a revisão textual, buscando o maior refinamento possível desta tese.

À Professora **Ana Lúcia** por sua disponibilidade em construir o Résumé como exigência metodológica para a definição desta tese.

Ao **Professor Reinaldo Gonçalves e Família**, Diretores Proprietários da Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ), pelo apoio moral e institucional que tem me proporcionado nos momentos de dificuldades e conquistas em minha vida acadêmica.

À **minha esposa Roseane** por todo apoio afetivo e acadêmico; ao **meu filho Rafael** pela disponibilidade com seu conhecimento de língua inglesa, que tantas vezes o solicitei; e à **minha filha Ruanne**, que pela sua própria inconsciência me garantia toda forma de apoio; mas, sobretudo por exercitarem com muito amor valores humanos que tanto nós carecemos no mundo atual: a escuta e o diálogo.

Agradeço a todas as pessoas, inclusive àquelas que aqui não foram mencionadas, que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo edificado na esperança de uma educação verdadeiramente humanizadora sob orientação de uma ética inter-humana e relações intersubjetivas eivadas de alteridade.

“[...] eu me afirmo como pessoa à medida que creio realmente na existência dos outros e na medida em que esta crença tende a dar forma a minha conduta”.

(Gabriel Marcel)



# **TECNOLOGIA, ÉTICA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA**

## **Uma fenomenologia das relações entre professor e aluno em sala de aula na era da tecnologia digital**

### **RESUMO**

Na presente tese de doutoramento apresentamos como campo temático “tecnologia e sociabilidade na escola”, com objetivo de compreender os processos de sociabilidade nos âmbitos interpessoal e pedagógico construídos em sala de aula, na tentativa de entender as relações na dimensão ética e social, a partir do olhar de professores aos alunos que utilizam celular durante a realização da aula. Metodologicamente, a pesquisa tem um cunho teórico e empírico, cujos dados mobilizados por meio de observação direta não participativa, questionários com perguntas fechadas e entrevistas semiestruturadas, foram analisados por uma abordagem fenomenológico-hermenêutica, sobretudo com base na filosofia de Gabriel Marcel e Martin Buber. Em face das questões levantadas, o estudo nos possibilitou a percepção dos seguintes resultados: as novas tecnologias exercem na vida das pessoas uma influência considerada positiva e otimista em suas relações, sobretudo a instantaneidade das comunicações. Todavia, não se apercebem do cenário de estranheza, isolamento e perda de percepção de si e do outro em que estão caminhando. Na escola, a maioria das pessoas utiliza celular para seus interesses particulares, e muito esporadicamente é utilizado como ferramenta pedagógica, carecendo de metodologias de uso das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem e capacitação docente para sua utilização pedagógica. Em sala de aula, a preocupação docente é pedagógico-racional, voltada para o ensino dos conteúdos disciplinares, enquanto os alunos se “isolam” em seus celulares, alheios ao que está ocorrendo, condicionando os professores a uma prática autoritária e construção de um discurso no qual afirmam que o uso do celular afeta negativamente a autoridade do professor e prejudica a qualidade do trabalho docente. Na dimensão ética, a sala de aula mostra-se como um ambiente de aprisionamento, asfixiando possibilidades éticas inter-humanas entre professores e alunos, visto que a ação educativa não agrega valores humanos, perdendo-se o encantamento humano na educação como um momento de produção de sentido para a vida. Existe uma grave crise de relacionamento e valores nas relações familiares que repercute diretamente nos processos relacionais estabelecidos entre professores e alunos. Em meio à violência, medo e um estado de ‘cegueira ética’, em sala de aula não se perdeu o respeito entre professor-aluno, mas a sua consistência ética sofreu uma redução de sentido, evidenciando entre ambos, dificuldades em viver experiências de verdadeiro encontro inter-humano na ação educativa. Cabe ao educador agregar à racionalidade pedagógica, um fazer docente, baseado no diálogo, na escuta e novas possibilidades construídas na fenomenalidade humana em uma relação humanizada com o saber científico. É pelo sentimento de comunhão, amor, fraternidade e esperança que se torna possível uma verdadeira educação humanizada capaz de promover o autêntico encontro do Ser com o Outro no mundo e a restauração do sentido da vida na dimensão Eu-Tu em sua “verdadeira alteridade, destruindo o círculo da solidão” entre professores e alunos.

**Palavras-Chave:** Tecnologia. Ética. Sociabilidade. Educação. Professor-Aluno.

**TECHNOLOGY, ETHICS AND SOCIABILITY AT SCHOOL**  
**A phenomenology of Teacher-Student Relationships in the Classroom in the Digital  
Technology Age**

**ABSTRACT**

In this doctoral thesis, we present as a thematic field "technology and sociability in school", aiming to understand the processes of sociability in the interpersonal and pedagogical environments built in the classroom, in an attempt to understand the relationships in the ethical and social dimension, from the look of teachers to students who use cell phones during the class. Methodologically, the research has a theoretical and empirical character, whose data mobilized through direct non-participative observation, questionnaires with closed questions and semi-structured interviews, were analyzed by a phenomenological-hermeneutical approach, mainly based on the philosophy of Gabriel Marcel and Martin Buber. In view of the issues raised, the study allowed us to perceive the following results: new technologies have an influence on lives of the people considered positive and optimistic in their relations, especially the instantaneousness of communications. However, they do not realize the scene of strangeness, isolation and loss of perception of themselves and the other in which they are walking. At school, most people use cell phones for their private interests, and very sporadically it is used as a pedagogical tool, lacking methodologies for the use of new technologies in the teaching-learning process and teacher training for their pedagogical use. In the classroom, the teacher's concern is pedagogical-rational, focused on the teaching of disciplinary contents, while students are "isolated" in their cell phones, oblivious to what is happening, conditioning teachers to an authoritarian practice and construction of a discourse in which they assert that cell phone use negatively affects teacher authority and impairs the quality of teaching work. In the ethical dimension, the classroom is an imprisonment environment, stifling inter-human ethical possibilities between teachers and students, since educational action does not add human values, losing the human enchantment in education as a moment of production of meaning for life. There is a serious relationship crisis and values in family relationships that have a direct impact on the relational processes established between teachers and students. In the midst of violence, fear and a state of 'ethical blindness', in the classroom the respect between teacher-student was not lost, but its ethical consistency suffered a reduction of meaning, evidencing between both difficulties in live experiences of true inter-human encounter in educational action. It is up to the educator to add pedagogical rationality to a teaching work based on dialogue, listening and new possibilities built up in human phenomenology in a humanized relationship with scientific knowledge. It is through the feeling of communion, love, fraternity and hope that a true humanized education is capable to promote the authentic encounter of the Self with the Other in the world and the restoration of the meaning of life in the "me and you" dimension in its "true otherness, destroying the circle of solitude "between teachers and students.

**Keywords:** Technology. Ethic. Sociability. Education. Teacher-Student.

# **TECHNOLOGIE, ÉTHIQUE ET SOCIABILITÉ À L'ÉCOLE**

## **Une phénoménologie des relations enseignant-étudiant dans la classe à l'ère de la technologie numérique**

### **RÉSUMÉ**

Dans cette thèse de doctorat présentée comme domaine thématique «technologiques et sociabilités à l'école », qui vise à comprendre les processus de sociabilité dans les niveaux interpersonnels et éducatifs intégrés dans la salle de classe, en essayant de comprendre les relations dans la dimension éthique et sociale, à partir du regard des enseignants aux élèves qui utilisent les téléphones portables pendant le cours. Méthodologiquement, la recherche a un caractère théorique et empirique dont les données mobilisées par l'observation directe non-participative, des questionnaires avec des interviews fermées et semi-structurées ont été analysées par une approche phénoménologique-herméneutique, notamment celles fondées sur la philosophie de Gabriel Marcel et Martin Buber . Compte tenu des questions soulevées, l'étude nous a permis la perception des résultats suivants: les nouvelles technologies auront sur la vie des gens une influence positive et considérée comme optimiste dans leurs relations, en particulier l'instantanéité des communications. Cependant, ils ne se sont pas conscient du scénario de l'étrangeté, l'isolement et la perte de perception sens d'eux-mêmes et de l'autre dans lequel ils marchent. À l'école, la plupart des gens utilisent le téléphone portable à leurs intérêts particuliers, et très sporadiquement il est utilisé comme outil pédagogique, il manque des méthodologies pour l'utilisation des nouvelles technologies dans le processus d'enseignement-apprentissage et la formation des enseignants à des fins éducatives. Dans la salle de classe, la préoccupation des enseignants est pédagogique-rationnelle, centrées sur l'enseignement des contenus disciplinaires, tandis que les étudiants sont « isolés » sur leurs téléphones portables, inconscients de ce qui se passe, conditionnant les enseignants à une pratique autoritaire et construction d'un discours ils affirment que l'utilisation du téléphone portable affecte négativement l'autorité de l'enseignant et affecte la qualité du travail de l'enseignement. Dans la dimension éthique, la salle de classe est un environnement d'emprisonnement, étouffant les possibilités éthique interhumaines entre les enseignants et les étudiants, puisque l'action éducative n'ajoute pas les valeurs humaines, perdant l'enchantement humain dans l'éducation comme un moment de production de sens pour la vie. Il y a une crise relationnelle sérieuse et des valeurs dans les relations familiales qui ont un impact direct sur les processus relationnels établis entre les enseignants et les élèves. Au milieu de la violence, la peur et un état de « cécité éthique » dans la classe n'a pas perdu le respect entre enseignant-étudiant, mais sa cohérence éthique a souffert d'une réduction du sens, montrant entre eux, les difficultés à vivre des expériences réelles d'une vraie rencontre interhumaine dans l'action éducative. Il appartient à l'éducateur d'ajouter une rationalité pédagogique, un travail d'enseignant, basée sur le dialogue, l'écoute et des nouvelles possibilités construites dans la phénoménologie humaine dans une relation humanisée avec la connaissance scientifique. C'est par le sentiment de communion, d'amour, de fraternité, l'amour et d'espoir qu'il est possible qu'une vraie éducation humanisée soit capable de promouvoir la rencontre authentique de l'Être avec l'Autre dans le monde et la restauration du sens de la vie dans la dimension Je-Tu de sa'l « vraie altérité », détruisant le cercle de la solitude "entre les enseignants et les étudiants.

**Mots-clés:** Technologie. Éthique. Sociabilité. Éducation. Enseignant-étudiant.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>14</b>  |
| <b>Contextualização e delimitação da pesquisa.....</b>  | <b>19</b>  |
| <b>Fundamentação teórica e metodológica.....</b>  | <b>27</b>  |
| <br>  |            |
| <b>CAPITULO I – O HOMEM E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE<br/>COMUNICAÇÃO DIGITAL.....</b>                        | <b>45</b>  |
| <br>  |            |
| 1.1 <b>TECNOLOGIAS DIGITAIS: novas formas de comunicação e sociabilidade<br/>humana.....</b>              | <b>45</b>  |
| <br>  |            |
| a) <b>Um breve histórico das novas tecnologias no mundo contemporâneo.....</b>                            | <b>47</b>  |
| b) <b>O desenvolvimento tecnológico e as novas relações de sociabilidade.....</b>                         | <b>50</b>  |
| <br>  |            |
| 1.2 <b>INTERNET: UMA REDE MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO.....</b>   | <b>58</b>  |
| <br>  |            |
| a) <b>Revisitando a história da Internet.....</b>   | <b>58</b>  |
| b) <b>A ética e sua relação com o uso da internet no Brasil.....</b>                                      | <b>60</b>  |
| <br>  |            |
| 1.3 <b>UMA PERCEPÇÃO DO TEMPO NO MUNDO TECNOLÓGICO-INDUSTRIAL</b>   | <b>66</b>  |
| <br>  |            |
| a) <b>Tempo linear ou tradicional.....</b>  | <b>67</b>  |
| b) <b>O tempo como experiência existencial.....</b>   | <b>68</b>  |
| c) <b>O tempo virtual: uma sensação dilacerada no “aqui e agora”.....</b>                                 | <b>70</b>  |
| <br>  |            |
| 1.4 <b>(DES)CAMINHOS DA ÉTICA HUMANA NO MUNDO DAS TECNOLOGIAS<br/>DIGITAIS.....</b>                       | <b>72</b>  |
| <br>  |            |
| a) <b>Ética e as novas tecnologias: um campo de fascinação e degradação na<br/>contemporaneidade.....</b> | <b>73</b>  |
| <br>  |            |
| <b>CAPÍTULO II – IMAGEM E IMAGINÁRIO NO MUNDO DAS NOVAS<br/>TECNOLOGIAS.....</b>                          | <b>99</b>  |
| <br>  |            |
| 2.1 <b>AS REDES SOCIAIS E OS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE<br/>HUMANA.....</b>                               | <b>99</b>  |
| <br>  |            |
| a) <b>Tecnologia, socialidade e sociabilidade.....</b>  | <b>99</b>  |
| b) <b>Interações em redes sociais virtuais.....</b>   | <b>107</b> |

|   |     |
|---|-----|
| 2.2 COMUNIDADES VIRTUAIS COMO AMBIENTES DE SOCIABILIDADE.....   | 115 |
| a) Algumas controvérsias sobre o conceito de comunidade.....  | 115 |
| b) Comunidades virtuais.....  | 119 |
| 2.3 OS “SELFIES” NO IMAGINÁRIO SOCIAL DE USUÁRIOS DE<br>TECNOLOGIAS DIGITAIS.....   | 124 |
| a) O <i>Selfie</i> nas lentes do imaginário.....  | 126 |
| b) Eu, meu <i>Selfie</i> e os outros.....   | 128 |
| 2.4 REINVENÇÃO DO CORPO NAS MÍDIAS DIGITAIS.....  | 134 |
| a) O “espetáculo” do corpo.....   | 134 |
| b) Sexting: um modo de degradação do corpo.....   | 139 |
| <b>CAPÍTULO III - POR UMA ÉTICA MARCELIANA: A SOCIEDADE<br/>TECNOLÓGICA CONTEMPORÂNEA NAS LENTES DO PENSAMENTO DE<br/>GABRIEL MARCEL.....</b> | 142 |
| 3.1 TRANSITANDO PELA BIOGRAFIA DE GABRIEL MARCEL.....   | 142 |
| 3.2 REVISITANDO O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE GABRIEL MARCEL.....  | 144 |
| a) Entre o fascínio e a crise da humanidade no mundo tecnológico-<br>industrial.....  | 144 |
| b) A experiência da realidade na dimensão do mistério e do problema.....  | 148 |
| c) A perda de percepção do homem dominado pelo “espírito de abstração” na<br>sociedade tecnológica.....                                       | 153 |
| d) O movimento do homem entre o Ser e o Ter.....  | 157 |
| e) O Envilecimento humano na sociedade tecnológica-industrial.....  | 161 |
| f) Uma luz de esperança em meio a degradação humana.....  | 167 |
| <b>CAPÍTULO IV – VINCULAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE<br/>COMUNICAÇÃO AOS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE NA<br/>ESCOLA.....</b>                    | 174 |
| 4.1 ADENTRANDO O CAMPO DE PESQUISA.....   | 174 |
| a) O encontro com os interlocutores da pesquisa.....  | 174 |
| b) Perfil dos professores voluntários da pesquisa.....  | 176 |

|  |     |
|--|-----|
| 4.2 NOVAS TECNOLOGIAS NA AÇÃO EDUCATIVA: entre dificuldades possibilidades.....                              | 179 |
| <b>a) Da racionalidade tecnológica ao campo da produção de sentido.....</b>                                  | 179 |
| <b>b) O uso do celular na dinâmica da escola.....</b>  | 187 |
| 4.3 VOZES DE PROFESSORES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE USO DE NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA..... | 196 |
| <b>a) sala de aula: um espaço de sociabilidade e experiências educativas.....</b>                            | 197 |
| <b>b) Professores e alunos: vivências de temporalidades diferentes em sala de aula.....</b>                  | 203 |
| <b>c) Celular em sala de aula: usar ou não usar? “Eis a questão”!.....</b>                                   | 215 |
| <b>d) A Violência conectada em sala de aula: velada anunciada.....</b>                                       | 225 |
| 4.4 ALUNOS CONECTADOS E O TRABALHO DOCENTE EM SALA DE AULA..   | 234 |
| 4.5 NOVAS TECNOLOGIAS E A AUTORIDADE DO PROFESSOR EM SALA DE AULA.....                                       | 239 |
| <b>CAPITULO V – SER PROFESSOR E A RELAÇÃO COM A ÉTICA NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA-INDUSTRIAL.....</b>           | 247 |
| 5.1 A DECISÃO DE SER PROFESSOR: vocação, tradição ou profissão?.....   | 247 |
| 5.2 O SENTIDO DE SER PROFESSOR “ONTEM E HOJE”.....   | 257 |
| 5.3 A ETICIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM SALA DE AULA.....                                 | 267 |
| 5.4 A BUSCA DO SER COM O OUTRO POR MEIO DE UMA ÉTICA HUMANIZADA NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA.....                | 277 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | 286 |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | 298 |
| <b>ANEXOS.....</b>   | 311 |
| <b>APÊNDICES.....</b>  | 314 |

## INTRODUÇÃO

A opção por investigar processos de sociabilidade construídos nas dimensões interpessoal e pedagógica no ambiente escolar, com foco na sala de aula, com a mediação das novas tecnologias de comunicação digital, sobretudo as mídias digitais móveis (celular, smartphone...), está vinculada à história de vida deste pesquisador, na medida em que esse tema foi pensado a partir das próprias experiências vivenciadas no cotidiano profissional, como professor de História, em instituições de ensino da rede pública e privada na cidade de Belém do Pará.

O trabalho desenvolvido como docente em escolas de educação básica, no sistema público estadual em Belém do Pará, desde os meados dos anos 1980, permitiu perceber que a escola vem sendo transformada em um espaço de formação profundamente marcado por novas formas de se fazer educação, alicerçada no princípio da diversidade e novas ferramentas tecnológicas na organização das relações entre as pessoas e o trabalho escolar.

Por meio de experiências vivenciadas nas escolas, onde desenvolvemos atividades docentes, presenciamos situações de interações socioeducacionais diversas na escola, envolvendo alunos, professores, técnicos, gestores e funcionários; o que por vezes, evidenciam formas de sociabilidade e relações com o outro, sobretudo com a mediação de novas tecnologias digitais, que aparentemente já exercem forte influência no comportamento dessas pessoas que se relacionam em diversos setores da escola.

Foi nesse contexto que surgiram inquietações provocadas por múltiplas formas de sociabilidade construídas no ambiente escolar, ao qual estamos vinculados profissionalmente como servidor público, e ganharam rigor metodológico, ultrapassando o nível da empiria, quando ingressamos em 2006, no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) ofertado pelo Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (ICED/UFPa).

No desenvolvimento da pesquisa, na linha de “Currículo e Formação de Professores”, que resultaria em uma pesquisa de dissertação de mestrado, as evidências investigativas levaram-nos a pesquisar o processo de formação de professores, provocando, processualmente, uma redefinição do objeto de estudo, conduzindo a uma investigação sobre a formação de professores no curso de História da UFPa<sup>1</sup>, por entender que um olhar mais sistematizado e refinado no cenário escolar referido, passava por uma melhor compreensão de

---

<sup>1</sup> Ver Dissertação: COSTA, R.F. **Um olhar sobre a concepção de professor adotada nas propostas curriculares implantadas no curso de História da UFPa em 1988 e 2006.** Belém: UFPa / ICED, 2008.

nossa formação como professor, pois surgiu a expectativa de que um curso de Mestrado em Educação poderia nos oportunizar um aporte teórico, que possibilitasse um diálogo e aproximação maior com as inquietações no ambiente escolar. E devemos dizer que o referido curso de Mestrado, não deu respostas a todas as inquietações levantadas acerca das tessituras sociais na escola, mas deu-nos subsídios que foram fundamentais para começar a construir um diálogo bem mais fecundo com os processos de sociabilidade, os quais são construídos no ambiente escolar.

Após a conclusão do curso de mestrado em educação em 2008, retornamos às atividades docentes nas escolas públicas, onde a Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA) efetivou uma nova lotação, como professor de História, mas deparamos com um cenário novo, marcado por uma intensa utilização de tecnologias digitais móveis, sobretudo celulares e *smartphones*, com acesso à *internet*, entre todos os segmentos da comunidade escolar.

O primeiro quadro que chamou atenção foi o fato de muitos alunos exibirem mídias, das mais simples às mais sofisticadas, como Celular, *Smartphone*, *Tablets*, *dentre outros*, mesmo numa escola pública, onde presume-se pessoas de baixa renda. Por ser uma questão em evidência nas duas escolas onde eu trabalhava e em outras, cujas informações tomei conhecimento por amigos professores; entendemos que essa situação requer a realização de pesquisas e novos olhares investigativos que possibilitem um entendimento mais aproximado sobre as relações de sociabilidade que são construídas a partir dessas tecnologias digitais e como a ética perpassa por essas novas relações sociais.

O que nos salta aos olhos, é que, ao utilizarem as novas tecnologias de comunicação digital, os alunos deixam transparecer uma busca intensa do entretenimento. Escutam música, enviam mensagens, fazem fotos, expõem seus aparelhos como espécies de troféus, como se disfarçando o que os outros pensam deles, se comunicam, criam linguagens próprias de informação. Formam grupos virtuais, cujo ingresso somente com sua declaração de aceite, geralmente mediante identificação com algum aspecto do ingressante e circulam por diversos espaços da escola como se não quisessem ser identificados como integrantes de um espaço apenas.

Conhecemos relatos de professores e técnicos educacionais sobre supostos prejuízos que os alunos causam para o aproveitamento das aulas, à medida que utilizam celulares durante a aula ou ficam nos corredores com seus celulares de marcas diversas, ouvindo música em som alto, dificultando o processo ensino-aprendizagem, o que evidencia uma percepção demonizada das tecnologias digitais.



Esse novo cenário provocou inquietações acerca de relações interpessoais e dos processos pedagógicos construídos nas tessituras do âmbito educacional em que estamos inserido, em razão das múltiplas relações de sociabilidade que os membros da comunidade escolar estabelecem entre si na construção dos processos pedagógicos e na constituição de suas subjetividades e intersubjetividades, manifestadas pelo estabelecimento de relacionamentos de amizade, namoro, jogos, situações de violência, entretenimento, postagens em redes sociais de imagens e vídeos do próprio corpo, música, atividades escolares e outras em íntima relação com aplicativos das novas tecnologias de comunicação digital.

Desse modo, sob inquietação desse cenário socioeducacional, lançamo-nos em busca de possíveis respostas para a expansão das novas formas de sociabilidades que espraiam-se no ambiente escolar, visto que, na condição de cidadão e professor de História, temos interesse em compreender esse fenômeno nas dimensões ética, social e pedagógica no ambiente escolar, visto que são processos que estão intrinsecamente ligados ao principal objetivo de nossa prática como professor, que é a formação de alunos como cidadãos críticos e capazes de fazer escolhas conscientes e construir relações consigo e com o outro, fundamentadas em valores éticos no contexto histórico plural em que vivemos.

Instigado inicialmente pela dimensão social desse fenômeno em expansão na escola, buscamos aproximações com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (atual Programa de Pós-Graduação em sociologia e Antropologia) da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA), onde, além de participar de debates teóricos sobre Tecnologia e Sociabilidade, como aluno nas disciplinas “Hermenêutica e Ciências Sociais”, “Ética – Sociedade – Não Violência”, ministradas pela Professora Dr<sup>a</sup> Kátia Marly Leite Mendonça<sup>2</sup>, participamos de um curso de extensão sobre “Ética para o Diálogo” organizado pelo Projeto “Peregrinos da Paz”, do governo Federal e coordenado pela referida professora, que mobilizou educadores, sobretudo, das redes municipal e estadual de Belém do Pará.

Essas incursões possibilitaram-nos algumas aproximações com pesquisas que tratam acerca de relações de sociabilidade na escola em uma perspectiva sociológica, mas em um olhar fenomenológico-hermenêutico, que causava certa estranheza sob ponto de vista epistemológico. Tínhamos a sensação que uma lacuna se evidenciava na busca de

---

<sup>2</sup> Professora Titular e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA) e bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPQ)

compreender a dimensão que diversas formas de relações sociais estavam alcançando na escola.

Após ingressar, em 2014, como discente regularmente matriculado no curso de Doutorado ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, na área de concentração em Sociologia, começamos a participar das disciplinas curriculares, cujos debates, leituras e produção de artigos científicos, possibilitaram a mobilização de conhecimentos que ampliaram e amadureceram o nosso olhar investigativo sobre as referidas inquietações, contribuindo para o refinamento, sistematização teórica e metodológica das intencionalidades de pesquisa acerca das questões que eram elucidadas.

A partir dessas reflexões, damos clareza que o interesse pessoal na realização desta pesquisa está relacionado à curiosidade investigativa deste pesquisador, fustigada por leituras realizadas acerca da temática em proposição e no campo da sociologia, o que poderá possibilitar a mobilização de um *corpus* teórico consistente e coerente com a motivação que compreender, por lentes da sociologia, sob viés hermenêutico e fenomenológico, como as relações entre tecnologia e sociabilidade, repercutem nos âmbitos interpessoal e pedagógico no ambiente escolar, em uma perspectiva ética. Um olhar mais refinado, sob ponto de vista teórico e epistemológico, nos possibilitará lidar de modo mais sistemático com esse novo cenário social e pedagógico na escola, pois há algum tempo vem sendo motivo de inquietação em nossas elucubrações intelectuais.

Reforçando essa relevância pessoal, entendemos que a realização desta pesquisa se explicou também, por um lado, pela possibilidade de mobilizar em uma perspectiva sociológica e educacional, dados que indiquem um fio condutor para compreendermos os processos de sociabilidade construídos na escola, e por outro, adquirir conhecimentos que permitam refinar a nossa formação, como professor e pesquisador a partir da própria realidade profissional na qual estamos inserido.

Na dimensão social, a relevância desta pesquisa está alicerçada na percepção de que a produção de conhecimentos, por meio da investigação científica só ganha legitimidade se estiver em consonância com a sociedade. Nesse sentido, entendemos que toda pesquisa deve evidenciar sua relevância na coerência manifestada em relação às demandas da sociedade. “Dessa posição decorre que não pode haver conhecimento competente e crítico se não for considerado o contexto histórico-social de sua realização.” (SEVERINO, 2013, p. 19)

Nesse olhar, a produção de conhecimentos no âmbito da educação, deve ocorrer na perspectiva de uma ação intencional no sentido de atender às necessidades da sociedade,

possibilitando a construção de instrumentos teóricos e práticos que permitam a intervenção dos sujeitos no processo de mediação das relações que são construídas nas tessituras da realidade social instituída.

Com base nessas reflexões acerca da produção de conhecimento científico, no campo sociológico-educacional, consideramos relevante a realização desta pesquisa, em que pese o entendimento limitado sobre a relação tecnologia e sociabilidade na escola, e cuja compreensão demanda a mobilização de conhecimentos mais profundos sobre esse fenômeno social. Desse modo, a produção de conhecimentos sobre relações de sociabilidade na escola, poderá (re)orientar e instrumentalizar a comunidade escolar, de forma mais efetiva para otimizar o uso de tecnologias digitais no ambiente escolar, no sentido desenvolver práticas pedagógicas que possibilitem a melhoria do processo ensino-aprendizagem; e, por outro lado, abrir janelas que indiquem pontas para a construção de relações interpessoais e pedagógicas alicerçadas na ética, a partir do uso de tecnologias digitais no ambiente escolar.

Assim, compreendemos que é de fundamental importância para a sociedade a realização desta pesquisa, a partir de pressupostos levantados de que as tecnologias de comunicação digital exercem profunda influência nas relações de sociabilidade construídas pelos sujeitos da comunidade escolar e na organização do trabalho pedagógico na escola, sendo portanto, inapreensível as relações intraescolares na atualidade, sem levar em consideração essa relação homem-tecnologia.

Em relação à relevância institucional que esta pesquisa realizada assume nos propósitos da linha de pesquisa “Ética, trabalho e sociabilidades”, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, suscitamos uma possível contribuição no sentido de entender a temática investigada, como uma discussão nova que poderá estimular novas reflexões fomentadoras de outras pesquisas que incentivem o fortalecimento do debate teórico e epistemológico no campo da ética e relações sociais, que é um dos objetivos fundamentais dos pesquisadores que integram a referida linha de pesquisa, contribuindo para o processo de consolidação da temática em foco no referido Programa de Pós-Graduação e linha de pesquisa em questão.

Lembramos de que a intenção da pesquisa não foi apenas discorrer sobre a relação tecnologia e sociabilidade na escola, mas, a partir dela, desenvolver algumas reflexões teóricas na perspectiva hermenêutica e fenomenológica de análise dessa temática, na tentativa de compreender nas dimensões ética e social os processos de sociabilidade que são construídos na escola, mais precisamente em sala de aula, com a mediação de tecnologias digitais.

## **Contextualização e delimitação da pesquisa**

Nas três últimas décadas, o mundo contemporâneo tem sido marcado por transformações de tamanhas dimensões, que afetaram e afetam profundamente a forma de organização da vida do homem em diversos aspectos de sua cotidianidade. Nesse contexto, são evidenciadas as mudanças no campo tecnológico, com o desenvolvimento das Novas Tecnologias de Comunicação digital, que de modo muito contundente, interferem na forma dos indivíduos estabelecerem relações entre si, no processo de construção de suas tessituras sociais, produção de conhecimento e concepção de mundo.

No mundo hodierno, as novas gerações acessam as portas do mundo com os polegares, utilizando suportes da tecnologia digital, adentrando dessa forma em um gigantesco espaço de informação e comunicação, no qual mergulham virtualmente em novas formas de relacionamentos, vivências e experiências proporcionadas pela inventividade humana.

Nesse cenário, o sistema de comunicação atual, se expandiu de diversas formas, sobretudo pelas redes sociais, mediadas por avançadas mídias digitais e aplicativos tecnológicos que tem facilitado incondicionalmente a comunicação entre pessoas. Já existem aplicativos que possibilitam aos usuários processarem diversas informações e relações em uma só tecnologia, vislumbrando um novo mundo “espetacular” mediado por imagens.

As tecnologias modernas de comunicação tornaram as relações mais rápidas e acessíveis, prescindindo de tempo e locais pré-estabelecidos. São utilizadas por pessoas de todas as idades, sobretudo, jovens em maior evidência, construindo múltiplas formas de relacionamento, interesses e necessidades em rede virtual, fazendo da máquina um meio de construção de identidade.

De acordo com Lévi (1999), as mensagens, imagens e vídeos postados em rede via internet, de forma extremamente rápida, possibilitam a mobilização de um volume extraordinário de informação e comunicação que são disponibilizados num gigantesco espaço virtual denominado de ciberespaço. Esse poderoso universo de comunicação, viabilizado pelas tecnologias digitais, favorece um eficiente sistema comunicacional entre as pessoas, cujos comportamentos e visões de mundo são fortemente influenciados pelas novas relações construídas no mundo virtual, provocando processos de sociabilidade inusitados entre usuários da internet.

Diante do crescente processo de inovação tecnológica, as pessoas tendem a adaptar-se a elas em todas as dimensões de sua vida. Entre pessoas de todas as faixas etárias, o uso das novas tecnologias é de extrema recorrência. É muito comum, em espaços públicos ou

privados, cenas de registros de momentos considerados interessantes, como o autorretrato (*selfie*)<sup>3</sup>, compartilhamento de vídeos e imagens entre amigos, às vezes mais ousadas, sob ponto de vista do corpo.

Com o surgimento de diversas redes sociais, tornou-se frequente, sobretudo, entre jovens o registro de *selfies*, visto que as redes sociais são espaços de interação e socialização entre jovens que sentem necessidade de mostrar sua imagem como estratégia de busca de aprovação, sobretudo mediada pelo número de pessoas que curtem a imagem, que tecnologicamente expressa a aceitação da pessoa por determinados grupos em evidência nas redes sociais. Nesse sentido, “Importa notar que em sua vida social os homens buscam a estima e a aprovação alheias, o outro”. (MENDONÇA, 2013b, p. 126)

Nesse contexto, jovens que não se mostram nas redes sociais são considerados antissociais e são relegados ao anonimato por não se expressarem nesse mundo virtual. Muitas pessoas, sobretudo jovens se alienam de suas relações sociais presenciais com família e amigos em função da imersão em novas relações proporcionadas pelas redes sociais, que não demandam a experiência face a face.

Além disso, é uma fase em que os jovens ainda estão buscando a sua identidade, a fim de saber quem são e quem pretendem ser, por meio da aceitação e aprovação alheia. A imagem está relacionada ao seu autoconceito construída por um imaginário, que pode ser entendido como “uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável” (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

Foi nessa concepção de imaginário que a comunicação digital entrou na vida dos jovens como uma forma de demonstração de ostentação, ou seja, vale mais quem tem o melhor aparelho, e esse modo de pensar também atinge muitos adultos que utilizam desses recursos para promover a própria imagem, entrando em estado de deslumbramento. Eles projetam uma imagem de beleza esteticamente perfeita, em busca de alcançar maior proximidade possível com o padrão de beleza evidenciado pelo paradigma hegemônico de estética. Para isso utilizam intensivamente os aparelhos das novas tecnologias digitais, evidenciando uma relação de poder e interesse.

---

<sup>3</sup> A '*Selfie*' significa, segundo o dicionário online de Oxford "uma fotografia que uma pessoa tirou de si própria, normalmente com um smartphone ou webcam". Para tirar essas fotos tão populares, os jovens usam smartphones ou webcam. Em seguida, vem a publicação do retrato na rede social preferida em busca de likes e comentários. A palavra selfie vem do inglês e já foi adicionada ao dicionário Oxford, o mais importante da língua inglesa.

Na construção dessas novas relações de sociabilidade em redes sociais, mediadas pelas novas tecnologias digitais de comunicação, muitos internautas, impulsionado pelo sentimento de “liberdade” que são acometidos fazem *selfie*, mostrando parte ou por inteiro seus corpos de forma espetacularizada, para milhões de pessoas por meio da internet. Isto é possível, graças aos avanços da tecnologia, com modelos eletrônicos de última geração, que proporcionam facilidades de utilizar várias informações simultaneamente, com aplicativos que estimulam e favorecem o interesse de muitas pessoas.

Um mundo virtual pode simular fielmente o mundo real [...]. pode permitir ao explorador que construa uma imagem virtual muito diferente de sua aparência física cotidiana. Pode simular ambientes físicos imaginários ou hipotéticos submetidos a leis diferentes daquelas que governam o mundo comum. (LÉVY, 1999, p. 72)

O cenário elucidativo da relação que jovens e adultos estabelecem com as novas tecnologias de comunicação digital, remete à ideia de que os mesmos querem ser vistos e aceitos por outras pessoas. E, uma das estratégias para desenvolver essa expectativa, é por meio do registro de sua própria imagem e compartilhamento em uma rede social. Entretanto, muitas vezes é algo superficial, sob ponto de vista da dimensão humana, pois a expressão virtual da imagem não revela a essência humana da pessoa.

Para esses usuários de tecnologia, a reprodução da própria imagem em fotos ou vídeos nas tecnologias digitais representa a possibilidade de se destacarem nos seus ambientes sociais, ganhando popularidade ou como dizem em sua própria linguagem, serem mais “descolados”. Isso provoca muitas vezes o distanciamento desses jovens, de valores morais ou éticos, na medida em que traçam como objetivo conseguir alcançar suas pretensões e espaços no grupo em foco. A conquista do objetivo é vista como um troféu.

Atualmente, quase todo jovem tem uma mídia tecnológica avançada de última geração. Quando o jovem não possui um desses aparelhos de comunicação digital, com o qual possa entrar nas redes sociais (*Twitter, facebook, whatsapp, instagram, LinkedIn*), sente-se excluído de seu grupo de amigos. Quando ele tem acesso aos referidos meios de comunicação digital, ele posta suas imagens e atividades para os amigos como uma forma de demarcar território entre eles. O jovem quer ser reconhecido e aceito pelo seu grupo, atrair atenção dos seus pares, inclusive seus familiares, com os quais muitas vezes perderam de vista o diálogo, o que os transforma em estranhos quando se encontram presencialmente, não experienciando relações de presentificação humana com o outro, na dimensão Eu-Tu, que na perspectiva

buberiana “consiste em um ato essencial do Homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua” (BUBER, 2001, XLIV).

Nas redes sociais há uma grande demonstração de autoimagem, estética, beleza corporal, etc.; como se o fato de seus amigos dessas redes fossem os seus críticos de beleza estética, evidenciando um comportamento narcísico. Percebe-se no imaginário dos jovens que os mesmos tentam repassar, por meio das tecnologias digitais, a busca de uma aproximação estética com personagens famosas idolatradas nas redes de comunicação como televisão, cinema. Isto pode ser uma forma de chamar atenção de amigos ou uma forma de resistência aos valores orientados pelos pais.

Nesse ambiente de inovação tecnológica a identidade é construída socialmente sob forte influência cultural. A autoimagem é uma forma que os jovens têm encontrado para se comunicar e interagir com o mundo. E com auxílio das novas tecnologias de comunicação, esse processo de construção de identidade tem ganhado bastante dinamismo nas relações entre internautas.

Considerando a adolescência como uma fase de formação da concepção de mundo e autoafirmação do Ser, das descobertas sobre si, e sua forma de se relacionar com o mundo, o jovem adolescente se sente impulsionado ao uso da tecnologia na expectativa de destacar-se em determinados grupos sociais.

Concebendo o homem como um ser social de relação, entendemos que todo ser humano sente necessidade de compartilhar com outros o que pensam e o que estão fazendo. No contexto atual de desenvolvimento tecnológico, isto é possível, visto que qualquer pessoa pode se autofotografar e postar sua imagem na internet por meio de uma rede social, levando ao conhecimento de qualquer internauta. Isso já se tornou um *hobbie*. Existe também a disputa por “likes” ou curtidas. Quanto mais curtidas ou número de seguidores a pessoa conseguir é sinal de que ela é uma pessoa popular.

É cada vez mais comum encontrarmos jovens tirando foto com amigos, sozinho ou em frente ao espelho, postando nas redes sociais, na internet, compartilhando com outras pessoas conectadas. Para alguns jovens, utilizar as redes sociais é apenas um entretenimento ou modismo. Alguns jovens buscam nos *selfies* se ver ou se mostrar de uma forma esteticamente bonita e fortalecer a autoestima.

Por outro lado, vale lembrar que muitas vezes as redes sociais, por meio das novas mídias tecnológicas de comunicação tem obnubilado o olhar de alguns internautas, conduzindo-os por um labirinto, o qual se perdem os valores humanos que poderiam ser o fio ético e moral condutor de suas ações em relação ao outro.

Nesse sentido a experiência humana que perpassa os liames da comunicação entre os homens, mediada por tecnologias digitais, possibilitam um volume gigantesco de troca de informações que provocam um enredamento de relações fascinantes, mas cujas tessituras são extremamente vulneráveis e perigosas, nas quais o indivíduo pode não encontrar saída, tal como podemos perceber na reflexão a seguir:

A Internet. Esta red que hoy fascina e ilustra sin duda mejor que cualquier otra cosa los peligros y las esperanzas, significa em realidad, por el sufijo "net» (en inglés) la red; y "Web» (también en inglés), la «ielc de araña». Lo que simboliza el advenimiento de la libertad individual designa en realidad una redcilla y una tela de araña. Es decir, eso de lo que todo el mundo, intuitivamente, quiere librarse. (WOLTON, 1999, p. 238)

Essa forma de comunicação virtual mobiliza imediatismo e independência em relação a espaço e temporalidade, mas perde a dimensão do face a face entre os interlocutores, perdendo-se de vista o olhar, cuja expressividade é profundamente impactante em nossas relações de comunicabilidade.

Toda técnica, sobre todo de comunicación, consiste en reemplazar una actividad humana directa por una actividad mediatizada por una herramienta o un servicio. Y se suprime entonces: una expenencia humana, cuyo contenido no se recupera siempre en las tecmcas. Hoy, ninguna de las promesas técnicas hace referencia *alo que se pierde* en esta comunicación mediatizada por las nuevas técnicas. Decir que consiguen mejorar la comunicación humana se queda un poco corto... Discernir lo que se pierde como contrapartida a lo que se gana por cada nuevo servicio de comunicación es, pues, esencial para evitar ultenores decepciones. (WOLTON, 1999, p. 242)

Essa reflexão é elucidativa, na medida em que, atualmente, com irrestrito acesso à internet nas redes sociais por meios das tecnologias digitais de comunicação, são cada vez mais comuns histórias de jovens que expõem sua vida e de outros de maneira leviana e irresponsável. Essas atitudes expressam o perfil de uma sociedade cada vez mais distante dos valores éticos que nos humanizam, como o diálogo, alteridade e a solidariedade.

Tal prática revela que, de alguma forma, existe uma demanda emocional que necessita de um olhar mais humanizado. É uma estratégia de testificar o quanto uma pessoa precisa da outra. Muitos jovens estão cada vez mais sem base familiar, ética e moral que orientem a sua conduta em relação ao outro.



Por meio da técnica entram em estado de aviltamento<sup>4</sup> no sentido marceliano, obnubilando a sua visão de relação e a contemplação do outro, evidenciando que as pessoas estão dominadas com tamanha intensidade, que não se sentem capazes de esboçar nenhuma reação contra esse estado subserviência e dominação.

Essa reflexão, articulada ao pensamento de Marcel (2001), remete a um olhar para noticiários nos meios de comunicação sobre jovens, cujas imagens são expostas em redes sociais sem o seu consentimento, gerando situações de constrangimento. Mas o que leva a tais comportamentos? Não existe uma única razão; trata-se de um contexto em que o homem é dominado pela técnica que ele próprio criou, tornando-se ‘cativo’ da mesma. Heidegger (2007) critica a subordinação do homem à técnica, argumentando que o homem deve ter uma relação com técnica buscando a sua essência, não permitindo nenhuma forma de dominação. A mídia, por meio de novelas, campanhas publicitárias, programas de entretenimento, alimentam a reprodução por parte dos jovens em poses e gestos ousados e espetacularizados, cuja publicação em redes sociais, quando de forma ofensiva, tem provocado a disseminação do mal, muitas vezes levando-os a um profundo estado de depressão, degradação e cultura de morte.

Pode ser evidenciada nessa relação, a simples busca do entretenimento, na postagem de vídeos e fotos enviados para amigos visualizarem, estando isso também relacionado a dimensão da sexualidade. Há uma questão muito séria de degradação ética, moral e física, na medida em que, muitos jovens, geralmente adolescentes do sexo feminino e masculino tiram fotos sensuais e erotizadas (*sexting*)<sup>5</sup> e enviam para namorado (a), “ficante” ou simplesmente para serem vistos por meio de redes sociais na internet, e muitos acabam publicando essas fotos, o que leva eventualmente à dilaceração psíquica do outro, evidenciando o estado de aviltamento elucidado por Marcel (2001).

Segundo Gabriel Marcel (2001), esse fenômeno pode levar a um estado profundo de aviltamento de usuários das tecnologias, chegando a comprometer a essência humana e a própria vida dos internautas em conexão.

Essa situação está em evidência em muitos lugares. A utilização de novas tecnologias de comunicação, que muito tem influenciado no comportamento relacional das pessoas, em muitos casos, tem fomentado a emergência de novas formas de violência decorrentes da

---

<sup>4</sup> Um ser aviltado, segundo Gabriel Marcel, é vítima de técnicas que anulam a sua capacidade de auto respeito, sendo transformados em resíduos de si mesmo, deixando de acreditar em suas próprias potencialidades de ação e reação, perdendo a percepção de sua própria existência. (MARCEL, 2001)

<sup>5</sup> Segundo Machado e Pereira (2013, p. 1) O “*sexting*” é uma expressão que deriva da língua inglesa criada pela união das palavras “*sex*” (sexo) e “*texting*” (envio de mensagem de texto). Em uma tradução mais literal da língua inglesa significaria “sexo por mensagem de texto”.

ausência de conduta ética na forma de uso das tecnologias digitais de informação e comunicação. Formas de violência praticadas sob estado de consciência ou não, mas que ferem o outro na sua mais profunda dimensão humana. Esse cenário tem sido mostrado em casos de jovens que matam em salas de cinema, em escolas ou que constroem formas de relações virtuais que provocam a degradação o outro.

O avanço das novas tecnologias de informação e comunicação tem provocado entre jovens, sobretudo adolescentes, um descontrole acerca do uso das novas mídias tecnológicas de comunicação, e que eventualmente os tem colocado em grande risco, em razão do mau uso que fazem das mesmas. “As verdadeiras relações não são criadas entre a tecnologia e a cultura, mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas”. (LÉVY, 1999, p. 23)

O *sexting* é um dos mais graves perigos a que estão expostos crianças e jovens nesse contexto, que consiste em uma prática desenvolvida, sobretudo entre jovens, cuja característica é a veiculação de fotos, vídeos pornográficos e, muitas vezes, com cenas de sexo explícito, por meio das novas tecnologias de comunicação disponíveis no mercado cibernético.

Também postam vídeos de conflitualidade, brigas, fazem ameaças, considerando-se fortes e indestrutíveis por meio de um computador, que os mantém virtual e supostamente blindados. Alguns jovens têm consciência (e outros não) das consequências que um vídeo ou uma foto ofensiva moralmente podem provocar no outro. Algumas pessoas, vítimas desse tipo de atitude eticamente destrutiva, entram em estado de depressão, perdem a vontade de viver, sentem vergonha de sair e continuar suas relações de convívio social normal, em razão da publicização de sua privacidade, chegando algumas vezes ao extremo de praticar suicídio.

Não podemos adotar um posicionamento de indiferença acerca dos avanços que as novas tecnologias de informação e comunicação proporcionaram para a vida dos homens no mundo contemporâneo. No entanto, mostrar-nos eticamente “cegos” aos perigos a que os homens estão expostos, se não adotarem uma postura ética alicerçada na alteridade, no diálogo e valorização do o outro, poderá nos levar a um quadro de aviltamento no sentido marceliano, sem condições de reagir a esse cenário de dominação imposto pelo deslumbramento irrefletido diante da racionalidade científica.

Nas tessituras dessas relações, o que fustigou-nos profundamente, como professor da rede pública estadual em Belém, é a intensidade como essas tecnologias digitais fazem parte do cotidiano escolar de estudantes e educadores, na construção de suas relações de sociabilidade.

No ambiente escolar o uso de tecnologias digitais é bastante recorrente entre a maioria de membros da comunidade escolar. Funcionários administrativos e operacionais, professores, técnicos educacionais e alunos, inclusive durante a execução de aulas nas salas, utilizam amplamente mídias digitais móveis, como celulares dos mais simples aos *Smartphones*, desenhando um cenário de relações de comunicabilidade edificado predominantemente em artefatos das novas tecnologias de comunicação.

Ressaltamos que o que mais nos interessa nesse contexto sócio relacional, não é fundamentalmente a técnica de uso e seu domínio, mas o sentido e significado das relações de sociabilidade construída entre as pessoas na escola com a mediação de tecnologia digital numa dimensão ética e social.

Assim, as inquietações suscitadas por esse quadro demandaram-nos a realização de um estudo investigativo no referido campo temático, focando as relações que as pessoas têm estabelecido nesse cenário decorrente do uso de novas tecnologias de comunicação digital na escola.

Desse modo, essas reflexões levaram-nos a conceber uma questão investigativa que foi o fio condutor desta pesquisa: Que processos de sociabilidade construídos nas dimensões interpessoal e pedagógica são evidenciados no olhar de professores, acerca do uso de tecnologias de comunicação digital móveis (celular) por alunos em sala de aula?

Decorrente dessa problemática, apresentamos as seguintes questões secundárias, que buscaremos responder ao longo da pesquisa: Como as novas tecnologias de comunicação influenciam nas relações de sociabilidade na sociedade contemporânea? Quais as principais formas de uso pessoal dessas novas tecnologias de comunicação na escola? Como as informações mediadas por essas novas tecnologias de comunicação podem ser vinculadas às relações interpessoais e pedagógicas em sala de aula? Quais formas de sociabilidade, decorrentes do uso das novas tecnologias de comunicação são mais recorrentes atualmente no ambiente da sala de aula? Como a ética perpassa as relações de sociabilidade em sala de aula mediadas por novas tecnologias de comunicação digital?

O objetivo geral desta pesquisa consiste em compreender os processos de sociabilidade construídos em sala de aula, nos âmbitos interpessoal e pedagógico, sob influência de novas tecnologias de comunicação digital, na tentativa de entender as relações na dimensão ética e social, acerca do olhar de professores em relação aos alunos que utilizam tecnologias móveis na sala de aula.

Quanto aos objetivos específicos buscamos: verificar a influência das novas tecnologias de comunicação nas relações de sociabilidade na sociedade contemporânea;

identificar as principais formas de uso pessoal dessas novas tecnologias de comunicação na escola; caracterizar as formas de sociabilidade, decorrentes do uso das novas tecnologias de comunicação que são mais recorrentes atualmente no ambiente da sala de aula; analisar como as informações mediadas por essas novas tecnologias de comunicação podem ser vinculadas às relações interpessoais e pedagógicas em sala de aula; refletir sobre a ética que perpassa as relações de sociabilidade em sala de aula mediadas por novas tecnologias de comunicação digital.

### **Fundamentação teórica e metodológica**

Metodologicamente, a realização desta pesquisa foi orientada pela busca de aproximações com as inquietações acerca dos processos de sociabilidade que são construídas no ambiente escolar, nos âmbitos das relações interpessoais e pedagógico com a mediação das novas tecnologias de comunicação digital, a partir do olhar de professores acerca de alunos que utilizam tecnologias móveis em sala de aula.

Esta pesquisa tem um cunho teórico e empírico. Desse modo, para iniciar as atividades investigativas, recorreremos ao desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica, a fim de mobilizar o aporte teórico que a questão requer, pois se fez necessário recorrer às teorias formuladas por pesquisadores que tem incursões neste campo temático e publicações científicas que subsidiaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Para Lakatos e Marconi (2005), a pesquisa é bibliográfica quando é realizada com base em material que já foi publicado em livros, artigos de periódicos, revistas, jornais e atualmente com material disponibilizado na rede mundial de computadores, a *internet*.

Como podemos observar, este item fundamentou a pesquisa, por meio do levantamento de autores que deram a sustentação teórica necessária ao estabelecimento do diálogo com os dados empíricos mobilizados. Desse modo, com este tipo de pesquisa, buscamos fundamentar o processo investigativo, por meio do levantamento de teóricos, em cujas formulações intelectuais edificamos o *corpus* teórico, metodológico e epistemológico que o presente estudo demandou.

A fim de mobilizar dados empíricos acerca do objeto de estudo desta pesquisa, foi realizada também uma pesquisa de campo. Neste tipo de pesquisa, buscamos, na condição de pesquisador, estabelecer contato direto com os sujeitos da pesquisa e construir um olhar de maior proximidade com os processos de sociabilidade que estes estabelecem entre si, na mediação das tessituras do objeto de estudo desta pesquisa.

O estudo de campo busca aproximação com a realidade que se deseja analisar. Dessa forma, foi ~~Será~~ realizada por meio da observação e contato direto com as atividades dos sujeitos pesquisados, para coletar os dados sobre o objeto e os sujeitos da pesquisa. “O trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento partindo da realidade presente no campo” (MINAYO, 1994, p. 51).

Na pesquisa de campo, é possível conhecer mais de perto as tessituras que amalgamam as relações construídas entre os indivíduos numa determinada sociedade e especificamente em um determinado *lócus* de investigação, que no caso desta pesquisa é o ambiente escolar, mais especificamente a sala de aula.

Tomando em conta o objetivo desta pesquisa, a mesma foi orientada por uma abordagem qualitativa, visto que buscamos transitar por uma rede de relações de sociabilidade entre professores e alunos no ambiente escolar, mais precisamente em sala de aula. Desse modo, entendemos que as ações investigativas demandam a realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa, na medida em que consideramos que todos os dados coletados são importantes pistas para a investigação, considerando a relação que cada indício tem com a história de vida dos sujeitos. A investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 49)

Entendemos que essa perspectiva investigativa contribuiu para o desenvolvimento do presente estudo, tomando em conta que cada indício coletado nas informações sobre os sujeitos e os fenômenos envolvidos, foi um olhar construído acerca de processos de sociabilidade em sala de aula sob a mediação de novas tecnologias de comunicação digital. Assim, cada um dos dados com suas singularidades, se constituiu nos fios da tessitura deste estudo, o que explica o nosso cuidado com o método de investigação adotado.

Um dos problemas mais sérios para o pesquisador na área sociológica, segundo Becker (1994, p. 34) “é se inserir: conseguir permissão para estudar aquilo que se quer estudar, ter acesso às pessoas que se quer observar, entrevistar ou entregar questionário”. Nesse sentido, não encontramos dificuldades para essa inserção entre os professores voluntários, visto que já temos um significativo trânsito entre eles. Desse modo, recorreremos a professores com os quais temos uma aproximação inicial decorrente de relações laborais, cuja história de vida seja pertinente ao tema pesquisado.

O critério utilizado para a seleção dos sujeitos-professores foi o nível de aproximação dos mesmos com o objeto deste estudo e a relevância das informações que os mesmos se disponibilizaram a fornecer. Nessa perspectiva, foram selecionados como voluntários desta pesquisa professores da rede pública estadual de escolas situadas na grande Belém, que já atuam na docência há pelo menos 20 anos no magistério de ensino fundamental e médio, com alunos na faixa etária de 13 a 17 anos de idade, inseridos nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

Esse critério do tempo de serviço dos professores no magistério foi decorrente da pré-suposição de que a diferença de temporalidade entre professores e alunos em sala de aula sob mediação de novas tecnologias de comunicação digital, sobretudo celulares e *smarthpones* implica em relações de sociabilidade que requerem novos olhares investigativos. Inferimos que, geralmente, os professores com o tempo de atuação profissional em referência não nasceram na efervescência das novas tecnologias, supondo-se que muitos não desenvolveram habilidades com rapidez e precisão no uso dos recursos das novas tecnologias, repercutindo nas formas de relações a serem estabelecidas com os alunos, geralmente jovens/ adolescentes de grande intimidade e habilidade com as novas tecnologias.

A coleta de dados para a realização da pesquisa foi realizada por meio de observação direta, aplicação de questionários com perguntas fechadas e entrevistas semiestruturadas aplicadas aos professores, em número de 10 (dez), que participaram da pesquisa, na medida em que buscamos compreender as relações de sociabilidade na sala de aula a partir do olhar desses professores acerca do uso de mídias digitais móveis pelo aluno em sala de aula.

Em relação à observação direta, esse tipo de técnica observacional consiste no processo de coleta de dados sem a transformação do pesquisador em um membro do grupo, diretamente no *lôcus* de realização da pesquisa. Na observação direta, o pesquisador deve mobilizar uma série de técnicas que demandam observação visual e auditiva, não exigindo do pesquisador envolvimento interacionais verbais com o objeto e sujeitos pesquisados.

A coleta de dados foi realizada também através de entrevistas semiestruturadas, que indicam um norte acerca das informações levantadas, mas sem tornar o roteiro de perguntas uma camisa de força para o entrevistador e entrevistado. Apesar de seguir um roteiro de perguntas, as entrevistas realizadas com os professores os deixavam bastante à vontade para relatar suas experiências acerca da questão em foco.

De acordo com Flick (2004), a entrevista semiestruturada, em forma de narrativas, busca estimular os sujeitos entrevistados a contar uma história da qual tenha vivenciado. Cabe ao entrevistador, apresentar um roteiro de perguntas geradoras do tema central, mas

permitir que o entrevistado tenha voz para contar suas experiências não contempladas pelas perguntas. “É crucial, para a qualidade dos dados que essas narrativas não sejam interrompidas e nem dificultadas pelo entrevistador.” (FLICK, 2004, p. 111)

Portanto, a observação e a entrevista nesta pesquisa representam os fios condutores provocadores das falas, comportamentos e relações, que interpretadas no seu contexto em constante diálogo com as escolhas teóricas, possibilitaram-nos a construção de novos olhares para as formas de relações interpessoais e pedagógicas que são e podem ser construídas em sala de aula entre professor e aluno, sob a mediação de tecnologias digitais móveis de comunicação.

Devemos lembrar de que a abordagem junto aos professores que se dispuseram a participar como voluntários na pesquisa, ocorreu sem dificuldades, visto que, mostravam-se muito solícitos e interessados na temática investigada, vislumbrando em suas falas iniciais no processo de abordagem uma expectativa de melhor compreensão das relações de sociabilidade permeadas pelo uso de celular no ambiente da sala de aula.

Após a coleta de dados, através de observação e entrevistas, o passo seguinte foi a definição de uma ação metodológica para interpretá-los e articulá-los às evidências com as fontes teóricas mobilizadas, a fim de construir sentido e significado para as informações coletadas.

A análise dos dados coletado foi construída sob a perspectiva hermenêutica e fenomenológica, na medida em que a compreensão das relações de sociabilidade como fenômeno social, na dimensão da ética, provoca-nos uma inserção no campo dos sentidos na interioridade humana, a qual é a própria essência da existência do homem no mundo da vida, que Husserl chama de fenômeno ou “volta as coisas mesmas”; Gabriel Marcel e Heidegger chamam de “experiência existencial”, não obstante às suas diferenças epistemológicas, levando-nos a busca de uma aproximação interpretativa com o fenômeno investigado, colocando-nos metodologicamente diante das lentes da fenomenologia hermenêutica como o fio condutor de análise desta investigação.

Na construção do método fenomenológico, Husserl (1859-1938), considerado o criador da fenomenologia, defendia a tese de que era possível chegar efetivamente à verdade das coisas e, para tanto, fazia-se necessário um fundamento teórico-metodológico para orientar as investigações científicas no campo da filosofia.

Nesse sentido, Husserl defendia a fenomenologia como método caracterizado na apropriação das evidências pela consciência, como um meio de se chegar a essência do objeto, que é o principal fundamento do fenômeno. Nessa perspectiva para se alcançar a

essência das coisas se faz necessário o despojo de pressupostos teóricos e pré-conceitos, numa atitude que Husserl denomina de “redução fenomenológica” (*epoché*), realizando a apropriação da essência na sua condição pura como se manifesta à consciência.

Conforme Husserl (2008), a construção da reflexão fenomenológica deve ser despida de qualquer forma de preconceito no sentido de uma formulação prévia conceitual do fenômeno como algo que se manifesta para o observador, argumentando que, caracterizando-se inicialmente por uma descrição tal como as "coisas mesmas" se manifestam, pode ser um momento fundamental para a compreensão do sentido do fenômeno, tendo em conta como as subjetividades e intersubjetividades são constituídas na experiência vivenciada numa relação dada à consciência. Nessa perspectiva, a consciência está na percepção do fenômeno. Logo, pode-se entender que a consciência não é unidimensional, pois é sempre a consciência de algo, sendo, portanto, intencional.

Para evitar possíveis distorções de análise, Husserl desenvolveu o conceito de redução fenomenológica (*epoché*), caracterizado por uma espécie de delimitação do fenômeno investigado, buscando situá-lo na dimensão transcendental da experiência vivenciada na relação fenomenológica e na análise construída pela consciência, estabelecendo um momentâneo distanciamento do mundo exterior, tal como podemos constatar na reflexão a seguir:

A redução é a operação pela qual a existência efetiva do mundo exterior é “posta entre parênteses” para que a investigação se ocupe apenas com as operações realizadas pela consciência, sem se perguntar se as coisas visadas por ela realmente existem ou não. Através da redução, Husserl pretende “suspender” a tese do mundo natural. (MOREIRA, 2010, p. 725)

Nesse olhar, entendemos que a operação fenomenológica da consciência deve voltar-se exclusivamente para a experiência vivenciada internamente no fenômeno dado, numa atitude de desnaturalização do natural, colocando entre parênteses o mundo sensível para chegar ao mundo dos sentidos por meio da *epoché*.

A redução fenomenológica consiste em uma suspensão de postulados científicos já existentes acerca do objeto investigado, a fim de evitar que conceitos e conhecimentos previamente construídos dificultem a apropriação de evidências na busca da essência do fenômeno que se apresenta à consciência. Desse modo, entendemos que a evidência não deve ser apenas uma percepção ingênua, mas uma apropriação pela consciência de algo situado na vivência fenomenológica, corroborando com a reflexão de que “parte-se das ‘coisas mesmas’, e não dos fatos, como se apresentam em sua pureza à consciência” (HUSSERL, 2008, p. 21).



A evidência como condição essencial para se chegar a essência, não pode ser uma percepção ingênua do fato dado, mas um construto da consciência a partir da experiência vivenciada, despojada de juízos estabelecidos por possíveis conhecimentos científicos existentes na comunidade epistêmica, tal como é possível confirmar na reflexão a seguir:

A evidência surge quando há uma equação completa entre o pensado e o imediatamente dado [...] a evidencia não é simplesmente a da percepção. Refere-se a algo imediatamente dado, anterior a toda teoria, construção ou hipótese, situado ao nível da vivencia fenomenológica. (HUSSERL, 2008, p. 23)

Porém, Husserl afirma que qualquer evidência para atingir a dimensão filosófica da fenomenologia, como método, deve ser caracterizada pela ausência de dúvida, é o que denomina de evidencia apodítica, cuja percepção ocorre pela consciência.

A consciência deve alcançar a dimensão transcendental do fenômeno dado, para além do empírico manifestado pelo objeto, superando a relação sujeito-objeto, e evoluindo para o nível de uma relação transcendental que revela a essência da interioridade da subjetividade humana. É essa consciência transcendental que produz sentido e significado para o fenômeno, possibilitando a produção de conhecimento científico de base fenomenológica.

Todo o fenômeno tem uma essência que não se reduz ao fato. A intuição da essência distingue-se da percepção do fato, pois é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido que nos permite identificá-lo. (HUSSERL, 2008, p. 21)

Nesse sentido, a evidência se constitui na manifestação de algo acerca de um objeto que é apropriado pela consciência para se chegar a essência. A evidência sempre é um dado para a consciência de algo, sendo por isso denominada de “consciência intencional”. Essa intencionalidade não pode ser entendida como uma representação imaginária da evidência em si mesmo que está na consciência, mas a ideia construída acerca da essência do fenômeno que aparece à consciência, caracterizando o que Husserl define como um retorno “as coisas mesmas”. (HUSSERL, 2008)

Nesta pesquisa buscamos atingir a essência das relações de sociabilidade sob mediação de tecnologias digitais, a fim de compreender as experiências vivenciais no campo da ética, procurando fundamentar nossa análise numa perspectiva fenomenológico-hermenêutica. Para tal encaminhamento teórico, metodológico e epistemológico, construímos inicialmente, diálogos com a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, cuja contribuição metodológica para esta pesquisa está na base de seu pensamento filosófico que são os princípios de uma fenomenologia-hermenêutica e, sobretudo Gabriel Marcel, cujo

fundamento fenomenológico-hermenêutico está edificado na experiência concreta da existência humana.

Desse modo, na definição dos passos desta pesquisa, fez-se necessário verificar de que modo Heidegger assume os conceitos e categorias do método fenomenológico Husserliano, como um dos fios condutores de suas investigações e formulações filosóficas, atentando para a contribuição de que a fenomenologia hermenêutica pode dar na interpretação e compreensão do objeto de investigação desta pesquisa.

Quando Heidegger adotou a fenomenologia husserliana para formular suas reflexões filosóficas acerca das coisas, tomou uma atitude de rompimento com alguns pressupostos filosóficos de Husserl em torno da natureza transcendental do homem. Por outro lado, apropriou-se de muitos pressupostos da fenomenologia husserliana para orientar seu pensamento fenomenológico-hermenêutico, cuja centralidade está na análise do Dasein, como Ser ai, buscando a partir daí investigar fenomenologicamente a sua essência que é o próprio ser do ente como Dasein<sup>6</sup>.

Nessa perspectiva de compreensão da essência do Ser, Heidegger, em sua obra "ser e tempo", abandona a noção de consciência intencional "das coisas mesmas" como fenômeno puro" de seu mestre e centra suas investigações na busca de compreender o Dasein (ser-ai), que em seu pensamento representa todo ente que está no mundo da vida em sua condição ôntica<sup>7</sup>, cujo ser encontra-se velado. Portanto, para se chegar ao ser em sua dimensão ontológica, segundo o filósofo alemão, é necessário realizar o desocultamento ou desvelamento do ser, para se chegar em possibilidades de compreensão, o que explica o aspecto hermenêutico da fenomenologia heideggeriana, não evidenciando a preocupação com a busca do fenômeno absoluto.

É por esse caminho que Heidegger se empenha em estudar e compreender o sentido do ser por meio do método fenomenológico hermenêutico. Por esse método, o filósofo realiza suas investigações na perspectiva de compreensão da existência cotidiana do homem (ente), que é o próprio Dasein, como o fenômeno existencial, buscando possibilitar o desvelamento do ser, pela experiência do fenômeno se dando não pela busca do fenômeno como se manifesta na consciência. "Heidegger considera em suas análises o mundo como horizonte histórico de sentidos e, ainda, que é o mundo que torna possível que algo se mostre como algo pela experiência fenomenológica". (FEIJOO e MATTAR, 2014, p. 444)

---

<sup>6</sup> Ver discussão sobre conceito de Dasein na obra "Ser e Tempo" de Martin Heidegger(1989)

<sup>7</sup> Condição imanente e irrefletida do ente (Heidegger, 1989)

Segundo Seibt (2012), para analisar o Dasein na busca da possibilidade existencial do ser, Heidegger, seguindo a linha da fenomenologia husserliana, defende uma volta à dimensão do âmbito pré-teórico como uma estratégia de compreender a essência do ser que subjaz na dimensão existencial do Dasein. O retorno ao pré-teórico representa um despojo das condições imediatas imanentes da vivência do ente, atento ao fenômeno como se manifesta no ser, realizando a superação da vivência imediata pela experiência numa perspectiva ontológica, saindo da reflexividade para a ontologia.

Isso implica em não ter determinações prévias que acompanhem o encontro com a coisa, como uma estratégia prévia que determina o caminho", mas sim permitir que o fenômeno se dê e não seja dado.[...] O compreender hermenêutico é aquele que, ao contrário da reflexividade, acompanha o acontecer que se realiza. (SEIBT, 2012, p. 82)

Em crítica a Husserl, Heidegger afirma que não é possível fazer uma redução fenomenológica colocando o mundo entre parênteses, argumentando que com isso, perde-se de vista a possibilidade de aproximação com a dimensão existencial do Dasein, já que este é o ente, cujo ser é situado numa temporalidade da qual não pode ser apartado, como defende Gadamer (2007), aluno de Heidegger, defende em sua obra “Verdade e Método”, o horizonte hermenêutico do homem é alicerçado na sua tradição e em suas experiências historicamente vivenciadas.

São essas orientações filosóficas que nos permitem abstrair a fenomenologia hermenêutica como o viés filosófico de interpretação e compreensão do mundo da vida, o que nos possibilita compreender a essência do ser por meio de aproximações entre o pré-teórico como condição inicial de análise em articulação com o teórico. Assim, encontramos-nos diante da abertura para o mundo, rompendo com um conhecimento existente circunscrito por pressupostos que dificultam o alcance da dimensão existencial do Dasein.

Nesse sentido, compreender, hermeneuticamente, para Heidegger, não representa alcançar uma percepção do ente vivido e imediato, mas atingir uma interpretação e percepção do significado das coisas em seu desvelamento. Nesse processo de desvelamento, Heidegger indica que a existência do Dasein deve ser descrito a partir de sua condição imanente para que seja possível atingir e compreender o sentido do ser desse ente para além de sua imanência. Desse modo, desvelar a existência do Dasein, “significa, assim, sair do ente, elaborar a questão do ser. É uma propriedade do Dasein: por meio da reflexão sobre a finitude do corpo do seu ente, existir significa se distanciar de sua condição imediata”. (CASTRO, 2013, p. 34)

A grande contribuição de Heidegger na construção desta pesquisa é a noção de uma fenomenologia hermenêutica pela qual buscamos mobilizar um aporte metodológico, que em diálogo com Gabriel Marcel, possibilite-nos realizar aproximações com as relações de sociabilidade estabelecidas sob mediação de uso do celular por alunos no ambiente da sala de aula, a partir do olhar do professor, buscando compreender o seu sentido e significado no campo da ética numa dimensão experiencial, ou seja, buscar no referido fenômeno desvelar o sentido do ser numa perspectiva ontológica, existencial e transcendente em uma experiência concreta, como recomenda Gabriel Marcel.

Nesta pesquisa edificamos nossa análise teórica e metodológica, sobretudo a partir da filosofia concreta de Gabriel Marcel, por entender que seu pensamento filosófico tem um fundamento basilar que com maior perspicácia, epistemologicamente nos aponta fios condutores de aproximação com as questões de investigação que buscamos compreender por meio de um desvelamento das relações entre os homens no mundo contemporâneo e tecnológico; e focar na compreensão da ética que orienta as relações entre professores e alunos usuários de celulares, sobretudo *smartphones* em sala de aula, que é o mote fundamental desta pesquisa.

Na elaboração de seu pensamento filosófico, Gabriel Marcel aparta-se do discurso de formulação de um sistema filosófico baseado em abstrações especulativas dissociadas da experiência humana em sua concretude, considerando que a compreensão do homem em suas condições existenciais não pode ser pensada a partir de situações especulativas.

A filosofia marceliana é caracterizada por formulações baseadas em experiências<sup>8</sup> vividas concretamente. Faz parte da análise filosófica se dar na perspectiva de provocações que levem o pesquisador a um encontro com seu próprio Ser, a partir da relação estabelecida com o Outro no reconhecimento do Eu nas experiências intersubjetivas existenciais concretas.

É a partir dessa perspectiva que entendemos o pensamento ético marceliano como um fio condutor epistemológico que nos auxilia nas aproximações fenomenológico-hermenêuticas com o fenômeno de investigação desta pesquisa, que consiste em compreender fenomenologicamente relações de sociabilidade construídas concretamente no ambiente da sala de aula, pelo olhar que o professor constrói acerca da utilização de celular, *smarthpone* geralmente por alunos durante a realização das aulas, como uma forma de experiência, levando-se em consideração a originalidade da intersubjetividade estabelecida, visto que toda experiência humana tem a sua singularidade, pois segundo Marcel (1956), “Cada um de nós

---

<sup>8</sup> Marcel entende experiência como propõe Henri Bergson, na dimensão de uma situação de vivência refletida ontologicamente na profundidade da interioridade humana na dimensão do Ser.

se deve reconhecer em todos os outros, sem nada perder daquilo que constitui a sua originalidade última”(MARCEL, 1956b, p. 57).

Como ponto de partida da análise em um processo investigativo, sob orientação da filosofia concreta de Gabriel Marcel, faz-se necessário lançar um olhar para além da racionalidade objetiva, buscando encontrar os indícios fenomenológicos no campo da existência experiencial e transcendente do homem. Desse modo, compreendemos que Marcel rejeita sistemas filosóficos racionais e universais, na medida em que sustenta a ideia de que a clarificação das condições existenciais do indivíduo está na sua interioridade que orienta as experiências vividas concretamente. Todavia, segundo o eminente pensador francês em foco, a aproximação com o sentido da existência humana requer uma abertura transcendente do Eu para o Outro, a fim de contemplá-lo em sua verdadeira humanidade.

Conforme Marcel, a existência humana como experiência transcendente é o ponto de partida para a compreensão do homem em sua subjetividade a partir das relações intersubjetivas como o Outro. É nessa perspectiva que buscamos compreender a relação que professores estabelecem com seus alunos que usam mídias digitais em sala de aula, como uma relação experiencial situada na dimensão do Ser.

Nessa perspectiva, a filosofia marceliana ensina que o ponto de partida para uma aproximação experiencial com o ser na relação com o Outro, repousa na contemplação e reconhecimento do outro em sua sacralidade humana. Desse modo, a compreensão fenomenológica de relações intersubjetivas em uma realidade concreta requer uma disponibilidade do Eu com abertura transcendente para a experiência do Outro, buscando a essência a partir da existência em uma realidade concreta na qual o homem está situado como Ser no mundo.

A situação inicial é uma existência incarnada enquanto ponto de partida para a construção da própria realidade humana: a existência verdadeira, aquela que traz consigo a marca do homem é a que atualizou em si a humanidade, é a que se efetiva na abertura aos outros seres seus semelhantes: «O retorno ao outro surge verdadeiramente como a condição de uma aproximação efetiva do ser. (GANHO, 1983, 376)

Assim, entendemos que se atinge a real existência do homem pela abertura para a compreensão do Outro. É por meio dessa abertura existencial edificada no amor, na fidelidade e na disponibilidade que, segundo Marcel se torna possível ao homem desvelar-se de si mesmo e avançar da dimensão da vivência imanente para a experiência ontológica com o Outro.

Desse modo, buscamos edificar na filosofia marceliana, o suporte basilar para a compreensão do olhar construído pelo professor acerca dos alunos que utilizam celular durante a realização das aulas em sala. A filosofia de Marcel foi o fio condutor que nos orientou nesta busca de compreensão das relações intersubjetivas em sala de aula como experiências existenciais humanas, não apenas como relações pedagogicamente funcionais entre professor e aluno na ação educativa. “Esta captação do Ser dá-se num movimento de *descentramento* de Ser, porque, quando entro em relação com o Outro, o Eu do sujeito, o meu Eu concreto passa de um mundo a outro mundo, emergindo de uma outra maneira”. (GANHO, 1983, p. 377)

Em relação ao método de aproximação com a realidade concreta, Gabriel Marcel, em seu texto “*Existence et objectivité*, apêndice ao *Journal métaphysique*” nos remete a uma análise fenomenológico-hermenêutica, na qual defende que a compreensão da existência do homem não é objetivável em vista de sua inesgotabilidade. A existência humana não é dada, ela se dá, portanto, escapando de uma explicação racional da relação sujeito-objeto. Ela se manifesta por meio de uma abertura transcendente de um para o outro, o que demanda uma mútua abertura e disponibilidade, “podendo ser compreendida a partir de um pensamento que lhe seja fiel, que a descreva sem a mutilar”. (GANHO, 1983, p. 379)

O método é o da *exploração* dessa situação, dessa experiência viva: a existência é como um terreno que se explora e isto porque «A existência não pode, propriamente, ser posta, concebida nem mesmo conhecida, mas apenas reconhecida à maneira de um terreno que se explora. (p. 380)

Essa reflexão nos remete à ideia de que compreender o olhar do professor acerca de alunos usuários de tecnologias em sala de aula, requer uma percepção da abertura transcendente que o professor como educador disponibiliza para a relação construída em relação aos alunos na condição de educandos<sup>9</sup>. Esse direcionamento fenomenológico-hermenêutico será o viés de nossas reflexões analíticas.

No texto “*Position et approches concrètes du mystère ontologique*” de Gabriel Marcel, segundo Ganho(1983), o método de investigação proposto pela filosofia marceliana consiste na identificação de três fases distintas: da existência imediata vivida na dimensão da

---

<sup>9</sup> Esclarecemos aos leitores e leitoras que a questão que nos interessa é refletir a respeito do modo como quem educa se forma humanamente e sobre como quem aprende pode se humanizar existencial e pedagogicamente. Queremos, ainda, chamar a atenção para a diferença entre o educador e o professor. Enquanto o professor subestima, no exercício da sua prática pedagógica, a necessidade de contribuir para estimular a consciência crítica do aluno, a respeito de si mesmo e do mundo, o educador procura apreender as condições em que a criticidade é possível, a partir da realidade e condição de Ser do próprio educando. O educador procura incentivar o educando a buscar os saberes que não são simplesmente transferidos, mas que precisam e podem ser desvelados e acessados de modo humano, espiritual e intersubjetivamente. (SILVA, 2014, p. 290)

imanência; o da reflexão primeira, responsável pela objetivação da relação sujeito-objeto insuficiente para dar conta da experiência; o da reflexão segunda, que é a da experiência vivida ontologicamente e aproximações fenomenológicas com as relações intersubjetivas construídas entre pessoas.

Essas aproximações fenomenológicas, com as experiências concretas vividas por pessoas, segundo a filosofia marceliana, devem ocorrer a partir da construção de diferentes percepções e definições, exploração e descrição do fenômeno em análise em diferentes pontos de vista. O método filosófico de Marcel, em uma perspectiva fenomenológica, implica na percepção do homem como um ser de abertura para o outro na plenitude de suas relações intersubjetivas edificadas em um profundo sentimento de disponibilidade e reciprocidade.

Conforme o referido autor em foco, o que permite esclarecimento dessa experiência transcendente do homem é o que ele denomina de reflexão segunda, pela qual busca-se o “inverificável” em um recolhimento do homem à sua interioridade e uma aproximação com o ser. “É, precisamente, pelo recolhimento como atitude de «restauração interior» que o mistério ontológico se desvenda como presença do Ser no mais fundo do meu Ser” (GANHO, 1983, p. 383).

Mas devemos lembrar de que essa reflexão segunda elucidativa do pensamento de Marcel não pode ser confundida com uma filosofia da intuição, mas sim uma filosofia que está solidamente edificada em situações de existência concreta pautadas na presença. “A tarefa de uma filosofia concreta ou existencial consiste em revelar ao homem o sentido da *sua* existência e da sua responsabilidade perante ela”. (GANHO, 1983, p. 385)

É nesse viés filosófico que buscamos edificar nossa análise fenomenológico-hermenêutica acerca da experiência vivida por professores com alunos que usam celular durante a realização das aulas. Buscamos construir uma aproximação com a percepção do sentido e significado que professores dão a sua existência e responsabilidade de formação humana e pedagógica em suas relações com alunos usuários de novas tecnologias de comunicação em sala de aula.

Para atribuir a esta pesquisa o rigor teórico e epistemológico que um trabalho científico exige, mobilizamos alguns pesquisadores de referência que tem pesquisado sobre as categorias que perpassam o objeto de investigação deste estudo, com os quais iniciamos a construção de um diálogo, a fim de edificar um *corpus* teórico basilar do processo investigativo e melhor compreender e discorrer sobre os eixos de discussão desta pesquisa: tecnologias, sociabilidade, educação e ética.

Obviamente, que, com o desenvolvimento da pesquisa, outros autores foram demandados pela própria dinâmica da investigação, a fim de garantir o aporte e o refinamento teórico que a arqueologia da investigativa exigiu.

Desse modo, as teorias assumiram relevância significativa para o estabelecimento de um diálogo com as questões desta pesquisa, na medida em que o lócus de seu desenvolvimento é a escola, onde alunos, técnicos educacionais, professores e demais membros utilizam mídias digitais em suas relações intraescolares, evidenciando diferentes formas de relações interpessoais e pedagógicas na escola. Portanto, nessas teorias, buscamos formar uma rede teórica basilar, na tentativa de entender como a tecnologia influencia as relações de sociabilidade no ambiente escolar, sobretudo nas relações entre professores e alunos em sala de aula.

Não podemos pensar a tecnologia, condicionando as atividades humanas, sem levar em consideração a experiência humana que perpassa as tessituras das comunicações entre os homens com a mediação tecnológica.

Nesse sentido, Heidegger (2007) argumenta que o entendimento dessa relação deve ser buscado na compreensão da essência da técnica articulada à experiência humana. O filósofo não nega a relação da técnica com a sociedade numa perspectiva propositiva, mas não se furta a crítica de que a mesma pode representar a destruição de valores que orientam a relação ética entre os homens, em face da supervalorização do desenvolvimento técnico-científico.

As reflexões heideggerianas não evidenciam preocupação unicamente com o domínio da técnica, mas no descobrimento de sua essência no contexto da atividade humana, questionando a contribuição que a tecnologia pode proporcionar para a humanização do homem. É aqui que situa a mais debatida questão: será que a cultura técnica – a própria técnica – contribuiu em geral; e, se sim, em que sentido para a cultura humana, ou a arruína e a ameaça. (HEIDEGGER, 1999, p. 17).

A questão evidenciada pelo pensamento de Heidegger não está circunscrita ao domínio da técnica em sua instrumentalidade, mas tentar compreender que a busca da essência da técnica remete ao nosso próprio modo de ser, possibilitando-nos estabelecer uma relação mais livre com ela e nos abriremos a outros modos de ser que estão ocultos pela racionalidade técnica, promovendo o desocultamento de novas relações que estão obnubiladas na interioridade do homem.

Esse olhar heideggeriano é corroborado pelas preocupações de Virilio (2001), cujas formulações teóricas apontam para as mazelas que o avanço da tecnologia pode deixar para o homem, em razão de uma possível cegueira para a experiência humana mediada pela técnica,



em função de um deslumbramento sem limites com as possibilidades instrumentais da tecnologia. Nessa perspectiva, Virilio continua esta reflexão na máquina de visão (1994), na qual afirma que estamos nos aproximando do fim de um ciclo da percepção de que uma visão cega ocorre, uma cegueira intensa cujo objetivo final é a industrialização de não olhar. (VIRILIO, 1994).

O autor argumenta que as tecnologias digitais proporcionam um amplo processo de interatividade em diversas dimensões da ação humana, no campo da economia, cultura, relacionamentos, redimensionados pela redução da relação espaço-temporalidade. As novas tecnologias de informações misturam tudo, eliminam a distância e alteram a ordem de tempo. Os meios de comunicação, que defendem a liberdade de todos os anúncios, também tem controle das informações, decidir o que manter e o que anunciar (VIRILIO, 1996)

As Tecnologias digitais promovem um processo de interatividade que permite aos homens desenvolverem atividades do cotidiano em tempo inimaginável, se considerarmos a noção tradicional de tempo demarcada pelo relógio. As tecnologias interativas possibilitam compra de produtos de toda ordem, realização de atividades profissionais, pesquisas científicas, telemarketing, relacionamentos afetivos, sexo e outros, em uma velocidade extraordinária.

Nesse cenário, podemos perceber atualmente, em algumas formas de relações estabelecidas no ambiente da escola, que muitos membros da comunidade escolar ficam em permanente estado de conexão mediada pela internet se relacionando com seus pares, evidenciando uma relação espaço temporal tão próxima, mas também tão distante sob ponto de vista dos sentidos e valores que nos humanizam, como o olhar face a face, como nos fala Emanuel Lévinas em sua teoria sobre a “ética do olhar”, segundo a qual o “olhar é como um tiro a queima roupa” que penetra de forma impactante na relação entre as pessoas.

Não se nega os avanços que as tecnologias digitais e interativas possibilitam às atividades humanas, mas afirma que essas novas condições de interatividade, algumas vezes, provocam também um profundo vazio de sentido na relação entre as pessoas, confinando os homens a um isolamento social insólito, decorrente de sua dependência tecnológica, que o transformam em seres cibernéticos, cuja relação com o outro se virtualiza, destruindo a relação face a face e a possibilidade do diálogo na visão buberiana.

No âmbito dos processos de sociabilidade entre os homens, a relação é considerada uma ontologia nas reflexões filosóficas de Buber (2001), cuja essência está alicerçada no diálogo, pois o principal fundamento da existência do “Eu” é a relação estabelecida com o “Outro” (Tu). Corroborando com esta reflexão, o referido filósofo afirma que “O dialógico é

a forma explicativa do fenômeno inter-humano. Esse fenômeno implica a presença ao evento de encontro mútuo. Presença significa presentificar e ser presentificado. Reciprocidade é a marca definitiva de atualização do fenômeno da relação. (BUBER, 2001, p. XLIX)

O pensamento de Buber acerca da relação como ontologia, remete-nos a uma crítica à relação interativa mediada por tecnologias digitais, na medida em que a presentificação não ocorre e, conseqüentemente o inter-humano desaparece, visto que, a relação é virtual e distante de valores humanos que alicerçam o diálogo, segundo o referido filósofo.

Esse olhar buberiano, entendemos ser fundamental para o estabelecimento de relações mais humanizadas entre os homens, e como dizia Heidegger, quando escrevia sobre “a questão da técnica”, que a técnica é importante para compreendermos o avanço da civilização, mas é fundamental buscarmos a sua essência, que implica na compreensão da experiência humana construída na relação com as tecnologias interativas no mundo contemporâneo.

Pelas atrativas possibilidades de incursão em diversas dimensões do mundo e da sociedade oferecidas pelas tecnologias digitais, é que elas se tornam extremamente sedutoras, entrelaçando os homens de forma consciente ou não, em um enredamento “fantástico” de interatividade.

Nesse sentido, Marcel, grande pensador e dramaturgo francês, é um dos filósofos contemporâneos de maior proeminência nas discussões acerca da existência humana, compreendida a partir da relação do Eu com o Outro numa perspectiva existencial edificada em princípios éticos. Seu pensamento filosófico é orientado por um olhar de existência subjetiva e intersubjetiva, alicerçado na ideia do ser com o outro no mundo em uma relação de alteridade.

Ele nos chama atenção para os efeitos negativos que o uso desumanizado da técnica pode provocar para os usuários de tecnologias. O autor remete à reflexão de que nos processos de sociabilidade construídos com a mediação de tecnologias, as pessoas podem ser levadas a uma “cegueira ética” em relação ao outro, mergulhando em um estado de envilecimento generalizado, ficando imersas em uma condição de impotência frente ao poder e fascinação tecnológica, que chegam a perder de vista os valores que as humanizam, tornando-as reféns de suas próprias criações. “Não seria excessivo dizer que quanto mais o homem em geral consegue o domínio da natureza, mais o homem em particular se torna escravo dessa mesma conquista”. (MARCEL, 2001, p.52)

Esse olhar nos remete a reflexão de que a técnica em si, não é a representação do perigo para o homem. Não existe uma técnica voltada para o mal, o que existe é o mistério na busca de sua essência, que deve ser o fio condutor do homem na relação com a tecnologia.

Portanto, é a partir do diálogo com esses teóricos que me lanço nesta aventura arqueológica, na busca de aproximações com os processos de sociabilidade construídos na escola, nos âmbitos interpessoal e pedagógico sob mediação das tecnologias digitais, evidenciando por um lado, a importância dos avanços técnicos propositivos para a melhoria das relações nessas dimensões, mas, por outro, a nossa maior preocupação é a construção de uma percepção hermenêutico-fenomenológica dos valores éticos que perpassam a experiência humana que se concretiza nessas relações no ambiente escolar, sobretudo entre professores e alunos em sala de aula sob mediação do uso de tecnologias móveis de comunicação, mais especificamente o celular.

Em face das questões levantadas, este estudo apresenta a seguinte organização didática: No capítulo I construímos algumas reflexões sobre a o desenvolvimento das tecnologias de comunicação digital, evidenciando a influência de que estas exercem nos processos de sociabilidade entre os indivíduos no mundo contemporâneo, a partir dos novos espaços de comunicação virtual, buscando evidenciar a questão ética e social que perpassa esses processos. Nesse sentido, realizamos uma cuidadosa reflexão sobre o contexto das tecnologias digitais na contemporaneidade, evidenciando como o homem se comporta e desenvolve suas ações nesse novo mundo dominado por tecnologias digitais, problematizando os princípios éticos que orientam a relação homem-máquina e homem-homem; o papel da Internet no espaço de comunicação virtual e a sua dimensão ética e jurídica; e construímos uma análise da noção de tempo instituída pelo desenvolvimento tecnológico, destacando a dilaceração que o tempo humano sofre com as novas tecnologias.

No capítulo II fizemos um recorte teórico-epistemológico para alicerçar nosso entendimento sobre ética a partir do pensamento filosófico de Gabriel Marcel, pois entendemos serem suas reflexões filosóficas as que, de modo mais fecundo, podem edificar epistemologicamente nossa compreensão sobre a ética na qual estão assentadas as relações entre professores e alunos usuários de tecnologias móveis em sala de aula. Suas reflexões filosóficas são orientadas por uma perspectiva de existência subjetiva e intersubjetiva, baseada no princípio relacional do Ser com o Outro no mundo, afirmando que a existência subjetiva, concreta e singular sempre é vista em relação com a alteridade. Nessa perspectiva, apresentamos alguns eixos que norteiam o pensamento filosófico do referido pensador francês: A crise da humanidade no mundo tecnológico-industrial; a experiência da realidade na dimensão do mistério e do problema; a perda de percepção do homem dominado pelo “espírito de abstração” na sociedade tecnológica; o envilecimento do homem na sociedade

tecnológica-industrial; movimento do homem entre o ser e o ter; uma luz de esperança em meio à degradação humana.

No capítulo III apresentamos uma discussão sobre as principais formas de uso das novas tecnologias de comunicação digital no mundo contemporâneo, na tentativa de perceber como os usuários dessas tecnologias estão utilizando-as na construção de suas relações de sociabilidade numa perspectiva ética e social. Nesse sentido, evidenciamos as redes sociais e as comunidades virtuais como plataformas de comunicação digital entre os homens e as possibilidades de interações na dimensão ética e social; o modo como usuários de internet, por meio das redes sociais costumam reconstruir seus mitos através do registro digital de imagens e autoimagens, evidenciando a experiência humana vivenciada nesse processo e o significado ético e social que assumem no imaginário de usuários de tecnologias digitais; e destacamos como as tecnologias digitais contribuem para a disseminação de novas formas de representação do corpo, chamando atenção para o processo de espetacularização e degradação do corpo através e da profusão de imagens, no imaginário social do mundo contemporâneo.

No capítulo IV adentramos a etapa do trabalho de campo, construindo uma análise a partir de dados mobilizados junto aos interlocutores da pesquisa, sobre como os processos de interação social mediados por novas tecnologias de comunicação digital podem ser vinculadas às relações interpessoais e pedagógicas, em uma dimensão ética e social, a partir do olhar de professores sobre o uso do celular por alunos em sala de aula. Essa análise foi orientada pelos seguintes eixos de discussão: “Novas tecnologias na ação educativa: entre dificuldades e possibilidades”; “Sala de aula: um espaço de sociabilidade e experiências educativas”; “Professores e alunos: vivências de temporalidades diferentes em sala de aula”; “Celular em sala de aula: usar ou não usar? ‘Eis a questão!’”; “A violência conectada em sala de aula: velada e anunciada”; “Alunos conectados e o trabalho docente em sala de aula”; e “Novas tecnologias e a autoridade do professor em sala de aula”.

No capítulo V Construimos uma análise fenomenológica das condições existenciais e do sentido de ser professor na contemporaneidade, tomando por base depoimentos de professores voluntários da pesquisa e como é possível promover o encontro do “Eu com o Outro” por meio da experiência educativa numa dimensão ética e social. A discussão foi encaminhada pelos seguintes eixos: “A decisão de ser professor: vocação, tradição ou profissão? O sentido de ser professor ‘ontem e hoje’”; A eticidade das relações entre professores e alunos em sala de aula”; e “A busca do ser com o outro por meio de uma ética humanizada na experiência educativa”.

Nas considerações finais, realizamos uma síntese dos argumentos principais do estudo acerca da relação entre professor e alunos em meio ao uso do celular em sala de aula, na perspectiva fenomenológica, sobretudo de Gabriel Marcel e Martin Buber. De forma breve e concisa, apresentamos os resultados descritos na pesquisa; e finalizamos com a definição de nosso ponto de vista, enquanto pesquisador, acerca do estudo realizado, disponibilizando o mesmo de modo academicamente provocativo, não como um esgotar da discussão sobre o tema, mas como um reiniciar de novas inquietações que resultem em outras produções científicas que problematizem a formação humana na contemporaneidade pela experiência educativa.

## **CAPITULO I – O HOMEM E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL**

Neste capítulo desenvolvemos uma análise acerca das transformações tecnológicas que o mundo contemporâneo tem experimentado, sobretudo no âmbito das novas Tecnologias de Informação e Comunicação e a repercussão que esse contexto tem exercido no modo de vida dos homens em todas as suas atividades.

Inicialmente realizamos uma cuidadosa discussão sobre o contexto de desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, evidenciando as influências que tem exercido na forma de organização dos homens em diversas dimensões, tomando como fontes basilares autores de referência que enxergam as tecnologias modernas de forma muito positiva e outros que assumem um posicionamento crítico frente à relação estabelecida entre homem-tecnologia na contemporaneidade.

Nessa linha de análise, em um segundo momento, construímos uma reflexão filosófica acerca dos princípios éticos que orientam a relação homem-máquina e homem-homem; e fazemos uma incursão acerca da percepção do novo tempo no seio da sociedade digital. Essas reflexões foram delineadas com base em autores que transitam pelos campos da sociologia, filosofia da relação, fenomenologia e hermenêutica.

Ressaltamos nesse âmbito a importância que o desenvolvimento da internet, como uma rede mundial de comunicação tem exercido nas novas formas de sociabilidade e comunicação humana; por outro lado, evidenciamos o vazio ético e jurídico abismal que ainda persiste nas relações mediadas em redes sociais sob mediação da internet. Apesar das ações realizadas no sentido de contemporizar esse cenário no mundo virtual, destacamos que as medidas tomadas nesse sentido têm apresentado uma natureza mais racional-instrumental em detrimento de uma relação ética e jurídica humanizadora no mundo das tecnologias digitais.

### **1.1 TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS TESSITURAS DA COMUNICAÇÃO HUMANA**

Quando nos apercebemos com um olhar voltado para nossas relações cotidianas na contemporaneidade, é inevitável observar que o mundo tem sido marcado por transformações de tamanhas dimensões, que afetam profundamente a forma de organização da vida do homem em diversos aspectos de sua cotidianidade. Nesse contexto, são evidenciadas as mudanças no campo tecnológico, com o desenvolvimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, que de modo muito contundente, interferem na forma dos

homens estabelecerem relações entre si, no processo de construção de suas relações de sociabilidade, produção de conhecimento e concepção de mundo.

As relações de sociabilidade construídas a partir do uso de tecnologias digitais mediadas pela internet, tem sido um fenômeno muito presente em todas as dimensões da sociedade contemporânea. As pessoas constroem processos de sociabilidade envolvendo economia, cultura, religião, relacionamentos, trabalho, entretenimento e intersubjetividades, dentre outros, sob forte influência de novas concepções de tempo e espaço produzidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação digital. A importância que a tecnologia assume atualmente na vida do homem, rompe com o paradigma tradicional de comunicação e sociabilidade, que dependia de uma noção de tempo e espaço mais controlável e presencial para mediar as interações sociais entre os indivíduos. Na concepção hodierna, essa noção de tempo-espaço perpassada pelo desenvolvimento das tecnologias digitais, sofre profundas mudanças pela extrema rapidez e virtualização das ações e relações entre os indivíduos, cujos processos de sociabilidade cotidiana superam essa dependência espaço-temporalidade, na medida em que se apresentam intimamente conectados aos novos paradigmas da tecnologia digital.

As pessoas se comunicam globalmente em tempo real e suas ações são condicionadas pelos serviços que a tecnologia proporciona. As relações de sociabilidade construídas pelos indivíduos, em todas as dimensões da sociedade estão profundamente amalgamadas por informações de um gigantesco espaço de comunicação digital, o ciberespaço, definido por Levy (1999) como um gigantesco espaço virtual de comunicação global mediado pela internet, que permite aos internautas um permanente e pervasivo estado de comunicação proporcionado por uma interconexão mundial de computadores e acesso a um extraordinário acervo de informações.

A emergência desse gigantesco espaço de comunicação digital possibilita ao homem ações e soluções para muitas inquietações e demandas de sua cotidianidade, abrindo muitas possibilidades de intervenção, cujo paradigma tradicional não dava conta de responder. Com as tecnologias digitais, o homem tem realizado inserções, muitas vezes exitosas, nas áreas da saúde, educação, economia, administração, estética-arte, segurança, dentre outros aspectos que fazem parte das relações de sociabilidade cotidiana dos homens no mundo contemporâneo.

Essa relação homem-tecnologia é reforçada por Serres (2013), cujas reflexões apontam para a formação de um novo homem, a partir do desenvolvimento das tecnologias digitais, cujo conhecimento está agora na 'ponta dos dedos'. Independentemente das

categorias tempo e espaço, os indivíduos se relacionam virtualmente de forma desterritorializada e em tempo real por meio do uso de mídias digitais, sem a necessidade de uma relação presencial.

#### **a) Um breve histórico das novas tecnologias no mundo contemporâneo**

Os estudos realizados por Castells (1999) sobre as transformações experimentadas pelo homem no mundo contemporâneo, indicam que a partir das últimas décadas do século XX, sobretudo com a disseminação da internet, as sociedades contemporâneas tem experimentado grandes avanços no campo das tecnologias de informação e comunicação, atingindo todas as dimensões da vida humana; e, essas mudanças atingiram um patamar tão avançado que possibilitaram saltos qualitativos e quantitativos no âmbito informacional e nas relações de sociabilidade entre os homens. Nessa perspectiva, é incontestável a influência de que as inovações tecnológicas exercem em todas as atividades humanas, provocando alterações profundas na forma do homem se organizar socialmente, construir conhecimentos e assumir posicionamentos diante desse novo mundo situado na Era da Informação e Comunicação digital.

No entanto, não devemos considerar as inovações tecnológicas da atualidade apenas como decorrência de conhecimentos produzidos atualmente, mas como resultado de um processo histórico de avanços e aperfeiçoamentos tecnológicos iniciados desde o século XIX com a revolução industrial, que possibilitaram a cientifização da técnica, tal como podemos constatar na citação a seguir:

A partir do século XVIII, a atividade técnica vai estar ligada ao conhecimento científico. Este processo vai culminar no século XX com os Centros de P&D, determinando a junção definitiva entre ciência e técnica. Forma-se assim uma tecnosfera (a tecnologia transforma a natureza), uma tecnociência (cientifização da técnica e tecnificação da ciência) e uma tecnocultura (a técnica domina toda a sociedade). A técnica moderna, ou o que chamamos hoje de tecnologia, é o produto da radicalização dessa segunda natureza, da naturalização dos objetos técnicos e da sua fusão com a ciência: cria-se a tecnociência. (LEMOS, 1998, p. 47)

Desse modo, para uma compreensão mais aproximada acerca das inovações tecnológicas do mundo contemporâneo, faz-se necessário, conforme o referido estudioso, reportar nossos olhares para a revolução industrial, sobretudo a partir de sua segunda fase, no século XIX, quando grandes avanços técnicos ocorreram no processo de produção, como a eletricidade, a utilização do aço, tecnologias de comunicação como o telégrafo sem fio e o



telefone, que serviram como fios condutores para a compreensão da revolução tecnológica que marca a organização e funcionamento das sociedades atuais.

Segundo o autor em foco, desde o século XVIII, a dinâmica do capitalismo industrial, sobretudo na Inglaterra, já prenunciava um novo mundo orientado por novos modos de produzir mercadorias e construir relações entre as pessoas, a partir da invenção de máquinas e novas técnicas de produção, inaugurando uma nova era dominada por inovações tecnológicas que viriam orientar a atividade humana no mundo contemporâneo. Essas inovações configuraram a revolução industrial, cujas invenções atingiram um nível de aperfeiçoamento bastante avançado nos séculos XIX e XX, prenunciando a relação homem-máquina de hoje, sobre a qual está alicerçada a estrutura socioprodutiva do capitalismo contemporâneo, bem como o sistema de comunicação, que modificou a noção de tempo e espaço, no contexto das atividades humanas.

Com as inovações tecnológicas proporcionadas pela revolução industrial, o processo socioprodutivo no capitalismo contemporâneo inaugura também uma nova concepção de tempo e espaço nas relações de produção e sociabilidade.

Os sistemas produtivos tornam-se mais eficazes e as relações entre os homens adquirem uma rapidez e simultaneidade que ganham o status de tempo presente. O processo de produção assume uma característica de flexibilidade, buscando atingir um nível de produção com qualidade material e que atenda às novas demandas do mundo contemporâneo, profundamente marcadas pela busca de produtos voltados para necessidades situadas em diversas dimensões da vida humana, como orgânicas, sociais, políticas, econômicas, culturais e outros aspectos que orientam o cotidiano humano.

No decorrer do século XX, sobretudo a partir da segunda metade, no contexto das duas grandes guerras mundiais, as inovações tecnológicas experimentaram um aprimoramento de dimensões bastante refinadas sob ponto de vista técnico, levando o mundo a conhecer a era da microeletrônica, que passou a exercer profunda influência nas relações de produção e sociabilidade humanas.

Nesse sentido, Castells (1999) explica que, historicamente, os avanços tecnológicos com base em microeletrônica já começavam a apresentar sinais efetivos, a partir da segunda guerra mundial e pós-guerra, no contexto da guerra fria, marcada pela disputa entre EUA e URSS pelo domínio de áreas de influência, onde pudessem exercer sua hegemonia ideológica. Essa disputa foi marcada por grandes investimentos em ciência e tecnologia, cujos efeitos tecnológicos fizeram-se sentir com muita contundência, a partir dos anos de 1970, possibilitando um novo paradigma científico baseado em avançadas tecnologias de

informação e comunicação, que tem sido difundidas numa velocidade tão intensa, extrapolando as concepções dominantes da noção de tempo. Isso se deve, graças a articulação estabelecida entre essas inovações e as atividades do homem.

Nessa perspectiva, o grande desenvolvimento tecnológico experimentado pelas sociedades atuais, evidencia a nova configuração assumida pelo capitalismo na contemporaneidade. A nova sociedade centrada no desenvolvimento da informação e comunicação com mediação de tecnologias digitais é, portanto, um processo histórico decorrente da reestruturação do capitalismo no contexto da globalização articulada a um acelerado desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação.

A partir dos anos 1980, os grandes avanços ocorridos no campo da tecnologia informacional e comunicacional foram de fundamental importância para a reorganização do capitalismo contemporâneo, apontando para uma nova relação entre produção e consumo, voltada para as demandas emergentes do mercado internacional. Desse modo, o mais importante elemento na construção do paradigma tecnológico, como mediador das relações na sociedade capitalista foi o processo de redefinição do capitalismo no mundo contemporâneo a partir dos anos 1980. "A inovação tecnológica e a transformação organizacional com enfoque na flexibilidade e na adaptabilidade foram cruciais para garantir a velocidade e a eficiência da reestruturação". (CASTELLS, 1999, p. 55)

O grande salto de desenvolvimento tecnológico que revolucionou o campo da informação e comunicação ocorreu a partir da década de 1970, sobretudo nos EUA, com a descoberta de tecnologias microeletrônicas que ampliaram o alcance das telecomunicações, com a popularização da internet, permitindo um sistema de informação e comunicação em rede.

Nesse período se tornou comum a realização de encontros de estudiosos de tecnologia em clubes e centros tecnológicos para discutir e trocar informações e experiências intelectuais acerca de avanços mais recentes no campo da tecnologia da Informação. Podem ser mencionados entre esses estudiosos, jovens visionários como Bill Gates, Steve Jobs e Steve Wozniak, que mais adiante criaram grandes empresas, como a *Microsoft*, *Apple*, *Comenco* e *North Star*, e mais tarde, sobretudo a partir dos anos 1990, surgiram novas empresas em outros países como Japão, Coreia do Norte, Taiwan, Índia, China e na Europa, dando um salto extraordinário no âmbito das tecnologias de informação e comunicação, que tem influenciado decisivamente as ações e o comportamento humano.

Corroborando com essas informações, Cury e Capobianco (2011)<sup>10</sup> comentam que os anos 1970 foram caracterizados pelo crescente aperfeiçoamento da tecnologia já existente. Essa afirmação pode ser elucidada pelo sucesso da *Apple*, pelo lançamento do Computador PC, cujo aperfeiçoamento evoluiu para modelos de uso pessoal. A *Microsoft* começou a produzir *softwares* (programas), assumindo a liderança na produção de sistemas operacionais, servidores, jogos e a Internet Explorer, que revolucionaram os sistemas de telecomunicação, possibilitando a comunicação em sistema de redes, o que permitiu o estabelecimento de comunicabilidade entre diferentes computadores situados em diferentes espaços.

Como pode ser constatado nas informações históricas apresentadas, a partir dos anos 70, o mundo presenciou e experimentou um acelerado desenvolvimento tecnológico, que atingiu intensamente o setor de telecomunicações, contribuindo para a formação de um novo mundo, onde todas as atividades humanas e suas relações sociais e comportamento ético, de certo modo, são mediados por suportes das mídias digitais, que marcam profundamente a dinâmica da sociedade capitalista do século XXI.

## **b) O desenvolvimento tecnológico e as novas relações de sociabilidade**

Segundo Castells (1999), as novas condições tecnológicas permitiram o estabelecimento de um cenário mundial global, que possibilitou a construção de novas relações entre Estados e sociedades em todas as suas dimensões, anunciando uma nova perspectiva de relacionamento com o mundo, onde a maior parte das atividades humanas é centrada no uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

O autor explica que o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação repercutiu direta e profundamente em todas as atividades humanas, perpassando pelas relações de sociabilidade em diversas dimensões que se estendem, desde a economia formal entre países, movimentos sociais, até a organização de atividades consideradas ilícitas. Esse novo cenário digital construído pelas tecnologias de comunicação tem influenciado significativamente nas relações de sociabilidade entre as pessoas, que sofrem mudanças em sua visão de mundo e identidades construídas. Estabelecem novas formas de comunicação, que não demandam mais de precisão local e temporal, novas formas de relações de compra e

---

<sup>10</sup> Ver CURY, Lucilene; CAPOBIANCO, Lígia. **Princípios da História das Tecnologias da Informação e Comunicação Grandes Invenções**. Guarapuava (PR): Unicentro, VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

venda, novos relacionamentos e outras formas de interação sob mediação das novas tecnologias de informação e comunicação.

As inovações tecnológicas no âmbito das comunicações têm provocado uma euforia generalizada em crianças, adolescentes, jovens e adultos, cujas atividades cotidianas são em grande parte associadas ao uso de mídias digitais. Em todas as dimensões da vida humana, essas inovações estão presentes, mediando negociações econômicas, área da saúde, relacionamentos, entretenimentos, entre outros.

As novas mídias digitais e o processo de interconexão mundial de computadores pela internet têm provocado mudanças profundas no comportamento das pessoas, que revelam uma espécie de dependência desse processo de comunicação digital com o outro. Buscam entusiasticamente se manter em permanente estado de conexão, comunicam-se virtualmente por meio de mídias digitais modernas, estabelecendo diversas formas de relações que se estendem por todas as dimensões do cotidiano humano. Por outro lado, ressaltamos que essa relação com a comunicação digital é tão incisiva nos processos de sociabilidade, que, quando os usuários de mídias digitais não conseguem uma conexão a contento, entram em estado “desorientação”, muitas vezes sem saber o que fazer na ausência de sinal da internet. A ausência de sinal da internet coloca grande parte de usuários dessas tecnologias como espécies de “barco a deriva”, sem saber para onde ir, que não seja um local com possibilidade de acesso à internet e conexão efetiva.

Esse estado de “desorientação” e perda de autodomínio é o que Marcel (2001) denomina de “aviltamento” ou “envilecimento”, quando o indivíduo perde a capacidade de controle sobre si mesmo, sentindo-se impotente frente uma força externa que influencia nas ações humanas. Os usuários de tecnologias digitais perdem a crença em sua própria capacidade de desenvolver qualquer atividade fora das mídias digitais sob mediação da internet, entrando o homem, no que o referido autor entende como um estado de escravização por suas próprias conquista.

Atualmente, os usuários de mídias digitais conseguem estabelecer uma nova relação com o mundo, elucidativa de uma nova noção de homem, tempo e espaço. Comunicam-se com pessoas de todas as partes do planeta onde há sinal digital. Usando um suporte digital, constroem uma nova concepção de mundo alicerçada no uso de tecnologias. Esse emergente cenário sinaliza para um novo mundo que prenuncia relações hegemonicamente dominadas pelas inovações tecnológicas, condicionando o pensar e o fazer da humanidade, cujas ações e corpos serão inevitavelmente invadidos por uma ética baseada na ciberneticização das relações entre os indivíduos, evidenciando a ideia de que

se podemos estar certos de alguma coisa a respeito do futuro é que a influência da tecnologia digital continuará a crescer e a modificar os modos como nos expressamos, nos comunicamos, ensinamos e aprendemos, percebemos, pensamos e interagimos no mundo. (SANTAELLA, 2007, p. 28)

Diferentemente da forma tradicional como víamos o mundo por meio de livros, revistas e outros materiais impressos, o que demandava muito tempo, hoje a geração ‘on line’, constituída, sobretudo por crianças, adolescentes e jovens, abre as portas do mundo pelos polegares, evidenciando os(as) polegarzinhos(as)<sup>11</sup> que, utilizando mídias tecnológicas digitais, acessam com os dedos um gigantesco espaço de informação e comunicação, denominado de ciberespaço, pelo qual descobrem um novo mundo, novas pessoas e formas de relacionamento que os colocam em contato com outras experiências proporcionada pela própria inventividade humana (SERRES, 2013).

As novas tecnologias de informação e comunicação suscitam na população, sobretudo, jovens adolescentes, um extraordinário sentimento de encantamento frente às novas possibilidades de comunicação mediadas pela internet, que potencializam o desenvolvimento de novos comportamentos e redimensionam as suas relações. As novas tecnologias de informação e comunicação evidenciam uma importância singular no mundo ocidental e prenunciam o nascimento de uma nova sociedade (WOTON, 1999).

Essa trama que é construída pela relação homem-mídias tecnológicas-internet, forma um gigantesco espaço de interconexão mundial (ciberespaço), que segundo Lévy (1999), tem representado um universo extremamente atrativo para muitas pessoas, as quais se entregam às possibilidades da comunicação virtual, em uma dimensão desterritorializada que independe da noção de tempo e espaço, possibilitando uma forma de comunicação mediada por tecnologias, que provocam a interação entre indivíduos de diferentes partes do mundo, para além das especificidades locais de cada um dos internautas conectados.

As novas tecnologias se fazem presentes em praticamente todos os aspectos do cotidiano de nossas vidas e vem crescendo de forma exponencial, sobretudo entre os jovens, que se sentem cada vez mais compelidos a fazerem parte dessa ‘tribo’ cibernética. Essas novas tecnologias tornaram as relações mais rápidas e acessíveis, com uso celulares *iPad*, *iPhone*, *smartphone*, *tablets* e o computador com acesso à internet e, são usadas por pessoas de todas as faixas etárias, principalmente, jovens, registrando seus interesses e necessidades em rede virtual, fazendo da máquina um meio de construção de identidade. Por meio da

---

<sup>11</sup> Ver: SERRES, Michel. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

mediação tecnológica, muitos jovens e adolescentes criam ou camuflam formas de identidades que passam a orientar a sua socialidade na perspectiva simmeliana.

Na contemporaneidade, o sistema de comunicação entre as pessoas tem ocorrido de diversas maneiras, sendo mediadas por tecnologias tradicionais, como rádio, televisão, telégrafo, telefone e o mais desenvolvido e atual sistema de comunicação se estabelece por meio de uma interconexão mundial, que é a internet. Este sistema de informação e comunicação que se constitui em um “conjunto de redes de computadores interligados que tem em comum, protocolos e serviços, de uma forma que os usuários conectados possam usufruir de serviços de informação e comunicação de alcance mundial” (BOGO, s/d).

De acordo com Lévi (1999), esses serviços são injetados em rede via internet, de forma extremamente rápida, possibilitando a mobilização de um volume extraordinário de informação e comunicação que são disponibilizados no ciberespaço, ao qual o autor citado se refere da forma a seguir:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17)

Esse poderoso universo de comunicação, viabilizado pelas tecnologias digitais, favorece um eficiente sistema comunicacional entre as pessoas, cujos comportamentos e visões de mundo são fortemente influenciados pelas novas relações construídas virtualmente.

Levy (1999) apresenta, em uma perspectiva muito entusiástica, uma análise das contribuições das novas tecnologias digitais para as atividades humanas, evidenciando mudanças potenciais que passaram a exercer na forma do homem se organizar em todas as dimensões de sua vida, nas esferas social, cultural, política, econômica, científica e intelectual. Coloca-nos em contato com novos conceitos que agora fazem parte do vocabulário contemporâneo, no contexto das novas formas de comunicação humana estabelecidas sob mediação das tecnologias digitais. Esses conceitos são, dentre outros, cibercultura e ciberespaço, apresentados como gigantescos espaços de informação e comunicação virtual, cujas relações de comunicabilidade são estabelecidas por um processo de interconexão mundial de computadores, possibilitando um mergulho extraordinário num ambiente planetário de informações por meio de tecnologias modernas que possibilitam um intenso processo de interação social em dimensão virtual.

Lévy (1999) defende a tese de que as inovações tecnológicas não tem vida própria independente da ação humana, pelo contrário, enfatiza que a técnica é resultado da inventividade humana, que envolve a “intelectividade humana, entidades, ideias e representações” (LÉVY, 1999, p. 22). Desse modo, as relações potencializadas pelas novas tecnologias, podem ser compreendidas como resultado do desenvolvimento inventivo do homem e como este constrói os seus processos de sociabilidade a partir de suas próprias conquistas no campo da técnica. Nessa perspectiva observa-se que o desenvolvimento da tecnologia elucida um avanço efetivo, não só no campo da técnica como estratégia de construção de novas relações, mas também na capacidade de o homem aperfeiçoar suas ferramentas de produção e comunicação.

Devemos ressaltar, no entanto, que a tese defendida pelo autor não problematiza o aspecto ético das relações estabelecidas entre os usuários de internet. Há uma preocupação mais relevante com a técnica nas atividades humanas do que com os princípios éticos que perpassam os processos de sociabilidades construídos. Desse modo, não podemos perder de vista situações que indicam o distanciamento do homem em relação aos valores que nos humanizam, como a alteridade, a solidariedade e o diálogo. Esse distanciamento pode ser percebido pelas informações veiculadas pelas mídias clássicas, como rádio, jornal e televisão, acerca de pessoas, geralmente jovens, que usam as modernas mídias digitais para praticar ações ofensivas e criminosas contra outras pessoas.

Porém, na perspectiva em foco, não podemos ignorar os avanços que as novas tecnologias digitais têm proporcionado para a contemporaneidade. A emergência do ciberespaço tem possibilitado aos homens uma verdadeira revolução no âmbito da informação e comunicação, caracterizada como um grande avanço para as sociedades humanas, em cujas atividades as novas tecnologias influenciam de modo efetivo. Hoje, o homem, com o domínio de tecnologias avançadas, modifica sua relação com diversos aspectos de seu cotidiano, sua própria vida e produção de conhecimentos. Desse modo, justifica-se a reflexão de que “As tecnologias digitais, surgiram então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento.” (LÉVY, 1999, p. 32)

Esse novo cenário, marcado pela interconexão global, propiciou novas relações de comunicação entre pessoas, nas tessituras das quais passam a acessar um universo astronômico de informações que influenciam nas relações de interação entre indivíduos. No âmbito das relações de sociabilidade, a emergência do ciberespaço, como rede de interconexão, possibilita a intensificação em tempo e velocidade das transações de compra e

venda, relacionamentos, entretenimentos, lazer e uma nova concepção de mundo e da própria existência na vida cotidiana.

Essa perspectiva de compreensão da relação homem-tecnologia, segundo Lévy (1999), diferentemente das tecnologias clássicas, promove uma relação de interatividade entre os usuários das novas tecnologias digitais, possibilitando entre as pessoas, contato em tempo real sob mediação de mídias digitais, por meio de imagem, voz e troca de informações, independente de espaço e temporalidade, experimentando um processo de virtualização de suas relações de sociabilidade.

O autor chama atenção para o conceito de virtual, que, segundo ele, tem sido muitas vezes compreendido de forma equivocada, como uma dimensão em oposição à existência do real. Ele explica que, em contraposição a esse olhar, a virtualização das relações de comunicabilidade e sociabilidade entre pessoas deve ser entendida como uma manifestação do real em uma dimensão diferente do habitual. As relações virtuais ocorrem entre pessoas, e, portanto, portadoras de ações, valores e sentimentos humanos, denotando, desse modo, situações em um mundo real, embora se configurando em um contexto que não demanda tempo e espaço determinado. Por esse viés de análise, o virtual é visto como uma forma diferente de compreender as relações que ocorrem no mundo real clássico, como pode ser constatada na reflexão a seguir:

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são dois modos diferentes de realidade. [...] é virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo estar ela mesma presa a um lugar ou a um tempo em particular. (LÉVY, 1999, p. 47)

Essa reflexão permite-nos entender o mundo virtual como uma simulação da realidade clássica em diferentes configurações da aparência cotidiana. Nesse contexto, tecnicamente, a cibercultura e o ciberespaço possibilitam a imersão dos usuários de tecnologias digitais, em mundos virtuais, nos quais constroem autoimagens que fogem ao trivial, como espécies de avatares, a fim de se integrarem às relações de virtualidade em que se envolvem, como jogos, relacionamentos e outras atividades no mundo digital, que demandam a constituição de relações de interativas sob mediação das tecnologias digitais.

Essas relações de interatividade, demandadas pelas transações e relações no mundo virtual, conforme o autor em referência, manifestam-se na participação ativa dos indivíduos envolvidos no processo comunicacional em sentido mútuo, evidenciando, sobretudo a



utilização de mídias que permitem essa interação, como o telefone convencional, computador, *smartphone*, *Tablet* e outras mídias da tecnologia digital no estabelecimento das conexões, pois nesse viés, a mediação dessas tecnologias “permite o diálogo, a reciprocidade e a afetividade na ação comunicacional”(p. 80).

Entretanto, não podemos entender esses valores e sentimentos elucidados, sem assumir um posicionamento crítico frente ao aspecto técnico-instrumental que essa relação assume, colocando muitas vezes em risco a dimensão ética e humanizada da relação entre as pessoas.

Com a emergência do ciberespaço, milhares de pessoas começam a estabelecer contatos por meio de mundos virtuais, que passam a exercer profunda influência em todas as atividades humanas. Dispondo de tecnologias digitais avançadas, os indivíduos em conexão adentram um espaço gigantesco de informações que modificam amplamente a sua relação com o mundo, a vida, conhecimento, economia, cultura, lazer e outros aspectos da vida humana de forma totalmente “desterritorializada”. As relações de comunicabilidade não dependem mais de um tempo ou local específico, visto que as fronteiras relacionais foram diluídas pela ubiquidade pervasiva da tecnologia que possibilita aos homens uma conexão simultânea independente da dimensão espaço-temporalidade no sentido tradicional, cuja comunicação era condicionada pela definição de uma localidade e um tempo determinados.

Essa virtualização do processo de informação e comunicação tem se revelado cada vez mais intensa no mundo contemporâneo, cuja presença humana nessa dimensão se manifesta em pessoas de todas as faixas etárias, relacionando-se de alguma forma, por meio de suportes tecnológicos cada vez mais sofisticados. Crianças, jovens e adultos do mundo contemporâneo desenvolvem uma espécie de verdadeira histeria coletiva na busca dessas mídias digitais, que tanto influenciam na constituição das relações entre as pessoas no século XXI, desenvolvendo, assim, uma relação de reverência com essas novas tecnologias que os conduzem em uma velocidade fantástica a um mundo de possibilidades informacionais inimagináveis disponíveis na rede virtual da internet. “A cada minuto que passa, novas pessoas passam a acessar a internet, novos computadores são interconectados, novas informações são injetadas na rede. Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna universal”. (LÉVY, 1999, p. 111)

O acesso quase incondicional à rede mundial de informação por meio de tecnologias digitais, enfatizado na perspectiva em foco, que estabelece relações de comunicabilidade entre internautas, tem experimentado avanços técnicos incontestáveis que permitem a formação de comunidades virtuais, no seio das quais pessoas se comunicam em tempo real em dimensão global, experimentando profundas modificações na concepção de tempo das ações humanas,

como indica Virilio (1994), o qual sinaliza para uma superação do tempo histórico-cronológico por um tempo real e global, que explica a simultaneidade e a extraordinária velocidade de interação entre as pessoas conectadas.

O sistema de comunicação atual se expandiu de diversas formas, sobretudo pelas redes sociais, mediadas pelas novas mídias da tecnologia digital, como celulares, *smartphone*, *Iphone*, *Iphad*, computador convencional e *tablet*. Essas mídias digitais têm favorecido incondicionalmente a comunicação entre pessoas, pois já existem aplicativos que possibilitam aos usuários processarem diversas informações em uma só tecnologia, vislumbrando um novo mundo espetacular mediado por imagens. “O espetáculo não é um mundo de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizadas por imagens. O espetáculo não pode ser compreendido como abuso do mundo da visão ou produtos de técnicas da visão massiva de imagens”. (DEBORD, 2003, p. 14)

A relação do homem com a máquina na era digital deixa transparecer um tom de preferência pela ilusão midiática representada pela imagem espetacular, que mostra a vida cotidiana mergulhada em um cenário espetacularizado, no qual as pessoas prezam pela aparência do ser. Um mundo marcado pela profusão de imagens que evidenciam uma sociedade alicerçada num *devir* permanente do aceito e admirável, movido pela representação de um “paraíso terrestre” expresso num universo de possibilidades fetichizadas, não pela imagem como um fim em si mesmo, mas pelas representações construídas acerca do papel que se têm na vida cotidiana das pessoas.

As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. A realidade considerada parcialmente reflete em sua própria um idade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo. (DEBORD, 2003, p. 14)

Entusiasmadas com esse novo mundo espetacular, muitas pessoas de hoje ocupam mais tempo conectados em redes sociais, do que envolvidos com a realidade concreta de seu próprio cotidiano, ficando mais ligados no mundo virtual. Em casa, no trabalho, no trânsito e outros espaços, percebe-se muitos internautas conectados virtualmente, por meio da internet em uma rede social. Isso, conseqüentemente, interfere no modo de vida e no cotidiano dos indivíduos, que muitas vezes são levados a um processo de isolamento e distanciamento de suas relações e atividades habituais (VIRILIO, 2001).

O autor nos chama atenção para o estado de isolamento e estranheza que muitas vezes a comunicação virtual pode provocar. Muitos se isolam de suas relações de amigos, familiares e outras comunidades, mergulhando num mundo virtual de dimensões ilimitadas, que provocam a transformação do internauta em um “alienígena” em seu próprio mundo da vida cotidiana, visto que ele perde a noção de sua própria condição humana situada em um ambiente social específico.

Desse modo, enfatizamos a importância de orientar nossos jovens quanto à utilização das mídias digitais de comunicação como ferramentas de aproximação entre as pessoas e um meio de discussão acerca da forma como as relações sociais podem ser mais humanizadas e auxiliarem no desenvolvimento ético das relações de sociabilidade construídas pela humanidade.

Na seção seguinte fazemos uma reflexão acerca da internet como o principal canal de comunicação entre os homens na contemporaneidade, destacando o progresso técnico nesse campo e o sentido que as comunicações entre os homens ganham sob a mediação das novas tecnologias.

## 1.2 INTERNET: UMA REDE MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO

No período pós-segunda guerra, segundo Hobsbawm (1995), o mundo foi dominado por um permanente estado de tensão internacional fomentado pelas duas grandes nações da época, EUA (Estados Unidos da América) e URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), em uma intensa disputa de hegemonia em regiões (áreas de influência), onde fosse possível exercer o seu domínio, para impor seus modelos idealizados de sociedade: capitalismo (EUA) e socialismo (URSS).

Foi nesse contexto histórico que tiveram origem as primeiras experiências sobre tecnologias de comunicação e informação, no sentido mais contemporâneo, que desaguaram no atual e mais eficiente sistema de interconexão mundial de comunicação, que denominamos de Internet.

### **a) Revisitando a história da Internet**

Historiando sobre o surgimento da internet, Bogo (s/d) comenta que desde o final dos anos 1960, que o Departamento de Defesa dos EUA, no processo de luta pela hegemonia

internacional frente a URSS, começou a investir no desenvolvimento de pesquisas científicas que resultaram na construção de um centro de pesquisa (Laboratório Lincoln). Pesquisadores desse centro desenvolveram um projeto de defesa contra bombardeios inimigos, cuja operação demandava um eficiente sistema de comunicação e informação. O referido projeto ficou conhecido como “ArphaNet”.

Após a guerra fria, esse projeto ficou obsoleto em suas funções para os interesses dos militares. Desse modo, o mesmo foi aberto pelo governo norte-americano às Universidades, a fim de que desenvolvessem novas pesquisas, que em pouco tempo resultaram na interconexão de milhares de pessoas em um amplo sistema de comunicação mundial, configurando a rede mundial de comunicação que atualmente é denominada de Internet.

Segundo Lévy (1999), foi nesse cenário que surgiram os primeiros computadores, na Inglaterra e nos EUA, com objetivos militares inicialmente, cuja disseminação de uso na sociedade civil começou a ocorrer a partir dos anos 1960, como foi comentado anteriormente.

Conforme o autor, a partir dos anos 1970 em diante, verificou-se uma expansão tecnológica e comercial de computadores, inaugurando um longo processo de interconexão mundial entre os homens em torno diversas dimensões da sociedade. “As tecnologias digitais surgiram, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LEVY, 1999, p. 32).

No Brasil, de acordo com Bogo (s/d), a história da internet só começou no início dos anos 1990, com estudos realizados pela Rede Nacional de Pesquisa (RNP) em parceria acadêmica com o Ministério da Ciência e Tecnologia, até os dias atuais articulada com Centros de pesquisa, Universidades e Laboratórios de tecnologia. No entanto, “somente em 1995 é que foi possível, pela iniciativa do Ministério das Telecomunicações e Ministério da Ciência e Tecnologia, a abertura ao setor privado da Internet para exploração comercial da população brasileira”. (BOGO, s/d)

A RNP foi criada em setembro 1989 pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) com o objetivo de construir uma infra-estrutura de rede Internet nacional de âmbito acadêmico. A Rede Nacional de Pesquisa, como era chamada em seu início, tinha também a função de disseminar o uso de redes no país. Em paralelo à implantação de sua estrutura, a RNP dedicou-se a tarefas diversas, tais como divulgar os serviços Internet à comunidade acadêmica através de seminários, montagem de repositórios temáticos e treinamentos, estimulando a formação de uma consciência acerca de sua importância estratégica para o país e tornando-se referência em aplicação de tecnologias Internet. (<https://www.rnp.br/rnp/historico.html>)

A partir de 1995, quando ocorreu efetivamente a implantação do sistema de internet no Brasil, teve início uma série de ações envolvendo o governo Federal, ministérios da Educação e o de Ciência e Tecnologia, no sentido de montar nas universidades e centros de pesquisa uma estrutura de fomento ao desenvolvimento de pesquisas na área de tecnologia em redes de desenvolvimento e à operação de meios e serviços de redes, a fim de possibilitar o desenvolvimento da pesquisa e do ensino em dimensão nacional.

#### **b) A ética e sua relação com o uso da internet no Brasil**

Por outro lado, essas ações de fomento a realização de atividades tecnológicas não foram acompanhadas por esforços do poder público em instituir políticas efetivas de regulação de uso da internet no país, gerando um vazio de ordenação ética e jurídica no sentido de controlar as relações que usuários da internet estabelecem entre si no processo de conexão mediada por tecnologias digitais de comunicação e informação.

Historicamente, os homens, em suas relações cotidianas, estabelecem múltiplas interações entre si no processo construção de sua humanização, identidade e sobrevivência. Nesse contexto, comunicam-se e definem normas de convivência entre si, que orientam a sua conduta no processo de socialização, evidenciando a ética que perpassa os valores construídos e cultivados pela humanidade.

Nesse contexto, a humanidade produziu formas diversas de meios para fazer a mediação da comunicação entre si. Na contemporaneidade, o mais avançado sistema de comunicação que orienta a troca de informações entre os indivíduos é a internet, que tem assumido um papel de extrema relevância na vida cotidiana da humanidade. É sem dúvida, o meio de comunicação mais eficiente no processo de disseminação da informação em dimensão mundial, assim como proporcionou a construção de novas situações de interação entre os indivíduos, por meio das novas tecnologias de comunicação, que independem da relação espaço-temporalidade.

No Brasil, o uso da internet tem mobilizado pessoas de todas as faixas etárias, no estabelecimento de um estado de conexão permanente, em intenso processo de comunicação e troca de informações. Esse cenário, favorecido pelas novas tecnologias de comunicação, a começar pelo computador, *Iphad*, *Iphone*, *smartphone* e outros, possibilitam o acesso ao ciberespaço, no interior do qual internautas disseminam um volume extraordinário de informações acerca de múltiplos assuntos referentes a cotidianidade do mundo

contemporâneo, assim como estabelecem um sistema de comunicação que tem gerado novas formas de socialização entre as pessoas mediada pelas tecnologias digitais.

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. [...] esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. (LÉVY, 1999, p. 93)

Essas novas relações são mediadas por suportes materiais derivados das novas tecnologias, que provocam uma ampla exposição da vida pública e privada das pessoas. Esse novo mundo virtual tem atraído milhares de pessoas, que são motivadas por um exacerbado entusiasmo em conhecer as possibilidades de se entregarem aos prazeres oferecidos nesse espaço virtual, em busca de entretenimento (jogos), compra e venda, amizades, negócios empresariais, namoro, sexo e outras formas de serviços oportunizados pela internet.

Na sociedade brasileira, a internet já faz parte da vida de um contingente significativo da população. Muitos brasileiros, sobretudo, jovens, ocupam seu tempo conectando-se com seus pares em atividades virtuais. Essas pessoas constroem uma rede de relações, por meio da formação de grupos ou comunidades virtuais, participando de atividades de entretenimento; postagem de vídeos; imagens, relações afetivas assim como indivíduos de outras faixas etárias também conectam-se com outras finalidades, que envolvem em diferentes formas de atividades relacionadas a questões mais específicas de seus interesses pessoais, articulados com várias dimensões da esfera pública e privada, em conexão com âmbitos empresarial, social, saúde, educação, ecologia, e outros que orientam a dinâmica da sociedade.

Nesse processo de intercomunicação, os indivíduos estabelecem relações que atingem aspectos da vida pública e privada, que muitas vezes fogem ao controle dos próprios sujeitos conectados na internet, o que tem provocado situações de constrangimento que passam à margem de uma estratégia de regulação jurídica e, sobretudo, ética.

O Brasil tem se mostrado ainda carente de meios efetivos de regulação das socializações mediadas pela tecnologia. Esse cenário evidencia ainda um vazio ético nos construtos relacionais entre os indivíduos, instituídos por meio da internet, no sentido da técnica e da experiência humana que se estabelecem nessas conexões.

Nesse sentido, ressalto que em estado de conexão permanente, as pessoas vivenciam interações que raramente tem sido objeto de reflexões filosóficas, sobretudo, no campo da ética. No mais dos casos, as análises construídas acerca das relações estabelecidas por meio da internet têm evidenciado a técnica engendrada no processo de conexão, relegando a uma dimensão de menor importância a experiência humana que perpassa as tessituras das relações que são mediadas por meio de suporte material tecnológico.

Não obstante ser recente no Brasil, esse poderoso sistema internacional de comunicação, já tem ocupado um espaço extraordinário na sociedade brasileira. Por meio da internet, grande parte da população está permanentemente conectada, socializando diversas formas de informações, situadas em todas as dimensões da sociedade.

Por outro lado, não podemos perder de vista que as experiências vivenciadas pelas pessoas conectadas, muitas vezes tem ultrapassado o limite da ética, provocando situações de constrangimento que atingem profundamente a condição existencial de pessoas afetadas negativamente, sobretudo na sua dimensão humana. Em razão desse vazio de regulação no uso da internet, muitas pessoas têm sua vida pública e privada exposta de forma negativa, degradando sua condição de pessoa humana.

Ressalto também que situações dessa natureza têm sido veiculadas pela mídia, colocando em aberto crises nas relações internacionais, evidenciadas em sistemas de espionagem que ferem a ética na diplomacia contemporânea, a exemplo da situação vivenciada pelo Brasil, durante o governo Dilma Rousseff, que teve sua soberania afetada pelo sistema de espionagem norte-americano, provocando relativo desgaste na relação entre os governos de Brasil e Estados Unidos.

Foi nesse cenário de incertezas jurídicas e éticas, quanto aos rumos que a comunicação virtual está tomando no Brasil, que os (des)caminhos evidenciados no vazio de regulação explícita da comunicação por meio da internet, que a Presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, sancionou em 23 de abril de 2014 a Lei nº12.965/14, após ser aprovada na Câmara e no Senado Federal, que institucionalizou o Marco Civil Regulatório da Internet no Brasil, como instrumento legítimo de regulação de uso da internet na sociedade brasileira. “Art. 1º Esta Lei estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil e determina as diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em relação à matéria” (BRASIL, 2014).

Para construir algumas reflexões acerca da relação entre ética e regulação da internet na sociedade brasileira, entendo ser de fundamental importância trazer para esta discussão o

referido documento que institucionalizou as diretrizes orientadoras das relações construídas pelos usuários nas tessituras desse poderoso meio de comunicação.

As diretrizes estabelecidas pelo Marco Civil da Internet para regular legalmente o uso da Internet no Brasil, estão organizadas no referido documento a partir de direitos e deveres relacionados à vida pública e privada dos cidadãos brasileiros no sistema de comunicação por meio de tecnologias digitais.

No primeiro eixo (capítulos I e II da Lei nº 12.695/14) que regulamenta o Marco Civil Regulatório da internet no Brasil, são evidenciados como direitos individuais e coletivos a “Privacidade”, “Inviolabilidade”, “Liberdade de expressão”, e “Direito de acesso à internet”. Esses princípios podem ser constatados na disposição a seguir:

Art. 3º A disciplina do uso da internet no Brasil tem os seguintes princípios:

- I - garantia da liberdade de expressão, comunicação e manifestação de pensamento, nos termos da Constituição Federal;
- II - proteção da privacidade;
- III - proteção dos dados pessoais, na forma da lei;
- IV - preservação e garantia da neutralidade de rede;

No debate acerca da proteção da privacidade dos indivíduos, deve-se tomar em conta que este é um direito fundamental que a Constituição Federal de 1988 assegura institucionalmente para todos os cidadãos brasileiros, estabelecendo punição legal a quem violar esse direito constitucional. “Art 5º X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. (BRASIL, 1988)

A “Inviolabilidade do sigilo da correspondência e comunicações”, além de ser assegurada pela nossa atual Constituição Federal de 1988, também é garantida juridicamente pelo Marco de regulação da internet no Brasil, tal como pode ser constatado a seguir:

Art. 7º O acesso à internet é essencial ao exercício da cidadania, e ao usuário são assegurados os seguintes direitos:

- I - inviolabilidade da intimidade e da vida privada, sua proteção e indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;
- II - inviolabilidade e sigilo do fluxo de suas comunicações pela internet, salvo por ordem judicial, na forma da lei;
- III - inviolabilidade e sigilo de suas comunicações privadas armazenadas, salvo por ordem judicial;
- VII - não fornecimento a terceiros de seus dados pessoais, inclusive registros de conexão, e de acesso a aplicações de internet, salvo mediante consentimento livre, expresso e informado ou nas hipóteses previstas em lei; (BRASIL, 2014)



As prescrições legais do documento em questão asseguram juridicamente que o internauta tenha total garantia de que sua privacidade não será violada por terceiros durante a conexão. O referido instrumento de regulação estabelece que os dados do usuário das tecnologias digitais de informação e comunicação não sejam desviados para outros, sem o seu consentimento ou sob determinação da justiça. Nesse sentido, a legislação federal assegura juridicamente que as informações e comunicações entre usuários na internet por meios de tecnologias digitais devem ser mantida em sigilo, impedindo a sua violação.

Nessa perspectiva, entendo que o Marco Civil da Internet representa um avanço significativo no sentido jurídico, na medida em que o poder público tem envidado esforços para proteger aos direitos individuais no contexto do sistema de comunicação da internet, que, historicamente manifestam fragilidades em razão da ausência de uma legislação explícita e efetiva de regulação de uso da internet. Essa medida de proteção da intimidade privada dos cidadãos conectados, por um lado representa juridicamente um passo importante do poder público na construção de estratégias de intervenção de controle e regulação de sistemas de comunicação mediados por suportes tecnológicos.

Por outro lado, entendemos que essa medida também apresenta lacunas em seu objetivo, em vista de que seu grande foco é a regulação de uso da tecnologia digital como suporte material de mediação da comunicação via internet, por medidas jurídico-políticas instrumentais, ignorando-se ou não atentando para o desenvolvimento de uma ação educativa e ética que provoque na sociedade brasileira o despertar de uma sensibilidade humana, possibilitadora de uma conduta alicerçada em valores que suscitem sentimentos de alteridade e solidariedade nas relações que os internautas estabelecem entre si durante o processo de conexão. Esse olhar construído em relação à preservação da privacidade e inviolabilidade dos direitos de usuários da internet, evidencia que o documento busca proteger cidadãos no sentido jurídico, não atingindo a experiência humana vivenciada pelas pessoas durante a conexão, perdendo-se de vista sentimentos que são inerentes ao humano em uma relação face a face.

Uma das determinações do Marco Regulatório da Internet é o direito à liberdade de expressão, tal como pode-se constatar no Art. 3º – A disciplina do uso da internet no Brasil tem os seguintes princípios: “§ I - garantia da liberdade de expressão, comunicação e manifestação de pensamento, nos termos da Constituição Federal”.

A institucionalização de medidas punitivas àqueles que cometerem infrações às disposições do Marco regulatório da Internet, representou uma estratégia jurídica para zelar pelo direito de liberdade de expressão durante o uso da internet. Possibilita um relativo

cerceamento às ações de “censura privada” de empresas provedoras de serviços de comunicação e informação virtual.

Por outro lado, não se pode perder de vista que essa liberdade tem um alcance limitado, na medida em que, qualquer postagem de imagens, mensagens ou vídeos considerados ofensivos a terceiros, o responsável pela edição está atropelando os direitos de outro(s). As ordenações jurídicas atingem o ofendido em uma relação virtual como cidadão, mas não como humano, evidenciando essa concepção de liberdade como uma questão que é discutida por pesquisadores da área de comunicação, tal como pode-se perceber na reflexão a seguir:

El [...] efecto nefasto de la ideología técnica consiste en creer que las técnicas de comunicación son sinónimo de libertad. Esto fue verdad en el pasado, y ya no lo es hoy. Las dictaduras aprenden a jugar con los media occidentales, a volver contra ellos sus discursos, a utilizar las mismas técnicas en provecho propio. Ya no hay *vinculo directo* entre técnicas de comunicación y valores occidentales. (WOLTON, 1999, p. 240)

Nesse contexto, retomo o que disse anteriormente sobre a dimensão técnica do marco de regulação da internet, obnubilando a construção de uma reflexão ética que possibilite fomentar aos usuários de tecnologias digitais de comunicação, condutas éticas humanizadas em relação ao outro. Não obstante a existência de uma legislação de regulação do que é publicado e quem publica em rede, muitas vezes a ideia de liberdade, cultivada por alguns usuários de internet não tem limites morais e éticos, desdobrando-se na profusão de postagens que afetam profundamente a essência humana do outro, acarretando graves problemas psicológicos e físicos, que eventualmente culminam em desequilíbrios emocionais, desestruturação sociofamiliar, chegando algumas vezes à morte. Esse olhar evidencia a necessidade de um conteúdo mais humanizado nas diretrizes estabelecidas acerca da liberdade nas prescrições do documento em foco.

Nas tessituras dessa discussão que abordam liberdade, privacidade, inviolabilidade, o Marco regulatório assegura que todos têm direito de acessar a internet em processo de conexão, como possibilidade de mobilização de conhecimentos que credenciem aos usuários intervir de forma participativa em questões culturais e políticas da sociedade brasileira.

Art. 4º A disciplina do uso da internet no Brasil tem por objetivo a promoção:  
I - do direito de acesso à internet a todos;  
II - do acesso à informação, ao conhecimento e à participação na vida cultural e na condução dos assuntos públicos; (BRASIL, 2014)

A determinação em foco no artigo em questão, representa, sob ponto de vista do acesso ao conhecimento, um avanço inegável, criando condições para os indivíduos, em menor tempo e condições materiais mais abrangentes, construir conhecimentos que os possibilitem intervir de forma criativa em suas realidades, na busca de melhorar suas condições existenciais.

Todavia, não podemos nos furtar a percepção de que esse acesso é muito limitado sob ponto de vista sócio econômico, assim como, a prescrição legal que estabelece acesso de todos à internet, não é acompanhada por uma política de capacitação efetiva da população para uma utilização da internet alicerçada em princípios éticos que possibilitem o estabelecimento de relações humanizadas entre os usuários das tecnologias digitais de comunicação e informação.

Os capítulos III, IV e V do Marco Regulatório Civil da Internet no Brasil (Lei nº12.965/14) versam especificamente sobre as questões legais contratuais entre o poder público brasileiro e a esfera privada representada por empresas provedoras dos serviços de internet, estabelecendo os critérios de funcionalidade e as regras de negociação com usuários.

Portanto, o que observamos no documento de regulação da internet institucionalizado pela referida lei, é o grande interesse em estabelecer medidas jurídicas de regulação da questão técnica, relegando a dimensão humana a um plano secundário. Desse modo, entendo que no processo de comunicação e informação mediado pelas tecnologias digitais, as pessoas estão muito preocupadas com seus interesses individuais, mergulhadas em um estado de aviltamento, ficando imersas num estado de impotência frente ao poder e fascinação da tecnologia, que chegam a perder de vista os valores que as humanizam, tornando reféns de suas próprias criações.

### 1.3 UMA PERCEPÇÃO DO TEMPO NO MUNDO TECNOLÓGICO-INDUSTRIAL

Em toda a sua estrutura existencial, os homens realizam suas atividades sob orientação de uma percepção temporal definida pelas relações que os indivíduos estabelecem entre si, entendendo-se, desse modo, que o tempo sempre foi historicamente mediado pelas dimensões relacionais das sociedades humanas. Nesse sentido, contemporaneamente, compreendemos que em nossa vida cotidiana realizamos tarefas sob estímulos de necessidades e pulsões, buscando construí-las sempre numa perspectiva de início, meio e fim, o que evidencia uma percepção do tempo atravessando as nossas vidas a partir de uma referência exterior ou interior, indicada por uma ferramenta material e instrumental ou por uma perspectiva

existencial da essência humana como nos ensinam Santo Agostinho, o qual afirma estar o tempo em nossa alma; Heidegger que defende o tempo na essência da existência humana no mundo (Dasein) em sua interioridade que é o Ser; e Gabriel Marcel que pensa com a noção de tempo aberto e tempo fechado a partir da experiência do homem no mundo.

Mas não podemos nos furtar da percepção de que os homens vivenciam muitas experiências no mundo vivido, em cujas tessituras muitos processos relacionais são construídos, provocando novas formas de interações sociais que alteram o sentido e significado do tempo em suas vidas. Nessa perspectiva, podemos entender o tempo como um lugar de transitoriedade, apesar de que muitas vezes tomamos nossos pensamentos e ações em possibilidades de eternidade, evidenciando dimensões de nossa existência no mundo sensível numa permanente busca do vir a ser (*devenir*), elucidativo de um tempo em permanente movimento, o que sugere mudanças relacionais entre os indivíduos.

#### **a) Tempo linear ou tradicional**

No processo de existência humana no mundo, o tempo tem sido uma das maiores preocupações do homem no sentido de construir um significado de sua existência, o que nos possibilita inferir que o sentido do tempo é uma condição decorrente de relações estabelecidas entre os homens em seus construtos no interior de diversas formas sociais situadas em uma dimensão temporal do mundo da vida, num parafraseio heideggeriano, em cujas formulações filosóficas, sustenta que ‘sem o homem não há compreensão do tempo’.

Alweiss (2002), ao discorrer sobre o tempo como uma categoria analítica, reporta-se ao pensamento filosófico heideggeriano que problematizou a concepção de tempo no ocidente desde a antiguidade grega, a começar por Platão, que caracteriza o tempo como uma condição em movimento vinculada às vivências relacionais do homem, em uma linearidade fragmentada em passado-presente-futuro, evidenciando que as experiências vivenciadas historicamente pelos homens não são imutáveis, um mundo onde nada é permanente.

Essa percepção está relacionada com o tempo tradicional vivido sociológica e historicamente, sendo controlado por mecanismos de regulação, geralmente associado às formas sociais de organização da humanidade, podendo ser evidenciados em calendários, relógios, acompanhamento dos astros celestes e agendas pelos quais as sociedades, especialmente industrializadas, organizam o tempo de vivências e experiências dos seres humanos. Essa noção de tempo e temporalidade está associada à ideia de progresso elucidativo da própria condição temporal de desenvolvimento humano.

A concepção de tempo tradicional ainda é muito marcante na ação de muitas pessoas, cujas atividades e comportamentos são orientados por uma temporalidade em que os acontecimentos ocorrem de forma sucessiva, na lógica de que “cada coisa tem seu tempo”. Esse olhar reflete uma noção de tempo em que as experiências humanas só ganham sentido pela memória, que é elucidativa de um tempo marcado pela linearidade da ação humana. São condições exteriores que possibilitam ao homem pensar a sua existência em uma dimensão de passado, presente e futuro.

### **b) O tempo como experiência existencial**

Devemos ter em conta que o tempo não representa apenas uma sucessão de instantes baseados na ideia de progresso, situando-se na exterioridade humana, mas, como afirma Santo Agostinho (1980), o tempo está na alma humana. Essa perspectiva agostiniana nos remete a uma noção de tempo na dimensão do sentido existencial humano, na interioridade subjetiva do homem, desvinculada da sucessão passado, presente e futuro, o que também nos remete a Heidegger, que em sua obra “ser e tempo” (1989) é tratado fenomenologicamente sobre o tempo como uma condição que está na essência humana.

Heidegger (1989) realiza uma fenomenologia hermenêutica do tempo como categoria, considerando não tratar sobre um conceito, mas de uma compreensão do tempo em uma perspectiva de finitude vinculada às experiências existenciais do Dasein, o que responsabiliza o homem pelo significado de seu próprio tempo interiorizado na essência do Ser. “Heidegger quer mostrar que o tempo encontra o seu significado no tempo - para ser mais preciso, em temporalidade originária do Dasein” (ALWEISS, 2002).

Ser e tempo em Heidegger é algo situado historicamente, evidenciando a relação com a interioridade e a exterioridade do homem. Essa evidência pode ser aproximativa quando se busca o ser que está na interioridade do ente, possibilitando uma abertura que leva ao encontro com o “eu” num determinado tempo. “A concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem”, não como em uma sucessão de instantes, mas em uma dimensão existencial. Tempo que se define como grande temporalidade, pois projeta a humanidade e o mundo para um além do contexto conhecido e representado (para além da racionalidade). Podemos aproximar essa relação com a noção de tempo em Heidegger, na medida em que para este, o homem é o ente existencial de cujo ser está ligado ao tempo, daí sua obra “Ser e tempo”, corroborando com a ideia de que tudo que compreendemos e dizemos está ligado ao tempo. Portanto, o tempo é

algo que está situado na dimensão do Dasein. Para Heidegger, a noção de tempo está situada no mundo dos sentidos, no qual se busca a essência das coisas.

Heidegger, ao invés de fixar o ente como algo vigente no presente, ele o compreende como ser no “mundo”. Esse ser, no mundo como existência (Dasein), é o ente escolhido por Heidegger para ser o primeiro interrogado na questão do Ser, cujo sentido reside na temporalidade, sendo, portanto, um ser histórico. Nessa perspectiva, o “tempo” heideggeriano representa o fio que conduz ao questionamento acerca do sentido do Ser. Desse modo, o tempo pode ser considerado como um campo de produção de sentido.

As reflexões de Gabriel Marcel (2005) sobre o tempo como experiência de relação com o mundo, foram edificadas no princípio de que o homem é um ser itinerante em razão de sua condição de inesgotabilidade existencial. Essa percepção evidencia a concepção de temporalidade que perpassa a existência humana em sua relação consigo e com o outro, percebendo-se o tempo como uma experiência humana vivenciada de forma diferente: tempo fechado e tempo aberto.

O tempo fechado é uma condição indicada pela força e sentido que representa na vida humana, como uma situação de finitude do ser marcada pela ansiedade e pelo desespero, ou o tempo aberto como uma condição de desvelamento da inesgotabilidade do Ser para a totalidade e sentimento de abertura para uma existência transcendente.

O tempo fechado é circunscrito na finitude humana na medida em que apresenta uma linearidade com etapas de início meio e fim. É uma concepção de temporalidade, na qual as pessoas estão confinadas a uma espera com referência de passado presente e futuro, o que as leva a um estado de sofrimento no presente, o que segundo o pensamento maceliano leva à perda de percepção de si e do outro em sua condição humana. Nesse caso, podemos considerar que as pessoas que vivem num tempo fechado tem sua existência temporal indicada por condições exteriores a sua realidade existencial.

Segundo Marcel, a pessoa que mergulha na esfera do tempo fechado sucumbe ao desespero e a morte, tornando-se uma condição destrutiva da vida humana, cuja rotina cotidiana é marcada pela efemeridade de prazeres passageiros que não indicam o verdadeiro sentido da vida, na medida em que é uma rotina do tempo estéril. Um homem preso pela rotina diária é um ser desesperado e indisponível, é um ser cuja vida centra em pequenos prazeres e pequenas satisfações que o ajudam a superar e esconder o desespero (URABAYEN, 2012).

Entretanto, diferentemente de Heidegger, para quem o homem é um ser para a morte, Marcel explica que o homem que vive no tempo fechado numa linearidade de início meio e

fim, está diante da morte, o que reduz a sua humanidade. Mas se o homem, como um Ser de esperança e misterioso, diante do sofrimento objetal, mesmo inconscientemente, encontra-se com a sua interioridade existencial, poderá resgatar a sua essência, promovendo uma abertura para si e para o outro, evidenciando uma nova concepção de tempo que dá sentido à sua vida. Quando vencemos a visão do tempo como um abismo que leva à morte, chega-se a uma nova visão do tempo como uma eternidade (MARCEL, 2005).

É o que Marcel define como o tempo aberto, que segundo Urabayen (2012) é marcado pela alegria e esperança, que credencia os homens a experienciarem uma sensação eternidade. Uma sensação que poderá possibilitá-los uma verdadeira experiência de vida plena, em uma perspectiva de inesgotabilidade do Ser e itinerância do homem.

O homem que vive no tempo aberto, segundo Marcel, é um ser livre. E liberdade, neste sentido representa a capacidade humana de caminhar pela dimensão misteriosa de sua própria existência como uma experiência transcendente, sem a preocupação de mensurar a existência como uma linearidade de início, meio e fim. O homem, nesse olhar, não se sente um ser para a morte na perspectiva de finitude, pelo contrário, o gozo da felicidade e vida como verdadeiras experiências humanas lhe proporcionam a sensação de eternidade.

Nessa noção de tempo aberto, segundo a filosofia marceliana, o homem vive a sua vida como uma experiência de encontro, colocando-se disponível para si e para o outro, com uma sensação de felicidade e plenitude na vida, indicando uma vida prazerosa e feliz edificada na abertura e doação de totalidade como uma experiência existencial alicerçada na percepção do outro em sua verdadeira condição humana, como nos diz Marcel, que o tempo aberto está relacionado com a liberdade e, especialmente, com a disponibilidade. Somente alguém que está disponível para o outro é capaz de viver o tempo como uma abertura ou como uma possibilidade de encontro. Esta noção de tempo aberto é a experiência do tempo que o homem tem na esperança, compromisso, fé, fidelidade e amor criativo (MARCEL, 2005).

Essa noção de temporalidade é possível ser vivida em qualquer sociedade, visto que é uma condição que está no homem e não fora dele, pois sendo uma escolha de convivência com o outro, relacionada com um permanente exercício de ética, a relação do homem com o tempo está concentrada na dimensão do Ser.

**c) O tempo virtual:** uma sensação dilacerada no “aqui e agora”

Como o homem está experienciando o tempo na sociedade tecnológica industrial da contemporaneidade?

Lançando um olhar para as pessoas que vivem no mundo da mais recente contemporaneidade, percebemos uma intensa secularização da noção do “não tenho tempo”, “tempo é dinheiro”. Muitas pessoas estão centradas em seus projetos da vida objetiva e racional, caminhando pela esfera problemática do Ter. Não conseguem tempo para si e nem para os outros, sendo suas vidas marcadas pela ininterrupta busca de desejos materiais, perdendo de vista sua existência e convivência em relação com uma ética humanizada.

Na mais recente contemporaneidade, as formas de comunicação entre os homens na sociedade sofrem profunda influência do desenvolvimento tecnológico, na medida em que a maior parte das atividades humanas, atualmente, depende da utilização de ferramentas da tecnologia moderna para a sua efetivação numa perspectiva racional-instrumental. No campo de suas relações nas diversas dimensões de sua existência, os homens fazem negócios, estabelecem relacionamentos, produzem cultura, lazer, modificam seus corpos na busca do modelo físico ideal, constroem e desenvolvem diversas formas sociais sustentadas por conteúdos relacionais como nos ensina Simmel (2006), dentre outros, evidenciando um novo paradigma de sociedade baseado numa estreita relação entre homem-tecnologia-temporalidade. Essa relação revela a emergência de uma nova temporalidade que provocou uma quebra de importância na noção do tempo linear e modificou profundamente as relações de comunicação e sociabilidade entre os indivíduos.

Com o acelerado desenvolvimento tecnológico do mundo hodierno, verifica-se uma dilaceração do tempo humano, à medida que os usuários de tecnologias, no processo de uso de mídias tecnológicas podem desenvolver simultaneamente várias atividades por meio de aplicativos disponíveis no mercado de tecnologia, evidenciando o que Kenyon (2008) caracteriza como multitarefa, que consiste na prática concomitante de duas ou mais atividades num determinado período de tempo. Essas novas condições socioprodutivas e relacionais modificam a percepção do tempo, na medida em que degradam a temporalidade cronológica e linear do relógio, que historicamente regula as atividades e relações humanas, sobretudo nas sociedades industriais.

As formas tradicionais de comunicação entre os homens sofrem uma degradação em sua temporalidade, em face de que o tempo na comunicação virtual, como sustenta Virilio (1999), atinge a velocidade da luz. As relações entre as pessoas na dimensão virtual não estão mais atreladas a uma definição de tempo e espaço. Em qualquer tempo ou lugar, as pessoas se relacionam socialmente, bastando para tanto, estarem conectadas pela internet, não



demandando mais de deslocamentos físicos com tempo e espaço pré-determinados, compreendendo-se, desse modo, que o tempo não é mais indicado pelo relógio de forma linear, mas sim pela instantaneidade das formas relacionais (KENYON, 2008).

Por meio das novas mídias tecnológicas, as relações de comunicabilidade são estabelecidas por uma acessibilidade instantânea em redes sociais na internet. As pessoas formam grupos, comunidades virtuais, pelas quais, de forma extraordinariamente rápida, comunicam-se por conexões de rede. Diferentemente das formas tradicionais de comunicabilidade, nas quais as relações ocorrem numa sucessão de instantes temporais, na comunicação virtual, essas relações estão inseridas em condição de simultaneidade e instantaneidade. Podemos aqui entender esta concepção para incluir, senão a morte de tempo linear, o desaparecimento da importância do tempo em governar nossas atividades realizadas a qualquer momento e em tempo instantâneo (KENYON, 2008).

O acesso quase incondicional à rede mundial de informação por meio de tecnologias digitais, enfatizado na perspectiva em foco, que estabelece relações de comunicabilidade entre internautas, tem experimentado avanços técnicos incontestáveis, que permitem a formação de comunidades virtuais, no seio das quais pessoas se comunicam em tempo real em dimensão global, experimentando profundas modificações na concepção de tempo das ações humanas, como indica Virilio (1999), o qual sinaliza para uma superação do tempo histórico cronológico por um tempo real e global, que explica a simultaneidade e a extraordinária velocidade de interação entre as pessoas conectadas.

A questão em foco é de extrema relevância nesta reflexão, na medida em que entendemos ser necessário chamar atenção para um repensar humano em meio ao acelerado desenvolvimento tecnológico, acerca das relações entre gerações diferentes numa perspectiva ética que possibilite a construção de processos de sociabilidade mais humanizados na contemporaneidade.

Nesse sentido, a seguir apresentamos uma reflexão sobre as percepções éticas que perpassam a relação do homem e as novas tecnologias no mundo contemporâneo.

#### 1.4 (DES) CAMINHOS DA ÉTICA HUMANA NO MUNDO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Na dinâmica das sociedades contemporâneas, uma das temáticas mais recorrentes nas pautas em debates, conferência e encontros de natureza acadêmico-científica, tem sido a

utilização de novas tecnologias e sua influência nas relações socioprodutivas da humanidade, evidenciando ferramentas tecnológicas cada vez mais sofisticadas e decisivamente influentes em todas as ações e atividades humanas. No entanto, devemos chamar atenção para o fato de que não há uma homogeneidade nos discursos referentes à forma de influência e aos efeitos que as inovações tecnológicas exercem na vida dos indivíduos.

Nesse sentido, Lemos (1998) explica que, no contexto do amplo desenvolvimento da relação homem-máquina, cada vez mais amalgamado por refinadas tecnologias, forma-se um ambiente marcado por um imaginário de “fascinação e medo”. Essa polarização em torno das novas tecnologias no mundo hodierno, provocou uma dicotomização que acirrou os debates acerca dos avanços tecnológicos e sua relação com a lógica das sociedades contemporâneas, revelando grupos que manifestam olhares diferentes para a questão em foco; com alguns, mostrando-se extremamente eufóricos e defendendo com entusiasmo as vantagens que as inovações tecnológicas proporcionam para a humanidade; por outro lado, intelectuais considerados críticos da cibercultura, empenham-se em enfatizar com certo pessimismo um lado ‘perverso’ da tecnologia na vida do homem, embora algumas vezes sem negar as conquistas para a humanidade.

Estamos hoje no fogo cruzado entre intelectuais que associam uma postura “crítica” a uma visão negativa da tecnologia (por exemplo, Virilio, Baudrillard, Shapiro) e aqueles ditos utópicos, que vêem nas novas tecnologias um enorme potencial emancipatório, fonte de criação de inteligentes coletivos, de resgate comunitário e de enriquecimento do processo de aprendizagem. (LEMOS, 1998, p. 48)

Essa reflexão remete à percepção do imaginário construído no mundo contemporâneo acerca da tecnologia e dos resultados provocados na forma dos homens se relacionarem na sociedade. Por um lado, podemos constatar a formação de grupos de intelectuais que se interessam em pesquisar a dimensão ética e social da relação homem-tecnologia, denunciando a capacidade destrutiva que a máquina pode exercer na vida humana. Por outro, existem intelectuais como Lévy, Castells dentre outros, que se empenham em evidenciar de modo muito otimista, possibilidades extraordinárias que as inovações tecnológicas podem oferecer para o homem em diversas dimensões de sua existência.

**a) Ética e as novas tecnologias:** um campo de fascinação e degradação na contemporaneidade

No quadro de intelectuais e pensadores preocupados com a questão ética e social que perpassa a experiência do homem-tecnologia no mundo contemporâneo, podemos iniciar

pelas reflexões filosóficas construídas pelo filósofo, arquiteto e urbanista francês Paul Virilio, considerado um dos mais proeminentes críticos da tecnologia moderna, apesar de reconhecer os avanços que a tecnologia tem proporcionado na dimensão material da vida humana.

Paul Virilio é um filósofo que tem construído reflexões muito perspicazes e fecundas acerca de nossa vida cotidiana, buscando pensar como nós, homens do mundo contemporâneo, que temos gerenciado nossas vidas frente ao incontestável avanço das tecnologias de informação e comunicação na contemporaneidade.

A questão principal nas reflexões de Virilio é a relação homem-tecnologia, sobretudo a modificação da noção de Tempo e velocidade, que influenciam de modo cada vez mais decisivo em todas as dimensões de nossa vida. Tem sido muito criticado por sua concepção apocalíptica acerca da influência da tecnologia em nossas vidas, mas ao observarmos de forma crítica essa questão, percebemos que suas reflexões não fogem ao que o referido filósofo diz sobre o lado perverso da tecnologia, pois muitos acontecimentos na contemporaneidade, como guerras fratricidas, ações terroristas, ações individuais pontuais contra a condição social e humana que colocam a vida em risco, tem revelado essa dimensão catastrófica da tecnologia nas sociedades atuais.

É evidente que não podemos ignorar os avanços que a tecnologia tem nos proporcionado, mas considerá-la de forma unidimensional e absoluta, vislumbrando apenas as suas possibilidades positivas, significando, entrar num estado de “cegueira ética” frente a espetacularização da imagem tecnológica, que evidencia a coisificação das relações entre as pessoas, como podemos constatar na reflexão a seguir:

ingressamos no universo da coisificação das relações mediadas pela imagem. Nesta sociedade, tudo gira em torno de um midiático descomprometido com a verdade e com a não violência. Espetáculo que cega em vez de informar e que violenta em vez de elevar, fenômeno vinculado à regressão na eticidade dos espectadores e da sociedade. (MENDONÇA, 2013a, p. 182)

Nessa perspectiva, a cegueira ética pode ser compreendida como uma consequência da entrega incondicional do homem aos efeitos da tecnologia sem nenhuma autorreflexão, apenas como forma de vivência no mundo da vida, o que provoca o ofuscamento de sua capacidade em contemplar a pureza e a sacralidade do outro, como afirma Marcel (2001) em suas reflexões filosóficas de críticas à tecnologia moderna.

As novas tecnologias interativas penetram de forma efetiva e com extrema velocidade na dinâmica das atividades humanas instituindo uma nova lógica nas relações de sociabilidade em todas as dimensões da sociedade. As mídias digitais possibilitam aos usuários de

tecnologias comprar; vender; trabalhar; estabelecer diversos modos de relacionamentos; envolver-se em programas educacionais; realizar pesquisas; entretenimentos, sem sair de sua localidade, reduzindo o tempo e encurtando as distâncias entre as pessoas, que se entregam cada vez mais aos “prazeres” do mundo virtual.

Por outro lado, essa redução do tempo e das distâncias na velocidade da luz, como enfatiza Virililio (2000), por meio das novas tecnologias, oportunizam um permanente estado de conexão entre pessoas de todas as faixas etárias, interagindo com grande velocidade no mundo virtual, extrapolando para além do mundo real, onde se perde a relação face a face, destruindo a força do olhar humano, dificultando a construção de relações éticas alicerçadas em valores que nos humanizam, que são bastante elucidadas pela filosofia buberiana, como o diálogo, a escuta, a alteridade e a solidariedade, condições fundamentais para o estabelecimento de relações humanizadas entre as pessoas.

Nessa perspectiva de análise da comunicação mediada por suportes materiais digitais, Marcondes Filho (2012, p. 25) comenta que “a técnica tenta matar o rosto, no sentido levinasiano”, segundo o qual “o ato de olhar é como um tiro a queima roupa”. Desse modo, as palavras e gestos que são ditos pelo olhar desaparecem e degradam a condição humana dos internautas. O que se estabelece é uma comunicação virtual entre sujeitos cultuadores da “polegarzinha” na linguagem de Serres (2013), muitas vezes transformados em cyborg<sup>12</sup>, confundindo-se com personagens cibernéticos, perdendo de vista, mesmo que por alguns momentos a finitude e dimensão espiritual da condição humana, sendo suas ações em relação ao outro, orientadas pelo domínio e impulsos da tecnologia.

En este proceso, la interactividad es a la información lo que la radiactividad es a la energía, es decir, una potencia colosal y amenazadora de consecuencias múltiples. Al mismo tiempo que la interactividad nos acerca a lo lejano, nos aleja de lo próximo, del amigo, del pariente, del vecino, y los transforma en extraños. Una nueva tecnología del control nos confina a una inercia domiciliaria, a un sedentarismo terminal y definitivo. Un proyecto que aspira a la creación de un hombre *válido*, sobreequipado de prótesis interactivas, cuyo modelo es el *inválido*, equipado para desplazarse en su entorno. (VIRILIO, 2001, p. 7)

Essa reflexão evidencia a eliminação do dizer pelo olhar, na relação comunicacional que se estabelece sob mediação da tecnologia. As sensações experimentadas no jogo de relações construídas eletronicamente pelo processo de conexão virtual, não evidenciam os

---

<sup>12</sup> Um ser humano que tem certos processos fisiológicos auxiliados ou controladas por dispositivos mecânicos ou eletrônicos.

sentimentos expressos no olhar humano, degradando a relação com o outro, que é visto apenas como uma fantasia cibernética inserida numa relação “eu-isso” no sentido buberiano. “No relacionamento Eu-Isso, o Outro não é encontrado como Outro em sua alteridade” (BUBER, 2001, p. LII)

Ao analisar essa relação do homem com a tecnologia, Paul Virilio (1994) trabalha com a noção de acidente como o acontecimento negativo na essência do homem no contexto da realidade virtual. Em entrevista concedida à Louise Wilson da revista CTheory em 1994, Virilio defende a tese de que a virtualização do real implica na destruição da realidade concreta, provocando a virtualização e a degradação da essência humana. Na relação virtual engendrada pela tecnologia, o homem não perde a sua forma física, ou seja, a condição de matéria, mas perde a essência que o humaniza, isto é, a capacidade de se autocompreender e compreender o Outro numa dimensão de interioridade humana, experimentando um processo de desrealização. Este é o acidente. Considera o Ciberespaço como uma luz-show elucidativa do mundo virtual onde ocorre o acidente. Assim, o acidente está na dimensão da virtualidade, não na matéria do real. Desse modo, podemos compreender o acidente no processo de “desrealização”, fenômeno que Virilio caracteriza como a substituição do real pelo virtual.

Nesse viés interpretativo, o autor remete à constatação de que cada tecnologia programa um acidente específico, ilustrando essa afirmação na catástrofe ferroviária, o descarrilamento da locomotiva, o naufrágio da navegação a vapor, e nas tecnologias digitais de informação e comunicação, evidencia uma desrealização no mundo virtual, onde o homem tem seus valores dissipados pelas possibilidades inimagináveis de interatividade no ciberespaço em articulação a um tempo e velocidade extraordinários. As pessoas, sob mediação das mídias tecnológicas, estabelecem relações ubíquas e, progressivamente, sofrem mudanças em suas condições existenciais, quando de forma consciente ou não vão se distanciando de suas condições reais de existência e ingressando numa realidade virtual, na qual sofrem o acidente que é uma quebra de realidade existencial de repercussão negativa que o domínio tecnológico impõe ao homem nesse mundo virtual.

Diferentemente de Lévy, cuja tese afirma que o virtual é uma atualização do real, Virilio (1994) defende a teoria de que as inovações tecnológicas produzem a formação de duas dimensões distintas nas relações do homem com a máquina: um mundo real e outro virtual. É na dimensão do virtual que ocorre o acidente, condição fulcral para a destruição do real. As relações de sociabilidade se distanciam da intimidade da essência humana quando ocorrem na dimensão da virtualidade.

As novas tecnologias possibilitam a transformação da noção de espaço e tempo, na medida em que em tempo real e ubíquo evidenciam a transformação do acontecimento de uma dimensão local para uma global. Em processo de permanente interconexão mundial por meio da internet, os usuários de tecnologias estão em todo lugar simultaneamente realizando troca de informação instantânea em redes sociais, mediadas por suportes tecnologias digitais, evidenciando a superação da necessidade de um local e tempo específicos para estabelecerem relações de comunicabilidade.

Nessa perspectiva, o homem, mergulhado nas tessituras do mundo virtual sob mediação de tecnologias digitais, perde a sua referência de orientação com o mundo real, assumindo a condição de um “avatar”<sup>13</sup>, cujo direcionamento lhe é dado por ferramentas tecnológicas do mundo virtual. Essa análise da relação do homem com a tecnologia nos possibilita compreender o comportamento de medo e fascinação que afeta a humanidade mediante as extraordinárias possibilidades do ciberespaço. O referido teórico afirma que isto é, tudo ao mesmo tempo, um fantástico, muito assustador e um mundo extraordinário.

A velocidade e a universalidade que caracteriza o acontecimento no mundo virtual, decorre do progresso tecnológico no âmbito das comunicações. As formas de sociabilidade experimentam um processo de uniformização no seu modo de estabelecimento, possibilitando aos internautas uma relação desterritorializada, visto que, na realidade virtual, vivenciam processos de interação social em tempo real e global. Em contrapartida, essa uniformização, apresenta um paradoxo, como sinaliza Marcel (2001) ao afirmar que longe de conduzir os homens para uma relação universal, parece conduzi-los cada vez mais para um exacerbado particularismo e lançá-los em um ambiente de estranheza uns com os outros.

Essa instantaneidade das novas condições relacionais e comunicacionais eliminam as distâncias proporcionando relações interativas que tornam as pessoas tão próximas e tão distantes simultaneamente, que a presença física perde o seu sentido e significado. Todas as tessituras dessas relações são construídas no mundo virtual, onde as possibilidades relacionais se mostram ilimitadas, mas destituídas, da necessidade física e emocional da presentificação humana numa dimensão face a face, perdendo-se a mágica humana, entrando num estado de “desencantamento do mundo”. (WEBER, 2014)

No mundo atual, as tecnologias digitais têm provocado uma verdadeira revolução no campo da informação e comunicação e, conseqüentemente, no comportamento das pessoas.

---

<sup>13</sup> Representação pictórica de si mesmo que o internauta usa em ambientes virtuais. é a encarnação do espírito do planeta na forma humana. Há somente um Avatar e cada vez que um Avatar morre ele renasce na nação seguinte.

Sob intenso deslumbramento, com as possibilidades de interatividade e comunicação instantânea, oportunizadas pelas mídias digitais e pela internet, pessoas de todas as faixas etárias se entregam, numa atitude de completa euforia às “vantagens” oferecidas pela tecnologia, sobretudo nas redes sociais (*Twitter, WhatsApp; Instagram; Facebook, LinkedIn e outras*), postando e colocando em circulação pela internet, um volume incomensurável de informações na forma de imagem, som e texto, numa velocidade e tempo real extraordinário, que estão para além da noção de tempo cronológico e histórico.

Virilio (2000) explica que, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, configurou-se uma nova concepção de tempo para além do tempo historicamente clássico e local. O homem vivencia suas relações em tempo global e real, oportunizado pelas relações de interatividade instantâneas, inaugurando o que chamou de “gênero da velocidade da luz” (p. 60), caracterizado pela aceleração de todas as dimensões da vida real que são substituídas por uma realidade virtual que modifica profunda e radicalmente a duração das coisas e da vida.

Constitui-se em uma nova concepção de tempo-espço, marcada pela velocidade da luz e pela destruição dos laços de territorialidade entre as pessoas e, por conseguinte, essa nova visão de mundo elimina a dimensão histórica, geográfica e cultural do homem, na medida em que, no brilho das lentes da “estética do desaparecimento” pensada e formulada por Virilio entendemos que o homem é eliminado de suas condições reais de existência, as quais a noção de passado e futuro desaparece, surgindo um novo tempo universal sem território, sem história e sem diversidade cultural. “A perda da história significa que a imediaticidade do presente tem primazia sobre o passado e sobre o futuro. Encontra-se aqui a importância das transmissões e do poder dos media. A história só se faz no presente” (VIRILIO, 2000, p. 61).

Isso representa um perigo para a existência do homem em sua humanidade, visto que, assim como sua cultura historicamente construída em múltiplas experiências de sociabilidade são suprimidas pela imediaticidade tecnológica, os valores que nos humanizam também são prensados nessa máquina destrutiva da presentificação da vida no sentido da não existência de passado e futuro.

Esse novo contexto existencial da humanidade sinaliza para um estilo de vida baseado no princípio do “aqui e agora”, desprezando as experiências éticas e sociais humanas construídas historicamente e que orientam o caminhar de gerações futuras. Com isso prenuncia-se a formação de uma sociedade de “avatares”, cujos processos de sociabilidade tornam-se mediados pela frieza de relações estabelecidas num campo virtual, no qual as experiências vivenciadas podem provocar uma desrealização humana, suprimindo valores

como o diálogo, solidariedade, alteridade e outros que nos dão identidade e humanização, descambando para o “acidente” viriliano ou para o que Santaella (2007) denominou de “pós-humano” e, algumas vezes, para um estado de violência tão incisivo, que coloca em risco a própria vida.

Santaella (2007) levanta preocupações acerca de questões sobre a percepção da fronteira entre humanidade, tecnologia, subjetividade-identidade e tecnologia, em cujo terreno de discussões surgiram denominações para identificar o homem do mundo virtual, como o pós-humano que, com o passar do tempo, ganhou legitimidade intelectual nos espaços de debates sobre tecnologia, cibercultura e ciberespaço, evidenciando essa condição como uma fusão híbrida de homem-máquina que se estende para além do mundo real, atingindo uma dimensão virtual; considerando que

a condição pós-humana diz respeito à natureza da virtualidade, genética, vida inorgânica, ciborgues, inteligência distribuída, incorporando biologia, engenharia e sistemas de informação. Por isso mesmo, os significados mais evidentes, que são costumeiramente associados à expressão “pós-humano”, unem-se às inquietações acerca do destino biônico do corpo humano. (SANTAELLA, 2007, p. 129)

Essa reflexão reforça o pensamento viriliano, na medida em que entra no debate sobre a imersão do homem no mundo virtual, questionando as mudanças que ocorrem nas relações estabelecidas no campo da experiência virtual provocada pela interface homem-máquina.

Nesta “nova era”, marcada intensamente pela influência incontestável das tecnologias digitais na vida humana, percebemos cotidianamente, sobretudo por meio das novas tecnologias de informação e comunicação, a divulgação de novas conquistas realizadas pelo homem em articulação com as tecnologias modernas, nos campos da engenharia genética, da biotecnologia e outras dimensões da humanidade, que invadem o corpo e a mente humana provocando mudanças profundamente impactantes nas condições existenciais do homem.

Nessa perspectiva, temos convivido com experiências e informações cada vez mais intensas acerca de cirurgias plásticas, transplantes de órgãos, mudanças genéticas, prótese que substituem ou auxiliam membros do corpo, formação de corpos e condicionamentos físicos ideais, que proclamam a emergência de um homem cada vez mais tecnologizado e adaptado ao mundo, que Santaella denominou de Pós-Humano. “Para me referir à atual necessidade de repensamento do humano na pluralidade de suas dimensões – molecular, corporal, psíquica, social, antropológica, filosófica, etc. – utilizo o termo “pós-humano”. (SANTAELLA, 2007, p. 136)



Devemos enfatizar que a autora, ao utilizar o vocábulo pós-humano, não se refere exclusivamente a tecnologização do homem, mas também às implicações antropológicas e filosóficas que perpassam as relações éticas e sociais imbricadas nessa nova interface homem-máquina, elucidativa de um distanciamento do homem em relação aos valores que nos tornam verdadeiramente “humanos”, no sentido clássico da palavra. As reflexões da autora apontam para uma necessidade urgente de repensar esse novo homem e sua relação com a tecnologia, mas numa perspectiva mais humanizada.

Essa questão ética que perpassa as experiências vivenciadas pelo homem em sua relação com a tecnologia, e implica numa grande preocupação com as dimensões da existência humana no mundo, foi objeto de preocupação nas reflexões filosóficas de Gabriel Marcel, filósofo e dramaturgo francês, considerado um dos mais perspicazes críticos da técnica no mundo moderno, cujas reflexões também nos possibilitam a construção de novos olhares para as relações que o homem estabelece com as novas tecnologias no mundo contemporâneo, na busca de compreensão da dimensão ética e social que orienta os processos de sociabilidade e a construção de subjetividades e intersubjetividades nas sociedades atuais.

Em suas reflexões filosóficas acerca das condições existenciais do homem no mundo, Marcel (2001) fala das técnicas de aviltamento como procedimentos de violência praticadas por carrascos alemães em campos de concentração, sobretudo contra judeus no período da segunda guerra mundial. As técnicas de aviltamento são caracterizadas pelo autor como ações que objetivavam degradar a condição humana dos povos dominados, destruindo sua autoestima, a crença em uma vida melhor, o sentimento de solidariedade e de esperança, perdendo de vista sua própria essência de humanidade no sentido de desacreditarem na sua própria capacidade de viver bem consigo mesmo e com o outro, sendo levados a um mergulho num ‘pântano’ humilhante marcado pela impotência, egoísmo e o sofrimento que os impedem de vivenciar experiências existenciais humanizadas.

Na sociedade tecnológica industrial, esse cenário construído pela relação homem-máquina, concebemos como um processo de racionalização instrumental das relações entre indivíduos, mediado pela tecnologia, que provoca uma condição de estar no mundo, ao que Marcel (2001) denomina de “aviltamento”.

Em sentido restrito, entendo por técnica de aviltamento processos intencionais para atacar e destruir em indivíduos de categoria determinada o respeito de si mesmos, transformando-os pouco a pouco em resíduos que se considera tal e só pode desesperar não só intelectualmente, mas até vitalmente, de si próprio. (MARCEL, 2001, p. 89)

Na perspectiva da relação homem-tecnologia na contemporaneidade, essa reflexão remete o olhar para um internauta que perde de vista a dimensão de valores de humanização, como alteridade, diálogo, sensibilidade, o olhar com sua expressividade, na relação com o outro, na medida em que este passa a ser visto apenas como uma fantasia cibernética. Desse modo, sua condição humana está aviltada, o que o condiciona a ter sua ação totalmente orientada pela frieza da tecnologia, numa perspectiva de celebração destrutiva físico-psíquica de si e do outro.

O autor evidencia preocupações sobre essa questão, que podem nos auxiliar na análise da amplitude que a técnica do aviltamento tem alcançado no mundo atual. Nesse sentido, levanta reflexões sobre o papel que a propaganda exerce como estratégia de manipulação de opiniões e consciências, que destrói a capacidade de imaginação e reflexão do homem acerca de suas próprias condições existenciais.

No contexto da relação homem-tecnologia, a profusão de informações propagandísticas sobre as possíveis vantagens dos avanços tecnológicos, provoca uma mobilização intensa de pessoas, atraídas pelas possibilidades do mundo virtual, evidenciando um verdadeiro fetiche em torno das mídias tecnológicas. As ações humanas, no mundo atual são sustentadas pelo poder de interação e comunicação que as novas tecnologias oferecem, condicionando a construção de praticamente todos os processos de sociabilidade entre as pessoas ao uso das novas ferramentas digitais de informação e comunicação.

Devemos lembrar, no entanto, de que o autor não é um apologista do regresso humano ao estágio pré-científico, assumindo o papel de um arauto da destruição do “progresso” e volta às sociedades primitivas, mas trabalha com a tese de que deve haver um equilíbrio na relação entre a técnica e a ação do homem, buscando-se um ponto de convergência entre ambas mediadas pela percepção humana sobre a essência técnica, como podemos perceber também em Heidegger (2007), quando analisa a questão da técnica, argumentando que o importante é buscar a essência dessa relação. No entanto, se o ponto de equilíbrio é exterior ao próprio homem e não decorrente de sua essência, o homem começa a perder de vista os parâmetros de sua humanidade indicados pela relação com o outro, entrando em estado de aviltamento, caracterizado como um “processo voltado à construção de padrões de comportamento social assentados na frieza, na despersonalização, na inumanidade e que envolverá todas as esferas da vida do homem atual” (MENDONÇA, 2013 a, p. 184).

Nessa perspectiva, a construção de um mundo cada vez mais mergulhado em relações dominadas pela tecnologia, a técnica, segundo Marcel (2001), é mostrada incondicionalmente como um meio de conforto e conquista da felicidade, na medida em que é considerada uma

demonstração clara da incontestável superioridade humana sobre a natureza, cuja capacidade inventiva do homem a transforma, visando o seu bem estar no sentido de se apropriar de técnicas que o credenciam à produção de mercadorias e artefatos nas áreas da saúde, educação, lazer, alimentação, moradia, entretenimentos, sexo, relacionamentos e outros aspectos que amalgamam o tecido de suas relações cotidianas.

É evidente, como afirma o autor, que a técnica em si mesma não é algo nocivo à humanidade, mas na medida em que é utilizada de modo insensato, passando a dominar as ações humanas e o próprio homem, que passa a ver na tecnologia a eficácia e eficiência de todas as suas conquistas, pode se distanciar dos valores que orientam a sua consciência e suas relações se tornarem exclusivamente instrumentais em relação ao outro, abrindo precedentes para a formação de um ambiente de barbárie sustentado pela violência.

Essa dimensão que a relação homem-tecnologia pode atingir é caracterizada como uma das facetas que Marcel (2001) denomina de envilecimento humano, quando, de forma inconsciente ou não, os progressos tecnológicos levam o homem a um estado de inflexão diante da técnica, a perder de vista a sua própria essência, sem que se aperceba disso, que é o objetivo principal das técnicas de aviltamento elucidadas pelo pensamento marceliano.

Desse modo, nos tempos hodiernos, o discurso construído e disseminado em torno do uso das tecnologias digitais, na perspectiva da existência humana, pode afetar profundamente muitas pessoas na sua consciência e liberdade de tomar decisões, modo de agir e fazer escolhas, ao ponto de provocar uma introjecção de impotência frente a um quadro de dependência e degradação, que colocam o homem em uma situação de total escravização e dominação sob hegemonia do progresso tecnológico, obscurecendo, assim, qualquer possibilidade de reação do homem, em razão das técnicas que o engendraram nesse estado de aviltamento da condição humana, levando o homem a um estado de “cegueira ética”.

Ao analisar a vida e as condições existências do homem no mundo no contexto da guerra, Marcel (2001) desenvolveu os conceitos de Técnica e Pecado, caracterizados como experiências vivenciadas nas relações entre a técnica e sua capacidade destrutiva sobre o homem, argumentando que a manipulação da tecnologia bélica implica no pseudo triunfo militar de um povo sobre o outro evidenciando disputas de poder entre nações. Ressalta-se que a noção de pecado apresentada pelo autor deve ser entendida num sentido filosófico e não teológico. Porém, o mais grave nesse contexto são as sequelas que atingem a humanidade, que sofre sumariamente, com a morte de grandes contingentes populacionais, elucidando a técnica que Virilio, comungando com Marcel, denominou de a “estética do desaparecimento”, marcada pela eliminação do outro por meio do controle e domínio da tecnologia, na

perspectiva da destruição. Nesse olhar, a guerra é a própria manifestação do pecado, na medida em que representa, de certo modo, uma espécie de reação da criação contra o criador, ou seja, da máquina contra o homem, cuja existência é colocada em risco pela ação destrutiva da tecnologia, lembrando a ação do “homem contra os homens”, problematizada por Marcel.

Temos de reconhecer que a guerra é cada vez mais obra de técnicos; apresenta o duplo caráter de aniquilar populações inteiras sem distinção de idade nem sexo e de ser cada vez mais conduzida por um pequeno grupo de homens poderosamente apercebidos, que dirigem as operações do fundo de um laboratório. Assim, por uma conjunção, fortuita ou não mas certa, a sorte da guerra e toda técnica estão indissolivelmente ligadas; pode afirmar-se que no nosso tempo, tudo quanto reforça a segunda tende a tornar mais destrutiva a primeira e a orientá-la inexoravelmente para o que no limite seria o suicídio da espécie humana. (MARCEL, 2001, p. 73)

Essa analogia entre a guerra como a representação do pecado e a técnica como ferramenta da ação pecadora, como podemos observar na análise do autor, poderá levar ao desaparecimento da espécie humana pela sua própria criatividade científica. No entanto, não podemos demonizar a tecnologia, na medida em que o próprio autor nos chama atenção para o fato de que a técnica em si não é uma manifestação do mal, pelo contrário, quando utilizada de forma sensata, proporciona vantagens extraordinárias para a humanidade.

Por outro lado, quando fazemos uma analogia desse pensamento de Marcel com as relações cotidianas mais hodiernas, tendo como foco as interações que pessoas de todas as faixas etárias estabelecem com as novas tecnologias de informação e comunicação, não podemos ser indiferentes às conquistas obtidas nas diversas dimensões das sociedades humanas contemporâneas, possibilitando inclusive um prolongamento da vida. Porém, é fato que a intensa disputa pelo poder e pela perspectiva do Ter, muitas pessoas utilizam de forma insensata as novas tecnologias digitais, transformando as mídias tecnológicas em poderosas armas de destruição material e espiritual do homem, reforçando a ideia da técnica como agente do pecado no sentido marceliano.

Indiscutivelmente, os avanços tecnológicos no mundo contemporâneo têm proporcionado saltos quanti-qualitativos fantásticos para a humanidade, destacando descobertas de técnicas de intervenção e drogas medicamentosas na área da medicina, que tem possibilitado o enfrentamento de algumas patologias, de forma mais efetiva; perspectiva de busca do corpo ideal com intervenções que modificam a anatomia inicial em busca de outra desejável; processos de interatividade por meio de tecnologias que garantem a instantaneidade das comunicações e relações de sociabilidade, dentre outros. Portanto, seria

extremamente pueril desenvolver uma militância incondicional contra os avanços tecnológicos, pois uma atitude dessa natureza seria fazer uma apologia da vida primitiva.

Todavia, considerando que muitas pessoas utilizam as novas tecnologias de forma insensata, sem a percepção do outro, podemos perceber o mal, que é o pecado caracterizado por Marcel, exercendo sua ação destrutiva sobre o homem. Nesse contexto, o referido filósofo mostra-se profético, na medida em que chama atenção para o cuidado que o homem deve ter quanto ao uso das novas tecnologias de comunicação no processo de construção de relações de sociabilidade com o outro, evidenciando que o seu mau uso, tomando em conta apenas a exterioridade técnica, pode levar à destruição da essência humana, justificando o que denomina de pecado provocado pelo uso insensato da técnica.

Essa preocupação com os efeitos nocivos da técnica, evidenciada pelo autor numa projeção de futuro, pode ser evidenciada no mundo atual na pseudoliberalidade que muitos usuários de tecnologia arrogam-se possuir para colocar em rede mundial pela internet textos em forma de imagens, sons e mensagens escritas, de cunho profundamente agressivo ao outro, provocando ofensas que têm gerado profundos sentimentos de angústia e sofrimento em outras pessoas, as quais muitas vezes entram num estado de dilaceração interior perdendo o próprio sentido da vida. Essa reflexão evidencia um estado de desorientação humana em relação a sua própria consciência, revelando um homem em “agonia” que Marcel definiu como um cenário onde o homem está “perante a possibilidade de destruição completa de si mesmo, existentes nele, desde que faça mau uso, uso ímpio de suas capacidades”. (MARCEL, 2001, p. 16)

Com base no pensamento marceliano, para compreendermos esse estado de agonia humana, chamamos atenção nesta análise para a concepção de liberdade que está imbricada nas experiências relacionais mediadas pela tecnologia. Nessa perspectiva, o mau uso das tecnologias revela uma noção de liberdade caracterizada pela suposta “independência” pela qual o homem se arroga no direito de construir e desconstruir, ir e vir. Aí é que está o perigo para a condição humana, pois o agir orientado por princípios materialistas e positivistas, sem uma relação de coerência com a sua consciência, coisifica e leva o homem a suprimir a sua própria essência humana, perdendo-se de vista o aspecto ético das relações de sociabilidade vivenciadas na realidade virtual. “Uma concepção materialista consequente é incompatível, com a ideia de homem livre, ou mais exatamente, em sociedade governada por tais princípios, a liberdade volve-se no seu contrário, já não é senão a mais enganadora das tabuletas”. (MARCEL, 2001, p. 21)

Marcel defende a tese de que um homem para ser verdadeiramente livre não pode ficar preso aos elementos da exterioridade de seu Ser, argumentando que o exercício da efetiva e verdadeira liberdade humana está na ligação com o seu transcendente, ou seja, na capacidade do homem agir de acordo com a sua interioridade e consciência de seus atos.

Nesse movimento de ligação com a sua interioridade e a exterioridade, segundo o autor em foco, as relações cotidianas do homem perpassam por duas dimensões: o Problema e o Mistério, que estão imbricados nos processos de sociabilidade construídos na relação do homem com a técnica, evidenciados na busca de coisas desejáveis ou na compreensão do inapreensível, justificando o pensamento marceliano de que “todas as técnicas são relativas ao homem, enquanto movido pelo desejo e pelo medo” (MARCEL, 2001, p. 80).

O Problema é algo que se coloca diante de do homem e exige uma resolução técnica, sinalizando para uma relação alicerçada na racionalidade instrumental que podemos perceber também na dimensão Eu-Isso, alicerçada na racionalidade humana do pensamento buberiano. Nesse sentido, a busca de solução para as questões e interesses postos diante do homem estão relacionados à sua exterioridade e experiências existenciais distanciadas de sua transcendência, marcada pela perda da dimensão da pureza e da sacralidade em relação ao outro.

Essa perspectiva nos remete à construção de reflexões acerca da relação homem-tecnologia no mundo contemporâneo, na medida em que a deificação das tecnologias tem levado o homem a estabelecer uma relação coisificada e objetivada com o outro, considerando as novas tecnologias como a solução para todas as questões referentes aos seus desejos e necessidades, eliminando os valores éticos que podem orientar uma relação humanizada entre os indivíduos.

No mundo atual, as novas tecnologias têm sido colocadas como espécies de ícones, constituídos em objetos de reverência e idolatria, capazes de resolver todos os assuntos referentes aos interesses humanos. Isso evidencia o Problema elucidado pelo pensamento marceliano, na medida em que mobiliza elementos da exterioridade humana na busca de alcançar objetivos desejáveis.

Evidentemente que não podemos desprezar os avanços tecnológicos na mediação de nossas relações cotidianas. Mas, sob impulso do mau uso das mídias tecnológicas, o homem do mundo atual perde de vista os valores que nos humanizam, provocando a dilaceração do humano no contexto das experiências mediadas pela técnica.

É nas tessituras da experiência humana, na dimensão do reconhecimento da transcendência que, segundo Marcel (2001), está o inapreensível, que é o Mistério. Conforme

essa perspectiva o Mistério “está em mim”, na interioridade humana, ou seja, é o Ser. Desse modo o reconhecimento do Mistério, só é possível quando o homem se volta para a sua essência através de experiências orientadas para a interioridade humana. É um campo permeado por realidades que o homem não pode explicar de modo racional, como a vida, a morte, o amor, a liberdade, espiritualidade, o mal e o bem etc., considerados como Mistérios do Ser, que está no próprio homem, na sua essência, por isso o Mistério pode ser considerado uma experiência existencial marcada pelo recolhimento do homem para si mesmo, voltando-se para a sua interioridade.

Essas reflexões de Marcel são bastante atuais, na medida em que podem ser visualizadas no campo das relações que o homem tem construído com as tecnologias modernas. O caráter racional e instrumental que orienta o uso das novas tecnologias no mundo atual, sobretudo quando do mau uso das mídias tecnológicas, tem obscurecido no homem a dimensão do Mistério, tornando-o cada vez mais materialista e incapaz de reconhecer na sua transcendência a pureza e sacralidade do outro, construindo desse modo, relações coisificadas com o outro sob mediação das tecnologias, distanciando-o da possibilidade de autoconhecimento e reconhecimento do outro numa dimensão do Eu-Tu, como se manifesta no pensamento buberiano. Essa perda de contato com o transcendente, “Oblitera e apaga no homem o mundo de mistério, que é simultaneamente o da presença e da esperança [...] o aperfeiçoamento da técnica contribui para tornar o homem cada vez mais terrestre” (MARCEL, 2001, p. 83).

No âmbito da contemporaneidade, profundamente marcado pela relação homem-máquina, o pensamento marceliano, que chega a ser profético, indica essa perda de vista da contemplação da pureza do outro, que pode ser evidenciada atualmente no comportamento de muitos usuários de mídias digitais, cujas relações comunicacionais assumiram um formato predominantemente virtual, que prescinde da presença física real.

Nesse sentido, Mendonça (2013a), quando problematiza a televisão como um agente tecnológico, que provoca uma “cegueira ética” nos indivíduos, remete-nos à percepção dessa cegueira nas próprias relações intersubjetivas mediadas por tecnologias digitais, que evidenciam muitas vezes, uma profunda estranheza, fugacidade e desumanização nas relações entre pessoas interligadas por mídias digitais, revelando um cenário de isolamento e enfraquecimento dos laços de sociabilidade humana.

As nossas próprias relações cotidianas evidenciam que os avanços tecnológicos reduzem as distâncias e possibilitam relações de interatividade em tempo real, estabelecendo variadas formas de comunicação instantâneas, o que implica em prescindir da presença do

outro em horário e local específicos, gerando, segundo Virilio, uma relação de proximidade tão precisa, mas também tão distante, que chega a tornar as pessoas próximas, estranhas entre si, visto que mergulham num estado de isolamento real, destruindo a noção da presença, do diálogo e da reciprocidade no sentido buberiano<sup>14</sup>.

No campo da realidade virtual, as pessoas não se relacionam mais presencialmente, perdem a dimensão do encontro face a face e do olhar, dilacerando valores importantes da humanização do homem, como o diálogo, a presença e a esperança, indicados por Marcel como elementos importantes para a experiência de relações existenciais baseadas na contemplação da pureza do outro.

Ressaltamos que, na atualidade, tem se tornado comum nas mídias de comunicação a veiculação de imagens em vídeos e fotos, mensagens de texto e sons, elucidativos de ações profundamente agressivas e ofensivas ao outro, cujas vítimas, na maioria das vezes, entram em estado de depressão, sendo levadas em alguns casos à prática do suicídio, revelando a reificação da relação entre as pessoas, restringindo-se a dimensão de sujeito-objeto, ou ações de violência mediadas por tecnologias que resultam na morte de muitas pessoas em ações individuais ou coletivas, sobretudo em guerras e ações terroristas, possibilitando a emergência de valores que dilaceram o humano, remetendo-nos à percepção do mal como Mistério no sentido marceliano.

Desse modo, a filosofia de Marcel nos remete à percepção de que um mundo dominado pela técnica e pelo espírito de abstração, no qual o homem fascinado pelas possibilidades materiais de sua própria inventividade, perde a consciência de suas ações coisificando sua relação com o outro, poderá destruir definitivamente a sua humanidade.

No âmbito desse debate, Heidegger como filósofo contemporâneo de Marcel, foi um dos pensadores do século XX que também manifestou em suas reflexões filosóficas grande preocupação com a questão da técnica e a existência do homem no mundo. Afirmava Heidegger (2007) que o homem da contemporaneidade está reduzido à condição de “homem científico”, como um ser dominado pela racionalidade instrumental, situado na dimensão que Marcel (2001) chamou de “Problema”, sempre preocupado e acreditando ser capaz de dar uma explicação técnica para todas as suas inquietações, evidenciando a hegemonia da tecnologia sobre a humanidade.

É essa hegemonia da razão técnica sobre o homem que passa a se constituir em preocupação e objeto de crítica por parte de Heidegger em seus escritos filosóficos sobre a

---

<sup>14</sup> Ver obra BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: editora perspectiva S/A, 1982.



questão da técnica. Segundo o referido pensador alemão, o homem perde de vista a sua essência, visto que a crença inabalável na técnica obscurece a sua capacidade de volver-se para o seu Ser, situado na sua interioridade, caindo de forma consciente ou não sob controle de sua própria inventividade científica. O homem vive sempre no receio de que a técnica lhe fuja do controle, o que mostra que ele não é o senhor da técnica, pois caso o fosse, poderia ter sobre ela domínio (HEIDEGGER, 2007).

A essência da técnica em Heidegger, quando analisada no âmbito do mundo atual, deve ser entendida não apenas como as ferramentas tecnológicas da modernidade, mas sim a experiência vivenciada na relação estabelecida entre o homem e a máquina, que tem provocado debates filosóficos bastante profícuos sobre o seu significado para a organização das sociedades contemporâneas e para a própria existência do homem como Ser no mundo.

Heidegger nos chama atenção para o perigo que a técnica pode representar para a humanidade se for tomada como um fim em si mesmo, capaz de dominar todas as ações humanas. Explica que devemos pensar a técnica na sua essência, sem se deixar controlar pelas suas possibilidades, mas sem que o homem exerça o controle sobre a técnica, como podemos constatar na reflexão a seguir:

[...] com a dominação absoluta da técnica moderna cresce o poder – tanto a exigência como a eficácia da língua técnica adaptada para cobrir a latitude de informações mais vasta possível. É porque se desenvolve em sistemas de mensagens e de sinalizações formais que a língua técnica é a agressão mais violenta e mais perigosa contra o caráter próprio da língua, o dizer como mostrar e fazer aparecer o presente e o ausente, a realidade no sentido mais lato [...] (HEIDEGGER, 1999, p.37).

Essa é a grande preocupação de Heidegger, da qual também somos aderentes no mundo contemporâneo, visto que o tipo de relação que o homem estabelece com as tecnologias modernas, evidenciam uma espécie de desrealização humana, como afirma Baudrillard (1991), alienando o homem, não no sentido marxista, mas na perspectiva de uma própria inconsciência quanto a sua relação com a máquina e consigo mesmo. Milhares de pessoas no mundo atual, praticam uma atitude de genuflexão diante das inovações tecnológicas, que obscurece a sua própria consciência e engessa a capacidade humana de refletir sobre a essência que perpassa essa relação, corroborando com a afirmação de que

“O maior perigo, portanto, está em não poder ver e assim não poder dar-se conta da essência que governa o mundo técnico, e que não é nada técnico. Não se dando conta disso o homem se acha senhor e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, teme que a técnica lhe fuja do controle.” (CORDEIRO, 2014, p. 168)

Remetendo essa reflexão para a contemporaneidade, percebemos que a cotidianidade humana hoje, evidencia que o não acesso a uma ferramenta tecnológica para desenvolver uma ação em qualquer dimensão da vida pessoal ou profissional, gera um estado de desorientação que revela a incapacidade humana de exercer o autocontrole e acreditar em suas potencialidades. A simples ausência de sinal da internet ou a não posse de uma mídia digital pode gerar a exclusão de uma pessoa por muito tempo, e até levá-la a um estado de *stress* elevado ou prejuízos socioeconômicos, em vista de que a maior parte das atividades humanas está organizada a partir das possibilidades materiais disponibilizadas pelas inovações tecnológicas.

É essa racionalidade instrumental que Heidegger denuncia, considerando uma ameaça à existência da espécie humana, na medida em que o homem perde o controle sobre sua própria criação, mergulhando numa situação de inautenticidade. Nesse sentido, Prado (2011) argumenta que o homem é um ser de múltiplas relações com outros homens e com a natureza, cujos processos de sociabilidade são construídos numa perspectiva de interatividade orientada por princípios éticos humanizadores. Quando essa interatividade desaparece, o homem perde o controle sobre si mesmo, sendo inserido em uma relação de dominação. É o que temos percebido na visível dependência em que o homem está mergulhado pelas ferramentas tecnológicas em seus processos comunicacionais e relacionais na atualidade.

O mundo do cotidiano sempre foi o nosso mundo. A técnica e, com ela, a mediação da realidade, o banalizam, o quotidianizam, ainda mais. A Comunicação, enquanto fenômeno da linguagem, pode até abrir clareiras para o Ser recuperar sua autenticidade, mas, em geral, se deixa levar pela tentação fácil da repetição vazia da fala. (CASTRO, 2013, p. 32)

Com a utilização das novas tecnologias apenas como uma ferramenta para alcançar determinados fins, sofreremos uma destruição de nossa capacidade em nos descobrir e nos comunicar como possibilidade de pensar em outras coisas sobre nós mesmos. Nos tornamos inautênticos, visto que não conseguimos mais nos ver a partir de nós mesmos, mas sim a partir do que outros dizem. Somos cada vez mais a partir do que vem de fora, por isso nos tornamos impróprios, ou seja, temos dificuldade de para fazer nossas próprias escolhas.

Cada vez mais o saber humano aperfeiçoa as ferramentas tecnológicas e, por meio da técnica moderna, os homens criam representações de mundo que se constituem no imaginário tecnológico que os orientam em sua relação com o mundo e consigo mesmo. Os homens buscam mobilizar pela instrumentalidade da técnica, solução para todas as suas inquietações cotidianas, entregando-se ao que lhe é dado pelo imediatismo, obscurecendo o sentido do Ser,

que é a sua própria essência humana, ou seja, a capacidade de refletir e ter reconhecimento sobre si mesmo, evidenciando o maior perigo para o homem, que é o esquecimento de sua própria essência humana. “A ameaça que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça propriamente dita já atingiu a essência do homem” (HEIDEGGER, 2007, p.30).

No contexto da contemporaneidade, o homem está tão dominado pelo progresso tecnológico, que não se apercebe de sua própria inconsciência acerca da incapacidade de voltar-se para si mesmo, perdendo o sentido de sua própria existência humana no mundo. Os homens estão fascinados com sua inventividade científica, cada vez mais refinada em todos os campos, nas áreas militar, política, econômica, cultural, entretenimento, relacionamentos, comunicação, saúde, dentre outras dimensões, que sem dúvida, têm proporcionado grandes avanços para a humanidade, que na perspectiva heideggeriana não é essa a ameaça manifesta, mas sim, a perda de vista da essência humana, quando o homem se desconecta de si mesmo e de sua capacidade em pensar a sua existência humana e sua relação com o outro no mundo. O nosso tempo está tão preenchido que não temos mais tempo para pensar no que somos e no que fazemos.

Se por um lado os avanços científicos proporcionam vantagens extraordinárias para a existência humana, por outro, a insensatez de seu uso provoca graves consequências, como guerras cada vez mais mortíferas em razão da tecnologia militar avançada, evidenciando a disputa pela hegemonia e exercício do poder em diversas esferas do mundo, a perda de vista de valores humanos, que tem destruído a ética nas relações entre as pessoas e estão cada vez mais distantes entre si e de sua própria humanidade.

As novas tecnologias têm provocado a clausura das pessoas em mundos fechados orientados por relações virtuais, onde “tudo pode” ser realizado sem a censura do outro, como se percebe na filosofia levinasiana, segundo a qual perdeu-se a “ética do olhar face a face”. A alteridade perdeu-se na medida em que a tecnificação do homem instituiu uma nova relação, na qual o homem é parte do sistema mecânico, prescindindo da presença no sentido buberiano, no qual o EU se predispõe para o TU nas relações entre indivíduos. Nesse tipo de relação, mediada pela frieza da técnica, desaparece o diálogo do Eu-Tu, alicerçado em princípios éticos da presença, do encontro e da reciprocidade.

Essa racionalidade instrumental do uso da técnica matematiza a vida e está para além da dimensão fenomenológica no sentido de uma relação ética inter-humana e estende-se também para a transformação do homem em objeto de sua própria inventividade. Nesse sentido, a relação com o corpo passou a ser orientada pelo imaginário da tecnologia, cujas

mídias de comunicação tem proporcionado uma espetacularização fantástica do corpo, na busca da forma “ideal” e desejável ou na exposição midiática do corpo como uma espécie de mercadoria elucidativa da beleza e da vida, o que tem provocado frequentemente a constituição de novas identidades e subjetividades elucidativas de um novo mundo, assentado em relações virtuais e espetacularizadas (DEBORD, 2003).

Esse cenário da “era online” construído pelo desenvolvimento da tecnologia tem ditado as novas regras de relacionamento do homem com o mundo e consigo mesmo, descambando muitas vezes para a violência, na medida em que, deslumbrado com as “infinitas” possibilidades abertas pelas novas tecnologias, o homem, inconsciente ou não, tem demonstrado uma crença absoluta na tecnologia moderna como a solução para todos os seus problemas e explicações para as suas conquistas, entrando em estado de dominação e obscurecimento de seu ser, perdendo de vista a essência dessa relação com a técnica e, conseqüentemente, a essência de sua própria condição humana.

Essa reflexão nos reporta às reflexões filosóficas de Heidegger sobre a questão da técnica, quando o referido filósofo explica que a técnica em si não representa ameaça para o homem, mas como já referenciamos, o que ele critica é o mau uso da técnica que degenera a essência e a humanidade do homem. Faz-se necessário compreender o sentido da relação com a técnica e, não tornarmos prioridade. A busca de controle da técnica como estratégia de dominação sobre a natureza, remete-nos ao pensamento heideggeriano de que, para além do domínio da técnica devemos buscar compreender o nosso próprio modo de ser nessa relação. Isso justifica a tese de que nenhuma técnica é do mal, pois muitas vantagens têm apresentado para a contemporaneidade em diversos campos da atividade humana; o que não devemos perder de vista é a dimensão ética desse processo, a fim de que possamos ver nas novas tecnologias mais uma forma de fortalecer nossa humanidade.

Heidegger, de modo exaustivo, reconhece o peso que a técnica tem nos rumos da sociedade contemporânea, mas a percepção do homem na sua condição humanizada, mergulhado nas águas da “civilização tecnológica”, só é possível pela busca de compreensão da essência da técnica. Sua preocupação não é compreender a técnica numa perspectiva instrumental, ou seja, como um meio para o homem atingir determinados fins no desenvolvimento de sua produção material. Sua busca é uma aproximação com a experiência subjacente de desencobrimento do invisível, vivenciada no estabelecimento da relação homem-máquina, que é uma experiência existencial com a essência da técnica, o que indica uma experiência fenomenológica, orientada por uma ética decorrente da possibilidade que a máquina está para o homem, assim como da possibilidade que o homem está para a máquina,

fomentando a manifestação da produção de sentido nessa relação. Desse modo, podemos entender o desencobrimento como o desvelar da essência, possibilitando o seu aparecer. Desencobrir, nessa perspectiva, representa o desvelar do sentido ético que orienta a coerência entre a ideia e o nível de consciência que podemos manifestar no seio de nossas relações com a técnica.

Essa perspectiva heideggeriana, na contemporaneidade, nos remete a um olhar, cujas lentes, possibilitam a percepção de que as relações homem-máquina-homem, profundamente marcadas pela influência da tecnologia, na maioria das vezes, demonstram que a preocupação predominante do homem tem sido visivelmente instrumental, que segundo Jonas (2006), sem nenhuma evidência de responsabilidade ética com a existência da humanidade e nem tampouco com as gerações futuras, pois isto só é possível, na medida em que para além do uso da tecnologia como um meio para alcançar determinados fins, nós possamos utilizar as novas tecnologias na construção de processos de sociabilidade orientados por princípios éticos baseados na consciência de nossas ações e no reconhecimento do outro.

Devemos ressaltar que Heidegger não é um filósofo apocalíptico que defende a irreversibilidade da catástrofe. O filósofo chama atenção para o perigo da técnica pela técnica, mas lança o que consideramos uma luz, pela qual anuncia que é possível ao homem encontrar a salvação no próprio cerne do perigo, dando-se conta de que, no crepúsculo desse contexto, existe um sentido velado que é a essência da tecnologia, cujo desvelamento poderá possibilitar ao homem o reconhecimento da essência que orienta a sua relação com a tecnologia, do desencobrimento do Ser e da importância de uso da tecnologia, não como um meio para chegar a determinados fins, mas como uma experiência vivenciada numa relação ética de alteridade com o outro. Este é o *Devir* da salvação do homem na sua relação com as inovações tecnológicas tec.

Apropriando-se do pensamento aristotélico, que é uma das fontes da filosofia heideggeriana, Cordeiro (2014) comenta que,

segundo Aristóteles, a arte vai contra a natureza não para ocultá-la ou destruí-la, mas para fazê-la aparecer. Ao fazer aparecer a essência da técnica, o homem se salva, então, porque faz aparecer o seu fazer como “imitando” a natureza, ou seja, como se estivesse prestando-lhe um serviço, ao lançar-se ao comportamento explorador como escuta do destino do ser. Sendo assim o homem se reconcilia com a natureza (ser). (CORDEIRO, 2014, p. 169)

Esse pensamento filosófico nos provoca uma reflexão acerca das relações que os usuários de tecnologias na atualidade estabelecem com as mídias digitais. Em nossas atividades cotidianas, percebemos que o homem da contemporaneidade, fascinado com o

progresso tecnológico, tem uma relação com a máquina, profundamente orientada pela racionalidade instrumental. Praticamente todas as ações do dia a dia são articuladas com a noção de tempo e velocidade da tecnologia, evidenciados no uso ininterrupto de diversos suportes tecnológicos, desde o mais simples até aos mais avançados aparelhos de comunicação e interatividade digital, como estratégia para mobilizar solução de todos os problemas cotidianos em todas as dimensões da atividade humana.

Em lugares públicos e privados, as pessoas transitam em meio a multidões, mas em completo isolamento. Mergulhadas em relações virtuais, viabilizadas pelo uso de tecnologias digitais, não conseguem mais ver o outro, não conversam presencialmente, perdem a dimensão do olhar face-a-face, entrando em um mundo de estranheza em relação ao outro. Perde-se de vista a essência do Ser, evidenciando o que Heidegger denuncia como o grande perigo que a tecnologia pode representar para a existência humana no mundo.

Mas, o referido filósofo, como já foi mencionado, levanta uma bandeira de esperança em meio ao perigo tecnológico, reforçando o princípio de que nenhuma tecnologia é do mal, é o seu mau uso que gera o perigo. Desse modo, somos levados a pensar que se o uso das novas tecnologias deveria ocorrer sob orientação de princípios éticos que desvelem e desocultem a nossa condição humana em relação ao outro. Assim, é possível construirmos um mundo mais humano em parceria com a tecnologia, alicerçado em uma responsabilidade ética com o homem do presente e com as gerações futuras. A sobrevivência das gerações futuras deve ser assegurada pela obrigação que as gerações presentes têm de assumir a responsabilidade por ela. Só assim, a ideia de homem, como construto ontológico pode ser garantida. (JONAS, 2006)

Nessa perspectiva, Jonas trata sobre a questão da ética não apenas como algo que orienta a relação entre as pessoas, mas perpassam as suas formulações filosóficas também pela preocupação com a própria existência ou não do homem como ser no mundo. Jonas, ao analisar a questão da técnica, revela a preocupação com o uso da tecnologia como um fim em si mesmo, evidenciando uma relação coisificada e imediatizada entre o homem e a máquina, o que o distancia cada vez mais do Ser, perdendo de vista a sua interioridade, ou sua dimensão transcendental, como reflete Husserl (2008). Nesse sentido, reitera-se o perigo que a técnica pode representar para espécie humana, como podemos constar na reflexão heideggeriana a seguir: “a ameaça que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem” (HEIDEGGER, 2002, p.30).

Analisando essa reflexão de Heidegger à luz da realidade do mundo contemporâneo, percebemos que a força da tecnologia é tão grande sobre o homem, que este não consegue se aperceber do nível de dominação a que está submetido pelas tecnologias modernas, pelas tessituras das quais todas as esferas da vida humana estão intrinsecamente ligadas ao “poder” da máquina como a solução para todas as questões do cotidiano humano. Em espaços públicos e privados, as pessoas não têm mais o diálogo face a face, buscam ininterruptamente a solução para suas necessidades em mídias digitais conectadas à internet, prescindindo de atitudes humanas importantes como a escuta presencial, o diálogo com pré-disposição para o outro, o olhar, o contato corporal como o aperto de mão e o abraço, dentre outros, os quais evidenciam a nossa humanidade, preferindo resolver tudo instantaneamente, por meio de mídias de comunicação digital em permanente estado de conexão pela internet, numa relação virtual, no qual o outro é apenas um internauta que dispensa sentimentos ou princípios éticos para orientar a sua relação no mundo virtual, que “tudo se resolve” sem depender da presença física, temporal e espacial do homem. Essa relação do homem com a máquina, marcada por uma profunda frieza, é a grande ameaça para humanidade, na medida em que tem provocado um nível de “cegueira ética”, destrutiva da percepção e da contemplação do outro em sua condição humana.

Desse modo, o homem na sua pureza como Ser no mundo está fadado a desaparecer, como vítima de sua própria inventividade científica. Portanto, o que Jonas nos chama atenção é para esse mau uso das tecnologias modernas, propugnando que nós, homens da contemporaneidade, possamos tomar para nós a responsabilidade ética de uma utilização mais humanizada das tecnologias, a fim de assegurar para as próximas gerações a sua existência no mundo com humanidade.

Heidegger (2007) afirma que a técnica, no mundo contemporâneo, para além de constituir-se num meio para atingir determinados fins, já teria extrapolado esse nível e atingido a dimensão da interioridade humana, na medida em que a grande mudança que a tecnologia já realizou no homem foi no seu modo de ser e Ser humano. Nesse sentido, o homem sofreu mudanças éticas na sua forma de autopercepção e percepção do outro sob mediação da técnica. Todas as atividades humanas, sob influência dos progressos técnicos, são construídas pela busca da perfeição exata, pelos suportes tecnológicos que proporcionam a mensuração de todas as coisas materiais. No entanto, o reverso dessa nova relação sócio produtiva está no Mistério humano, cuja totalidade do Ser é inapreensível e imensurável, não sendo possível ser calculado pela técnica.

De acordo com Jonas (2006), o conhecimento e domínio da técnica provocou no homem um estado de euforia generalizada, que este não se apercebeu da impotência que o tomava de lidar com o lado perverso do progresso técnico, mergulhando numa perda de controle de si mesmo, que Marcel (2001) denominou de “envilecimento”, o que está no cerne do mau uso da tecnologia, ameaçando a existência da espécie humana, sobretudo das gerações futuras.

Uma questão muito séria que Jonas denuncia é a figuração do homem como objeto de sua própria técnica, evidenciando uma questão ética de profundo significado para as novas relações de sociabilidade humana. Nesse campo, uma das grandes buscas do homem por meio da técnica tem sido a busca do corpo “ideal e desejável” que experimenta um acentuado processo de espetacularização da estética física; o prolongamento da vida numa batalha sem fim contra o apocalipse da morte por meio de manipulação genética, evidenciando o humano como objeto de sua própria inventividade científica. “O próprio homem passou a figurar entre os objetos da técnica. O *homo faber* aplica sua arte sobre si mesmo e se habilita a refabricar inventivamente o inventor e o confeccionador de todo o resto” (JONAS, 2006, p. 57).

Em razão dessa invasão tecnológica no próprio corpo do homem, levantamos questões éticas sobre como será o mundo e a relação entre nós, humanos, se pudermos escolher o biótipo e a beleza estética que desejarmos? O que será do homem mediante a possibilidade de vencer a luta contra a morte, construindo a sua própria escatologia? Como será a vida sem o Mistério da morte? Como será o olhar para a estética do belo desejável se não tivermos mais a noção da estética não desejável? Que sentido o homem dará a sua vida e à relação com o outro, de cuja rejeição ou aprovação não terá mais sentido? São questões que não temos respostas, pois somente a atitude do homem em relação a si mesmo e ao outro sob mediação da técnica, poderá evidenciar uma aproximação com essas questões éticas, chamando atenção para uma necessidade imperativa do homem de assumir responsabilidade ética nas suas escolhas e decisões acerca do modo como utiliza as novas tecnologias. Essa reflexão corrobora com o discurso de Jonas de que se a “ética tem a ver com o agir, a consequência lógica disso é que a natureza modificada do agir humano também impõe uma modificação na ética” (JONAS, 2006, p.29).

Desse modo, o aperfeiçoamento da tecnologia, na medida em que possibilitou uma polarização na relação homem-máquina, assumiu um lugar central nas atividades e relações humanas, desnudou um sentido ético diferente do clássico, que envolvia apenas uma dimensão inter-humana para uma nova orientação ética fundamentada na relação entre o homem-tecnologia. Essas novas condições de existência humana no mundo exigem a



formulação de novos paradigmas éticos que possibilitem pensar a construção de relações subjetivas e intersubjetivas, orientadas por princípios que assegurem a humanidade do homem frente aos progressos tecnológicos na sociedade contemporânea.

No cerne do progresso tecnológico e a dimensão do “poder” que contagia o homem, formou-se um cenário de vazio ético, cujo preenchimento depende de uma nova atitude do homem para regular sua relação com a máquina, sob o risco do “poder” decorrente das tecnologias se tornar sumariamente destrutivo para o próprio homem. Essa possibilidade da criação inventiva (tecnologia) se tornar o agente destrutivo do seu criador, exige com urgência novos princípios éticos que orientem o agir humano como um fio condutor para o homem tomar decisões e fazer escolhas com alteridade e responsabilidade.

Segundo Jonas (2006), o desenvolvimento de novas tecnologias promoveu uma modificação significativa na noção do tempo humano, que também é objeto de reflexão de Virilio (2000), quando trata sobre a nova concepção de tempo e velocidade imposta pela tecnologia na vida do homem, que sofreu modificações em seu estilo de vida, numa sociedade onde o tempo e velocidade passam a se confundir, como se estivessem na mesma dimensão.

Nesse contexto Jonas discute a questão da ética humana, chamando atenção para um tempo tão acelerado, que não permite mais ao homem refletir sobre os valores que orientam a sua ação e sua própria vida, pois a velocidade das relações de sociabilidade e comunicação é tão rápida e efêmera, que não permite qualquer reflexão acerca dos valores que orientam a sua própria vida, e a instantaneidade das relações de sociabilidade e comunicação é tão rápida que não permite qualquer reflexão no tempo da ação.

O grande empreendimento da tecnologia moderna, que não é nem paciente nem lento, comprime os muitos passos minúsculos do desenvolvimento natural em poucos passos colossais, e com isso despreza a vantagem daquela marcha lenta da natureza, cujo tear é uma segurança para a vida. À amplitude causal se acrescenta, portanto, a velocidade causal das intervenções tecnológicas da organização da vida.[...] isso aumenta na mesma proporção em que aumenta essa intervenção, reduzindo o tempo necessário para alcançar os objetivos, pois esse tempo era necessário para corrigir erros que forçosamente ocorrem. (JONAS, 2006, p. 78)

A perda de vista do tempo natural provoca uma limitação no homem em desenvolver plenamente sua capacidade de pensar sobre o sentido do que faz, visto que essa velocidade e instantaneidade das relações de sociabilidade enfatizada por Jonas, acontecem numa nova concepção de tempo da ação humana, dissipando, portanto, a essência humana e consequentemente a perda de controle sobre si mesmo e sua própria ação em relação ao outro. Desse modo, o acelerado desenvolvimento tecnológico provoca um cerceamento da

capacidade humana em refletir sobre seus erros e acertos, em tempo hábil de corrigi-los ou aperfeiçoá-los (JONAS, 2006).

Essa reflexão nos remete à atualidade do homem, cuja cotidianidade é profundamente marcada pelo uso de novas tecnologias, de cuja mediação as relações de sociabilidade ocorrem de maneira muito rápida, sem permitir ao usuário de mídias digitais qualquer reflexão sobre sua ação. As relações de comunicação são tão instantâneas, por meio das redes sociais, que dificultam o pensar em si e no outro que está no extremo do polo comunicativo. Em conexão permanente pela internet, as pessoas resolvem coisas, fazem negócios no sentido financeiro, constroem relacionamentos e outros, mas em razão da instantaneidade desses construtos comunicativos, algumas vezes, podemos perceber relações que descambam para a violência, expressa em ações profundamente ofensivas ao outro, levando à depressão e inclusive ao risco de vida, como temos tomado conhecimento em noticiários nas mídias comunicativas. Consideramos que isso ocorre, graças a perda de vista, por parte de muitos usuários de tecnologia, da capacidade de refletir sobre suas ações frente a possibilidade de contemplar a pureza do outro.

É isso que Jonas (2006) critica no uso ímpio e irresponsável da tecnologia, que impede o internauta, no processo de conexão, em pensar na sua própria ação e como esta pode afetar o outro em sua essência humana, evidenciando a necessidade de novos princípios éticos que orientem a relação com a tecnologia e deem real sentido ao nosso dever com as gerações futuras.

Devemos lembrar de que não se trata de uma responsabilidade baseada na reciprocidade, mas sim na garantia de sobrevivência ética e biológica das gerações futuras, como explica Jonas, ao afirmar que:

Aqui se trataria de um dever que não é a imagem inversa de um direito alheio – a não que fosse o direito do Deus-criador diante de suas criaturas: ao lhe conceder existência, ele também lhe confiaria a continuação de sua obras. É de um dever desse tipo que trata, no caso da responsabilidade em relação à humanidade futura. Significa um dever para com a existência da humanidade futura e um dever em relação ao seu modo de ser, à sua condição. (JONAS, 2006, p. 90)

No âmbito das sociedades tecnológicas da contemporaneidade, podemos refletir com mais sensatez sobre nossas ações, a partir do “poder” que o progresso tecnológico nos proporciona. Nesse sentido, não podemos ser indiferentes às mazelas da tecnologia, como as guerras cada vez mais letais; destruição do meio ambiente; violência; a desumanização das relações de sociabilidade, dentre outros; mas, sem negar os avanços conquistados para a humanidade em diversas áreas de suas atividades.

Então, é nesse contexto de nossas relações cotidianas hodiernas, articuladas ao uso da tecnologia, que podemos pensar a partir das reflexões filosóficas de Jonas, em uma melhor forma de uso das novas tecnologias, orientada por novos princípios éticos que nos possibilitem pensar a ciência e a tecnologia, não como simples meios para alcançar determinados fins numa perspectiva meramente instrumental, mas na perspectiva de construção de um mundo melhor para nós e para os outros, alicerçado na valorização da vida humana, seguindo a linha do pensamento aristotélico de uma ética, no sentido de “viver bem comigo mesmo, viver bem com os outros e com instituições justas”.

A seguir, apresentamos algumas reflexões acerca do pensamento filosófico de Gabriel Marcel e sua relação com a ética, que é o fio condutor de análise desta investigação.

## **CAPÍTULO II – IMAGEM E IMAGINÁRIO NO MUNDO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Um novo homem está surgindo e construindo formas de se relacionar com o mundo, com o outro e consigo mesmo, a partir de experiências proporcionadas pelo avanço tecnológico. As tecnologias de comunicação digital impõem, sobretudo aos homens da contemporaneidade, novas formas de relacionamentos sociais, mediadas por um sofisticado aparato digital, representado por *smartphones, tablets e computadores*, por meio de redes sociais, em cujos espaços de comunicação virtual os internautas organizam comunidades que proporcionam intensos laços de sociabilidade entre os seus integrantes. Eles se comunicam, relacionam-se, registram as ações de seu interesse e necessidades, tudo em permanente processo de conexão digital, exibindo a máquina como uma bússola orientadora de seu percurso cotidiano da vida.

Na continuidade do debate em torno das novas tecnologias de comunicação e informação, buscamos evidenciar neste capítulo as redes sociais e as comunidades virtuais como plataformas de comunicação digital entre os homens da contemporaneidade e as possibilidades de interações estabelecidas entre si na dimensão ética e social, destacando olhares construídos pelo homem frente às novas possibilidades de relações subjetivas e intersubjetivas mediadas pelas novas tecnologias digitais no mundo contemporâneo.

Refletimos acerca do modo como usuários de internet, sobretudo jovens, por meio das redes sociais costumam reconstruir seus mitos através do registro digital de imagens e autoimagens, evidenciando a experiência humana vivenciada nesse processo, pela profusão de imagens por meio dos “*selfies*” e o significado ético e social que assumem no imaginário de usuários de tecnologias digitais. Destacamos também como as tecnologias digitais contribuem para a disseminação de novas formas de representação do corpo, evidenciando o processo de sua espetacularização através da profusão de imagens, no imaginário social do mundo contemporâneo.

### **2.1 AS REDES SOCIAIS E OS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE HUMANA**

#### **a) Tecnologia, socialidade e sociabilidade**

A organização da sociedade está alicerçada em relações construídas e vivenciadas historicamente pelos homens nos contextos sociais onde estão situados. Essas relações, segundo Castells (1999), são: produção, experiência e poder. São três formas de relações intimamente articuladas com a manutenção da sociedade capitalista, na medida em que decorrem dos processos de sociabilidade que os homens estabelecem entre si, a fim de organizar suas formas de produção de bens necessários à sobrevivência a partir de relações de dominação exercidas por uns sobre outros e experiências de sociabilidade construídas em relações comunitárias.

Nesse contexto, a tecnologia assume a condição de importante ferramenta no processo de estabelecimento e consolidação dessas relações, na medida em que a tecnologia informacional possibilita a construção de conhecimentos que são vitais para a organização do processo socioprodutivo, evidenciando o paradigma tecnológico, sobretudo no campo da informação e comunicação, que atualmente atinge um *status* digital. “A tecnologia e as relações técnicas de produção difundem-se por todo o conjunto de relações e estruturas sociais, penetrando no poder e na experiência, modificando-os” (CASTELLS, 1999, p.54).

Para melhor compreendermos a relação entre tecnologia e sociabilidade, que é o cerne desta discussão e objeto de investigação nesta pesquisa, entendemos ser de fundamental importância construir algumas reflexões acerca do conceito de sociabilidade, em razão da natureza polissêmica do termo.

O debate sobre um conceito do termo sociabilidade ainda está mergulhado em grandes controvérsias relacionadas à perspectiva construída por diferentes estudiosos que tem na sociabilidade uma de suas categorias de análise e, a própria dimensão de legitimidade ou não das relações de sociabilidade, o que a torna extremamente complexa na sua compreensão. Não obstante a dificuldade em edificar uma análise científica das relações sociais, alguns teóricos, como Simmel (2006), buscam uma aproximação conceitual por meio da mobilização de alguns aspectos comuns que permeiam às relações estabelecidas entre indivíduos na sociedade.

Na perspectiva sociológica, compreendemos a sociedade a partir das múltiplas relações que os indivíduos estabelecem entre si, sob motivações pressupostas ou não, mas que de algum modo são permeadas por alguma objetivação concreta ou abstrata. Esse movimento de interação entre os membros de uma sociedade é caracterizado por alguns pesquisadores como relações de sociabilidade ou socialidade.

Na visão de Simmel (2006), essas interações representam formas de sociações que constituem as tessituras da sociedade em sua dinâmica. Entretanto, o autor evidencia

distinções no movimento de construção dessas relações, apontando para aquelas que são estabelecidas a partir do despojo de interesses por parte dos indivíduos que se socializam, configurando uma relação democrática em razão de serem relações estabelecidas entre iguais e aparentemente sem propósitos pré-estabelecidos, sendo marcadas pela pré-disposição de uns para os outros. Simmel denomina essa relação de "forma lúdica" ou "relação pura" de socialidade na medida em que considera que a sua construção não só é marcada pela aparente ausência de um objetivo específico determinado, como se realiza entre amigos, cujas tessituras são entrelaçadas por ações prazerosas e por uma disponibilidade de um para o outro, evidenciando uma simetria entre os sujeitos do processo. Nesse processo de interação social, inexistente conteúdo socialmente objetivado específico orientador da mesma, haja vista que o que se busca é a própria interação entre os indivíduos alicerçada no princípio da amizade e sociação.

Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. [...] Para a sociabilidade, se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida, a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia (SIMMEL, 2006, p. 63).

A igualdade nesse tipo de relação social deve ser expressa na dimensão da amizade entre os indivíduos, tomando-se em conta que nas relações de amizade deve perdurar a espontaneidade e não a imposição de uma determinada finalidade interacional. Portanto, se considerarmos que essa relação simétrica de amizade é o indicador nessa forma de socialidade, então o rompimento dessa simetria pode quebrar as regras do jogo social estabelecido, colocando em risco a igualdade e o equilíbrio sociorrelacional entre os indivíduos, quebrando o curso normal dessa forma de sociação, evoluindo para uma forma de interação desigual. Desse modo, a preservação das regras estabelecidas é condição fundamental para a igualdade da relação. “Quanto mais simétrica é a igualdade entre os amigos, mais estável e permanente é sua relação de amizade.” (SANTOS, 1994, p. 14).

Nessa forma de interação social, segundo Santos (1994), a originalidade da interação está no valor simbólico que tem para os envolvidos. As dimensões da relação de amizade estão ligadas a representação que um tem acerca do outro e a forma como se relacionam. O não reconhecimento desses valores fragiliza a simetria que amalgama essa forma de sociação.

Essa relação edificada na disponibilidade de um para o outro nos remete ao pensamento filosófico de Gabriel Marcel, que em suas reflexões acerca das relações

subjetivas e intersubjetivas entre as pessoas, na dimensão do ser com o outro numa perspectiva existencial em sua relação com uma ética de humanização, das relações entre os homens em uma condição de alteridade.

Esses processos de interação e socialidade evidenciados por Simmel (2006), podem ser articulados à filosofia da existência de Marcel (1953), que é sedimentada na ideia de que é nas relações orientadas pelo encontro dialógico no qual é possível perceber a produção de sentido e uma relação de presença, quando um se disponibiliza para o outro numa condição de experiência existencial. Nessa perspectiva de relação de encontro, é possível vivenciar aspectos da socialidade simmeliana como uma experiência, a partir do estabelecimento de uma atitude de abertura existencial de um para o outro.

Na perspectiva simmeliana, as relações de socialidade se realizam geralmente entre pares, pessoas que normalmente possuem o mesmo *status* ou se identificam pelo compartilhamento de práticas ou interesses comuns. Na maioria das vezes, as relações de socialidade construídas entre iguais são orientadas apenas pelo desejo da conversa, troca de algumas ideias, entretenimento ou relacionamentos sem nenhuma formalidade pré-estabelecida, que estão para além de determinantes sociais hierárquicos. Como nos indicam Buber (2003) e Marcel (1953), é uma questão de um querer estar com o outro em uma relação experiencial de encontro, presença e reciprocidade.

Devemos lembrar de que essa igualdade se manifesta entre pares, não é no sentido de hierarquia social. É evidente que relações sociais estabelecidas entre pessoas, levando-se em consideração as diferenças sociais, perdem o sentido de socialidade elucidado por Simmel (2006).

Na sociabilidade não entram o que as personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação: riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer papel na sociabilidade. [...] Assim, esse caráter objetivo, que gira em torno da personalidade, precisa se separar de sua função como elemento da sociabilidade. (SIMMEL, 2006, p. 64)

Por essa perspectiva, compreendemos que o não despojo dessas condições sociais de objetivações na relação constituída entre indivíduos, desqualifica a relação como processo de sociabilidade. Por outro lado, Simmel (2006) considera a sociabilidade entre iguais uma relação artificial, na medida em que pode representar um falseamento da realidade concreta das relações imersas em profundas diferenças sociais entre os indivíduos na sociedade moderna.

Na modernidade podemos construir um olhar equivocado acerca de nosso ingresso em relações de sociabilidade pura, como homens despojados de interesses objetivados pela racionalidade instrumental, mas o que não podemos perder de vista é o aspecto hierarquizado de nossas sociedades na contemporaneidade, o que nos liga aos outros por uma rede de exigências sociais que são construídas a partir de interesses materiais estabelecidos racionalmente em nossas relações.

O estabelecimento de um processo de sociabilidade entre iguais, evidenciando uma relação democrática, requer dos indivíduos abdicarem de condições materiais objetivas de sua existência, a fim de que possam construir uma relação de igualdade, apontando a superficialidade da relação, elucidando uma relação do "faz de conta" que somos iguais, para além de sua realidade concreta.

Desse modo, no contexto da sociedade contemporânea, profundamente marcada pela influência das novas tecnologias nas relações de sociabilidade entre os homens, essa análise simmeliana ganha sentido, na medida em que os usuários de tecnologias digitais navegam numa realidade virtual, em que estabelecem relações de socialidade aparentemente assentadas em princípios de amizade e igualdade, despojados de supostas diferenças que os caracterizem na realidade concreta, inclusive se considerarmos que, na realidade concreta, as condições materiais de existência não permitem que todos os usuários de tecnologias digitais tenham condições de apropriação financeira das tecnologias disponíveis no mercado. Entretanto, a expansão de espaços "públicos" populares de uso dessas técnicas, possibilita que pessoas de diversas origens sociais possam ter acesso às relações no mundo virtual, no qual as desigualdades são obnubiladas no jogo de construção de socialidades.

A sociabilidade é o jogo no qual se "faz de conta" que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e "fazer de conta" não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade. (SIMMEL, 1983, p. 173 )

Essa reflexão remete ao pensamento do autor segundo o qual, o estabelecimento real de relações de sociabilidade iguais e democráticas é inerente aos processos que envolvem pessoas do mesmo grupo social, visto que a sociação entre pessoas de extratos sociais diferentes, requer a renúncia de seus corolários sociais de origem, evidenciando, desse modo, a superficialidade da relação em foco. Porém, é possível de ser estabelecido em condição pura, na medida em que, as pessoas, mesmo de segmentos sociais diferentes, predispuham-se



para além de suas diferenças construir entre si processos de sociabilidade baseados na conversa e na amizade, tomando em conta que:

esse mundo da sociabilidade, o único em que é possível haver uma democracia sem atritos entre iguais, é um mundo artificial, construído a partir de seres que desejam produzir exclusivamente entre si mesmos essa interação pura que não seja desequilibrada por nenhuma tensão material. [...] Um comportamento específico da sociabilidade é a cortesia, com a qual o forte e o extraordinário não somente se igualam aos mais fracos, como também agem como se o fraco fosse o mais valoroso e superior (SIMMEL, 2006, p. 69).

Esse olhar do autor nos possibilita inferir que no mundo contemporâneo, os usuários de tecnologias digitais conseguem ir para além de suas diferenças reais, saindo da autenticidade e entrando no campo da inautenticidade, quando mergulham em relações de sociabilidade no campo virtual. Todavia, chamamos atenção para um possível desvio que isso pode provocar na dimensão psicossocial do indivíduo, à medida que o processo de construção de sociabilidades na realidade virtual se estabelece a partir da renúncia de supostas diferenças da realidade concreta, os indivíduos ganham homogeneidade no jogo das relações virtuais. Nesse jogo virtual, muitos internautas assumem novas identidades cibernéticas, transformando-se em espécies de seres avatares pós-humanos (SANTAELLA, 2007), com a possibilidade de perderem de vista valores e sentimentos que nos humanizam. “Se a sociabilidade corta os laços com a realidade da vida, da qual elabora sua própria estrutura deixa de ser um jogo e se transforma num namoro leviano com formas vazias, num esquematismo inanimado, que orgulha de sua falta de vida.” (SIMMEL, 1983, p. 179)

Como evidencia Marcel (1956b), o homem da técnica encontra-se mergulhado num profundo estado de estranheza e esvaziamento ético, que se perdeu de sua própria identidade existencial como o “homem problemático” vivendo num cenário de sofrimento e desespero, que Mendonça (2013a) caracteriza como um mundo de barbárie sustentado pela angústia e sofrimento, sem sentido na vida.

Essa possibilidade abre janelas para um cenário de violência e banalização da vida, colocando em risco a existência do homem no mundo, na medida em que perdemos de vista a dimensão do humano. Na realidade virtual, não conseguimos mais contemplar a pureza e a sacralidade do outro, abrindo precedentes para formas de violência que podem se manifestar em vídeos e outras formas de imagens ofensivas, espetacularização nociva do corpo, relações que colocam em risco o próprio valor da vida.

Entretanto, não estamos fazendo apologia da vida primitiva, pelo contrário, reconhecemos e valorizamos os grandes avanços que a tecnologia tem proporcionado à

humanidade. Portanto, não temos como fugir de nossa vida social cotidiana contemporânea, marcada pelo uso de novas tecnologias; por outro lado é fundamental que construamos reflexões sobre como estamos vivendo nesse jogo da vida cada vez mais articulado aos avanços tecnológicos e como estamos nos relacionando eticamente com o outro por meio das mídias digitais.

Nesta pesquisa, entendemos que as relações de sociabilidade assumem um aspecto endoclassista, em vista de que buscamos compreender os processos de sociabilidades construídos no interior de escolas públicas, supostamente frequentadas por alunos oriundos de famílias de baixa renda, que possivelmente residem em áreas próximas ou com características similares uns dos outros, que se relacionam em redes sociais a partir de afinidades orientadas por relações de amizade e, portanto, apartadas de possíveis diferenças sociais. “Se as relações de amizade se dão majoritariamente entre os pares, é fundamental ver em que medida isso se efetiva na realidade observada e, quais são os elementos que definem a posição do sujeito no meio.” (VILLAS, 2009, p. 27).

Essa perspectiva é corroborada por Lopes (1997), que, ao analisar as relações de amizade como critério para a construção de processos de sociabilidade, afirma:

verificamos uma acentuada tendência para a formação endoclassista dos grupos de amigos nos cenários escolares. De fato há indicadores fortes e explícitos de suporte a esta interpretação: um número significativo de inquiridos prolonga, na escola, modelos de sociabilidade dos seus meios sociais de residência, referindo que os seus colegas de grupo já pertenciam ao seu círculo de amigos ou residem na mesma área. (LOPES, 1997, p. 168)

Seguindo essa perspectiva, Santos (1994) defende a tese de que as relações alicerçadas na amizade são orientadas por um simbolismo evidenciado na manifestação de troca de afeto e rituais organizados em torno de situações emotivas, mas também chama atenção para rituais de troca de bens e serviços, porém sem evidenciar maiores diferenças sociais.

De acordo com Villas (2009), as interações sociais são marcadas por rituais de troca como condições fundamentais para a permanência da sociabilidade. Mas, vale ressaltar que essas interações não podem se construir em laços frágeis suscetíveis de rompimento por inerência emotivas individuais, demandando-se que na sociabilidade é preciso que o indivíduo exerça uma autorregulação. Em sua relação com os outros se torna necessário que nenhum interesse egoísta assuma a função reguladora. (SIMMEL, 2006)

A construção desses diálogos com diversos autores acerca do conceito de sociabilidade, muito nos chamou atenção a disposição de um indivíduo para o outro na

construção dos processos de sociabilidade, levando-se em conta o sentido que a relação ganha para ambos no processo de interação estabelecido.

Essa busca de compreensão do sentido do processo de sociabilidade também nos remete à sociologia compreensiva de Max Weber, caracterizada pela pretensa compreensão do sentido da ação social, estabelecida por agentes sociais. Significa uma ação que quanto ao sentido visado pelos atores sociais, refere-se ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso. (WEBER, 2014, p. 3).

Um dos grandes méritos de Weber no campo das ciências sociais, especificamente na compreensão das relações estabelecidas entre os homens, é desenvolver um olhar hermenêutico como um método de compreensão das relações entre os indivíduos que compõem uma sociedade; não enfatizando a ação em si mesma, mas a busca de sentido subjetivo do comportamento humano clivado na ação social. Ora, se Weber busca uma aproximação com o sentido da ação social, entendemos que a hermenêutica weberiana se constituiu em uma lente de aproximação com o mundo em foco. O pensamento sociológico weberiano foi construído numa perspectiva de interpretação da ação social dos indivíduos, sem tomar como ponto de partida a busca de uma verdade absoluta, mas sim uma compreensão do sentido dessa ação que os indivíduos estabelecem entre si em suas relações de sociais.

Em sua análise sociológica, Weber argumenta que para compreendermos as relações entre os indivíduos na dinâmica da sociedade e das organizações, faz-se necessário buscar o sentido das ações sociais, ou seja, buscar entender o que está na cabeça de cada um durante a construção de uma ação social, evidenciando que o importante não é a ação, mas sim a produção de sentido que dá a causalidade da mesma, fundamentando as bases para uma hermenêutica sociológica compreensiva.

Foi nesse olhar que Cohn (2003), ao analisar a sociologia weberiana, evidenciou uma compreensão sobre o sentido da ação social como um fenômeno de mão dupla na construção do processo de sociabilidade entre indivíduos, buscando-se compreender o sentido que a ação tem para cada agente envolvido na ação.

A “ação social” mencionada nessa definição é uma modalidade específica de ação, ou seja, de conduta à qual o próprio agente associa um sentido. É aquela ação orientada significativamente pelo agente conforme a conduta de outros e que transcorre em consonância com isso (COHN, 2003, p. 26).

Desse modo, a sociologia compreensiva de Weber nos remete à busca de compreensão do sentido das ações sociais que usuários de tecnologias digitais estabelecem entre si. A

hermenêutica sociológica de Weberiana representa uma janela extraordinária para a busca de sentido que está na base das ações entre indivíduos mediadas pela tecnologia.

## **b) interações em redes sociais virtuais**

Na contemporaneidade, as relações subjetivas e intersubjetivas têm experimentado mudanças significativas que tem afetado a vida humana em diversas dimensões, sobretudo as relações pessoais, sociais e profissionais. Essas mudanças são evidenciadas em novas formas de sociabilidade mediadas por tecnologias digitais em espaços de interação e comunicação denominados de redes sociais na internet. Nesse contexto, as nossas relações de sociabilidade são profundamente marcadas por interações decorrentes de experiências vivenciadas por meios midiáticos. Os processos de sociabilidade construídos nas sociedades atuais não estão mais dependentes de uma dimensão espaço temporalidade, sobretudo com as mídias digitais móveis que possibilitam a construção de processos sociais em qualquer momento e em qualquer lugar, desde que se tenha acesso à internet, pois todo esse movimento de sociabilidade ocorre por meio das redes sociais na internet.

As redes sociais em maior evidencia na atualidade são *Twitter, facebook, whatsapp, instagram, LinkedIn*<sup>15</sup>, que se constituem em extraordinários ambientes de construção de processos comunicacionais entre pessoas usuárias de tecnologias que têm interesses comuns que muitas vezes caminham pelo tensionamento entre o conflito e a busca do equilíbrio no mundo digital. Múltiplas relações são construídas no ambiente das redes sociais possibilitando a construção de sistemas interacionais baseados na socialização de temas de interesse comum aos envolvidos numa interação em estado de conexão virtual, tal como podemos constatar na reflexão a seguir:

*Las redes digitales integran numerosas aplicaciones individuales que proporcionan conectividad y facilitan la interactividad y el intercambio con otros usuarios. Estas redes pueden ser de relaciones personales, por intereses, de carácter laboral, de vinculación a grupos culturales o de identidad social, entre otras.(TALLARICO, 2012, p. 1)*

Conforme a referida autora, por meio das redes sociais, as pessoas estreitam vínculos de sociabilidade, socializam conhecimentos e visões de mundo, desenvolvem ações de entretenimento, estabelecem relacionamentos em âmbitos profissionais, pessoais e afetivos,

---

<sup>15</sup> Nesta tese minhas pesquisas estão mais centradas nas relações de sociabilidade construídas nas referidas redes sociais, visto que são as mais utilizadas na atualidade. (*Twitter, WhatsApp, facebook, instagram, LinkedIn*), mas sem negar a necessidade de fazer referência a outras anteriores ou emergentes.

desenvolvem trocas culturais e outros, experimentando uma sensação de pertencimento e construção de uma nova identidade em relação ao espaço virtual das redes sociais, evidenciando perfis desejáveis que são utilizados como importantes instrumentos de ingresso nesses espaços de comunicação virtual.

Corroborando com essa definição, Recuero (2009) explica que as redes sociais são constituídas por um conjunto de representações formuladas pelos protagonistas de processo de interação, que são os atores sociais, agentes de relações de sociabilidades estabelecidas em suas conexões online. Essas representações, de acordo com a autora, são expressões de identidades sociais individualizadas com perfis personalizados dos atores sociais e publicados por um site de rede social em evidência como o *Twitter*, *WhatsApp*, *facebook*, *instagram*, *Linkedin*. “A percepção de um *weblog*<sup>16</sup> ou um *fotolog*<sup>17</sup> como uma narrativa, através de uma personalização do Outro, é essencial para que o processo comunicativo seja estabelecido” (RECUERO, 2009, p. 26).

Essas relações construídas a partir da construção de um perfil ideal desejável é uma evidência das mudanças na forma como as pessoas estão se relacionando com o outro e consigo mesmo. Como aponta Mendonça (2013b), a publicação de autoimagens nas redes sociais revela a preocupação dos usuários de mídias digitais em se autorreconhecer por meio da apreciação do outro, elucidando um distanciamento de si mesmo, o que muito tem contribuído no mundo contemporâneo para a formação de um homem que está perdendo de vista a sua autenticidade, revelando um processo permanente de construção e expressão de novas identidades por parte dos atores no Ciberespaço. (LEMOS, 2002)

Essa nova forma de relacionamento social e comunicabilidade, evidencia o novo homem e as formas de sociabilidade elucidativas dos processos de interação na sociedade tecnológica e industrial. As pessoas se comunicam instantaneamente de forma virtual nas redes sociais, sem depender de tempo e espaços pré-determinados numa perspectiva do “aqui agora”. No entanto, a própria destruição do olhar face a face, muitas vezes leva as pessoas mergulhadas nessa nova experiência de comunicação e relacionamento a perderem de vista a sua própria identidade de origem, na medida em que criam modelos ideais de avatares como critério de aceitação e apreciação do outro no grupo. Com isso experimento, como nos diz Virillio (1999), é um processo de desrealização humana, entrando na realidade virtual, onde tornam-se seres cibernetizados.

---

<sup>16</sup> Ferramenta que é mantido por vários atores (um grupo de autores do mesmo *blog* coletivo). (RECUERO, 2009, p. 25)

<sup>17</sup> O Fotolog é um sistema de *fotologs*. Os *fotologs* são sistemas de publicação que possibilitam ao usuário publicar fotografias acompanhadas de pequenos textos e receber comentários. (RECUERO, 2009, p. 167)

Segundo Sibilia (2003), esse contexto evidencia a necessidade de um “imperativo de visibilidade”, fomentando a ideia de que não basta existir; é preciso colocar em evidência a sua existência na sociedade contemporânea, corroborando com o discurso debordiano da “espetacularização do eu”. “Talvez, mais do que ser visto, essa visibilidade seja um imperativo para a sociabilidade mediada pelo computador.” (RECUERO, 2009, p. 27)

É a partir dessa exposição individualizada e personalizada de atores sociais que começam a ser configuradas as redes sociais na internet, sendo suas tessituras amalgamadas por um conjunto de processos de sociabilidade construídos em rede pelos internautas, apresentando expressões de suas individualidades em uma dimensão de coletividade no Ciberespaço. Essa penetração do “eu” individual, inicialmente de dimensão privada, ganha dimensão pública na medida em que se articula com outras subjetividades, tornando-se um texto ampliado que ganha autonomia como comenta Ricoeur (1986) em suas reflexões sobre a autonomização da ação como um texto.

Do mesmo modo como um texto se desliga do seu autor, uma ação desliga-se do seu agente e desenvolve as suas próprias consequências. Esta autonomização da ação constitui a dimensão social da ação. A ação é um fenômeno social, não apenas por que é uma obra de vários agentes, de tal modo que o papel de cada um deles não se pode distinguir do papel dos outros, mas também porque os nossos atos nos escapam e tem efeitos que não tínhamos visado. (RICOEUR, 1986, p. 195)

Na ausência de possibilidade de comunicação no Ciberespaço, representada pelo olhar face a face, Recuero (2009) argumenta que faz-se necessário colocar imagens de rostos e perfis elucidativos de individualidades, como ponto de partida provocativo de relações de empatia como condição fundamental para a percepção do outro e o estabelecimento de legitimidade da interação humana no Ciberespaço.

A construção de processos de sociabilidade no mundo virtual, segundo a autora, ocorre a partir do reconhecimento do outro por meio da representação de um perfil publicado em rede social. É desse modo que as interações sociais são estabelecidas, evidenciando a constituição e o entrelaçamento de identidades no Ciberespaço. Outro elemento importante do estudo dessas apropriações como representações e extensões do espaço social dos atores, é a percepção de quem são os atores. Esses espaços são, sem dúvida, espaços de expressão e de construção de impressões. (p.29)

Nessa relação construída no mundo virtual, uma questão que muito nos chama atenção na relação homem e tecnologias digitais na contemporaneidade é a perspectiva de eticidade que o internauta estabelece com seu próprio ser a partir da representação construída acerca do

olhar do outro. Nesse sentido, a exposição de um perfil desejável nas redes sociais representa por um lado a expectativa de aceitação nos grupos ou comunidades virtuais, mas por outro lado, existe o risco em potencial dos atores sociais-virtuais perderem de vista sua própria identidade de origem e até mesmo valores de sua humanidade, assumindo a condição de seres cibernéticos, que não conseguem mais contemplar a pureza e humanidade do outro. Esse é um risco que não podemos ignorar.

É no movimento de articulação desses elementos que se formam as redes sociais, onde os atores estabelecem múltiplas relações de sociabilidade entre si sob mediação da tecnologia, por um sistema de conexão online. Recuero (2009 *Apud* Boyd, 2007, p. 4) indica algumas características elucidativas das redes sociais na internet: a permanência das publicações no ciberespaço; a possibilidade de busca dos atores sociais por um processo de rastreamento; e a possibilidade de réplica ao que foi publicado em rede.

As relações de sociabilidade construídas em uma rede social são elucidadas a partir dos laços sociais que os agentes estabelecem entre si durante o processo de interação, potencializados por um permanente estado de conexão com a internet. Essas relações são evidenciadas na ação e reação dos atores sociais e alicerçadas na reciprocidade, numa perspectiva Simmeliana, na medida em que cada agente social se manifesta para o outro por meio da exposição de um perfil pessoal, a fim de que seja percebido satisfatoriamente pelo outro, não por interesses supostamente diferentes, mas pela possibilidade de um jogo comum baseado na ludicidade e na troca.

Os envolvidos nas relações virtuais em rede dialogam, trocam ideias, imagens, participam intensamente de um jogo de interação social, no qual cada um tem um perfil e um papel, mas não pode perder a dimensão de unidade e coletividade do grupo.

Esse movimento de construção de processos de sociabilidade nas redes sociais remetem à reflexão de que:

a ação de um depende da reação do outro, e há orientação com relação às expectativas. Essas ações podem ser coordenadas através, por exemplo, da conversação, onde a ação de um ator social depende da percepção daquilo que o outro está dizendo. Para os autores, ainda, a interação, como tipo ideal, implicaria sempre uma reciprocidade de satisfação entre os envolvidos e compreende também as intenções e atuações de cada um. [...] Estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas. (RECUERO, 2009, p. 31)

A ideia da autora é bastante elucidativa de relações que percebemos com muita frequência atualmente entre usuários de tecnologias digitais e participantes ativos de relações

constituídas em redes sociais. Muitos membros de grupos e comunidades virtuais só aceitam adicionar outro no grupo, mediante um prévio conhecimento do perfil e confiança nas intenções do postulante ao grupo alvo na rede social. Evidenciando a preocupação com a manutenção do grupo com suas relações de troca baseadas na reciprocidade, confiabilidade e nas regras estabelecidas pelos membros da comunidade, tanto que, mediante a ação de um membro que ameaça a estabilidade das relações no grupo, este é sumariamente excluído ou bloqueado, revelando que nenhum interesse ou opinião individual pode ameaçar a unidade do grupo (SIMMEL, 1983).

Essa perspectiva de interação nas redes sociais nos remete ao pensamento sociológico de Weber (2014) sobre a teoria da ação social que pode nos auxiliar na compreensão dos processos de sociabilidade que ocorrem nas redes sociais na internet. Weber explica que a ação humana adquire a dimensão social à medida que a interação depende da ação de um indivíduo mediante a reação do outro, numa determinada comunidade; neste caso, em comunidades virtuais.

Por outro lado, não podemos ser induzidos a uma ilusória relação de eterno estado de cooperação entre os membros de grupos ou comunidades virtuais, pois segundo Recuero (2009), as relações nas redes sociais na internet são dinamizadas também por situações de intensa competição, conflitos e rupturas. A começar pelo fato de que as relações nas redes sociais na internet não são presencialmente físicas, assegurando aos agentes um relativo distanciamento e um pseudoanonimato, o que muitas vezes provoca um movimento intenso de ingresso e exclusão de agentes sociais nas comunidades virtuais estabelecidas em redes sociais. “A mediação pelo computador traz aspectos importantes para a relação social, como o distanciamento entre as pessoas envolvidas na construção dessa relação e pode alterar a forma através da qual ela é estabelecida” (RECUERO, 2009, p. 37).

O movimento que caracteriza esse dinamismo das redes sociais, segundo a referida autora, é decorrente da natureza e dimensão das relações que os agentes sociais estabelecem entre si no mundo virtual das redes sociais, que evidenciam um constante processo de transformação. Essas relações de interação que ocorrem no interior das redes sociais apresentam natureza diferente, mas nem sempre dissociadas uma das outras. Algumas dessas relações mais recorrentes apontadas por Recuero, que orientam os processos de sociabilidade nas redes sociais são a cooperação, competição e conflito.

Nessa perspectiva, a relação de cooperação nas redes sociais pode ser potencializada por uma ação individual orientada para os interesses e finalidades estabelecidas previamente por um determinado grupo ou comunidade virtual. Por outro lado, a competição nas redes



sociais consiste num claro processo de disputa por espaço e reconhecimento elucidado sobretudo na busca de um maior número possível de "likes e curtidas" de seus perfis ou outras formas de publicações nas redes por meio da internet. Quando essa competição extrapola para a dimensão da violência e da agressão, desdobra-se em conflito, que algumas vezes provoca a desagregação do grupo, dependendo do nível de gravidade da ação conflitiva, pois algumas vezes perde-se de vista a dimensão humana da relação coisificando-se o outro, o que favorece a postagem de vídeos, fotos ou mensagens de texto extremamente ofensivas à dignidade humana do outro, perdendo-se a noção de comunidade.

O conflito é igualmente frequente nas redes sociais na Internet. Em um *photolog* coletivo, por exemplo, é muito comum que indivíduos mal-intencionados postem fotos pornográficas ou ofensivas. [...] Há comunidades para que as pessoas escrevam sobre as outras que odeiam, comunidades ofensivas, defensoras do racismo ou nazismo, ofensas em comunidades, em perfis, etc. (RECUERO, 2009, p. 84)

Esse é um dos graves problemas que as novas tecnologias digitais têm legado para a contemporaneidade, atingindo brutalmente a eticidade das relações que as pessoas estabelecem entre si, por meio de mídias digitais. Muitos usuários de tecnologias, mergulhados em um completo estado de “cegueira ética”, usando as palavras de Mendonça(2013a), perdem de vista os valores de sua própria humanidade, impedindo-os de contemplar a pureza e a condição humana do outro que estão imersas numa relação do mundo virtual. É aí que o mal ganha amplitude, edificando relações alicerçadas na violência, na banalização e desvalorização da vida.

De acordo com Recuero, uma das questões mais importantes para o estudo das relações estabelecidas em redes sociais na internet são os valores que orientam os laços sociais construídos entre os envolvidos numa conexão em rede. A visibilidade social é um dos valores perseguidos por agentes de uma rede social, a fim de "aumentar o número de seguidores para popularizar seu perfil pessoal ou seu blog"(p. 109). Esse valor representa a expectativa de reconhecimento do ator social no grupo do qual faz parte ou pretende ingressar, evidenciado uma forma de competição, geralmente lúdica por melhor posição no ciberespaço por meio da rede social utilizada. Tal comportamento evidencia uma estratégia muito comum nas redes sociais, utilizadas por usuários de mídias digitais e internet uma declarada preocupação em construir uma forma de reputação aceitável e reconhecida pelos outros membros do grupo conectado, pois é por meio dessa visibilidade que cada um define uma posição desejável que influencie na percepção do outro acerca de quem sou "eu".

Essa reflexão nos provoca profunda inquietação diante da busca intensa de visibilidade que marca a ação de atores sociais conectados em rede a partir da impressão que o outro pode construir acerca do ator postulante a esse valor social.

No entanto, nessa perspectiva devemos deixar claro que a relação está no campo da virtualidade, fugindo ao que Buber define como "Eu-Tu", pois diferentemente do pensamento buberiano, edificado na "presença, encontro e reciprocidade", essa relação do "Eu e o Outro" de uma visibilidade buscada no mundo virtual é vista como uma forma representação e desrealização do homem, segundo o pensamento crítico Viriliano.

Nessa relação os atores sociais envolvidos buscam a aprovação do outro como forma de confirmação do "eu", revelando um distanciamento de si mesmo, o que contribui para corroer a nossa identidade de origem e nos tornar cada vez mais inautênticos, como é possível perceber nas reflexões heideggerianas, em sua obra *Ser e Tempo*(1989), segundo a qual um olhar objetivado para o outro apenas como ente dado, dificulta o "eu" voltar-se com abertura para a própria interioridade e encontrar-se com seu próprio Ser.

Essa aprovação do outro revela uma evidente preocupação dos atores sociais que interagem em redes sociais na internet com a construção de uma reputação junto aos grupos ou comunidades virtuais que transitam ou pretendem transitar, entendendo-se aqui o conceito de reputação como:

A percepção construída de alguém pelos demais atores e, portanto, implica três elementos: o "eu" e o "outro" e a relação entre ambos. O conceito de reputação implica diretamente no fato de que há informações sobre quem somos e o que pensamos, que auxiliam outros a construir, por sua vez, suas impressões sobre nós. (RECUERO, 2009, p.109)

Essa reflexão nos remete à inferência de que, nas relações de sociabilidade construídas em redes sociais, os envolvidos interagem a partir de representações que uns constroem sobre os outros e os processos de sociabilidade que podem desenvolver entre si. São essas impressões iniciais que orientam o estabelecimento de interações nas redes sociais, edificadas e edificantes da reputação que os indivíduos assumem nesses espaços de relações virtuais, indicando com quem se relacionar de modo confiável nas redes sociais, elucidando-se que a reputação não é um valor caracterizado pela quantidade de seguidores ou leitores de redes sociais e blogs, mas sim a qualidade na relação de confiabilidade que se estabelece entre os atores envolvidos num processo de sociabilidade no mundo virtual (RECUERO, 2009).

Por outro lado, na extensão da reputação, um dos valores mais perseguido por atores sociais de internet em redes sociais é a popularidade. De acordo com Recuero (2009, p. 111)

"A popularidade também é relacionada ao número de comentários e ao tamanho da audiência de cada *blog* ou *fotolog*, ou de redes sociais, pelo número de visitas em um perfil, bem como a quantidade de *likes*. Desse modo, a popularidade assume uma dimensão quantitativa, visto que está relacionada com o número de pessoas conectadas a um indivíduo, evidenciando essa popularidade por meio de referências em forma de *likes* e curtidas dos seguidores de alguém.

Outro valor social que está articulado nas tessituras das relações de sociabilidade em rede social, é a autoridade de alguém dentro da rede social em conexão, caracterizada pela "efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele" (RECUERO, 2009, p. 113). A busca da autoridade é orientada por uma referência que alguns usuários de mídias e redes digitais conseguem representar em sua rede junto aos demais atores que tem visibilidade no grupo em conexão de rede na internet, influenciando a partir de seus perfis e conversações, na construção de discursos que ganham condição hegemônica entre as pessoas na rede em conexão.

Uma questão que requer atenção nos processos de sociabilidade construídos em rede social na internet é a publicização da vida privada das pessoas usuárias desses espaços comunicacionais. As redes sociais, em face do baixo custo e facilidade de conexão, possibilitam a construção de intensas relações de sociabilidade, fomentando intercâmbios de natureza diversa no campo das relações intersubjetivas, mas também, em razão de ser um espaço de publicação ampla, publiciza a individualidade em situação de mau uso das tecnologias, abrindo precedentes para a exposição negativa e criminosa de identidades subjetivas, por meio da postagem em rede mundial (internet) de imagens, vídeos e textos profundamente agressivos à individualidade do outro.

Entretanto, não podemos demonizar a tecnologia, mas sim o mau uso que eventualmente se faz das tecnologias na construção de relações sociais, demandando-se o exercício de uma atitude reflexiva, ética e humanizada dos atores sociais de processos construídos em conexão nas redes sociais, sobretudo, entre jovens, que se constituem em potenciais usuários de tecnologias mediadas pela internet.

Muitas vezes os usuários não têm consciência imediata do alcance e permanência dos registros que são feitos em rede social, dando conta do fato somente quando são impactados pela repercussão de suas atitudes no processo de interação e comunicação digital.

*Las redes sociales permiten registrar estas actitudes en un espacio público o semipúblico y darles mayor alcance y permanencia. En el momento en que los jóvenes están colgando estos contenidos, sus patrones de expresión siguen determinados por las normas de comunicación cara a cara, no siendo generalmente conscientes de que estos contenidos no si guen las mismas normas y requieren de*

*una mayor reflexión para evitar posibles impactos em otras personas o en su propio futuro. (DUEÑAS et all, 2016, p. 74)*

Esses construtos teóricos nos remetem à necessidade de desenvolvermos uma relação baseada na busca e compreensão da essência da técnica, como nos ensina Heidegger (2007), sem buscarmos controlar a técnica e nem tampouco sermos controlados por ela, mas desenvolver uma atitude ética de serenidade e humanidade quanto ao uso das tecnologias, a fim de que possamos compreender melhor o desenvolvimento tecnológico e o modo como nos relacionamos com o “eu” e o outro, de forma mais humanizada por meio dos processos de interação que estabelecemos nos espaços de relacionamentos virtuais.

## 2.2 COMUNIDADES VIRTUAIS COMO AMBIENTES DE SOCIABILIDADE

Tomando por base o pensamento buberiano de que "o homem é um ser de relação" em toda a história de sua existência no mundo, compreendemos que o ser humano sempre apresentou uma predisposição para uma vida construída a partir de relações subjetivas e intersubjetivas estabelecidas com o outro. Desse modo, Recuero (2002) não perde de vista essa necessidade de que o homem tem de se relacionar com o outro, ao afirmar que o ser humano, em razão da busca de sobrevivência, historicamente, sempre se organizou gregariamente em grupos, contribuindo para a formação de unidades de interação social denominadas de comunidades, cujo conceito ainda está envolto em algumas controvérsias.

### **a) Algumas controvérsias sobre o conceito de comunidade**

No mundo contemporâneo, Castells (2003) comenta que os críticos das tecnologias e seus efeitos supostamente nefastos sobre o homem, perdem de vista o conceito de algumas dimensões da existência social do humano. Por exemplo, no que se refere aos ambientes de relações de sociabilidade humana, o entendimento de comunidade do referido autor afirma que os críticos não conseguem fugir de conceitos anacrônicos, assentados na compreensão de comunidade ainda no sentido tradicional, vinculado à tradição familiar e territorial, sem se aperceberem da abismal mudança que tem afetado o desenvolvimento humano e suas tecnologias nas três últimas décadas, sobretudo na forma de os homens se relacionarem socialmente e se organizarem em grupos amalgamados por interesses comuns, denominados

de comunidades, ainda muito associados à noção social e territorial delimitada<sup>18</sup>. Nessa perspectiva tradicional, a noção de comunidade ainda está vinculada a existência de indivíduos que se relacionam socialmente, estabelecendo laços sociais em uma relação de territorialidade, agregada a construção de processos sociais orientados por costumes, tradições, afetividade, familiaridade e interesses cotidianos.

Com a expansão do uso da internet a partir do início dos anos 1980, novos padrões de sociabilidade começaram a ser construídos pelo homem em suas relações sociais cotidianas. Na construção dessas novas formas de relações sociais, os usuários de internet em redes sociais começaram a se organizar em espaços virtuais de compartilhamento de interesses, conhecimentos, sentimentos e perspectivas comuns em comunidades virtuais na internet. Desse modo, segundo Castells (2003), a melhor forma de atingir um nível de visibilidade mais satisfatório das relações virtuais estabelecidas pelo homem da contemporaneidade na internet, é por meio de uma compreensão pelo menos aproximada do conceito de comunidade, numa perspectiva sociológica. Qualquer análise das relações de sociabilidade no mundo contemporâneo, profundamente marcado pela influência das novas tecnologias de comunicação humana, apartada desse contexto, representa um reducionismo no olhar para a existência da humanidade e suas formas de sociabilidade e existência no mundo.

Entre os clássicos da sociologia, Weber (1987) afirma que a definição de comunidade é indicada nos sentidos das ações sociais praticadas pelos indivíduos que evidenciam uma relação de solidariedade entre os sujeitos envolvidos numa relação social comunitária. O referido sociólogo afirma que uma comunidade está baseada em qualquer relação de emotividade, interesses comuns, coesão social, cooperação e conflito numa dimensão territorial, independente dos laços históricos, culturais ou familiares existentes entre os membros da comunidade. “Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes” (WEBER, 1987, p. 77).

Diferentemente de Weber, que considerava a comunidade como um campo de relações mais amplas, o sociólogo e pensador alemão Ferdinand Tönnies (1995a), desenvolveu um conceito de comunidade que indicava para essas unidades sociais, cujas tessituras eram

---

<sup>18</sup> A sociabilidade baseada no lugar foi de fato uma fonte importante de apoio e interação social tanto em sociedades agrícolas como nos primeiros estágios da Era industrial. [...] essa forma de comunidade territorialmente definida não desapareceu do mundo em geral, mas certamente desempenha papel pequeno na estruturação de relações sociais para a maioria da população em sociedades desenvolvidas. (CASTELLS, 2003, P.106)

amalgamadas por "relações puras" assentadas no estabelecimento de laços fortes, alicerçados, sobretudo na tradição familiar e em efetivos laços de solidariedade. Defendia a tese de que a comunidade (*Gemeinschaft*)<sup>19</sup> era constituída por um conjunto de pessoas agregadas por uma tradição familiar e histórica, cujo horizonte hermenêutico<sup>20</sup> orientava para uma forma de organização social baseada na harmonia entre os seus componentes e, essa harmonia era sustentada por formas de interação de conteúdo cultural que não tinha o princípio da dominação de um sobre outro, mas sim da harmonia e a contemplação do outro numa relação de alteridade e solidariedade, diferentemente do conceito de sociedade, como uma formação social constituída por laços frágeis estabelecidos entre indivíduos, sob motivação de interesses calculista e cujas relações de controle eram definidas por mecanismos de poder (leis, aparatos militares, a ideia de nação, Estado) que garantem o exercício da disputa e da dominação de uns sobre outros organizados por relações racionais e instrumentais de sociabilidade.

Em teoria, a sociedade consiste num grupo humano que vive e habita lado a lado de modo pacífico, como na comunidade, mas, ao contrário desta, seus componentes não estão ligados organicamente, mas organicamente separados. Enquanto, na comunidade, os homens permanecem essencialmente unidos, na sociedade eles estão essencialmente separados, apesar de tudo que os une (Tönnies, 1995a, p. 252).

Nesse conceito de Tönnies (1995a), é possível percebermos a comunidade como um espaço de exercício pleno de ética e humanidade no sentido buberiano da relação "Eu-Tu" e na ideia de disponibilidade e alteridade da filosofia marceliana, na medida em que nos permite visualizar a possibilidade da presença e a reciprocidade entre os membros da comunidade, cujas relações são evidenciadas como oriundas de um efetivo diálogo buberiano, as pessoas vivem “uns com os outros”.

Esse olhar acerca do conceito de comunidade nos remete ao que diz Recuero a seguir:

para Tönnies, *Gemeinschaft* (comunidade) representava o passado, a aldeia, a família, o calor. Tinha motivação afetiva, era orgânica, lidava com relações locais e com interação. As normas e o controle davam-se através da união, do hábito, do costume e da religião. [...] Para Tönnies, a comunidade seria o estado ideal dos grupos humanos. A sociedade, por outro lado, seria a sua corrupção (RECUERO, ANO, p. 2002).

Um dos elementos mais recorrentes na formação de uma comunidade, é a territorialidade definida por localidades onde as pessoas realizam suas relações de sociabilidade sob impulso de laços comuns. Nesse sentido “haveriam três tipos importantes de

<sup>19</sup> Vocábulo alemão utilizado por Tönnies para identificar comunidade.

<sup>20</sup> Ver Conceito elaborado e desenvolvido por Hans Georg Gadamer em sua obra “**Verdade e Método**”, v. I(1997)

lugar em nossa vida cotidiana: o lar, o trabalho e os ‘terceiros lugares’, referentes àqueles onde os laços sociais fomentadores das comunidades seriam formados, como a igreja, o bar, a praça e etc”. (OLDENBURG *apud* RECUERO, 2002, p. 4). Portanto, nessa perspectiva, a existência de um território comum, como local de desenvolvimento de relações sociais entre pessoas, constitui-se em condição fundamental para a formação de comunidades.

Pelas lentes de uma fenomenologia hermenêutica, abstrai-se que o debate sobre o conceito de comunidade no campo da racionalidade tem aprisionado uma compreensão mais aproximada dessa forma de relação humana pelo campo dos sentidos. Sociólogos e filósofos mais recorrentes na busca de uma definição racional sobre o conceito de comunidade têm evidenciado uma preocupação muito forte no sentido de dar legitimidade do vínculo comunitário às questões sociais, econômicas, culturais ou a uma territorialidade e não de pessoas ligadas por sentimentos e interesses comuns.

Esse debate tem polarizado grandes discussões intelectuais nesse campo e é a partir desse cenário, que nos arvoramos a dizer que o sentido humano de comunidade, ao ficar aprisionado na racionalidade, evidencia o sentimento comunitário como algo apartado da relação existencial da humanidade, perdendo-se de vista a percepção inter-humana das relações comunitárias baseadas na "solidariedade pela qual um reconhece o outro, resultando em conhecimento que tem em um dos seus ângulos o autoconhecimento e em outro, um conhecimento social" (WINAND, 2011, p. 54).

O eminente filósofo austríaco-judeu Martin Buber (1982), ao tratar sobre o conceito de comunidade, explica que sua preocupação não é prioritariamente tratar sobre os objetivos e interesses comuns que orientam as interações entre os membros do grupo, que articulados entre si por sentimentos de pertencimento social ou territorial, desenvolvem relações sociais racionalmente organizadas a fim de alcançar uma dimensão de coletividade definida pelo entrelaçamento das subjetividades do grupo num plano objetivado. O olhar de Buber para a comunidade está intrinsecamente vinculado à ideia de um homem como "ser de relação", cuja contemplação do outro deve ocorrer numa perspectiva de unidade onde "um-com-o-outro", na organização das relações, deve ser o fio condutor e construtor do sentimento comunitário.

Desse modo, os membros da comunidade devem vivenciar suas relações em torno de objetivos comuns, não apenas como ações organizacionais racionais do grupo, mas como experiências humanas, nas quais um se predispõe pelo Ser na presença e reciprocidade para o outro, numa dimensão do "Eu com o Tu", sendo esse o verdadeiro sentimento comunitário que orienta a existência da comunidade, ou seja, a essência humana na sua condição

existencial alicerçada no diálogo buberiano como um voltar-se para si mesmo, compreendendo o outro como manifestação da sua própria existência.

O pensamento de Buber acerca de comunidade está relacionado ao exercício da relação com o outro, baseada na dimensão Eu-Tu, como o caminho para a consolidação do sentimento comunitário numa perspectiva inter-humana, cuja percepção da relação com o outro pode ser possível pelo campo de uma fenomenologia hermenêutica. Nessa compreensão, o sentimento comunitário está alicerçado numa relação dialógica, cujos princípios basilares são a presença e a reciprocidade, elucidativos da disponibilidade de um para o outro, o que define o sentimento dialógico de comunidade na visão buberiana, como "evidência de novas formas de convivência comunitária em contraponto ao paradoxo do homem moderno" (GOMES, 2006, p. 67).

Essa reflexão de Gomes, a partir do pensamento buberiano, é elucidativa de uma abertura para formas de vida comunitária para além da racionalidade instrumental, possibilitando aos homens uma ‘janela’ que lhes apresente possibilidades de relações que deem sentido à existência humana fundamentada numa ética orientada pelo “Eu-Tu”, na qual o homem moderno pode também compreender e assegurar a sua existência transcendente e transcendental pela capacidade de se doar para a contemplação da sacralidade do outro. Esse é o sentido de comunidade que encontramos em Martin Buber, como uma possibilidade de reflexão para o homem moderno pensar a sua existência no mundo, evidenciando a noção intrasubjetividade que buscamos nesta pesquisa no contexto das relações entre professor e aluno em sala de aula, na profusão de uso de modernas tecnologias de comunicação.

## **b) Comunidades virtuais**

Em razão do cerne desta pesquisa ser o estudo de processos de sociabilidade mediados por tecnologias digitais, recorreremos a Recuero (2002), a qual afirma que muitos estudiosos (Rheingold, 1996; Palacios, 1996; Wellman e Gulia, 1999, Castells, 2003 e outros) de referência na questão em foco têm enfatizado com veemência que o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação desgastaram profundamente o sentido do conceito de comunidade baseada em laços familiares e vínculos de territorialidade, em razão de novas formas de sociabilidade que os homens passaram a desenvolver entre si sob mediação de novas tecnologia na internet. Essas novas relações mediadas por suportes tecnológicos em ambientes virtuais deram origem a novas formas de relações sociais cibernéticas denominadas



de comunidades virtuais, definidas como “agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço” (LEMOS,1998, online).

Nesse sentido, Castells (2003) sustenta a tese de que com a desnaturalização do conceito de comunidade, no sentido tradicional de seus laços de familiaridade, essa concepção de relações comunitárias não desapareceu, mas perdeu significativamente sua importância na configuração da estrutura de relações sociais no mundo contemporâneo.

Outras formas de sociabilidade estabelecidas sob mediação de novas tecnologias de comunicação começaram a orientar de modo muito amplo os processos de sociabilidade e comunicabilidade entre os homens. Essas novas formas de interação social começaram a ser configuradas com a formação de ambientes virtuais, constituídos pelo entrelaçamento da comunicação entre as pessoas, formando as redes sociais na internet, na qual as relações que os indivíduos estabelecem entre si, numa amplitude que prescinde tempo e espaços específicos, passaram a constituir as comunidades virtuais, desagregada da noção de territorialidade e laços familiares.

Talvez o passo analítico necessário para se compreender as novas formas de interação social na era da internet seja tomar por base uma redefinição de comunidade, dando menos ênfase ao seu componente cultural, dando mais ênfase ao seu papel de apoio a indivíduos e famílias, desvinculando a sua existência social de um tipo único de suporte material. (CASTELLS, 2003, 106)

Essa reflexão remete à ideia de que a comunidade tradicional que se constituía por indivíduos articulados por compartilhamento de valores e interesses comuns em espaços territoriais específicos, na contemporaneidade, evoluiu para um espaço virtual, o *ciberespaço*, que não depende de tempo e territorialidade para o estabelecimento de novos padrões de sociabilidade humana; basta a interconexão por mídias tecnológicas mediadas na internet abrindo um campo de interação entre os atores sociais conectados. Essas novas relações de sociabilidade promovem formas de interações sociais marcadas pela sensação de pertencimento e compartilhamento, constituindo laços sociais que configuram novos grupos organizados em comunidades virtuais na internet.

Conforme Primo (1997), as pessoas conectadas em uma comunidade virtual por meio de uma rede social, estabelecem formas diversas de interações sociais elucidativas de sua própria cotidianidade, o que nos possibilita inferir que a transferência de experiências cotidianas da realidade concreta para a realidade virtual, contribui para constituir laços

emocionais efetivos com significativa estabilidade entre membros de uma comunidade virtual, tornando-se esse ambiente virtual para os seus usuários um novo campo naturalizado de sociabilidades com espírito comunitário, visto que evidencia uma noção e sensação de pertencimento ao grupo por meio das tessituras de interesses e relações compartilhadas comuns. Nesse ambiente constroem e desconstroem relações orientadas por normas de conduta estabelecidas pelas relações naturais entre os próprios membros do grupo.

Corroborando com essa perspectiva de Mussoi, Flores e Behar (2007) afirmam que a formação das comunidades virtuais ocorre pelo estabelecimento de relações virtuais de sociabilidade em torno de assuntos diversos e faixas etárias diferentes. “Através da tela do monitor as pessoas trocam experiências, discutem, desenvolvem amizades e amores, flertam, jogam, muitas relações virtuais se tornam reais”. (p. 4)

Porém, não podemos perder de vista que essas relações de sociabilidade construídas em espaços virtuais também são permeadas por situações de conflito e cooperação, visto que os membros dessas comunidades disputam visibilidade e poder dentro das comunidades. Essas relações são evidenciadas num fluxo significativo de pessoas nos grupos, o que representa um indicador de que as pessoas adicionadas num determinado grupo têm que seguir regras hegemônicas de sociabilidade, que eventualmente, quando são quebradas implicam em reações de bloqueio ou exclusão do ‘infrator’ no sentido de descumprir a norma instituída na comunidade.

O escritor e professor norte-americano Reinhold (1996), ao definir comunidades virtuais, afirma que se constituem em um agregado de pessoas em ambientes de redes sociais virtuais conectados pela internet, motivadas por sentimentos e interesses comuns, estabelecendo relações de sociabilidade orientadas pela continuidade relacional e temporal estáveis; e um sentimento comum de pertencimento a uma rede de relações sociais no âmbito virtual, mas não vinculados a uma dimensão de comunidade espacial localizada, sendo, portanto, essas novas formas de sociabilidade comunitárias mediadas por tecnologias definidas como:

as comunidades virtuais – uma experiência social não planejada - são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço (espaço conceptual onde se manifestam palavras, relações humanas, dados, riqueza e poder dos utilizadores da tecnologia de CMC.” (RHEINGOLD, 1996, p. 18)

Nesses ambientes virtuais, as pessoas interligadas por uma rede de relações virtuais de relativa estabilidade afetiva e temporal baseada na confiabilidade, segundo o autor em referência, estabelecem múltiplas formas de sociabilidade com pessoas de esferas públicas e privadas, conhecidas e desconhecidas, extrapolando o espaço limitado de reações da realidade concreta, entrando em contato com assuntos de níveis cultural, econômico, político, relacionamento e outros bastante diferentes, visto que por meio de conexão virtual pela internet o mundo se abre na tela de uma mídia social com possibilidades extraordinárias de interações, além daquelas estabelecidas na família, escola, trabalho, grupos de jovens e outros delimitados pelo tempo e espaço. Formam grupos virtuais que favorecem a construção de processos de sociabilidades sem fronteiras territoriais e temporais, excetuando regiões onde não é possível acessar a internet; mas devemos lembrar de que essas situações de dificuldade de acessibilidade não fazem parte do discurso e prática hegemônica no sistema de comunicação internacional.

O conceito de comunidade virtual, a partir dessa perspectiva, tem como princípios basilares relações sociais estáveis e amalgamadas por um elo de permanência das pessoas no grupo por um tempo suficiente para que seus membros se sintam integrantes dos processos de sociabilidades construídos no seu interior, tomando em conta que “sem a existência em um plano de tempo, as relações entre as pessoas não poderão ser aprofundadas o suficiente para que constituam uma comunidade (RECUERO, 2002, p. 8).

Destacamos que Recuero nos chama atenção para o fato de que as relações sociais construídas nas comunidades virtuais não são perenes e intransponíveis. À medida que as interações ganham estabilidade por laços comunitários fortalecidos também pelo tempo, são estendidas para a dimensão da realidade concreta dos indivíduos.

Conforme conversas informais com pessoas que se relacionam em redes e comunidades virtuais na internet, percebemos que, nas relações de sociabilidade em redes e comunidades virtuais na atualidade, usuários, sobretudo jovens e adultos, formam grupos de comunicabilidade, cuja noção de pertencimento, após um certo tempo é muito forte, inclusive credenciando-os a decidir pela exclusão (bloqueio) de membros que se desviam dos princípios que edificam a relação ou pelo ingresso de outros membros na comunidade. Essa noção de pertencimento é tão forte que as comunidades virtuais criadas são identificadas por grupos de nomes específicos que remontam um pouco a identidade de seus integrantes, como alguns que identifiquei no *Locus* de pesquisa, como “casa do senhor”, “grupo motim”, “amigas de verdade”, “só as vilãs” e outros. “O sentimento de pertencimento levaria, então, a um caráter

cooperativo no interior da comunidade. E mais, levaria (ou poderia levar) à ação organizada e ao delineamento de um projeto comum” (PALACIOS, 1996, p. 92).

Por outro lado, alguns autores, como o próprio citado, evidenciam a não obrigatoriedade de permanência no grupo. Os integrantes das comunidades virtuais têm autonomia em decidir pela sua permanência ou não na comunidade a qual pertence, sendo livres para migrar para outra comunidade ou não ter vínculos efetivos com nenhum grupo. “(...) o indivíduo só pertence se, quando e por quanto tempo estiver, efetivamente, interessado em fazê-lo” (PALACIOS, 1996, p.93).

Essa definição de Palácios elucida as falas de alguns de meus interlocutores de pesquisa, que migram de uma comunidade virtual para outra por motivos diversos, alegando desinteresse pelos assuntos tratados, saturação das relações e conflitos entre os próprios membros do grupo. Essas percepções possibilitam construir juízos sobre a consistência dos laços sociais e afetivos que são estabelecidos nas comunidades virtuais, abrindo precedentes para questionamentos sobre os princípios éticos que orientam as relações de sociabilidade nas redes e comunidades virtuais.

Essa percepção de Palácios nos remete a Wellman e Gulia (*apud* RECUERO, 2002), que em suas reflexões sobre o processo de comunicabilidade e relações de sociabilidade na internet, defendem a tese de que os novos padrões de relações sociais mediados pela tecnologia em comunidades virtuais são marcados pela efemeridade das relações e de seus componentes, argumentando que as relações sociais estabelecidas não perduram por muito tempo, constituindo, portanto, laços sociais fracos, que caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade” (RECUERO, 2002).

A autora firma que há uma itinerância significativa no fluxo de pessoas que fazem parte de comunidades virtuais na internet. As pessoas entram e saem dos grupos virtuais com muita frequência, mas segundo o autor, o que não podemos perder de vista é a permanência da comunidade em razão da fluidez de pessoas nesses ambientes virtuais, bem como a proliferação de novas tecnologias e ambientes virtuais que representam novos atrativos para os usuários de tecnologias digitais. Esse posicionamento é corroborado também por outros estudiosos da questão em foco: “As pessoas se ligam e se desligam da internet, mudam de interesse, não revelam necessariamente sua identidade, [...] migram para outros padrões online” (CASTELLS, 2003, p.108).

Uma análise dessa perspectiva pelas lentes da ética do olhar levinasiano do face a face expressa na reflexão de Lévinas (2000<sup>a</sup>, p. 69) “na relação interpessoal, não se trata de pensar conjuntamente o Eu e o Outro, mas de estar diante. A verdadeira união ou junção não é uma

função de síntese, mas uma junção de frente a frente”; remete-nos a uma reflexão sobre os princípios éticos e humanos que orientam as relações sociais em comunidades virtuais. Ora, se nesse viés, a nossa humanidade está alcerçada nas relações que estabelecemos com o outro de forma intensa na dimensão do face a face, isto significa dizer que as relações construídas nas comunidades virtuais nos distanciam de nossa humanidade em razão da fragilidade dos laços sociais estabelecidos, inclusive legitimados pelo próprio pseudoanonimato que preserva a identidade de origem dos atores sociais em conexão. “Para entrar na “rede do papo”, o usuário não usa seu nome ou inscrição de rede (login) verdadeiro, mas sim um pseudônimo. A cada sessão ele pode optar por manter ou trocar o pseudônimo”. (PALACIOS, 1996, p. 91)

Portanto, não podemos negar o importante papel das novas tecnologias em todas as dimensões da vida humana no mundo contemporâneo com avanços inegáveis para a existência da humanidade. As novas tecnologias têm proporcionado à humanidade novas formas de sociabilidade, que tem ampliado inexoravelmente a capacidade dos homens de interagirem entre si, sem fronteiras territoriais, avançando na construção de novas formas de vivências e experiências, que orientam atualmente maior parte dos princípios que norteiam as relações de sociabilidade humanas no planeta.

O que o homem faz hoje, através do computador, é instaurar um novo espaço, baseado nas tecnologias intelectuais disponíveis em nosso tempo. Assim como faziam os membros das sociedades sem escrita, estamos utilizando as melhores estratégias de codificação que estão à nossa disposição. Nossos parâmetros são outros, não mais os do mundo físico, materialmente habitado, e sim, os de um mundo virtual, habitado por imagens e símbolos de uma outra ordem; diferentes daqueles que sempre habitaram o mundo da linguagem humana até hoje. (ESCOBAR, 2006, p. 12)

Entretanto, muito nos preocupa nos processos de sociabilidade na realidade virtual a possibilidade de nos distanciarmos de nossa essência humana e passarmos a ver o outro apenas como um ser cibernético ou um avatar desumanizado pela destruição de sua capacidade de contemplação da humanidade do outro e, conseqüentemente, entrar na esfera do mal, que poderá se desdobrar em inúmeras formas de interação como a violência, a banalização da morte e a perda do próprio sentido da vida. Afinal, as relações sociais estabelecidas nas comunidades virtuais são representadas por imagens ‘desencarnadas’, o que requer de nós muito cuidado com quem nos relacionamos no mundo virtual.

### 2.3 O “*SELFIE*” NO IMAGINÁRIO SOCIAL DE USUÁRIOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Basta um olhar desprezioso para o mundo da contemporaneidade para percebermos muitas mudanças na forma de os homens se organizarem para produzirem os bens necessários à sua sobrevivência e às suas condições existenciais. As lentes dessas transformações indicam para o acelerado desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, como um dos provedores do novo modelo de sociedade que se configura neste início do século XXI.

Um novo homem está surgindo e construindo formas de se relacionar com o mundo, com o outro e consigo mesmo, a partir de experiências proporcionadas pelo avanço tecnológico. As tecnologias de comunicação digital impõem, sobretudo aos jovens, novas formas de relacionamentos sociais, mediadas por um sofisticado aparato digital, expressos em *smartphones, tablets e computadores*, por meio de redes sociais, como *Facebook, WhatsApp, Instagram, linkedin* e outras.

Essas novas tecnologias têm provocado um sentimento generalizado de euforia, sobretudo nos jovens, cujas relações e ações cotidianas passam a ser construídas sob forte influência desse mundo digital. Eles se comunicam, relacionam-se, registram as ações de seus interesses e necessidades, tudo em permanente processo de conexão digital, exibindo a máquina como uma bússola orientadora de suas ações e reações cotidianas.

Mediante a esse processo de inovação tecnológica, o uso das novas tecnologias é muito comum, em espaços públicos ou privados, cenas de registros de momentos considerados interessantes, com o autorretrato (*selfie*), troca de vídeos e fotos entre amigos, as vezes mais ousadas, sob ponto de vista do corpo.

Com o surgimento de diversas redes sociais, tornou-se muito comum entre jovens o registro de *selfies*, visto que as redes sociais são espaços de interação e socialização entre usuários de tecnologias que sentem necessidade de mostrar sua imagem como estratégia de busca de aprovação, sobretudo mediada pelo número de pessoas que curtem a imagem, que tecnologicamente expressa a aceitação da pessoa por determinados grupos em evidência nas redes sociais na internet.

Contudo, não podemos nos furtar em questionar a atitude de alguns internautas, que fugindo as normas sociais, postam imagens ofensivas a outrem, gerando um quadro de violência manifestada pela postagem de imagens e textos que provocam a dilaceração física e emocional da vítima.

Entendemos que a realização de estudos acerca dessa temática é de grande relevância, na medida em que, se por um lado, o *selfie* é uma estratégia de entretenimento, por outro tem provocado situações de violência, que evidenciam distanciamento de valores éticos em algumas experiências relacionais construídas com a mediação de tecnologias digitais.

Buscamos com reflexões desta natureza, contribuir para que usuários de tecnologias digitais utilizem as mídias digitais de comunicação como ferramenta de aproximação entre as pessoas e um meio de discussão acerca da forma como as relações sociais podem ser mais humanizadas e auxiliarem na construção de relações sociais alicerçadas numa ética inter-humana.

### **a) O *Selfie* nas lentes do imaginário**

O imaginário social construído em torno das tecnologias de comunicação digital entrou na vida das pessoas, sobretudo de jovens, atualmente, como uma forma de demonstração de ostentação, ou seja, vale mais quem tem a mais sofisticada mídia digital, pois remete à ideia de que as melhores mídias tecnológicas com avançados aplicativos possibilitam as formas mais eficientes e eficazes de interação no mundo virtual; e esse modo de pensar também atinge muitos adultos que utilizam esses recursos para promover a própria imagem, vivenciando um estado de deslumbramento.

Buscando compreender o imaginário construído em torno da relação que jovens estabelecem com as imagens que produzem em forma de *selfie* nas mídias digitais, no sentido do que pensam e que imaginação os impulsiona a essa prática, recorreremos a algumas reflexões que Gilbert Durand elaborou sobre Imaginário e Imaginação. Nesse campo, o eminente filósofo trabalha o conceito de Imaginário como “o museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 1998, p. 6).

Pensando por essa perspectiva, entendemos que o imaginário se constitui a partir de um conjunto plural de imagens produzidas pelo homem, a partir da necessidade de criação de uma relação simbólica com o mundo em que vive, visto que algumas dimensões almejadas pelo humano não são perceptíveis, demandando a criação de símbolos que possibilitem a construção de relações com o não visível. Assim, “Não concebemos as imagens como passivas, pois de qualquer maneira constituem a forma como, em momentos diversos, percebemos a vida social, a natureza e as pessoas que nos circundam” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 3).

Essa análise permite conceber a imagem, não de forma passiva, mas algo em movimento, cujas estruturas, segundo Durand, metamorfoseiam-se de acordo com a realidade vivida a partir de desejos manifestados pelos indivíduos. São essas imagens que possibilitam a construção de um quadro de imaginação, que se manifestam a partir de uma simbologia

criada, como forma de representação real das coisas abstratas da realidade social, buscando uma dimensão desejada daquilo não é visto, mas que pode ser sentido.

A criação do símbolo é uma forma do homem se relacionar com o mundo abstrato, sendo, portanto, uma alegoria, que consiste em uma representação (símbolo) para dar conta de uma ideia abstrata. Nesse sentido, podemos compreender o jovem usuário de tecnologias digitais, construindo símbolos a partir de imagens digitais para se relacionar com o outro. Eles criam seus avatares como espécies de alegorias intocáveis que o representam diante do mundo virtual, numa perspectiva de relação com o real.

Segundo Durand (1988), a simbolização do mundo se constrói a partir da imaginação simbólica, cuja função é buscar o equilíbrio entre os indivíduos e a sociedade a partir dos instrumentos de mediação da relação entre esses indivíduos e o mundo. É nesse contexto que se insere o imaginário na concepção durandiana, a qual considera a construção de imagens como o percurso simbólico para o estabelecimento de relações com a realidade instituída.

É nesse percurso entre a imaginação simbólica e a criação de imagens, que Durand (1988) denomina de “trajeto antropológico”, o qual se concebe a noção de imaginário desenvolvida pelas reflexões do autor em foco, como podemos conceber na reflexão a seguir:

O ‘trajeto antropológico’ é a afirmação, para que um simbolismo possa emergir, que ele deve indissolivelmente participar – numa espécie de ‘vai e vem contínuo’ – às raízes inatas na representação do *sapiens*, e, no outro ‘extremo’, às intimações variadas do meio cósmico e social” (DURAND, 1998, p. 59).

Desse modo, essa perspectiva durandiana, que nos remete à tentativa de entender o imaginário construído pelos jovens usuários de tecnologias digitais e praticantes de *selfies*, requer um mergulho nesse “trajeto antropológico”, no contexto do qual talvez seja possível estabelecer uma relação de compreensão com as imagens criadas a partir do que esses jovens imaginam, acerca do impacto que as mesmas poderão ter na sua relação com o mundo e como gostariam de ser vistos pelo outro nos grupos de filiação psicossocial.

Esse aspecto impulsional do imaginário revela a força do desejo do indivíduo construir uma relação com o mundo a partir da sua imaginação construída sobre um quadro de imagens multifacetadas, sendo, portanto, a imaginação uma espécie de bússola de orientação das ações da vontade de poder. “É a imaginação que fornece o meio, a clareira luminosa, onde podem comparar-se, medir-se, motivos tão heterogêneos como desejos e exigências éticas, elas próprias tão diversas, como regras profissionais, costumes sociais ou valores pessoais” (RICOEUR, s/d, p. 224).



Na busca de constituir uma identidade definida por sua imaginação, eles produzem um conjunto de imagens, em forma de autorretratos, mostrando-se como gostariam de ser vistos e aceitos socialmente, evidenciando o imaginário que se constrói em torno das tecnologias digitais e da profusão de imagens que as mesmas espriam na sociedade, elucidando a relação concreta que se estabelece entre o imaginário e o cotidiano dos indivíduos. Essa relação nos remete a ideia do autor de que o imaginário construído a partir de um conjunto de imagens produzidas por tecnologias digitais, transparece o desejo dos indivíduos na busca de um equilíbrio com as condições do meio em que vive, estabelecendo uma relação mitificada com o outro a partir de seus próprios desejos.

Essa relação alicerçada no mito, na concepção de Eliade (2000), representa uma perspectiva de compreensão da realidade, a partir da necessidade dos indivíduos estruturarem suas representações e desejos na dimensão do mundo visível, num processo de atualização e renovação da experiência vivida, a partir de uma imaginação e representação que transcenda a condição humana.

Com base nessa perspectiva teórica, compreendemos que no mundo contemporâneo, as pessoas mantêm uma relação mitificada com os avanços materiais decorrentes do desenvolvimento tecnológico. As novas tecnologias de comunicação digital produzem representações em forma de imagens propagandísticas, que são anunciadoras de “verdades absolutas”, em torno de alguns sonhos de consumo que mitificam a relação entre homem e sociedade.

Desse modo, essa perspectiva teórica, permite-nos entender o imaginário, como decorrente de um conjunto de imagens logicamente organizadas que possibilitam a criação de formas de representação do mundo em que se vive.

## **b) Eu, meu *Selfie* e os outros**

Na sociedade tecnológica industrial contemporânea, Lévy (1999) afirma que a internet representou uma mudança extraordinária nas possibilidades de comunicação entre os homens, à medida que criou o “ciberespaço” como um gigantesco espaço de interação virtual atemporal e desterritorializada, por meio de uma interconexão mundial de computadores por meio do qual é possível a criação de novas formas de representação para o indivíduo se relacionar com o outro.

Esse cenário, marcado pela construção de um mundo virtual, pelas evidências decorrentes do comportamento hodierno das pessoas, sinaliza para uma nova forma de pensar

e conceber o mundo em todas as dimensões, sobretudo no ocidente contemporâneo. No contexto das mídias digitais, a internet tem sido colocada em evidência, na medida em que, possibilita às pessoas, sobretudo aos jovens um amplo canal de comunicação, que tem exercido forte influência na formação identitária e nas relações que eles estabelecem entre si, a partir de conexões estabelecidas nas redes sociais, espaço virtual, pelo qual compartilham ideias, imagens de vídeos e fotos entre si. As redes sociais têm se tornado um espaço muito utilizado para os usuários de internet também se autopromoverem por meio de exposições, postando autorretratos (*Selfie*), que tem generalizado uma espécie de culto à imagem e ocupado um gigantesco espaço no vocabulário cotidiano dos internautas.

As relações de sociabilidade, sobretudo entre jovens usuários de tecnologias digitais, têm se caracterizado pela exibição de suas imagens em redes sociais, como um meio em que buscam a sua identidade, a fim de saber quem são e quem pretendem ser, por meio da aceitação e aprovação do outro, evidenciando o imaginário que está relacionado ao seu autoconceito, na aceitação e aprovação do outro, como se este assumisse o papel de juiz na definição estética e social do internauta postulante ao ingresso em um determinado espaço virtual de interação social, reforçando a ideia de que, para os homens, o que importa na sociedade é a busca da aceitação e aprovação alheia. (MENDONÇA, 2013)

Sob forte entusiasmo com as “fantásticas” possibilidades desse novo mundo espetacular, os jovens de hoje ocupam muito tempo conectados em redes sociais e acabam se desconectando das questões referentes à realidade de seu próprio ambiente cotidiano, ficando mais ligados ao mundo virtual, o que muitas vezes os tem levado a um considerável isolamento social, tornando-se estranho no seu próprio ambiente familiar. Perdem-se de vista de si mesmo e do outro, em razão do “espírito de abstração” que os aprisiona no âmbito da racionalidade, fazendo-os distanciarem-se da capacidade de contemplação de si e do outro, mergulhando num cenário de alienação e estranheza, alheios à sua própria existência e de relações intersubjetivas (MARCEL, 1956b).

No imaginário do mundo digital, Jovens que não se mostram nas redes sociais são considerados antissociais e são relegados ao anonimato por não se expressarem nesse mundo virtual. Muitas pessoas se alienam de suas relações sociais presenciais com família e amigos em função da imersão em novas formas de sociabilidade proporcionadas pelas redes sociais, que não evidenciam a experiência face a face no sentido levinasiano; vivenciando, segundo Virilio (2000), uma extrapolação da realidade concreta para uma realidade virtual que o referido autor denomina de desrealização humana.

Atualmente, quase todo jovem tem uma mídia tecnológica de última geração. Quando não possui um desses suportes das novas tecnologias, com o qual possa entrar nas redes sociais, sente-se excluído de seu grupo de amigos. Quando ele tem acesso aos referidos meios de comunicação digital, ele posta suas imagens e atividades para os amigos como uma forma de demarcar território entre eles. O jovem quer ser reconhecido e aceito pelo seu grupo, atrair atenção dos seus pares, inclusive seus familiares, com os quais muitas vezes perderam de vista o diálogo, o que os transforma em estranhos quando se encontram presencialmente, vivenciando um processo de dessocialização, não experienciando relações de afetividade humana com o outro na dimensão Eu-Tu, que na perspectiva buberiana “consiste em um ato essencial do Homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua” (BUBER, 2001, XLIV).

Nessa nova forma de sociabilidade, tem ganhado destaque o '*Selfie*', vocábulo oriundo do inglês e que já foi adicionado ao dicionário *online Oxford*, o mais importante da língua inglesa; significa, segundo a referida fonte, "uma fotografia que uma pessoa tirou de si própria, normalmente com um *smartphone ou webcam*". Em seguida, vem a publicação do retrato na rede social preferida em busca de *likes, curtidas* e comentários. É a partir dessas imagens que se constrói um quadro de imaginação que orienta a constituição de um imaginário em jovens em torno dos *selfies*, com base em “seus desejos e exigências éticas, elas próprias tão diversas, como regras profissionais, costumes sociais ou valores pessoais”. (RICOEUR, s/d, p. 224)

Geralmente, as fotos tiradas para o compartilhamento nas redes sociais são feitas individualmente, coletivamente com grupos de amigos ou com pessoas consideradas celebridades, como atletas, artistas, intelectuais e outros, considerados espécies de Mitos. O administrador da conta, na rede social na qual a foto é publicada, busca evidenciar a partir de sua imaginação criativa, momentos relevantes que podem ser ilustrados pela imagem publicada, o que acreditam os usuários de mídias digitais, garantir a sua autopromoção junto aos amigos do grupo alvo. A simbolização do mundo se constrói a partir da imaginação simbólica, cuja função é buscar o equilíbrio entre os indivíduos e a sociedades a partir dos instrumentos de mediação da relação entre esses indivíduos e o mundo (DURAND, 1988).

Essa noção do mito é encontrada em Eliade (2000), para quem o mito é uma espécie de manifestação de algo que atinge a dimensão do sagrado. É considerado como resultado do encontro de uma realidade invisível com uma realidade visível, que possibilita ao homem dar sentido e significado à sua própria existência no mundo vivido. Essa reflexão de Eliade nos remete à construção da relação que usuários de tecnologias digitais constroem com

celebridades que são transformadas em mitos, por meio de *Selfies*, buscando se blindar de um poder que lhe proporcione uma capacidade de dominação de sua realidade a partir de um mundo virtual.

Observa-se que nas redes sociais há uma grande demonstração de autoimagem, estética, beleza corporal dos internautas. Como se o fato de seus amigos desses espaços virtuais fossem os seus críticos de beleza estética, evidenciando um comportamento narcísico. Percebe-se no imaginário dos jovens que os mesmos tentam passar por meio das tecnologias digitais a busca de uma aproximação estética com personagens famosas idolatradas nas redes de comunicação como televisão, cinema.

A condição laboral de professor deste pesquisador, possibilita-nos transitar entre muitos jovens usuários de redes sociais mediadas pela internet e que praticam *Selfie*, e isso nos permite acreditar que as imagens registradas, evidenciam em muitos a busca da autoafirmação, comprovação de sua filiação a um determinado grupo e sua aceitação como integrante, construindo uma relação de pertencimento ao grupo.

O praticante só percebe a sua existência quando ele se sente percebido pelo outro em alguma forma de repercussão, o que explica a importância e a generalização de uso *selfie* para aqueles que produzem e publicam o seu autorretrato. Isso explica a expansão dessa prática “com a invenção dos celulares e *tablets* com câmeras dos dois lados, em que a pessoa pode se ver na tela enquanto fotografa” (SPREJER; KAZ; 2013, p. 34).

O público alvo mais afetado por esses avanços no campo das tecnologias digitais são geralmente jovens, que ávidos por registrar seus acontecimentos cotidianos considerados importantes, escrevem de forma imagética a sua própria história e suas relações de sociabilidade a partir de um imaginário construído socialmente sob mediação de tecnologias digitais.

Na construção dessas novas relações de sociabilidade em redes sociais, mediadas pelas novas tecnologias digitais de comunicação, muitos jovens, impulsionados pelo sentimento de ‘liberdade’ que são acometidos se autofotografam (*selfie*), mostrando parte ou por inteiro seus corpos de forma espetacularizada, para milhões de pessoas por meio da internet. Isto é possível, graças aos avanços da tecnologia, com modelos eletrônicos de última geração, que proporcionam facilidades de utilizar várias informações simultaneamente, com aplicativos que estimulam e favorecem o interesse de muitas pessoas.

Um mundo virtual pode simular fielmente o mundo real [...]. pode permitir ao explorador que construa uma imagem virtual muito diferente de sua aparência física

cotidiana. Pode simular ambientes físicos imaginários ou hipotéticos submetidos a leis diferentes daquelas que governam o mundo comum. (LÉVY, 1999, p. 72)

O cenário elucidativo da relação que pessoas estabelecem como as novas tecnologias de comunicação digital, remetem à ideia de que os mesmos querem ser vistos e aceitos por outras pessoas. E uma das estratégias para desenvolver essa expectativa é por meio do registro de sua própria imagem e compartilhamento em uma rede social. Entretanto, muitas vezes é algo superficial, sob ponto de vista da dimensão humana, pois a expressão virtual da imagem pode provocar um distanciamento da pessoa de sua essência humana, como nos chamam atenção Marcel e Heidegger, acerca da passagem do homem da dimensão de autenticidade para uma esfera de inautenticidade edificada no parecer do outro.

Ainda nesse âmbito, não podemos fechar os olhos para a ‘cegueira ética’ que pode perpassar as ações de algumas pessoas na prática do *Selfie*, visto que a busca de uma performance perfeita na postagem de imagens, pode provocar ofensas ou profundo sentimento de dor, à medida que não se tiver o cuidado de postar imagens que promovam ofensas pessoais ao outro.

As tecnologias digitais permitem transformações extraordinárias nos corpos das pessoas que buscam um padrão de beleza estética que seja referência de corpo ideal na sociedade. Para isso, os *Selfies* assumem um papel metamorfoseador, tornando possível publicar nas redes sociais o corpo que cada um quer que seja visto pelo outro. Essa relação com o corpo por meio das tecnologias digitais, expressa o imaginário simbólico que é construído em torno da tecnologia de comunicação digital na busca do parecer alheio, evidenciando, como nos diz a filosofia marceliana, uma sensação de pertencimento à massa como membro de uma condição hegemônica na sociedade, o que é indicador de um “espírito de abstração” que orienta grande parte da humanidade no mundo contemporâneo (MARCEL, 2001).

Eles projetam uma imagem de beleza esteticamente perfeita, em busca de alcançar maior proximidade possível com o padrão de beleza evidenciado pelo paradigma hegemônico de estética. Para isso, utilizam intensivamente os suportes das novas tecnologias digitais de informação e comunicação, evidenciando uma relação de poder e interesse. “Por trás das técnicas agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, estratégias de poder, toda gama de jogos dos homens em sociedade” (LÉVY, 1999, p. 24).

Para essas pessoas, a reprodução de sua própria imagem em fotos ou vídeos nas mídias tecnológicas representa a possibilidade de se destacarem nos seus ambientes sociais, ganhando popularidade. Isso provoca muitas vezes o afastamento desses jovens, de

determinados valores morais e éticos, à medida que traçam como objetivo conseguir alcançar suas pretensões e espaços no grupo em foco. No imaginário tecnológico das relações virtuais em redes sociais na internet, as conquistas do objetivo de visibilidade e aceitação no grupo ou comunidade virtual é vista como um troféu.

Nesse ambiente de inovação tecnológica a identidade é construída socialmente sob forte influência cultural. A autoimagem é uma forma que os jovens têm encontrado para se comunicar e interagir com o mundo. E com auxílio das novas tecnologias digitais, esse processo de construção de identidade tem ganhado bastante dinamismo nas relações entre usuários de tecnologia em redes sociais.

Além disso, é uma fase em que os jovens ainda estão buscando a sua identidade, a fim de atingir o autoconhecimento e quem pretende ser, por meio da aceitação e aprovação do outro. Conforme Gabriel Marcel, cada vez mais, nos distanciamos de nossa autenticidade, na medida em que mergulhamos numa dependência muito forte do outro para encontrarmos o nosso próprio eu.

Considerando a adolescência como uma fase de formação da concepção de mundo e autoafirmação do ser, das descobertas sobre si; e sua forma de se relacionar com o outro e com o mundo, o jovem se sente impulsionado ao uso da tecnologia na expectativa de destacar-se em determinados grupos sociais.

Tomando o homem como um ser social de relação, entendemos que todo ser humano sente necessidade de compartilhar com outros, o que pensa e o que está fazendo. No contexto atual de desenvolvimento tecnológico, isto é possível, visto que qualquer pessoa pode se autofotografar e postar sua imagem na internet por meio de uma rede social levando ao conhecimento de qualquer internauta. Isso já se tornou um *hobbie*. Existe também a disputa por “likes” ou curtidas. Quanto mais curtidas ou número de seguidores a pessoa conseguir, é sinal de que ela é uma pessoa popular.

É cada vez mais comum encontrarmos jovens tirando foto com amigos, sozinhos ou em frente ao espelho e postando nas redes sociais, na internet, compartilhando com os amigos ou com outras pessoas conectadas. Para alguns jovens, utilizar as redes sociais é apenas um entretenimento ou modismo. Alguns jovens buscam nos ‘*selfies*’ se ver ou se mostrar de uma forma esteticamente bela e fortalecer a autoestima.

Tal prática evidencia que, de alguma forma, existe uma demanda emocional que necessita de um olhar mais humanizado. É uma estratégia de testificar o quanto uma pessoa precisa da outra.

Por outro lado, devemos lembrar de que muitas vezes as redes sociais, por meio das novas tecnologias de informação e comunicação, têm obnubilado o olhar de alguns jovens, conduzindo-os por um labirinto, onde se perdem dos valores humanos.

Para concluir estas reflexões, entendemos que a reprodução da imagem por meio do *selfie* perpassa também por um processo de reinvenção do corpo, buscando-se a perfeição física e estética plena das imagens publicadas nas redes sociais, parecendo-nos que a publicação de imagens em espaços virtuais, dá-nos o controle preciso sobre nossa imagem, mas devemos ter cuidado para não ocorrer o oposto e perdermos esse controle, entrando em uma dimensão virtual autodestrutiva física, psíquica e social.

## 2.4 REINVENÇÃO DO CORPO NAS MÍDIAS DIGITAIS

Na sociedade contemporânea, sobretudo no ocidente, profundamente marcada pelo paradigma tecnológico, o corpo humano ganhou novas perspectivas de representação que evidenciam uma nova forma social do homem de se relacionar consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Hoje, mais do que nunca, são vendidas com a ajuda do desenvolvimento das tecnologias e da ciência médica, terapias genéticas, tratamentos dermatológicos, cirurgias plásticas, reposições hormonais, suplementos vitamínicos. (REZENDE,s/d, online)

### a) O “espetáculo” do corpo

A adjetivação de espetáculo para o corpo humano na sociedade tecnológica industrial está relacionada com a representação que as pessoas têm ou buscam adquirir acerca de seu corpo em articulação com as novas tecnologias e um novo paradigma estético de beleza na contemporaneidade.

Essa reflexão nos remete a percepção de um verdadeiro culto ao corpo perfeito, expresso na ação quase obsessiva de muitas pessoas em transformar seus próprios corpos no tipo físico ideal desejável. Para tanto, recorrem a cirurgias plásticas, academias e o consumo interno de produtos da indústria de cosméticos e alimentícios relacionados à busca da perfeição estética física, como estratégias de desenvolvimento corporal que transfiguram suas estruturas corporais. Mas isso não basta, visto que na sociedade da imagem e da comunicação virtual, essas transformações corporais evidenciam uma forma de atender às demandas estéticas da sociedade. Então, por essa razão, as pessoas que praticam essa corpolatria, geralmente se colocam em redes sociais por meio do autorretratos (*selfies*) buscando a

aprovação do outro. Isso nos permite inferir que a autoafirmação precisa do parecer externo, para assegurar a constituição do Eu como mecanismo de construção de uma relação de sociabilidade no mundo em que o homem está inserido.

Segundo Sibilía (2002), a versão fáustica foucaultiana acerca do conhecimento científico representa uma nova forma do homem se relacionar consigo mesmo e com o outro, por meio da criação de novas representações do próprio corpo buscando superar suas limitações sobre o movimento da vida, através de um processo de metamorfose do corpo orgânico por meio do desenvolvimento técnicocientífico, em busca de superação da finitude humana.

Na perspectiva simmeliana e heideggeriana, essa relação sinaliza para um 'mergulho' do ser humano num ambiente cotidiano de inautenticidade, na medida em que se distancia de suas condições biológicas e existenciais de origem, não dialogando com suas próprias necessidades e inquietações, passando a viver de acordo com paradigmas predominantes em seu mundo que nem sempre são os de sua subjetividade, mas sim a expressão das demandas de um coletivo instituído.

No mundo midiático, vivemos num cenário em que segundo Rezende (s/d) 'o que importa é a aparência' provocando uma busca intensa e circulação do 'corpo perfeito' cuja obsessão desse caminho tem levado a um estado de espetacularização da imagem corporal elucidativa de uma nova forma de relação social que os indivíduos estabelecem entre si na sociedade contemporânea, marcada muitas vezes, pela dimensão da ilusão do ser o eu para o outro, relegando a um plano secundário o ser com o outro que caracteriza o pensamento filosófico humanista buberiano.

Desse modo, na sociedade da imagem, nova configuração do mundo contemporâneo, vivemos como formas de representação do outro. Buscamos ser aquilo que acreditamos que é apreciável no parecer alheio, o que impulsiona a nossa geração a mergulhar num permanente estado de metamorfose por meio das novas tecnologias, buscando sempre a construção de uma imagem espetacular que mobilize admiração da sociedade. Essa transfiguração do corpo, em busca da 'beleza estética ideal', que é a da dimensão espetacular, perpassa pelas possibilidades extraordinárias das novas tecnologias em penetrar simultaneamente de forma devastadora e encantadora na vida do homem hodierno, possibilitando aos indivíduos se autorrepresentarem de forma diversa e assumirem papéis diferentes, por meio da imagem, como um objeto de consumo com qualidade e validade na sociedade, evidenciando o aspecto descartável do homem na contemporaneidade, visto que a aceleração do tempo e a fragilidade das relações sociais no mundo virtual tornam efêmero o mundo da vida.



No enredo dessa prática digital, muitos jovens desenvolvem uma espécie de culto ao corpo, promovendo um verdadeiro espetáculo de devoção em torno do mesmo. Eles projetam uma imagem de beleza esteticamente perfeita, em busca de alcançar maior proximidade possível com o padrão de beleza evidenciado pelo paradigma hegemônico de estética. Para isso, utilizam intensivamente os aparatos das novas tecnologias digitais, evidenciando uma relação narcisista com o próprio corpo, revelando um cenário de espetáculo imagético criado pelo próprio indivíduo e criando representações de si mesmo, cujas relações cotidianas foram transformadas em formas de ser. O espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 2003, p. 13).

Nessa busca da beleza perfeita, muitos jovens acabam entrando num processo de exposição descontrolada do corpo, que os têm colocado em grande risco. Essa exposição, definida por *sexting*, consiste em uma prática, cuja característica é a veiculação de fotos, vídeos pornográficos, e muitas vezes com cenas de sexo explícito, por meio das novas tecnologias de comunicação digitais.

Essas imagens são geralmente de jovens adolescentes que fazem exposição em rede local ou mundial de seus corpos ou de outros em posições erótico sensuais. Essa nova forma de relação com o corpo, sob a mediação da tecnologia, evidencia o lado perverso que a própria inventividade humana tem possibilitado. “Bastam alguns cliques para ver adolescentes em poses provocantes, se exibindo em imagens postadas por eles mesmos em álbuns de fotos, sites pessoais e vídeos. Vale tudo para chamar a atenção”.<sup>21</sup>

De acordo com Debord (2003), na sociedade capitalista contemporânea, cujo princípio basilar é a busca do lucro, tudo é transformado em objeto de consumo, inclusive os corpos, que na sociedade da imagem são veiculados de forma espetacularizada. Essa espetacularização se torna possível graças ao poder da imagem digital de construir representações de um corpo desejável, o ‘corpo perfeito’, o que torna muitas vezes o indivíduo, separado de si mesmo.

Por meio da utilização de aplicativos digitais, é possível provocar mudanças no corpo atingindo um ideal de beleza estética que seja aprovado e aceito pelo grupo de filiação. Essa aceitação é expressa nos *likes* e curtidas do perfil do postulante, o que o entusiasma, a postarem cada vez mais imagens de seu corpo nas redes sociais.

---

<sup>21</sup> Ver (<http://www.crimespelainternet.com.br/o-que-cada-pai-deve-saber-sobre-sexting/>)

De modo bastante visível, percebemos que as relações sociais estabelecidas pelos indivíduos são fortemente influenciadas pelo poder das novas tecnologias de informação e comunicação. Hoje, é muito comum, sobretudo nos ambientes de vida urbana encontrarmos pessoas, principalmente jovens fazendo *selfies* na forma individual ou coletiva, como estratégia de autopromoção por meio de imagens midiáticas. Buscam capturar imagens em diversos ângulos possíveis, a fim de alcançar uma perspectiva ideal e espetacular de seus corpos numa visão de ‘beleza perfeita’.

A busca do autoexibicionismo tem provocado nas gerações contemporâneas um comportamento narcisista nas novas tecnologias de comunicação digital, por meio de uma verdadeira devoção ao próprio corpo, que é representado por 'imagens perfeitas' e colocadas em circulação nas redes sociais da internet em busca de curtidas e *likes* que evidenciam o parecer do outro sobre desejo de reconhecimento pessoal e social do postulante de imagens midiáticas. Esse é o sentido fenomenológico de alguém que posta um autorretrato (*selfie*) na internet, remetendo à lógica de que "a pessoa (persona) só existe na relação com o outro" (MAFFESOLI, 2001, P. 15).

O mundo hodierno é marcado pela autopromoção por meio da autoexibição do corpo em redes sociais. Os usuários de tecnologias fazem *selfies*, buscando evidenciar um perfil desejável em fotos elucidativas de momentos felizes, exibicionistas e desejáveis que o outro aprecie. Desse modo, compreendemos que a experiência do *selfie* só ganha sentido na medida em que possibilita o compartilhamento da autoimagem em redes sociais, gerando alguma forma de impacto no olhar das outras pessoas que frequentam esses ambientes virtuais. E atualmente as mídias tecnológicas existentes no mercado, como o *smartphone*, com tecnologia tão avançada e com aplicativos sofisticados, que ter um desses suportes nas mãos representa uma abertura para o mundo e para o desenvolvimento formas de socialidade e sociabilidade num tempo e velocidade, presenteísta, como diz Maffesoli, constituindo relações sociais em tempo presente e real entre pessoas conectadas.

Com essas possibilidades tecnológicas, o homem contemporâneo vivencia um novo modo de ser, baseado na ilusão, que segundo Debord (2003), representa o mundo do “eu” espetacular transfigurado numa imagem que expressa a vontade do outro. Supervaloriza o parecer externo em detrimento de suas próprias condições reais e existenciais, perdendo de vista os seus desejos, perspectivas, visão de mundo e cotidianidade.

O movimento de jovens e adultos no ciberespaço, em redes sociais, é caracterizado por um verdadeiro culto ao corpo. Não basta transfigurar o corpo por meio de avançadas tecnologias, deixam transparecer também que sentem necessidade de mostrar os seus corpos

com suas novas dimensões cibernéticas em *selfies* e colocadas em circulação nas redes sociais. Modelos corporais transfigurados são evidenciados nas mídias digitais como paradigmas de beleza, num jogo de sedução e imagens espetacularizadas.

Essa espetacularização da imagem corporal evidencia uma forma de relação social mediada por tecnologias digitais, que atualmente sustenta a busca de visibilidade social e pessoal pretendida por muitos usuários de mídias tecnológicas, visto que, geralmente, essas imagens espetacularizadas são postadas na internet e colocadas a julgamento nas redes sociais.

Debord (2003, p. 13) afirma que na sociedade do espetáculo “tudo que era vivido se esvai na fumaça da representação”, mas convidando a pensar a vida na contemporaneidade, como um permanente ‘faz de conta’. Os usuários de redes sociais na internet, promovem a postagem de uma profusão de imagens espetacularizadas, cada vez mais sexualizadas, erotizadas e sensualizadas na busca de um perfil estético desejável e, sobretudo, apreciável pelo outro como objeto de consumo.

Por meio de mídias digitais móveis, como o *smartphone*, por exemplo, muitas pessoas, principalmente jovens e adultos, publicam em redes sociais imagens de seus corpos ‘sarados’ e transfigurados pela tecnologia, a fim de obter aprovação no parecer do outro, evidenciando, desse modo um desvio de sua própria identidade de origem, na medida em que sua busca está centrada no olhar do outro por meio de imagens espetaculares. Nesse sentido, o postulante dessas imagens, geralmente busca, na visão de Debord (2003) uma mudança do original para o ‘faz de conta’, desejável que o outro veja e o aprecie positivamente como espécie de ‘simulacro’ no sentido Baudrillardiano, segundo o qual “o simulacro é uma imagem transfigurada da realidade. É reflexo de uma realidade profunda; Ela mascara e deforma uma realidade profunda; Ela mascara a ausência de realidade profunda; Ela é o seu próprio simulacro puro” (BAUDRILLARD, 1991, p.13).

Essa relação mediada por imagens, na fenomenologia heideggeriana, evidencia um mergulho irrefletido no mundo da técnica (tecnologia) e provoca no homem uma espécie de migração de suas condições existenciais autênticas para uma dimensão cotidiana de inautenticidade. A relação com a técnica dificulta ao homem pensar em si mesmo, nas suas perspectivas, desejos, angústias dentre outros, remetendo-o a uma maior preocupação com a representação que a sociedade tem dele. Esse cenário esclarece a necessidade que cada indivíduo manifesta de se mostrar como gostaria de ser visto pelo outro, despertando neste, atitudes e sentimentos desejáveis pelo postulante. Desse modo, fenomenologicamente, a vida sofre um deslocamento do campo dos sentidos e de relações inter-humanas para uma

dimensão imagética, revelando uma vida baseada na valorização da aparência e não da essência.

O homem torna-se submisso aos ditames de sua própria criação inventiva. As suas ações são determinadas de forma exógena, cerceando a possibilidade de desocultamento de sua interioridade como nos indica Heidegger. Perde de vista sua existência histórica e seu modo de ser cotidiano, fortalecendo cada vez mais sua dependência em relação a sua necessidade desejável de ser contemplado pelo outro, na medida em que “a consciência humana e a capacidade do homem pensar ficam submissos a um conjunto de influências que recebem do espetáculo”. (NEGRINI e AUGUSTI. Online)

**b) *Sexting*:** um modo de degradação do corpo

No seio do desenvolvimento tecnológico e exposição espetacularizada do corpo, tem sido muito comum o *sexting*, uma nova forma de o homem ocidental contemporâneo construir processos de sociabilidade com o outro a partir da circulação de imagens de conteúdo sexualmente erotizado. Essa prática tem sido evidenciada em revistas, pinturas, fotografias e vídeos pornográficos. Porém, com o avanço das novas tecnologias de comunicação e informação, sobretudo com o desenvolvimento das mídias digitais móveis, como celulares, *smartphones* com acesso à internet, ocorreu um processo de massificação da cultura imagética, dando visibilidade extraordinária a tudo que é postado em redes sociais na internet, chegando o homem da contemporaneidade a perder o controle sobre muitas informações textuais e imagéticas, sobretudo referentes ao corpo humano colocadas em rede.

Nesse contexto, o *sexting* na internet representa uma nova forma de relação social emergente na sociedade contemporânea acerca da sexualidade, mas também uma perigosa prática para a formação da identidade de muitos jovens usuários de tecnologias digitais, sobretudo pela repercussão negativa que a circulação de uma imagem sexualizada pode ter na vida de pessoas que são fotografadas e postadas em rede na internet.

O uso intenso de mídias digitais móveis em escolas, lócus privilegiado desta pesquisa, tem possibilitado a emergência do *sexting* entre jovens estudantes que fazem *selfies* do próprio corpo de forma erotizada e sensualizada e postam na internet como forma de supervalorização do Eu na busca de popularidade e visibilidade nos grupos em que estão inseridos.

Estudantes alcoolizados no colégio local usam seus celulares, espontaneamente, para produzir seus próprios vídeos pornô-soft [sic], com líderes de torcida se agarrando sem blusa no vestiário. Em poucas horas, o filme está circulando na escola, baixado por alunos e professores e visto no intervalo em aparelhos de mídia pessoais. Entretenimento não é a única coisa que flui pelas múltiplas plataformas de mídia. Nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia. (JENKINS, Henri, 2008, P.45)

Essas imagens são geralmente de jovens adolescentes que fazem exposição em rede local ou mundial de seus corpos ou de outros em posições erótico sensuais. É uma nova forma de relação com a tecnologia, como pode ser constatada na citação a seguir:

*En los últimos años, expertos en tecnología han acuñado un nuevo término para definir el uso de imágenes y textos de índole sexual, es el 'sexting', al que recurren una alarmante cantidad de jóvenes, sobre todo adolescentes. (WWW.abc.es/20120923/sociedad/rc-peligros-sexting-201209230934.html)*

Nessa nova forma de exposição do corpo, muitas vezes adolescentes tiram fotos de si mesmo (*Selfies*) e colocam em rede, considerando que a *internet* hoje é acessível às pessoas de todas as faixas etárias.

Bastam alguns cliques para ver adolescentes em poses provocantes, se exibindo em imagens postadas por eles mesmos em álbuns de fotos, sites pessoais e vídeos. Vale tudo para chamar a atenção". (<http://www.crimespelainternet.com.br/o-que-cada-pai-deve-saber-sobre-sexting/>)

Alguns jovens reproduzem suas imagens a fim de se autopromoverem, postando fotos sensuais, nus ou seminus, dentre outros, para conseguir reconhecimento e popularidade. Outros, como forma de vingança, para provocar humilhação ou irresponsabilidade com o outro, praticam ciberbullying de forma irresponsável, sem pensar nas consequências que essa ação pode trazer para as pessoas vítimas dessa ação, revelando o estado de aviltamento em que estão imersos como nos fala Gabriel Marcel (MARCEL, 2001)

Conforme Baudrillard(1991), essa exposição do corpo em forma de *sexting* é, em alguns casos, reveladora da busca de visibilidade e reconhecimento por um processo de mitificação da própria imagem refletida de uma possível celebridade, levando o sujeito da representação imagética a entrar numa “hiper-realidade” produzida por mídias tecnológicas levando os indivíduos a um estilo de vida simulado na realidade virtual.

Em escolas de educação básica, a vivência deste pesquisador como professor de História junto a jovens adolescentes, tem revelado situações de estudantes envolvidos em *sexting*, cujos resultados, muitas vezes tem sido profundamente dolorosos para a vítima e suas famílias, provocando dores e cicatrizes muito fortes em alunos que são atingidos por efeitos

negativos da postagem de imagens que dilaceram a sua própria condição existencial. As tecnologias digitais exercem um domínio tão voraz sobre as pessoas, levando-as um a um estado de envilecimento tão profundo, que dilacera suas condições existências, destruindo nas pessoas a crença em seu próprio valor existencial (MARCEL, 2001).

Muitas pessoas vitimadas pela exposição negativa de imagens de conteúdo sexual na internet sem consentirem, entram em profundo estado de depressão, chegando inclusive a praticar o suicídio.

Um caso emblemático envolvendo o *cyberbullying* é o da canadense Amanda Todd, de 15 anos, que se suicidou por causa da perseguição que sofreu no meio digital (Internet, mídias sócias e mensagens de textos). A jovem mostrou os seios para uma pessoa com quem conversava pela internet, e esse desconhecido compartilhou as imagens com os colegas escolares de Amanda. A garota mudou de escola, mas as ofensas virtuais continuaram, até que, em outubro de 2012, ela se enforcou. (MACHADO e PEREIRA, 2013, p. 10)

Ressaltamos que não é crime a busca de uma autovalorização por meio da veiculação do belo humano, mas não podemos perder de vista os valores éticos humanizadores de nossas relações. Indubitavelmente, a tecnologia é um meio por excelência de veiculação da beleza masculina e feminina, mas é necessário sustentar essa relação em princípios éticos que possibilitem a contemplação do Eu com o Outro de forma humanizada.

A partir desse olhar para as relações estabelecidas entre o eu com o outro numa perspectiva existencial, no capítulo a seguir buscamos uma aproximação com a influência que as novas tecnologias de informação e comunicação da era digital exercem na dinâmica educacional e nos processos de sociabilidade nas dimensões intersubjetivas e pedagógicas estabelecidos entre professor e aluno no ambiente da sala de aula.

### **CAPÍTULO III - POR UMA ÉTICA MARCELIANA: A SOCIEDADE TECNOLÓGICA CONTEMPORÂNEA NAS LENTES DO PENSAMENTO DE GABRIEL MARCEL**

A construção de uma fenomenologia das relações entre as pessoas na sociedade tecnológica-industrial requer olhares reflexivos e posicionamentos diversos acerca do papel que o desenvolvimento tecnológico exerce na organização das atividades humanas em suas múltiplas dimensões. Mas, como nos diz Ricoeur (1988), que todo conhecimento é ideológico, e como é o conhecimento que temos de mundo, orientado por nosso horizonte hermenêutico<sup>22</sup>, indicador de nossas ações e nossa visão de mundo, nesta pesquisa fazemos um recorte teórico-epistemológico para alicerçar nosso entendimento sobre ética a partir do pensamento filosófico de Gabriel Marcel, que entendemos serem suas reflexões filosóficas as que de modo mais fecundo podem edificar epistemologicamente nossa aproximação com a perspectiva que buscamos para tentar um desvelamento das relações entre os homens no mundo contemporâneo e tecnológico; e focar na compreensão da ética sobre a qual estão assentadas as relações entre professores e alunos usuários de tecnologias móveis em sala de aula, que é o mote fundamental desta pesquisa.

Ressaltando que nossa busca consiste numa compreensão dessas relações na dimensão do Ser com o Outro numa perspectiva existencial transcendente. Gabriel Marcel é um dos filósofos contemporâneos de maior evidência, quando se trata de estudar a questão da existência humana articulada à relação com o outro numa perspectiva fenomenológica existencial, alicerçada em princípios éticos humanizados. Suas reflexões filosóficas são orientadas por uma perspectiva de existência subjetiva e intersubjetiva baseada no princípio relacional do ser com o outro no mundo, afirmando que sua existência subjetiva, concreta e singular sempre é vista em relação com a alteridade.

#### **3.1 TRANSITANDO PELA BIOGRAFIA DE GABRIEL MARCEL**

Na expectativa de revisitarmos o pensamento filosófico de Marcel, consideramos oportuno conhecer um pouco o percurso biográfico desse pensador e dramaturgo francês, pois além de fazer aproximações com homem Gabriel Marcel, também buscamos abrir janelas que nos possibilitem ampliar o diálogo com o suas reflexões filosóficas.

---

<sup>22</sup> Ver GADAMER, H. G. **Verdade e Método**. V. I, Petrópolis(RJ): Vozes, 1997.

De acordo com a obra *“Dos discursos y um prólogo auto-biográfico”*(1967), Gabriel Marcel nasceu em Paris em 7 de dezembro de 1889 e faleceu na mesma cidade em 8 de outubro de 1973. Seu pai Henry Marcel foi um dos homens mais cultos de sua época, destacando-se como diplomata, conselheiro de Estado, diretor de uma Academia de belas artes, administrador da Biblioteca Nacional, entre outras funções. Após a morte de sua mãe, Laura Meyer, de ascendência judia, em novembro de 1893, Marcel passou para a criação de sua tia Marguerite, com a qual seu pai casou-se mais tarde. Sua criação foi marcada por uma relação de ternura, tensão, solicitude e uma severa disciplina.

Criado num ambiente culturalmente refinado, desde muito jovem, foi atraído pela filosofia, apesar de seus encantos pelo teatro e pela música, lembrando de sua refinada sensibilidade musical, mas suas preocupações com as questões existenciais do homem o tomaram mais atenção.

Segundo Zilles (1995), Marcel casou-se em 1919 com Jacqueline Boegner, de origem protestante, que era musicista, ele converteu em 1944 ao catolicismo, falecendo em 1947.

Em suas muitas viagens, grande parte motivada por alguma conferência e outras com seu pai, teve contato com intelectuais importantes, sobretudo de origem anglo-saxônicas e germânicas, como Marcel Proust, Paul Valery e, sobretudo, Karl Jaspers, que foi uma das mais relevante influências na formação de sua vida pessoal e intelectual, tornando-se um dos maiores pensadores da contemporaneidade. “As numerosas viagens ao exterior, que empreendi a partir de 1947, contribuíram muito para dar a meu pensamento cada vez mais um acento europeu e cosmopolita cada vez mais intenso” (MARCEL, 1967, p. 12).

A partir de sua conversão ao catolicismo em 1929, a influência do cristianismo tornou-se marcante na vida e no pensamento filosófico de Marcel, que aproximou-se de forma mais amigável de filósofos e teólogos cristãos como seu amigo Charles de Bos, François Mauriac do qual recebeu uma carta que foi decisivamente influente em sua conversão, tomistas como Jacques Maritain e dominicanos, dentre eles, o padre Maydiou e Gustave Thibon, levando-o ao amadurecimento de suas inquietações acerca da necessidade de esclarecimentos dos problemas humanos.

Essas inquietações de Marcel com as questões existenciais do homem intensificaram com o advento da primeira guerra mundial (1914-1918). Ele foi convocado para a guerra, como integrante da Cruz Vermelha, cuja função era procurar soldados desaparecidos ou mortos em combate e informá-los aos seus familiares, provocando, assim, questionamentos internos que o levaram a reflexões profundas sobre a questão existencial como experiência transcendente. “Me incorporei ao serviço da Cruz Vermelha, e esta atividade me fez



considerar a guerra[...] numa perspectiva existencial em seus efeitos sobre a imagem moral de nós mesmos, como seres viventes” (MARCEL, 1967, p. 8).

Marcel comenta que as experiências vivenciadas no período da primeira guerra o afetaram profundamente, no sentido de pensar as condições existenciais do homem, que ganharam intensidade com a segunda guerra, levando-o a escrever o seu pensamento filosófico a partir dessas realidades concretas vividas pelo homem, afirmando que “é quase certo que aqui está a origem remota de tudo, o que muito mais tarde, uma vez passada a II guerra mundial, me impulsionou a escrever” (MARCEL, 1967, p. 9).

Suas reflexões foram construídas a partir da experiência vivida, buscando compreender a existência do homem no mundo concreto, não no campo da abstração filosófica. Gabriel Marcel “Procura elucidar os conflitos que existem concretamente na vida [...] formula a questão do Ser numa situação histórica concreta” (ZILLES, 1995, p. 32).

Nesse sentido, a realidade concreta desta pesquisa são as relações entre professor e aluno na ação educativa em meio ao uso das novas tecnologias de comunicação em sala de aula. Nesse contexto, buscamos sustentar pelo pensamento de Marcel que o processo de formação humano-educativa deve ocorrer sob auspícios da responsabilidade, da confiança e esperança, sem deixar-se dominar inteiramente pelos modismos da racionalidade técnico-científica. A ação educativa como processo de formação humana, deve possibilitar ao educador e ao educando meios para se alcançar o sentido da vida nas relações subjetivas e intersubjetivas por uma ética de (re)construção de nossa humanidade, tão ameaçada por muitos modismos da contemporaneidade.

### 3.2 REVISITANDO O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE GABRIEL MARCEL

#### **a) Entre o fascínio e a crise da humanidade no mundo tecnológico-industrial**

Em suas preocupações com as condições existenciais do homem no mundo, Marcel (1956b) reportando-se ao homem da contemporaneidade o referenciou como um ser mergulhado num estado de angústia e agonia, dominado por técnicas de aviltamento que a sociedade tecnológica e industrial o impõe, ameaçando seu valor e sua dignidade, evidenciando um “homem problemático”, mergulhado na esfera do Ter e da racionalidade, lançado num cenário de objetivação e despersonalização, o que tem provocado um eclipse em suas condições existenciais humanas e transcendentais.

E o mais grave nesse quadro é a própria nulidade da capacidade do homem provocada por seu envilecimento, o que dificulta a sua luta pela restauração do sentido da vida, empurrando-o cada vez mais para o lodaçal da racionalidade objetiva, caindo num mundo de barbárie, como nos diz Mendonça (2009), marcado pela violência, angústia e sofrimento, configurado pela relação objetivada entre o homem e a máquina.

Por essas lentes filosóficas, percebemos que atualmente vivemos numa situação de tamanha fascinação e crise dos valores que orientam a existência da humanidade, evidenciando um profundo estado de confusão que nos coloca diante de um homem problemático, como nos diz Marcel em sua obra “El hombre problemático” (1956b) mergulhado num abismal vazio ético, que clama por novas relações que possibilitem a restauração de sentido à vida humana.

Esse cenário de distanciamento dos valores que nos humanizam, como o diálogo, a solidariedade e alteridade, tem lançado a humanidade em um quadro de barbárie e desesperança, que se manifesta em diversas formas de mentira e degradação, sob forte orientação da razão instrumental que tem atingido de modo muito impactante a vida humana da contemporaneidade, evidenciando a constituição de um “mundo quebrado”, no sentido marceliano<sup>23</sup>, onde o homem está aprisionado pela sua própria criatividade na esfera do Ter, perdendo sua capacidade de contemplar a si mesmo e ao outro, vivendo num mundo de alienação como o “homem da barraca”, termo referido para o homem contemporâneo, que segundo Marcel é um ser que perdeu-se de sua própria existência e de suas relações intersubjetivas, tal como podemos constatar na reflexão a seguir:

o homem parece ter se tornado cada vez mais um estranho para si mesmo, para sua própria essência, a ponto de questionar a essência ou assim menos nega toda a realidade original, como vimos nas expressões mais extremas do existencialismo contemporâneo. (MARCEL, 1956, p. 10)<sup>24</sup>

É assim que nos vemos atualmente, vivendo num mundo de barbárie, mergulhados num cenário de destruição e autodestruição da vida humana, sem compreender a própria existência, mergulhado num emaranhado de perguntas sem respostas como “*quién soy?*”

---

<sup>23</sup> Ver obra de Gabriel Marcel “*El mundo quebrado*” (1956a) onde o referido filósofo e dramaturgo francês faz uma reflexão filosófica acerca do homem mergulhado em relações dominadas pela experiência do Ter, no sentido da posse.

<sup>24</sup> “*el hecho de que el hombre parece haberse convertido cada vez más en un extraño para sí mismo, para su propia esencia, hasta el punto de poner en duda esta esencia o por lo menos negarle toda realidad original, como hemos podido ver en las expresiones más extremas del existencialismo contemporáneo*” (MARCEL, 1956, p. 10).

*porqué vivo? Qué sentido tiene mi vida?* (MARCEL, 1956b, p. 12). Uma existência orientada por uma racionalidade científica inexoravelmente destruidora da essência humana, na medida em que grande parte da humanidade, embevecida pela racionalidade científica, está vivendo num mundo onde o sentimento humano foi eclipsado pela técnica, num cenário de fascinação e destruição.

Devemos lembrar de que essa reflexão não demoniza a tecnologia, na medida em que a técnica possibilita grandes avanços em nossa existência, mas o seu mau uso tem levado à destruição pela despersonalização e desumanização do homem.

O desenvolvimento tecnológico-industrial na contemporaneidade disponibiliza para o mundo hodierno um gigantesco arsenal de tecnologias que tem possibilitado extraordinários avanços na existência material do homem. No entanto, estas têm sido idolatradas pelo homem como a solução para todos os seus problemas e demandas, obnubilando sua capacidade de pensar suas potencialidades humanas. “A técnica apresenta-se cada vez mais, a seres de vida interior apagada, como meio infalível de um conforto generalizado, essencial à sua concepção de felicidade” (MARCEL, 2001, p. 53).

Atualmente, grande parte da humanidade orienta sua existência a partir de suportes tecnológicos com aplicativos cada vez mais avançados que influenciam decisivamente em todas as dimensões da vida. As pessoas se comunicam virtualmente nas redes sociais em permanente estado de conexão pela internet, sofrendo marcantes mudanças na concepção de tempo e espaço e relações sociais. Estabelecem diversas formas de relacionamentos nos âmbitos da ciência, saúde, cultura, lazer, afetividade, educação, política, economia, dentre outros, prescindindo de uma temporalidade e um espaço específico para estabelecerem processos de sociabilidade entre si e com outros.

Essa nova concepção de relações de sociabilidade tem sido edificada no distanciamento físico das pessoas entre si, à medida que manifestam preferência por formas de comunicação mais imediatas e instantâneas, em razão de estarem dominados por uma noção de tempo fechado pela racionalidade. Os homens estão vivendo num mundo quebrado dominado pela hegemonia industrial sob a égide das novas tecnologias, degradados pelas técnicas de envilecimento e com suas consciências fanatizadas pelo “progresso” tecnológico.

Esse cenário de relações predominantemente virtuais tem gerado profunda estranheza entre os homens, que na perspectiva levinasiana perderam a dimensão do olhar face a face e conseqüentemente da capacidade de contemplação de si e do outro em sua humanidade. No mundo tecnológico industrial, verifica-se, como nos diz Virilio (2001), uma desrealização humana evidenciada numa substituição da realidade concreta pela realidade virtual; as

emoções pelos emojis<sup>25</sup> virtuais ilustrativos de emoções e ações humanas nas redes sociais; e as pessoas transformadas em avatares nesses espaços de comunicação virtual.

Desse modo, percebemos que o homem está mergulhado numa crise existencial no mundo, em face de que sua existência é dominada por elementos exteriores à sua realidade, levando-o a viver na inautenticidade, perdendo-se de si mesmo e da relação com o outro. Está tão fascinado com a sedução e possibilidades da realidade virtual, que imerso num estado de “cegueira ética”, não consegue ter consciência da condição de envilecimento a que está sendo levado e a crise em que está mergulhado pela racionalidade tecnológica. Nestas condições, percebemos um “homem problemático” de aspecto sombrio, desfigurado pela desolação, sofrimento, envilecimento, crise existencial e em completa agonia, perdido de si mesmo e do mundo. “Esta é uma crise metafísica porque afeta o ser do homem, anula a distinção entre ser e ter, e acaba produzindo sua morte após uma longa enfermidade” (PÉREZ, 2010, p. 46).

Essa reflexão, conforme Marcel (1956b), numa perspectiva cristã, é uma situação de degradação da humanidade no mundo contemporâneo representativa de um estado de enfermidade que fragiliza e empobrece espiritualmente o homem levando-o a perder de vista sua relação com o transcendental (a morte de Deus) e a um estado de abstração espiritual, distanciando-se de si mesmo, caindo numa rede de massificação de ideias.

Essa condição se traduz na imersão do homem em um mundo, cujo discurso hegemônico aponta para a homogeneização do pensar e fazer sob o parecer dos outros, colocando-o à mercê de uma ideologia massificada e sob domínio das técnicas de aviltamento, que tem provocado o envilecimento humano. Esse estado de degradação - envilecimento - na sociedade tecnológica e industrial, segundo o pensamento marceliano, manifesta-se em formas diversas como a propaganda, o fanatismo, a ideologia, a sociedade do bem estar e outros discursos e procedimentos presentes nas sociedades capitalistas atuais.

Não obstante, ainda percebemos que pelo caminho inverso da violência, sofrimento, angústia e desespero pelas perguntas sem respostas, o homem contemporâneo, talvez

---

<sup>25</sup> Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa. Atualmente, os emojis são muito populares nas redes sociais (*Facebook*, principalmente) e em comunicações de troca de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*, por exemplo. A popularidade e influência dos emojis é tão importante nas comunicações contemporâneas que, em 2015, um desses emoticons foi escolhido com “*The Word of the Year*” (“A Palavra do Ano”, em português), pelo *Oxford Dictionary*, devido a sua “significância cultural”. Os primeiros emojis surgiram no Japão na década de 1990, criados por Shigetaka Kurita, um dos membros da NTT DoCoMo – principal empresa de telefonia móvel do Japão. Os emojis são muito úteis para transmitir mensagens de modo rápido, sem a necessidade de escrever textos explicativos. (<https://www.significados.com.br/emoji/>)

inconscientemente, clama por algo ou uma luz que lhe restaure o sentido da vida. Mesmo dominado por um profundo espírito de abstração, o homem, lá na dimensão mais equidistante de sua espiritualidade, lembrando Eliade (1992), sinaliza para o seu transcendente e, por outro lado, a possibilidade redentora pela esperança, como nos aponta Marcel (2005), ainda mantém o homem em condições de desvelar o sentido da vida como experiência transcendente, evidenciando um viés da filosofia marceliana, segundo a qual o homem não pode viver sem um cajado para se apoiar e caminhar em busca de uma vida com sentido.

Assim como Marcel, acreditamos que é possível ao “homem da barraca”, perdido na realidade virtual, reencontrar o seu lugar e o sentido da vida, na medida em que em meio à profusão de toda a sua criação e inventividade científico-tecnológica, o homem poderá perceber que não está sozinho no mundo e sinta necessidade de estar com o outro de modo concreto. Com isso, supõe-se que a esperança pode ser renovada, abrindo-se uma ‘janela’ para a retomada de sua caminhada na vida e, em sua relação com a máquina, conseguir entender que a técnica é um meio para se alcançar um fim, não um fim circunscrito em si mesmo.

Nessa perspectiva, acreditamos que o pensamento filosófico marceliano pode ser utilizado como uma abertura crítica e criadora, na qual o homem pode penetrar na busca de um mundo melhor e de superação da indiferença, violência e abstração que tanto afetam a humanidade atualmente, evidenciando uma luta pela redução da força do problema e restituição da esfera do mistério na vida do homem.

Na formulação de seu pensamento filosófico no contexto da questão em foco, Marcel levanta algumas categorias que foram de fundamental importância para orientar a organização de seu discurso filosófico em torno da questão da técnica e da existência do homem no mundo contemporâneo. Nas tessituras de suas formulações intelectuais, destacamos alguns eixos de análise, tais como: Técnicas de Aviltamento, Mistério e Problema, Espírito de Abstração, a experiência do Ser e Ter, e uma fenomenologia da esperança que se torna bastante hodierno quando olhados pelas lentes da contemporaneidade, que ocupam nossas reflexões no curso deste capítulo.

## **b) A experiência da realidade na dimensão do mistério e do problema**

Segundo Pérez (1990), a formação do pensamento ético de Marcel, deu-se a partir de sua experiência na primeira e na segunda guerra mundiais<sup>26</sup>, quando começou a formular de

---

<sup>26</sup> *"Como es natural, la Primera Guerra Mundial influyó notablemente en mi evolución interna, aunque, debido a mi débil constitución, no fui llamado a filas. Me incorporé al servicio de la Cruz Roja, y esta actividad me fue*

modo mais sistemático uma reflexão acerca do “Eu” e do “Outro”<sup>27</sup>, numa perspectiva existencial, o que nos possibilita perceber que o pensamento filosófico de Marcel foi construído com base em suas experiências existenciais concretas, não em abstrações. É nessa perspectiva que o pensamento marceliano começa a discutir a existência do Ser no homem.

Marcel centra na encarnação o elemento fundamental de suas investigações filosóficas. Deve-se entender a encarnação marceliana como uma condição além da objetivação corporal do homem; é a essência do Ser articulada como uma dimensão transcendente juntamente com a corporeidade que evidenciam a sua condição humana, o que indica uma relação intersubjetiva na dimensão Eu-Tu no sentido buberiano, apontando que o Tu está em mim e não diante de mim.

Um dos principais aspectos fundantes do pensamento filosófico de Gabriel Marcel foram as suas reflexões acerca da relação com o "Outro". Nesse sentido, a grande preocupação do filósofo francês é tentar compreender o Ser com o Outro de modo inseparável, numa condição de unidade, sem a objetivação da relação sujeito-objeto, mas sim numa dimensão de reciprocidade e Mistério.

Ressaltamos que, em nossas relações cotidianas, segundo Buber (2001), que é um dos autores basilares de Marcel, caminhamos por vias que nos levam ao mistério ou ao problema, caracterizados como as dimensões do Eu-Tu e Eu-Isso em nossas relações de existência. Nesse sentido, grande parte de nossas relações de sociabilidade tem fundamentos em nossos interesses racionais vinculados geralmente às atividades que desenvolvemos e as expectativas que nutrimos com as mesmas; por outro lado, numa efetivação mais difícil, mas não impossível, eventualmente nos lançamos também em relações de doação e totalidade orientadas pela nossa capacidade de contemplação do Outro em sua condição humana e nos humanizarmos com ele em uma espécie de comunhão do Ser com o Outro. Estas últimas são relações que não conseguimos explicar em razão da inesgotabilidade do Ser e conseqüentemente de nossa incapacidade de explicar os fenômenos que ocorrem no campo dos sentidos, levando-nos, desse modo, para a dimensão do Mistério. “Entendemos que a Ascensão do Ser pode acontecer por aproximações concretas, onde se reconhece a

---

*llevando a a considerar la guerra, no tanto desde una perspectiva política, sino más bien desde una perspectiva existencial, en sus efectos sobre la imagen moral de nosotros mismos, como seres vivientes. Es casi seguro que aquí está el origen remoto de lo que mucho más tarde, una vez pasada ya la Segunda Guerra Mundial, me impulsó a escribir" (D.D. 9) (PÉREZ, 1990, p. 10)*

<sup>27</sup> A utilização de letras maiúsculas nas iniciais dos termos “Eu e o Outro” é uma opção pessoal em razão da tamanha importância que considero o estudo dessa relação para a compreensão do homem em sua existência e relação com a ética.

possibilidade de compreensão do mistério que é o homem, mas nunca de esgotá-lo cognoscitivamente” (SILVA, 2014, p. 210).

A questão do Mistério é uma das categorias filosóficas mais elucidativas e relevantes do pensamento de Marcel (1953), o que nos leva a pensar não apenas a profundidade e concretude da filosofia marceliana no contexto em que foi produzida, mas sobretudo pela longevidade e atualidade do seu pensamento, pois o Mistério como categoria filosófica é muito vivo hodiernamente, na medida em que é pensado como uma possibilidade de aproximação com questões da vida contemporânea que a racionalidade técnico-científica não consegue explicar, sendo, desse modo, um esclareamento transcendente que não está no campo da abstração, mas sim nas condições existenciais do homem em sua concretude.

O Mistério não é uma condição que se substancializa no homem, em razão de sua possibilidade de acesso estar na dimensão do Ser, sendo, portanto, uma janela de possibilidades para a compreensão da existência humana. O homem transita pela dimensão do mistério quando se disponibiliza para o Outro, a partir de uma condição transcendente, o que indica a inapreensibilidade e inesgotabilidade do Ser, em face de sua condição itinerante, no qual reside o Mistério. Desse modo, o acesso ao Mistério se dá por uma sensibilidade transcendente do homem de contemplar a si mesmo e ao Outro na sua mais pura sacralidade humana. Esse é o princípio ético basilar do pensamento de Marcel.

Segundo Hazelton (1958), as reflexões de Marcel acerca do Mistério como categoria filosófica têm sido construídas geralmente em contraste com a visão de Problema, partindo da noção de que Mistério é algo que está no próprio homem engendrado em seu Ser transcendente, enquanto Problema é algo que está diante do homem como um Ser-ai na imanência do mundo.

Ontologicamente, para Marcel, o entendimento de mistério e problema perpassam por suas diferenças.

O problema é algo que se encontra, que obstaculiza o caminho. Se apresenta inteiro perante mim. Em contra partida o mistério é algo em que me acho comprometido, a cuja essência pertence, por conseguinte, o não estar inteiramente ante mim. É como se uma zona de distinção entre o em mim e o ante mim perdesse seu significado (MARCEL, 1968a, p. 124)

Por outro lado, não podemos compreendê-los como categorias apartadas, dividindo a existência humana em duas dimensões, cujo acesso se dá por vias pré-estabelecidas. Mas, para Marcel, o mistério não é uma dimensão inacessível além da inteligibilidade humana, na medida em que é possível uma aproximação pela via da experiência concreta da existência,

por meio de relações intersubjetivas com alteridade numa perspectiva de encontro inter-humano.

O mistério está no homem, na medida em que sua percepção de mundo o condiciona estar em Si e com o Outro em sua sacralidade, numa perspectiva de produção de sentido e inesgotabilidade do Ser na essência humana. Desse modo, podemos entender o mistério em plena articulação com a dimensão subjetiva do homem mergulhado numa experiência existencial além da imanência das condições objetivas e racionais da realidade vivida, com a plenitude de um encontro do Ser com o Outro, tal como podemos constatar na reflexão a seguir:

O mistério é considerado em sua dimensão subjetiva; não é um objeto com o qual nos encontramos; é parte da realidade em que estamos e nos sentimos totalmente envolvidos; é a vivência de “um em mim”, que não está inteiro perante os meus olhos, que me implica e compromete por meio da busca de uma apreensão de si; é um modo de apreensão que não se conforma, nem se reduz, a uma dimensão puramente externa, funcional e racional.(SILVA, 2014, p.211)

Quando a relação escapa a essa dimensão e atinge o patamar de uma visão racionalizada de mundo, entra na esfera do problema, saindo da dimensão existencial do Ser, adentrando o campo da imanência em situação objetivada, perdendo-se de vista a relação Eu-Tu para entrar na dimensão relacional do Eu-Isso, que consiste na reficção da ação humana e na destruição do mistério. Nesse sentido, Marcel (2003) argumenta que o grande perigo é a coisificação do Ser e seu enquadramento na dimensão do Ter, o que, como afirma o autor, condiciona o homem a se tornar escravo de sua própria ação inventiva impondo-o um estado de submissão, dominação e degradação do Ser, levando-o a cair no pântano do “espírito de abstração”, imposto pelos ditames da racionalidade técnica sobre as ações humanas, gerando, assim um profundo vazio ético nas relações entre as pessoas.

Fazendo uma analogia com o contexto da sala de aula, que é o ambiente de inserção investigativa desta pesquisa, as dimensões do Mistério e do Problema são expressas nas múltiplas relações estabelecidas entre professores e alunos. Na construção de processos de sociabilidade entre si, podem desenvolver a percepção do mistério e do problema na essência de suas relações interpessoais e pedagógicas.

O mistério se manifesta nas relações caracterizadas pela perspectiva do encontro e do diálogo, que podem possibilitar a produção de sentido na dialética de um se disponibilizar para o outro por uma relação de presença. Ressaltamos que essa presença não deve ser entendida apenas no sentido físico, mas na disponibilidade mútua, que pode ser traduzida



numa atitude de doação e totalidade humana de um querer realmente ensinar e outro querer realmente aprender numa relação dialógica, não somente em uma vivência imanente no âmbito pedagógico, mas em uma relação experiencial de encontro orientada por uma ética alicerçada na essência humana elucidativa da interioridade do homem, evidenciando o que Marcel considera como a articulação entre a experiência concreta e o próprio ser, pois

"o eu faz emergir o outro e o outro faz emergir o eu" evidenciando a inesgotabilidade do ser, *indicadora de que o o homem não está sozinho, é um ser no mundo* "na medida em que, pela minha própria experiência, me elevar a uma percepção verdadeiramente concreta, estarei em condições de ascender a uma compreensão afetiva do outro, da experiência do outro" (MARCEL, 1953, p. 206)

Por outro lado, se a relação é construída sobre as bases objetivadas da ação pedagógica centrada unicamente na preocupação com o processo ensino-aprendizagem numa perspectiva de racionalidade, orientada pelo projeto político pedagógico da escola, as relações em sala de aula perdem a dimensão do mistério, entrando no campo do problema, assumindo a dicotomia sujeito-objeto, perdendo-se de vista o fenômeno do Ser com o Outro, para o Ser e o Outro, ou seja, o Ser como fenômeno não está mais no homem, está diante do homem, fora dele como Ser corporificado, evidenciando um distanciamento entre o Ser e o corpo. Doravante, todas as ações caminham pelo âmbito da racionalidade pedagógica, perdendo-se de vista a relação inter-humana entre professor-aluno. Dessa forma, o mistério desaparece.

Ao analisar essas dimensões de mistério e problema na contemporaneidade tecnológica e industrial, Silva (2014) comenta que a função da tecnologia não é servir aos interesses do homem, mas sim, possibilitá-lo desenvolver ações e comportamentos que assegurem o seu desenvolvimento existencial e social em condições humanizadas, corroborando com o pensamento filosófico marceliano de que a técnica não é um mal, mas deve ser vista como um meio para experienciar relações de sociabilidade entre os homens, alicerçadas em uma ética humanizada. Pensar essa relação entre homem-tecnologia na perspectiva de Gabriel Marcel requer um pensar fenomenológico-hermenêutico acerca do cenário de tensionamento na relação homem-técnica.

Silva (2014) sustenta que o desenvolvimento tecnológico criou grandes expectativas no homem contemporâneo sobre as possibilidades de pleno desenvolvimento material e humano. Todavia, o que o homem começou a vivenciar foi uma situação de desumanização de sua própria humanidade, à medida que entrou num estado de submissão e dominação da máquina, evidenciando uma forma de escravização pela sua própria criação, como afirma Marcel, que o homem se torna prisioneiro de sua própria inventividade criativa, sem saber

como se libertar desse cativeiro, experimentando uma sensação de "esvaziamento da vida" que dilui o sentido de suas relações com o outro e consigo mesmo (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 85).

As pessoas estão profundamente mergulhadas num espírito de abstração, como nos diz Gabriel Marcel, tão dominados pelo poder da técnica, como uma espécie de solução para todos os problemas da vida cotidiana, que esquecem de si mesmas, tornando-se inautênticas e impróprias de sua própria vida.

Nesse sentido, embora não sendo orientado por uma ética de transcendência cristã como é o caso do pensamento marceliano, Heidegger (2007) faz uma crítica profunda à forma de dominação e subordinação na relação homem-técnica, corroborando com a ideia de que o homem perde-se de vista de si mesmo, tornando-se impróprio em seu próprio mundo, sem atinar para a construção de uma relação alicerçada na essência da técnica, satisfazendo-se com as possibilidades do desenvolvimento tecnológico como um fim, sendo aprisionado, cerceado de sua liberdade e tornando-se incapaz de voltar-se para a sua interioridade humana.

Essa reflexão evidencia que o mergulho no mundo da tecnologia é tão profundo, que o homem contemporâneo não consegue tempo para pensar a sua própria vida e nem tampouco a sua relação com o outro, revelando que nosso mundo é um mundo "quebrado", porque se tornou problemático, já não é um mundo misterioso, mas o mistério permanece, mesmo eclipsado em tal mundo. "O homem parece ter se tornado, cada vez mais, estranho a si mesmo, a sua própria natureza íntima, a ponto de por em dúvida sua interioridade, de recusar, portanto, toda sua existência real" (MARCEL, 1956a, p. 10).

Esse é o problema existencial mais grave que o homem está vivendo no mundo atual, perdendo-se de si mesmo, evidenciando um abismo entre as dimensões humanas do Ser e do Ter que assume a supremacia nas relações existenciais do homem, indicando a destruição do mistério e o predomínio do problema na existência do homem. "Será que estou me perdendo? Como posso saber quem sou?" (MARCEL, 1956b).

Essas são questões que evidenciam a perda de sentido da vida e de si mesmo que se impõem ao homem na profusão tecnológica de um mundo marcado pelo vazio ético, pela desesperança e pela perda de percepção do homem como Ser no mundo.

### **c) A perda de percepção do homem dominado pelo "espírito de abstração" na sociedade tecnológica**

Iniciamos esta reflexão sobre o espírito de abstração, como uma percepção da desumanização do mundo e perda da própria consciência do homem de si mesmo, tomando

como ponto de partida o envilecimento humano provocado pela propaganda, como uma técnica de aviltamento, na medida em que tem a finalidade específica de provocar a manipulação e controle de um indivíduo ou grupo em particular, sustentando-se no disfarce da mentira.

Para a busca de uma aproximação mais clara entre abstração e mentira, segundo Marcel (2001), faz-se necessário construir uma reflexão conceitual diferenciadora entre abstração e espírito de abstração. Nesse sentido, o referido filósofo, explica que abstração consiste em um movimento cognitivo e mental necessário para atingir um determinado fim. Quando o termo abstração é associado ao ato de abstrair, representa uma espécie de arqueologia orientada por um pensamento e ação racionais para alcançar objetivos propostos, o que implica em retirar algo de uma determinada condição. Articulado essa questão conceitual com o espírito de abstração, o espírito, aqui, pode ser caracterizado como algo que está dentro do homem, na condição de uma consciência existencial misteriosa. Mas, se o homem, perde a consciência de si, seu espírito pode ser seduzido por uma forte fascinação exterior que o afasta de seu Ser, levando-o ao domínio de um “espírito de abstração”. “Desde que concedemos arbitrariamente preeminência a uma categoria separada de todas as outras, somos vítimas do espírito de abstração” (MARCEL, 2001, p. 138).

Nesse sentido, compreendemos, que dominado pelo espírito de abstração, o homem separa-se de sua própria interioridade, mergulhando no campo da inautenticidade, “perdendo a noção de si e passando a existir num estado de ‘massa’ e condicionamento social” (SILVA, 2014, p.75). Associando essas reflexões marcelianas ao mundo da contemporaneidade, cuja dinâmica é completamente dominada por modernas tecnologias, infere-se que o homem está condicionado pelo espírito de abstração. As relações que os homens estabelecem entre si são decisivamente influenciadas por sofisticados suportes tecnológicos, que aparentemente disponibilizam soluções técnicas para todas as demandas humanas, levando os homens a uma dimensão, na qual parecem prescindir da presença do Outro, evidenciando uma subjetivação do homem, reduzido a uma relação de sujeito-objeto. Por essa perspectiva, as relações socioprodutivas são orientadas e concretizadas por meio da técnica como resposta para todas as questões, provocando o que Weber denominou de “o desencantamento do mundo”, caracterizado pela perda da magia e da transcendência humana no mundo (WEBER, 2004).

Os avanços tecnológicos, num cenário de possibilidades extraordinariamente sedutoras, disponibilizam para a humanidade ferramentas tão fascinantes, condicionando o homem, inclusive em sua dimensão espiritual, à busca permanente da posse, como credencial para pertencer ao mundo civilizado, sem atinar para o fato de que a fascinação também pode

trazer o germe da destruição do humano, na medida em que provoca a obliteração do Ser em função da valorização do Ter e, conseqüentemente, a constituição da sociedade da posse, onde o homem é definido pelo que tem e não pelo que é.

As reflexões filosóficas marcelianas indicam que se a tecnologia fosse utilizada genuinamente na perspectiva de proporcionar o engrandecimento humano, alicerçado na ética da vida e das relações de sociabilidade, seria extremamente profícua para o progresso da humanidade. Entretanto, o que se observa na contemporaneidade é um intenso processo de degradação das relações humanas mediadas pela tecnologia, que estimula um consumo cada vez mais sem limites éticos, provocando a constituição de um homem cujas ações e comportamentos são ditados por uma perspectiva do ter num “mundo quebrado”, elucidativo de um esvaziamento espiritual da humanidade. “Ao nível do indivíduo a técnica seria totalmente benéfica, quando ao serviço de uma atividade espiritual dirigida para fins superiores [...] como isto não sucede, a técnica transforma-se em maldição” (MARCEL, 2001, p.57).

Atualmente, é muito comum encontrarmos pessoas ou fazermos parte desse grupo de pessoas, que estão completamente dominadas pelo discurso hegemônico do poder tecnológico. Somos fortemente influenciados pelas mídias tecnológicas, que nos indicam caminhos sedutores, pelos quais trilhamos, esquecendo de nós mesmos, os quais nos tornamos impróprios e inautênticos, considerando a existência ideal, aquela vivida pelo outro Assim, para Marcel (2005), “a partir do momento em que me preocupo com o efeito que há de produzir sobre o outro, todos os meus atos, todas as minhas palavras, todas minhas atitudes perdem sua autenticidade” (MARCEL, 2005, p. 29).

O homem entende que o mais importante é fazer parte da ‘massa’, como nos diz Marcel:

Um indivíduo faz parte da massa, quando não só o valor que dá a si próprio – bom ou mal – não assente em estimativa especial, mas quando, sentindo-se como toda a gente não sente angústia alguma e pelo contrário, se sente à vontade achando-se idêntico aos outros [...] parece-me que essa permeabilidade se deve ao fato de que o indivíduo, para pertencer à massa deve ter-se previamente e inconscientemente esvaziado da realidade substancial ligada à sua inicial singularidade. (MARCEL, 2001, p. 24-25)

Com base nessa reflexão, inferimos que o homem da sociedade tecnológica contemporânea, perdeu-se de si mesmo e de suas condições interiores existenciais elucidativas da relação Eu-Tu, passando a existir na dimensão relacional do Eu-Isso no sentido buberiano. Esse cenário é revelador de que a cotidianidade do homem está edificada

nos reflexos das lentes da massa, visto que se integrar ao grupo hegemônico é condição essencial para uma sensação de pertencimento, o que implica em corroborar com o a ideia de que “Quem não é e não pensa como toda a gente corre o risco de ser eliminado” (p. 124).

Nos tempos hodiernos, grande parte das múltiplas relações de sociabilidade estabelecidas entre as pessoas em redes sociais pela internet, meios de comunicação de massa e outros aparatos tecnológicos, permite-nos dizer que esse cenário condiciona ao homem estar em permanente estado de conexão pela internet, exigindo a posse de mídias de comunicação cada vez mais modernas, como condição fundamental para uma ilusória sensação de pertencimento a um determinado grupo. Caso contrário, o indivíduo sofre um processo de exclusão.

Aproveitando-se dessa relação dicotômica de inclusão e exclusão, imposta ao homem pelo progresso tecnológico, os mecanismos de propaganda na sociedade, desenvolvem uma profusão de imagens, discursos e ideias, que deixam o homem cada vez mais fascinado com as tecnologias modernas e profundamente dependente das possibilidades oferecidas pelas mesmas, evidenciando o que Marcel denomina de consciência fanatizada, enrijecendo o espírito de abstração, o que tem levado o homem à perda de percepção do mundo e de si mesmo. “O que pode dizer-se é que esse modo de pensar, como todos os outros, corre perigo de endurecer, secar-se, esterilizar-se sob o império do espírito de abstração, corruptor de tudo que toca” (MARCEL, 2001, p. 140).

Dominado pelo espírito de abstração, o homem tem adotado uma postura de inflexão e sucumbido frente às exigências científico-instrumentais do mundo atual, afastando-se de modo abismal de si mesmo e esvaziando-se de sentido. Desse modo, compreendemos que o espírito de abstração reduz espiritualmente o homem e o mundo a uma condição degradada e depreciativa. Apartado de si, o homem tem dificuldades de construir relações intersubjetivas edificadas na contemplação do Outro, “pervertendo o direito do Outro ser o que é. Evita reconhecer-se como alguém que tem deveres a cumprir e passa a conceber o primado do mais vil sobre o mais nobre” (MARCEL, 2001, p. 143).

No campo da abstração o mistério é destruído. O homem sofre um fenômeno de coisificação, que o impede de desenvolver os sentimentos da fraternidade e solidariedade, em razão da degradação de sua humanidade. Conforme Marcel (1956b), a técnica não se revela eficiente somente na produção de mercadorias, mas também cria mecanismos ideológicos, que impõem desejos e necessidades ao homem, que dominado pelo espírito de abstração, sente-se impulsionados a satisfazê-las.

Esse cenário pode se desdobrar na desumanização; na disputa pelo poder; guerras; destruição de princípios éticos na relação entre pessoas e na perda da transcendência, gerando uma crença incontestável na hipostasia da técnica como solução para todas as necessidades e problemas humanos. “A verdade é que os progressos da técnica expõem o homem à tentação de atribuir aos seus êxitos um valor intrínseco que não podem ter de modo algum. Poderia dizer-se simplesmente que o progresso técnico expõe o homem ao perigo da idolatria” (MARCEL, 2001, p. 58).

Nesta perspectiva, podemos dizer e reafirmar que o homem perdeu a direção do mundo, de si e das relações com o Outro, permitindo que sua vida seja orientada por uma ética do consumo e autoconsumo, fundamentada na mentalidade do Ter como condição para a sua existência no mundo, suscitando uma “espécie de gama de matizes, uma degradação entre o sentimento que tenho e o sentimento que sou” (MARCEL, 2003, p. 144).

#### **d) O movimento do homem entre o Ser e o Ter**

As presentes reflexões acerca do pensamento marceliano, possibilita-nos perceber sua preocupação com a superação das condições objetivadas de existência do homem e sua libertação da relação dicotômica sujeito-objeto. Nesse contexto, o homem é evidenciado, por um lado, como um sujeito dominado pela técnica numa perspectiva relacional-instrumental; e por outro, como um ser humano cuja existência é dada pelo seu Ser.

O homem da técnica tem sua existência orientada para uma dimensão associada a elementos da exterioridade humana, elucidativas da imanência do mundo vivido, cuja existência é baseada na posse e na inautenticidade. A outra situação é caracterizada por um homem na condição de Ser-no-mundo e com o outro, sendo sua existência marcada pela autenticidade e por uma elevação transcendente na relação com o Outro.

Essa dicotomia nos possibilita um ponto de partida para uma compreensão fenomenológica da dialética entre o Ser e Ter, a partir de uma distinção entre as duas formas de sentir e viver a realidade, e o fenômeno do reconhecimento e relacionamento com o Outro.

Para fazermos uma análise fenomenológica do Ser como condição existencial do homem, devemos considerar, como nos orienta Marcel (1953), a articulação entre a investigação metafísica e o que chamamos normalmente de Ser enquanto tal. Dessa reflexão, inferimos que para o referido filósofo é necessário diferenciarmos o Ser da condição verbal imanente do homem no mundo para o Ser na sua condição transcendente, ou seja,

compreender o Ser a partir da interioridade do próprio homem e de sua relação com o Outro, por meio de uma experiência intersubjetiva.

Segundo Marcel (2003), à medida que o homem consegue atingir uma profundidade de recolhimento em sua interioridade, é possível se elevar a uma transcendência que lhe permite compreender a sua própria vida e experiência de si mesmo, possibilitando-o uma autocompreensão no contexto da experiência do outro. É nesse movimento dialógico de doação e totalidade humana que podemos encontrar o Ser como algo situado na transcendência, permitindo-nos comungar com a ideia de que “é necessário reconhecer que o Ser se reconhece numa dimensão centrada no Eu transcendental”. (MARCEL, 1953, p. 215)

Desse modo, entendemos que o Ser como condição humana está na relação em que estabelecemos com nós mesmos e com o Outro numa perspectiva de Eu-Tu. Significa me disponibilizar para o Outro numa condição de encontro, indicando que estou aqui por minha vontade de estar com alguém, pelo prazer interior e espiritual que esse encontro proporciona para o Eu e para o Tu. Segundo a filosofia marceliana, a compreensão do Ser só é possível ocorrer no cerne de uma vida plena e intersubjetiva, na medida em que o Ser não é unilateral e subjetivo, sua percepção deve ser considerada na articulação da minha experiência com a experiência do Outro.

Para Marcel, esta relação se dá pelo reconhecimento do Outro através do encontro e do diálogo numa situação de experiência vivencial que requer disponibilidade e abertura humana mútua, evidenciando uma relação existencial do Eu com o Outro. Por essa reflexão filosófica, compreendemos que, à medida que um homem se disponibiliza para o Outro por meio dessa abertura dialógica, eles poderão desenvolver laços fraternais e de solidariedade que são fundamentais para o estabelecimento de relações intersubjetivas baseadas numa ética inter-humana.

Essa busca da revelação do Ser é algo que está na ordem do mistério, que exige do homem uma abertura e recolhimento para a sua interioridade na relação com o Outro. O Ser é inesgotável, não é algo limitado ou que está à nossa frente, não pode ser definido ou caracterizado e, nem tampouco, é algo externamente espetacularizado. Pelo contrário, está dentro de nós, em nossa dimensão transcendente. Nesse sentido, uma pessoa só consegue uma aproximação com o Ser por uma relação de experiência intersubjetiva. Desse modo, a revelação do Ser se manifesta por uma experiência de encontro, diálogo e contemplação da pureza e humanidade do Outro. É nessa relação de “experiência, reflexão e recolhimento

existencial, que o homem vai se constituindo e formando enquanto Ser. O Ser é o existir, enquanto forma sua essência” (BECKER, 2007, p. 63)<sup>28</sup>.

A verdadeira essência do Ser é edificada na disponibilidade e no companheirismo, quando o Eu, mesmo no meio da obscuridade, doa-se na abertura de um caminho de vida para o Outro, mostrando-lhe o horizonte do mistério, no momento em que este se encontra aprisionado em sua própria escravidão, descobrindo numa relação intersubjetiva eticamente humanizada e na perspectiva do Eu-Tu, uma luz de esperança para a sua libertação.

Essa reflexão nos remete ao mundo da contemporaneidade, no qual grande parte da humanidade está com sua existência petrificada pelos ditames da racionalidade científica, perdendo-se de vista a ética do olhar, e do pensamento buberiano acerca do encontro alicerçado no "diálogo, presença e reciprocidade". A solidariedade foi substituída pela competitividade em torno da posse, o que inconscientemente tem levado o homem a perder-se de si mesmo e entrar numa profunda crise de identidade existencial, mergulhando num cenário de grande ambiguidade acerca de sua existência como ser humano no mundo; e escravizado por elementos exteriores a sua realidade, como a profusão de avançados recursos tecnológicos anunciados como a solução para os problemas da humanidade em todas as dimensões, inclusive com possibilidade de desvelamento do mistério da vida e da morte. Situado nessa ordem do problema, o homem se encontra alienado e incapaz de responder questões fundamentais de sua existência.

Nessa dimensão do problema, fundamentada no Ter, com sentido de posse, o homem contemporâneo abstrai-se de sua realidade e entra no campo da inautenticidade, mergulhando num “vazio existencial que é preenchido pelo consumo, pela ideologia; reduzindo o ser homem à busca da satisfação pelo desejo” (BECKER, 2007, p. 52).

Aí está o grande problema do homem que envereda exclusivamente pela dimensão do Ter. É quando o Ser entra em degradação, cedendo lugar à lógica do Ter como condição fundamental para a definição do ser homem. O Ter no sentido de posse pode ser reconhecido no âmbito do problema, como algo que está fora do homem, evidenciando relações objetivadas entre sujeito-objeto, cuja dinâmica é determinada por condições existenciais exteriores a ao indivíduo, tal como podemos constatar na reflexão a seguir:

no horizonte do ter, predominam as relações objetivas, no intuito de satisfazer o sujeito possuidor. O objeto que é de pertença, posse acrescida ao sujeito, está a sua

---

<sup>28</sup> BECKER, Julci Stefano. **Gabriel Marcel e a formação na perspectiva do ser** (Dissertação). Ijuí (RS): UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2007.



disposição e em condições de manipulação exterior: o tenho, sob domínio. No entanto, a experiência revela a irrealização do ser no ter (BECKER, 2007, p. 56).

O mergulho incondicional nessa dimensão do Ter é destruidor da humanidade e da pureza no homem, na medida em que este sofre uma degradação na sua condição de sujeito existencial, de cujo Eu, a satisfação passa a residir no desejo da posse, esvaziando a essência humana de sentido, levando o homem a tornar-se "inconscientemente, escravo de uma parte mortificada por si mesmo, e esta escravatura tende inevitavelmente a converter-se em tirania externa" (MARCEL, 1969, p. 207).

O homem que vive num mundo "quebrado", como nos diz Gabriel Marcel (1956a), cai sob domínio de seus próprios desejos de posse. Nesse âmbito, todas as ações do homem navegam pelo campo do consumo e da massificação. Isto significa dizer que, quanto mais tem posses, mais impróprio se torna pelo desconhecimento de si mesmo, sendo seus desejos profundamente marcados pela vontade de estar no lugar do outro, no sentido de ser apreciado pelo outro pelo que tem e não pelo que é, ou seja, o homem depende do outro para se reconhecer em uma dada condição de existência.

No mundo contemporâneo, o homem tem sofrido visivelmente uma degradação de seu Ser existencial, passando a ser orientado pela dimensão do Ter, na medida em que entende sua condição de homem frente ao Outro, associada aos bens que possui. Essa perspectiva de vida condiciona as pessoas a uma prisão individual na qual o Outro é visto como um complemento aos interesses coisificados do Eu, o que sugere uma relação de sociabilidade baseada na dicotomia sujeito-objeto, cujo fundamento principal é encontrar soluções para os problemas e necessidades do homem sempre de forma instrumental e racional, sem produção de sentido.

Atualmente, grande parte das relações que as pessoas estabelecem entre si são predominantemente baseadas em artefatos das tecnologias modernas, pelos quais acreditam que suas necessidades podem ser mediadas e resolvidas pela técnica. A voracidade do Ter provocou entre os homens um distanciamento da afetividade e do amor, que são condições fundamentais para que as pessoas se reconheçam e vivenciem experiências plenas de vida, encontrando no Outro o Eu e o Eu no Outro. "É a partir do outro que o homem compreende a si mesmo; sente seu valor na medida em que se sente amado. O amor cria uma permeabilidade mútua, de abertura para a influência, abertura que possibilita o crescimento do Ser" (BECKER, 2007, p. 66).

Os homens estão mais preocupados com a aquisição em forma de posse de bens, tecnologias modernas e outros ícones da materialidade contemporânea e o reconhecimento do outro na ordem do problema, perdendo a noção de tempo e de sua existência, não

reconhecendo a si e em si mesmo, caindo na dimensão da inautenticidade e num vazio caótico de eticidade. Não têm mais tempo para cuidar de si mesmo, não conseguem mais ver o outro na sua plenitude humana, visto que a sua vida está orientada por condições exteriores à sua própria condição existencial humana.

Na ordem do Ter, o homem se perde de si mesmo e cai num campo pantanoso, onde suas ferramentas instrumentais e tecnológicas, em razão de mau uso, o empurram cada vez mais para o lodaçal, restando a ele apenas desenvolver um sentimento de abertura que o possibilite enxergar na profusão do desejo da posse, uma luz de esperança que o conduza a uma situação de contemplação plena do Outro em sua pureza e sacralidade, por uma conduta ética humanizadora, alicerçada no amor e em laços de solidariedade que produzam sentidos e o diálogo entre os homens, mesmo num “mundo quebrado” dominado pela ciência, mas sem se deixar escravizar por sua sedução instrumental. “Eis a razão pela qual Marcel convoca a humanidade à vigilância contra o espírito da degradação do ser pelo racionalismo” (BECKER, 2007, p. 62). Esta é uma possibilidade do homem resgatar o folego, vislumbrando uma esperança de libertação de sua condição envilecida, imposta pelas técnicas de aviltamento da racionalidade científico-tecnológica do mundo contemporâneo.

#### **e) O Envilecimento humano na sociedade tecnológica-industrial**

O cenário de degradação do homem por um profundo espírito de abstração, está intimamente relacionado com a destruição do mistério nas relações entre as pessoas, decorrente da inflexão e fragilidade do homem diante de si mesmo, sob fomento voraz de diversas formas de aviltamento e envilecimento a que é submetido pelas novas diretrizes tecnológicas do mundo contemporâneo.

As técnicas de aviltamento nos reportam historicamente a uma retomada das relações de poder e dominação impostas por nazistas alemães aos prisioneiros judeus nos campos de concentração durante a segunda guerra mundial, como forma de destruir a capacidade daqueles prisioneiros de acreditarem em suas próprias potencialidades humanas e, conseqüentemente, serem reduzidos a um estado de envilecimento, que consiste em um processo de fragilização do Ser na pessoa, anulando a consciência de si mesmo acerca de sua condição humana. Essa situação provoca a destruição da autoestima das vítimas, dizimando as possibilidades de respeito por si mesmo e qualquer perspectiva de esperança, afetando a própria dignidade humana em sua essência existencial, como nos diz Mme. Lewinska, prisioneira de Auschwitz, citada por Marcel:

tinham-nos condenado a morrer no nosso próprio lodoçal, a afogar-nos na lama, nos nossos excrementos; tinham querido rebaixar, humilhar em nós a dignidade humana, colocar-nos até o nível de animal feroz, inspirar-nos horror e desprezo por nós mesmos e de quantos nos cercavam (MARCEL, 2001, p. 40).

Esse relato nos possibilita inferir que o envilecimento é provocado pelas técnicas de aviltamento, que pretendem, além de levar o outro a condições materiais objetáveis e humilhantes, também de destruí-lo sutilmente em sua condição física e moral, levando-o a condições existenciais profundamente degradantes. Marcadas pela perda de percepção do humano, do mundo e da esperança, sob orientação de uma ética da destruição e banalização da vida, essas técnicas introjectam na consciência da vítima a descrença em seu próprio valor. “É preciso que aquele que nada vale, reconheça a nulidade própria” (MARCEL, 2001, p. 48).

Essas reflexões nos remetem a um forte clamor junto ao mundo contemporâneo, das modernas tecnologias, na medida em que as técnicas de aviltamento, tão utilizadas por alemães nos campos de concentração contra os judeus, agora se manifestam de modo generalizado em diversas formas e dimensões das relações entre o homem e as novas tecnologias, engendrando uma relação de poder e dominação, que tem provocado na humanidade uma inflexão incondicional diante do poder impactante do desenvolvimento tecnológico, científico e industrial.

Na contemporaneidade, a capacidade criativa e inventiva do homem o tem levado a descobertas tão extraordinárias, tornando inevitável o reconhecimento dos avanços que o progresso técnico-científico tem proporcionado para a existência humana no mundo. É extremamente pueril subverter a importância das novas tecnologias no mundo hodierno, visto que é efetivamente decisiva a influência do progresso tecnológico em todas as dimensões da vida humana, destacando como exemplos, as áreas da medicina, engenharia, automação, cultura, comunicação, economia, educação, ciência, estética corporal, relacionamentos, esporte, jogos de entretenimentos, dentre outros, em cuja dinâmica o homem tem interferido de modo contundente, conquistando uma existência material, solidamente edificada na sua capacidade científico-racional, não sendo desse modo oportuno demonizar os avanços da ciência e tecnologia, como uma grande calamidade que se abateu sobre a humanidade.

Nessa perspectiva, Marcel nos diz:

não se vê, com efeito, que a técnica seja em si um mal e seu progresso condenável. Seria infantilidade pensa-lo. Todos vemos, imediatamente, embora não possamos fundamentá-lo logicamente, que seria absurdo pretender a crise pelo encerramento definitivo de fábricas e laboratórios. Pelo contrário, essa medida seria provavelmente o início de uma regressão dificilmente imaginável de nossa espécie (MARCEL, 2001, p. 74).

Portanto, não podemos atribuir ao progresso tecnológico, o *status* de um demônio destruidor da espécie humana. Pelo contrário, por meio das novas tecnologias, o homem tem aprendido e ensinado a si mesmo como racionalmente é possível encontrar soluções para as demandas da humanidade. Desse modo, a técnica, segundo Marcel (2001), não pode ser considerado um agente do mal, na medida em que “é a expressão de um bem, e uma certa especificação da razão aplicada ao real”. (P. 74).

Por outro lado, não podemos limitar nossa análise a essa perspectiva sociológica racional da relação homem-máquina. Faz-se necessário averiguar a dimensão existencial dessa relação, que é o viés investigativo desta pesquisa, buscando uma aproximação compreensiva com a existência humana, na tentativa de refletir sobre como o homem está vivendo as experiências concretas de sua realidade consigo mesmo e com outro.

É nesse aspecto que refletimos sobre a existência do homem no mundo, levando em consideração sua relação com as novas tecnologias, e deparamos com uma realidade dominada pelo progresso tecnológico industrial, no seio do qual, o homem controlado por condições exteriores a sua existência, busca explicar e dar soluções técnico-rationais a todas às suas inquietações e demandas.

Desse modo, o homem entregue ao domínio da técnica, oblitera-se da consciência de seu próprio Ser, ao mergulhar num estado de envilecimento, caracterizado pela perda da consciência de si mesmo e de seu valor, entrando num campo movediço, no qual sofre um completo processo de nulidade, tornando-se nulo de suas potencialidades para se libertar, pois dominados pelas técnicas de aviltamento, ferramentas de mau uso das tecnologias, os homens organizam todos os aspectos de seu cotidiano sob os auspícios de artefatos tecnológicos, perdendo de vista a si mesmo e sua própria autenticidade.

Os indivíduos não conseguem mais viver uma vida real baseada na ética do olhar face a face, em razão de sua forte dependência em relação às inovações tecnológicas, que supervalorizam a instantaneidade das relações de comunicação que acontecem de modo virtual, desvencilhadas da necessidade de tempo e espaço determinados. Sem essas condições, muitos usuários de tecnologias entram em estado de “navegação a deriva”, na medida em que não se sentem capazes de superar essa dominação consciente ou não, que amalgama cada vez

mais e fortalece o domínio que a tecnologia exerce sobre as ações humanas do mundo contemporâneo, acarretando, assim, um reconhecimento por parte do próprio homem sobre a sua nulidade em perceber a sua impotência frente ao progresso da tecnologia, acreditando que não consegue viver sem as ferramentas da tecnologia moderna, tornando-se, desse modo, escravo de sua própria inventividade.

Esse cenário do mundo contemporâneo revela homens aviltados de sua consciência pela força dominadora da tecnologia, o que tem provocado uma inconsciente perda de percepção do mundo, na medida em que todas as dimensões de sua vida são orientadas por ferramentas tecnológicas situadas nos compartimentos da racionalidade. Essa dependência do homem em relação aos suportes das novas tecnologias influencia profundamente nas relações de sociabilidade no trabalho, família, relacionamentos, entretenimentos e na sua própria noção de temporalidade; e o mais grave, é que tudo isso ocorre num processo de perda de consciência de si, em razão do envilecimento imposto pelas técnicas de aviltamento. Nesse contexto, os relacionamentos foram virtualizados, as reuniões familiares tornaram-se cada vez mais esporádicas, e outras formas de interações que prescindem da presença do outro, bastando para isso, uma simples conexão em redes sociais na internet.

Esse quadro evidencia uma degeneração da natureza humana, evidenciando um homem degradado, debatendo-se num mundo vazio e quebrado. Essa realidade, elucidativa de um homem aviltado e envilecido, revela o quanto nós, como diz Marcel, somos dominados e escravizados pelas nossas próprias invenções, expondo-nos a um processo de nulidade de nossa condição humana e capacidade de percepção do Eu com o Outro no mundo, revelando o nosso estado de dependência e fragilidade, profundamente envilecidos por elementos de nossa exterioridade existencial, como as técnicas de aviltamento, como podemos perceber na reflexão a seguir:

pode dizer-se que hoje um ser perde tanto mais consciência da sua realidade íntima e profunda quanto mais depende de todas as mecânicas que lhe asseguram pelo seu funcionamento uma vida material tolerável. Sendo dizer que seu centro de gravidade e como sua base de equilíbrio passam a ser-lhe exteriores; que ele se situa progressivamente nas coisas, nos aparelhos de que depende para existir (MARCEL, 2001, p. 52).

Neste caso, não podemos ser indiferentes à nossa cotidianidade, que atualmente é decisivamente marcada por relações de extrema dependência de recursos tecnológicos. Devemos evidenciar esse estado de subordinação do homem à técnica, no uso intenso de mídias tecnológicas, para encaminhar a maior parte de nossas relações de comunicabilidade

com nossos pares e não pares, num permanente estado de conexão mundial pela internet, em redes sociais *on line e off line*. Ressaltando que esse construto ocorre em completo estado de inconsciência, nos tornando impróprios de nós mesmos e vítimas de uma profunda “cegueira ética” em relação ao outro. Os homens encontram-se mergulhados num estado de “cegueira ética, entendida como uma situação subjetiva e social, na qual as pessoas não conseguem estabelecer relações éticas com o outro” (MENDONÇA, 2013a, p. 186).

Essa percepção pode ser evidenciada no cotidiano das pessoas, cuja maior parte, por muitas horas durante o dia, vive em estado de conexão pela internet, imersa em sua subjetividade no mundo virtual, impossibilitando-as de desenvolverem a percepção do outro numa dimensão social, ética e espiritual. Nesse cenário de envilecimento, os indivíduos mostram-se completamente aviltados da sua capacidade humana de percepção e possibilidades relacionais com o outro, indicando uma realidade genuinamente orientada pela dimensão Eu-Isso da existência do homem no mundo.

As técnicas do aviltamento elucidadas pelo pensamento filosófico de Marcel (2001), evidenciam uma humanidade dominada pela técnica, da qual não consegue e nem tampouco manifesta vontade de sair, revelando a destruição da consciência e da própria capacidade humana de ação e reação, corroborando com o princípio de que “O perseguidor tenta destruir em um ser a consciência, que esse ser tem de começo sobre o seu próprio valor. É preciso que aquele que nada vale reconheça sua própria nulidade” (MARCEL, 2001, p. 43).

Outro aspecto a ser enfatizado no contexto da relação homem-máquina no mundo contemporâneo e sua imersão no campo de degradação das técnicas de aviltamento é a propaganda.

Segundo Marcel (2001), a propaganda em si, não pode ser considerada precipitadamente uma técnica de aviltamento, mas, à medida que o seu uso é efetivado na perspectiva de subordinação das consciências humanas, buscando a persuasão incondicional de seu público alvo, obliterando-se a verdade, mergulha-se num quadro de envilecimento, favorecendo a manipulação de uns sobre outros.

Nesse sentido, o homem, completamente embevecido pelo poder da técnica, deixa-se inconscientemente seduzir pelas tentações da tecnologia, sendo enredado por ‘extraordinários’ sonhos de consumo, indicadores de que “o progresso técnico expõe o homem ao perigo da idolatria” (MARCEL, 2001, p. 58).

Os suportes das modernas tecnologias são ostentados como verdadeiros troféus e ovacionados como grandes maravilhas que superaram o primitivismo e abriram as portas do mundo para o domínio incondicional da natureza e da própria vida. Porém, não podemos

perder de vista que essa ética da relação homem-máquina é alicerçada nos princípios da racionalidade e na relação sujeito-objeto, em torno da compreensão do homem em um mundo cada vez mais dominado por artefatos de sua inventividade.

Ao fazermos uma fenomenologia dessa relação homem-técnica, na perspectiva de uma ética humanizada, o mau uso das tecnologias, por meio das técnicas de aviltamento, tem levado o homem a distanciar-se cada vez mais de sua própria humanidade, sofrendo um processo de depreciação e degradação desmedida em suas condições existenciais, embora manifeste uma sensação de regozijo frente a si mesmo e suas conquistas.

De acordo com Marcel, a forma “problemática” e exterior ao homem, no sentido filosófico, como a técnica disponibilizada em seu uso para a humanidade, aparenta um avanço representativo de um bem que possibilita a construção de uma relação universal entre os homens, assegura-lhes um discurso hegemônico acerca do domínio sobre a natureza.

Todavia, esse olhar só é possível, à medida que é edificado em princípios racionais, sendo intelectual e epistemologicamente invalidados, quando fazemos uma análise dessa relação numa perspectiva fenomenológico-hermenêutica. Neste viés analítico, o referido autor nos conduz a uma reflexão filosófica mais profunda, considerando que, longe de promover uma grande confraternização e comunhão para o bem da humanidade, a forma instrumental e objetual de uso das tecnologias, tem desenvolvido nos homens da contemporaneidade, a perda de percepção do sentido de si mesmo e do mundo, tornando-os cada vez mais “particularistas, individualistas e agressivos, lançando-os uns contra os outros”, perdendo de vista o sentimento de alteridade e do diálogo (MARCEL, 2001, p. 78).

Nesta análise, o que podemos deduzir é que o homem da técnica perdeu o sentido de seu recolhimento interior, na medida em que está cada vez mais e simultaneamente embrutecido e fragilizado pelo poder dominador e destruidor, decorrente do uso exclusivamente instrumental das novas tecnologias.

A dominação do homem pelo poder da máquina e a relação entre as pessoas atinge um cenário mecanizado orientado pela ética da racionalidade, na qual valores que nos humanizam, como o diálogo, a solidariedade e a alteridade, são superados por uma relação de disputa de poder entre os homens, da qual não conseguem se libertar, revelando uma situação de "aviltamento" e “envilecimento” em que encontra-se o homem, que segundo o pensamento marceliano, consiste na formação de uma sensação de completa impotência de si mesmo para se libertar de sua condição de degradação e dependência.

Esta conexão entre tecnologia e aviltamento humano, evidencia o mundo do homem fechado em sua racionalidade, obliterando-se no homem a dimensão do mistério e da

perspectiva da esperança. É um mundo onde o homem “perdeu o sentido mais profundo da consciência de si”, tornando-se envilecido e dominado pelo sentimento do “espírito de abstração” (MARCEL, 2001, p. 83).

Neste sentido, Silva (2014) nos diz que na sociedade tecnológica industrial da contemporaneidade, à medida que o conhecimento científico-tecnológico torna-se cada vez mais determinante, o homem experimenta um inegável processo de despersonalização e desumanização, subvertendo a sua própria condição e modo de existência. “Trata-se de um processo de alienação através do qual o homem torna-se, cada vez mais, estranho a si mesmo” (p. 122).

Mas, não podemos ser fatalistas incondicionais, visto que acreditamos que o homem tem possibilidades de resgatar a sua humanidade, libertando-se dessa escravidão de sua própria criatividade. Para isso, faz-se necessário desenvolver um sentimento de abertura para Si e com o Outro por meio do diálogo e da reflexão, rompendo com o “espírito de abstração” que o despersonaliza e o desumaniza. Mas, pela sua própria itinerância e inesgotabilidade, o homem pode enxergar raios de luz da esperança de uma possível reencontro com sua própria humanidade.

#### **f) Uma luz de esperança em meio à degradação humana**

Considerando as reflexões de Marcel acerca do cativo que o homem contemporâneo se encontra, sob total domínio de elementos exteriores à sua vida existencial, percebemos que na atualidade da sociedade tecnológica-industrial, grande parte da humanidade que caminha ininterruptamente pelo mundo da técnica e da racionalidade científica, onde busca respostas para as suas indagações, vive sob controle e escravizada pelos resultados de sua própria criatividade, cerceada de si mesma por condições alheias à sua própria existência transcendente. O homem não consegue ver e nem tampouco reconhecer a si mesmo, em razão de estar mergulhado num campo de inautenticidade e “cegueira ética”. Esse olhar pode ser sustentado pelo que nos diz a reflexão marceliana, ao fazer a afirmação de que: “me considero cativo se me encontro não só jogado, mas sim comprometido, por uma força exterior, com um modo de existência que se impõe a mim, implicando em restrições de todo tipo a respeito de meu próprio agir” (MARCEL, 2005, p. 42).

Essa reflexão evidencia uma situação representativa de uma real dificuldade para o homem ascender a uma dimensão de vida plena que o conduza à liberdade e a um sentimento



de esperança numa perspectiva transcendente. Uma concepção de esperança redentora, que o possibilite o reencontro do Eu com o Outro em sua humanidade.

É nessa concepção de esperança, “de esperar o inesperado” que Marcel edifica suas reflexões. Não é uma noção de esperança na ideia de “eu espero” em condições objetivadas, como alcançar algo material, resolver uma situação cotidiana, encontrar alguém já esperado, dentre outros; mas sim, uma esperança de reencontrar consigo mesmo como Ser no mundo e com o Outro numa relação intersubjetiva e transcendente. É a esperança de libertar-se do cativo que o aprisiona em sua exterioridade vinculada à dimensão do Ter.

É esse cenário de degradação do homem mergulhado na dimensão do Ter, em um mundo quebrado que orienta ao homem para o Ter no sentido da posse, que é o seu principal dominador, o qual Marcel, por meio de suas reflexões filosóficas, aponta uma luz de esperança, mas num sentido ontológico situada na dimensão do Ser, diferente de uma "esperança com questões psicológicas de otimismo, desejo e crença" (AZEVEDO, S/D).

Para Marcel (2005), a esperança se manifesta na experiência de provação no campo do mistério, como uma "verdadeira resposta ao Ser". É uma noção de esperança que perpassa pela temporalidade, mas numa perspectiva de abertura para o ser, na busca de libertação do sofrimento que aprisiona o homem. Penso que é uma concepção de esperança que está na alma humana como um movimento da interioridade do homem na direção de um reencontro consigo mesmo, quando este rompe com o cativo de sua exterioridade. “Tudo o que se pode dizer é que essa dialética tem por resultado o surgimento da situação fundamental a qual a esperança tem a missão de responder como a um pedido de socorro” (MARCEL, 2005, p. 42).

Segundo o pensamento marceliano, a esperança não deve ser algo reificado nas vivências cotidianas e dissociado da experiência existencial transcendente. Fazer uma fenomenologia da esperança significa situá-la no âmbito do mistério, considerando-a como algo que está na dimensão de esperar o inesperado. Nessa perspectiva,

quando afirmamos *eu espero*, não fazemos uma afirmação periférica, mas mergulhamos em nossas próprias estruturas e encontramos ali a profundidade de nosso próprio *eu* e suas estruturas constitutivas. [...] aquele que diz *eu espero* aparece-se a si mesmo implicado em um processo e imbricado nas relações *eu-próximo-mundo-encarnação*. Dessa maneira, o *eu* esta numa espécie de simbiose na postura de esperança, apresenta-se como uma relação profundamente visceral entre o que somos e o que esperamos.(AZEVEDO, 2010, p. 110)

Essa reflexão nos remete à compreensão da esperança como algo que está no próprio homem, no campo do mistério e, portanto, desconhecido e inesperado, mas sentido na essência humana.

A esperança, com toda evidência, tem alcance não somente sobre o que está em mim, sobre o que pertence ao domínio de minha vida interior, senão especialmente sobre o que se apresenta como independente de minha ação possível e singularmente de minha ação sobre mim mesmo. (MARCEL, 2005, p. 56)

Marcel aponta a esperança como uma força interior que está no homem em seu Ser, que o possibilita lidar consigo mesmo e com o outro, evidenciando um amadurecimento na busca de novas experiências existenciais.

De acordo com o educador e filósofo alemão Otto Friedrich Bollnow (1962), ao analisar a fenomenologia da esperança construída por Gabriel Marcel, afirma que esta é indicadora de uma fonte que possibilita a vivência de experiências facilitadoras do amadurecimento humano frente às situações de sofrimento e desespero. Nessa perspectiva conclui-se que "diante dos infortúnios da experiência humana, a esperança proporciona ao homem a renovação das energias criadoras e fomentadoras de outras possibilidades". (SILVA, 2014, p. 284). Desse modo, a esperança é uma experiência que só pode ser compreendida no campo do mistério, como uma "força especial que resiste sempre renovadamente às seduções do desespero"(MARCEL, 1961, p. 90).

Podemos considerar que a esperança impossibilita ao homem responder com clareza e de forma presumível a sua espera, mas não o situa na condição de passividade, ele está mergulhado na dimensão da vida esperançosa. Cultivar na sua interioridade a esperança de algo apartado de sua exterioridade, sem determinações externas, fortalece ao homem diante das situações com as quais se defronta, revelando-se sempre livre e disponível para resistir ao sofrimento e ao desespero; e mergulhar no inesperado, consciente de si mesmo, que o possibilita uma resistência positivas. Essa reflexão nos possibilita corroborar com a percepção de que "o homem está aberto àquilo que o futuro lhe oferecerá; sua postura não é de exigência, mas, de disponibilidade" (SILVA, 2014, P.286). Nesta medida, o homem se revela em condição de resistência a partir de sua interioridade, sempre movido por uma força Itinerante, "capaz de conferir ao existir humano a decisão permanente de retomar sempre um novo e fecundo percurso"(p. 288).

Como nos fala Marcel, significa para o homem ter consciência de sua condição inconclusa e inacabada e de que "o Ser é ser e estar a caminho" sob orientação de lentes com

possibilidades de esclarecimento voltado para o encontro, no sentido buberiano, com experiências existenciais.

Marcel considera que uma das estruturas fundamentais da esperança é o amor, pois amar e ser amado significa mergulhar no tempo, na disponibilidade e na reciprocidade, o que demanda o "eu" estar disponível para o outro numa condição de abertura dialógica e uma espera de tempo aberto<sup>29</sup>, como podemos constatar na reflexão a seguir:

Amar a um ser e esperar dele algo indefinível, imprevisível; e, por sua vez, dar-lhe, de certo modo, o meio pelo qual poderá responder a esta espera. Por paradoxal que possa parecer, esperar e, em certo modo, dar; Tudo permite pensar que não se pode falar de esperança senão onde existe interação entre o que dá e o que recebe, esta comutação que é o selo de toda vida espiritual. (MARCEL, 2005, P. 66)

Não se trata de uma concepção de esperança no sentido racional, de esperar alguém, ou algo condicionado pela razão subjetivada, mas sim uma experiência intersubjetiva e transcendente.

Articulando essa noção de esperança com a sociedade tecnológica-industrial da contemporaneidade, muitos homens, de acordo com as reflexões de Marcel, encontram-se aprisionados pela sua própria inventividade científica, com suas consciências fanatizadas e dominadas por um profundo espírito de abstração sob a irresistível sedução das tecnologias. O homem encontra-se tão tomado e seduzido pelo desenvolvimento tecnológico e pela instrumentalidade racional de suas ações, que inconscientemente se distancia de sua humanidade, passando a ter uma existência de estranheza em relação ao outro. Perdeu-se de vista o olhar, o diálogo, a escuta e a alteridade. Os homens se tornaram avatares que se comunicam como seres cibernéticos, evidenciando “uma sociedade totalmente voltada para a tecnologia e para o mercado e que se olvida dos mais elementares laços do inter-humano” (MENDONÇA, 2009, p. 46).

Mas, quando o homem, mesmo aprisionado pelos grilhões do mau uso da tecnologia, consegue um lampejo de uma relação Eu-Tu no sentido buberiano, torna-se possível sentir um reencontro transcendente com uma “luz velada, misteriosa, que [...] está na morada da esperança” (MARCEL, 2005, p. 44). Essa perspectiva de esperança, na visão marceliana, também podemos encontrar em um de seus grandes inspiradores, que foi Martim Buber, cuja concepção de esperança implica numa relação ética em que o Eu estabelece com o Tu um sentido existencial transcendente.

---

<sup>29</sup> Ver “*Temps clos et temps ouvert dans la pensée de Gabriel Marcel*”( URABAYEN, 2012)

Ancorados em uma percepção teísta Martin Buber e Gabriel Marcel, entre outros, irão buscar a superação desse dilema em algo que ao final, mesmo sem segurança alguma, como dizia Buber, remete à esperança e à possibilidade de encontrar uma luz ao final do túnel (MENDONÇA, 2009, p. 48).

Essa reflexão nos remete a ideia de que, mesmo no âmbito da barbárie, caracterizada em certo sentido, pela destruição da humanidade do homem, ainda é possível emergir do lodaçal dominador da razão instrumental e enxergar uma luz de esperança, mesmo diante do inesperado e imprevisível.

Comungando com a percepção de Mendonça (2009), de que em meio à cegueira ética que atinge a humanidade no contexto de profusão de uma infinidade de possibilidades instrumentais, disponibilizadas pelas novas tecnologias modernas, num cenário de barbárie marcado pela violência, indiferença e insensibilidade humana, constata-se a existência de um mundo edificado pela racionalidade científica e pela “ausência de percepção da sacralidade e da transcendência do outro, transformado em meio, adequado a fins, portanto necessariamente instrumento, necessariamente marcado pela distância, pela não dialogia e pela frieza” (p. 49).

Nesse quadro de desesperança no qual o homem encontra-se profundamente envilecido pelos ditames da racionalidade científica e instrumental, mergulhado no espírito de abstração da dimensão do “eu-isso” e sob orientação de uma aparente prisão num lodaçal sem saída, segundo Brito (2012), emergem alguns filósofos da relação e de perspectiva existencial transcendente, como Martin Buber e Gabriel Marcel, “que mostram-nos que o ser humano é movido por uma inquietação e sentimento suprimível: a esperança” (p. 4). É essa esperança que pode ser a redenção do homem, mas não numa perspectiva de espera objetiva. Pelo contrário, um olhar de esperança que reside no espero o indefinível e imprevisível.

Esse quadro de desolação, medo e desesperança no mundo contemporâneo tecnológico-industrial, segundo Mendonça(2009), leva-nos às lentes filosóficas de Buber e Marcel, que acreditam ser possível ainda ver uma “luz no fundo do túnel” em uma educação de caráter, alicerçada no amor, na disponibilidade, diálogo, reciprocidade e numa relação ética humana de comunhão entre as pessoas, um lampejo de esperança em se resgatar a humanidade do homem em sua condição transcendente existencial, ou seja, encontrar em seu Ser a essência humana como condição fundamental para o desenvolvimento de relações intersubjetivas existenciais com o Outro, edificadas na esperança do “eu espero em ti para nós”. A “esperança é essencialmente a disponibilidade de um espírito que se engaja o bastante intimamente numa experiência de comunhão” (MARCEL, 2005, p.79).

Com base em Buber e Marcel como fios condutores de sua análise, Mendonça(2009) sustenta que em meio a um estado de barbárie traduzido no sofrimento e na desesperança, a

construção de uma educação orientada por valores e uma ética humanizadora pode apontar um caminho para a superação do sofrimento e da angústia por uma vida esperançosa e edificada em uma "cultura de paz".

Educar nessa perspectiva esperançosa significa a construção de uma relação entre professor e aluno, não apenas alicerçada em práticas pedagógicas instituídas pela ciência da educação, mas sobretudo, em uma relação de encontro, no sentido buberiano, marcado pela reciprocidade, disponibilidade e uma abertura transcendente de um com o outro, transitando pela dimensão Eu-Tu. A construção de uma vida esperançosa por meio da educação perpassa por uma relação inter-humana entre professor-aluno no processo ensino-aprendizagem, que Buber (2003) caracteriza como uma educação de caráter e com produção de sentido para a vida, ensinando-nos que "a educação digna desse nome é essencialmente uma educação de caráter [...] que se ocupa continuamente com o ser humano em sua totalidade" (BUBER, 2003, p. 39).

Essa reflexão nos remete à compreensão da ação educativa não apenas como um processo de formação intelectual e pedagógica, mas fundamentalmente como a busca de uma aproximação do eu com o outro por meio de uma abertura dialógica entre professor-aluno, como Eu-Tu, que possibilite uma eticidade baseada na contemplação de sua sacralidade humana. Buber nos lembra de que educar nesse sentido não é uma tarefa planejada pedagogicamente baseada em regras metodológicas, mas na espontaneidade da relação entre professor e aluno, com intencionalidade oculta, mas comprometida com a totalidade humana, como nos aponta a reflexão a seguir:

Nesta perspectiva a educação supõe um processo de abertura e de possibilidade dialógica que exige a presença integral do caráter do educador na relação com aluno, embora seja esta uma relação necessariamente assimétrica. Logo, não se limita a técnicas ou intenções veladas. Não se restringe a metodologias pedagógicas, as quais são ferramentas que podem favorecer o processo, mas que não substituem a relação. Mais do que isso, a educação do caráter exige a inteireza da presença emocional e intelectual do educador na relação"(MENDONÇA, 2009, p. 52).

O educador não deve agir apenas como o professor preocupado com a aprendizagem de um conteúdo disciplinar-curricular, cuja ensinagem ocorre por meio de metodologias planejadas. Pelo contrário, suas ações devem evidenciar uma disponibilidade e responsabilidade com a formação do caráter do aluno, no sentido de possibilitá-lo tomar decisões e fazer escolhas orientadas por um sentimento de responsabilidade e solidariedade com o outro. Na busca dessa relação, é fundamental a conquista da confiança do aluno, a fim de que o mesmo perceba na educação de caráter, a sua transcendência e uma vida esperançosa

de um real encontro, como defende Marcel, do eu com o outro numa dimensão existencial. "só há um acesso ao aluno, o de sua confiança" (BUBER, 2003, p. 41).

A educação de caráter defendida por Buber nos remete ao debate sobre a concepção de esperança construído por Marcel, que dentre seus fundamentos está a comunhão. Desse modo, tomando Marcel como ponto de relação com a educação de caráter, podemos defini-la como uma dimensão da vida esperançosa defendida pelo pensamento marceliano, como a possibilidade de encontro dialógico do Eu-Tu, traduzida numa relação entre professor-aluno orientada pela disponibilidade e responsabilidade de um com o outro, buscando “recuperar o sentido da vida”.

A seguir construímos algumas reflexões acerca das relações de sociabilidade que as pessoas estabelecem entre si por meio de suportes tecnológicos digitais em redes sociais, em permanente conexão com a internet. O imaginário que permeia o mergulho no mundo virtual buscando através da imagem uma estética, corpo e relações sedimentadas no ideal desejado e as implicações dessa nova forma de se relacionar consigo e com o outro.

## **CAPÍTULO IV – VINCULAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO AOS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE NA ESCOLA**

Neste capítulo iniciamos efetivamente nossas reflexões a partir dos dados coletados em campo, junto aos interlocutores e aplicação dos instrumentos de pesquisa, delineando a caminhada investigativa desde os primeiros contatos com as pessoas no *lócus* da investigação, análise de falas dos professores, evidências decorrentes do processo de observação e apresentação de resultados.

Construímos algumas reflexões acerca da influência que as novas tecnologias de comunicação exercem no processo de formação educacional, destacando as relações de sociabilidade construídas em sala de aula a partir de vozes de professores sobre o uso de celular por alunos em sala durante a realização das aulas.

Nesse movimento intelectual, os eixos condutores da análise foram: o encontro com os interlocutores e seus perfis; as novas tecnologias na ação educativa; vozes de professores sobre a experiência de uso de novas tecnologias de comunicação em sala de aula; a influência de alunos conectados no trabalho docente e na autoridade do professor em sala de aula; e o impacto da violência em sala de aula.

### **4.1 ADENTRANDO O CAMPO DE PESQUISA**

Nesta secção apresentamos uma descrição acerca da logística do processo de inserção em campo de pesquisa e o encontro com os interlocutores da investigação, destacando seu perfil acadêmico, pessoal e profissional.

#### **a) O encontro com os interlocutores da pesquisa**

No segundo semestre do ano de 2016, iniciamos de modo sistemático as inserções em campo de pesquisa, a fim de encontrar as pessoas que fizeram parte do quadro de voluntários com possibilidades de relatos e informações pertinentes para as questões da pesquisa e que se disponibilizaram a participar deste processo investigativo.

Iniciamos pela realização de visitas em três escolas da rede pública estadual, situadas na grande Belém, onde foi possível encontrar professores, que segundo dados mobilizados questionários aplicados, estão na faixa etária de 46 a 55 anos de idade e já atuam profissionalmente no magistério há pelo menos 20 anos na docência em sala de aula, com as

características e possíveis informações que a pesquisa demandou, partindo do pressuposto de que, por não terem nascido na efervescência da tecnologia digital, têm posicionamentos e um horizonte hermenêutico profundamente marcado pela tradição de suas histórias de vida, que muito influenciam nas relações estabelecidas com alunos da “geração *online*” que usam mídias digitais móveis (celular) em sala de aula, que é o ponto nodal desta pesquisa.

Não encontramos dificuldades para adentrar as escolas que se constituíram em *Lócus* de contato com os interlocutores, visto que já atuamos em atividades docentes como professor de História, em duas das escolas que nos deram guarida investigativa, pois na condição de servidor público da Secretaria de Estado de Educação do Pará (Seduc), temos uma relação de trânsito pessoal e profissional com muitos professores e membros da Direção e Coordenação pedagógica das escolas em foco.

Para legitimar nossa presença como pesquisador nas escolas, falamos com as Diretoras Pedagógicas acerca das questões investigativas e objetivos que norteavam a pesquisa, apresentando-lhes um plano de obra da tese, com os indicadores temáticos, teóricos e metodológicos da pesquisa, o que foi recebido com bastante interesse, sendo assinado pelas mesmas um Termo de Consentimento Livre (TCL) para a realização das ações referentes ao processo investigativo. Tais ações credenciaram o início do trabalho de campo em busca de interlocutores e informações.

Iniciamos aproximações e contatos com professores que atendiam critérios de seleção, como a faixa etária e tempo de atuação no magistério demandados pela pesquisa. Tivemos boa receptividade pela maioria. Os primeiros contatos foram caracterizados por conversas informais e sutilmente provocativas para um momento oportuno de adentrar o tema em foco na pesquisa, que é o uso de celular por alunos em sala de aula. Quando esse momento surgia, era muito comum os professores começarem a falar com significativa espontaneidade sobre o uso de celular pelos alunos durante as aulas e suas reverberações nas relações em classe, no trabalho docente do professor, na qualidade da aula, na autoridade do professor e outros aspectos elucidativos da dinâmica em sala de aula.

Após esse primeiro momento, sentíamos-nos bastante confortável para falar sobre nossas intenções investigativas e os convidávamos a participarem como voluntários na pesquisa, cujos instrumentos foram aplicação de entrevistas, questionários de perguntas fechadas e observações em sala de aula. Com exceção de um ou outro, que ficavam de certo modo reticentes em relação ao processo de observação em sala de aula, com os quais procurava deixar claro sobre a não obrigatoriedade da participação, a maioria foi bastante



solícita e disponível com a realização e aplicação dos instrumentos da pesquisa, o que nos possibilitou condições efetivas para iniciarmos de modo sistemático o processo investigativo.

Dialogamos com dez professores de escolas e disciplinas diferentes, sendo três mulheres e sete homens<sup>30</sup>. Todos tendo em comum a atuação docente em turmas regulares das séries finais do Ensino Fundamental II (8º e 9º anos)<sup>31</sup> e Médio, formadas predominantemente por alunos da faixa etária de 13 a 17 anos de idade.

As entrevistas foram realizadas num período de onze meses, estendendo-se desde novembro de 2016 a agosto de 2017, em simultaneidade com o processo de observação que se estendeu até setembro de 2017. Todas as entrevistas foram realizadas no próprio ambiente da escola, visto que por intuição pessoal e profissional, acreditávamos que criava um espírito mais pedagógico educacional propício para formação um ambiente favorável ao desenvolvimento de condições psíquicas nos interlocutores, que os tornava mais sensíveis e receptivos a uma conversa sobre os eixos da pesquisa: tecnologia, ética e sociabilidade na escola a partir de relações estabelecidas entre professores e alunos que usam mídias de comunicação digital em sala de aula, sobretudo o celular, *smartphone*.

Além de nossas conversas presenciais na forma de entrevistas e a fim de construirmos uma aproximação maior entre o dito e o não dito, que nossos contatos também se estenderam para a sala de aula com momentos de observação direta, não participante, quando buscávamos traçar um paralelo entre as falas dos professores nas entrevistas e a dinâmica do movimento em sala de aula, elucidativo da relação entre professor e aluno usuário de celular. Desse modo, entendíamos que era possível ter um acompanhamento mais próximo da relação entre as falas dos professores e de suas relações com os alunos em sala de aula, o que possibilitou um rico acervo de informações, que em articulação com uma base teórica e epistemológica edificada no viés fenomenológico hermenêutico, sobretudo marceliano, credenciaram-nos a caminhar com relativa segurança e vigilância intelectual no processo investigativo.

## **b) Perfil dos professores voluntários da pesquisa**

---

<sup>30</sup> Devo lembrar que a diferença proporcional entre homens e mulheres; no quadro de professores entrevistados, não me remete em nenhum momento para um debate teórico sobre questão de gênero. Isto não consta entre os objetivos da pesquisa. É uma questão meramente numérica.

<sup>31</sup> Optamos por não envolver professores de turmas do 6º e 7º anos, em razão da Legislação educacional - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - (LDB Lei 9.394/96) situar alunos dessas séries na faixa etária de 11 e 12 anos de idade, que segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu Art. 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade”) ainda são considerados crianças. Desse modo, optamos em não envolver direta ou indiretamente crianças no presente processo investigativo, por um critério de recorte metodológico.

Para refletirmos metodologicamente e de maneira mais elaborada academicamente sobre as contribuições dos professores que participaram como voluntários nesta pesquisa, disponibilizando-se com relatos e depoimentos acerca de sua vida cotidiana e profissional, sobretudo no ambiente da sala de aula na era da tecnologia digital, falando sobre as relações de sociabilidade nos âmbitos interpessoal e pedagógico, consideramos relevante a construção de um olhar pontual para os seus perfis nas dimensões pessoal, acadêmico e profissional.

As informações pertinentes à construção deste perfil foram mobilizadas em questionários com questões fechadas aplicadas aos professores voluntários na pesquisa. Os questionários seguiram orientação de alguns eixos investigativos, tais como: sexo, faixa etária, estado civil, tempo de atividade profissional no magistério, formação acadêmica, uso de tecnologias móveis em conexão com a internet, tempo semanal de acesso e redes sociais acessadas.

| PESQUISA QUALITATIVA: questionário docente (FIG. 01) |                                |                               |              |                       |                              |                                       |              |                              |                               |                               |
|--|--------------------------------|-------------------------------|--------------|-----------------------|------------------------------|---------------------------------------|--------------|------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| EIXOS  | P1                             | P2                            | P3           | P4                    | P5                           | P6                                    | P7           | P8                           | P9                            | P10                           |
| Sexo   | M                              | M                             | F            | M                     | M                            | M                                     | M            | M                            | F                             | F                             |
| Faixa etária   | 46-55 a.                       | 46-55 a.                      | 46-55a       | 46-55 <sup>a</sup>    | 46-55a.                      | 46-55 a.                              | 56-65 a.     | 46-55a                       | 46-55a                        | 46-55a                        |
| Estado civil   | Solteiro                       | Casado                        | Casada       | Casado                | Casado                       | Casado                                | Casado       | Casado                       | Casado                        | Solteira                      |
| Formação   | Espec.                         | Espec.                        | Espec.       | Espec.                | Espec.                       | Espec.                                | Espec.       | Espec.                       | Espec.                        | Espec.                        |
| Tempo de magistério                                  | 21-30 a.                       | 21-30 a                       | 21-30 a.     | + de 30 a             | + 30 de a.                   | 21-30 a.                              | 21-30 a      | 21-30a                       | 21-30 a.                      | 21-30 a.                      |
| Uso de celular                                       | Sim                            | sim                           | sim          | Sim                   | sim                          | sim                                   | Sim          | sim                          | sim                           | sim                           |
| Acesso à internet                                    | Sim. Celular, casa e trabalho  | Sim. Casa, trabalho e celular | Sim. Em casa | Sim. Em casa          | Sim. Casa trabalho e celular | Sim. Casa trabalho e celular          | Sim. Em casa | Sim. Casa trabalho e celular | Sim. Casa trabalho e celular  | Sim. Casa trabalho e celular  |
| + acessado na internet                               | Sites; e-mails e redes sociais | Sites e redes sociais         | Sites        | Sites e redes sociais | Sites                        | Sites e-mails e redes sociais         | E-mails      | Sites e-mails                | Sites e-mails e redes sociais | Sites e-mails e redes sociais |
| Tempo sem. de navegação                              | 2-4 h                          | 2-4 h                         | 2-4 h        | 4-8h                  | 2-4 h                        | + de 8h                               | - de 2h      | - de 2h                      | + de 8 h                      | 4-8h                          |
| Redes sociais  | WhatsApp e Facebook            | WhatsApp e Facebook           | WhatsApp     | WhatsApp              | WhatsApp                     | Twitter WhatsApp e Facebook Instagram | Sim WhatsApp | WhatsApp e Facebook          | WhatsApp Facebook Instagram   | WhatsApp Facebook Instagram   |

**Fonte:** Elaboração do autor (dados de questionário aplicado aos professores).

A tabela construída a partir dos dados levantados na aplicação de questionários com perguntas fechadas, apresenta indicadores que sinalizam para o perfil dos interlocutores desta pesquisa.

Na dimensão pessoal, verifica-se o predomínio de pessoas do sexo masculino sobre o sexo feminino como voluntários da pesquisa, no total de professores entrevistados. De modo geral, a maioria está situada na faixa etária de 46 a 55 anos de idade e com exceção de dois voluntários que são solteiros, todos os demais são casados.

Nos eixos da formação acadêmica e tempo de atuação profissional no magistério, todos os voluntários da pesquisa têm pós-graduação em nível de Especialização e já desenvolvem atividades laborais no magistério há pelo menos 20 anos.

No contexto das relações com as novas tecnologias de comunicação, os dados levantados indicam que todos os professores entrevistados utilizam celular e constroem relações de comunicação e sociabilidade em redes sociais, sobretudo *WhatsApp e Facebook*. Os principais ambientes virtuais de acesso pelos voluntários da pesquisa são sites e redes sociais, nas quais a maioria permanece conectada de 2 a 8 horas semanais.

A tabela demonstrativa revela que apenas dois dos professores entrevistados ficam conectados à internet mais de 8 horas semanais. Essa constatação, apesar de todos os interlocutores informarem que usam sites e redes sociais, evidencia uma relação muito distante destes com a realidade virtual num contexto onde a maior parte das relações de sociabilidade humana está fortemente vinculada ao uso de ferramentas tecnológicas em conexão com a internet.

#### 4.2 NOVAS TECNOLOGIAS NA AÇÃO EDUCATIVA: entre dificuldades e possibilidades

Nesta secção construímos reflexões acerca da relação entre as novas tecnologias de comunicação e a ação educativa, enveredando inicialmente pelo peso que as mídias de comunicação digital têm na vida cotidiana do homem na contemporaneidade, direcionando a seguir para o campo da ação educativa na escola como um ambiente de formação pedagógica e humana.

##### **a) Da racionalidade tecnológica ao campo da produção de sentido**

Nos tempos hodiernos vivemos em um mundo sob os auspícios das novas tecnologias de comunicação que orientam a concepção de mundo das pessoas. Segundo Lévy (1999), um volume extraordinário de informações está disponível no ciberespaço. As comunicações se tornaram mais rápidas e instantâneas pelas redes sociais em conexão com a internet, tornando o mundo virtual um campo extremamente sedutor, na medida em que abre infinitas possibilidades de relações, numa velocidade extraordinária e num tempo presente, remetendo à ideia do “aqui e agora”.

As pessoas abrem as portas do mundo utilizando os polegares em um suporte digital móvel em uma velocidade instantânea, independente de tempo e local específicos (SERRES, 2013). Nas dimensões subjetivas e intersubjetivas das relações construídas pelas pessoas, as modernas tecnologias têm assumido papel significativo, na medida em que muitas demandas do dia-a-dia, que tradicionalmente requeriam tempo e local específicos para a sua realização hoje são imprescindíveis.

Relatos de professores entrevistados no processo desta pesquisa corroboram com essas reflexões. Quando questionados acerca do papel que as novas tecnologias, sobretudo o

celular, tem na vida do homem contemporâneo, algumas vezes desses interlocutores indicaram olhares bastante otimistas, como podemos constatar nos depoimentos a seguir:

O celular é um aparelho que veio pra ficar nos termos de avanço que ele tem hoje, porque se comparar o telefone com algum tempo atrás, o telefone servia apenas para falar, hoje não, ele já integra vários recursos em apenas um aparelho. Então você pode fazer várias ações usando um aparelho celular. (P1, 2016)<sup>32</sup>

Com todos os avanços tecnológicos, o celular potencializa as relações, torna tudo muito rápido, facilita em muitas coisas e processos a nossa vida, nossas relações sociais e nossas relações cotidianas. (P4, 2017)

O celular está se tornando uma ferramenta maior de pesquisa, curiosidade e tudo mais, ele foi se agregando quase que automaticamente, pela própria popularidade dos recursos que hoje foram inseridos no aparelho. (P6, 2017)

O celular é importante porque hoje ele nos facilita com a tecnologia, ao chegar com rapidez as informações, resolver problemas que antigamente agente não fazia por meio de uma máquina através da internet. (P7, 2017)

Os discursos dos professores entrevistados acerca do papel que as novas tecnologias de informação e comunicação exercem na vida do homem contemporâneo indicam, com bastante consenso para um olhar muito positivo e otimista para as novas tecnologias digitais, sobretudo o celular, nas versões mais avançadas, cuja tecnologia possibilita uma conexão mais precisa com a internet e já apresenta suportes tecnológicos com diversos aplicativos, proporcionando aos usuários a realização de multitarefas pelo desenvolvimento de diversas ações simultâneas nas suas relações de sociabilidade em múltiplas dimensões nos âmbitos pessoal, social e profissional.

Mas, não podemos nos mostrar indiferentes ao instrumentalismo da tecnologia para o homem contemporâneo expresso nas falas dos professores entrevistados, apontando para uma relação entre homem-máquina profundamente dominada por um espírito racionalista que atinge de modo profundo as relações intersubjetivas de alteridade entre as pessoas, destruindo valores importantes que orientam a humanidade do homem. Os homens estão tão fascinados pela técnica que não percebem a dimensão problemática de sua existência, na medida em que os próprios relatos dos professores sinalizam para relações tão rápidas por meio da tecnologia, que dificultam o encontro como experiência humana e dilaceram o tempo das pessoas, que entram na esfera do “homem problemático”, perdendo de vista a percepção de si e do outro na perspectiva de uma ética inter-humana. (MARCEL, 1956b)

---

<sup>32</sup> Utilizamos o código P1 a P10 como referência aos professores(as) que se disponibilizaram a participar como voluntários na pesquisa. Foi uma estratégia metodológica utilizada para preservar a identidade dos voluntários.

Por meio do celular as pessoas se entusiasмам com a possibilidade de resolver suas demandas cotidianas de modo mais rápido sem depender de muitos deslocamentos, resolver suas questões de trabalho, assuntos familiares e outros, como podemos constatar nos depoimentos a seguir:

Tornou-se algo indispensável, algo inseparável. As facilidades que agente tem hoje no dia a dia de comunicação com nossa família, com nosso trabalho, com os grupos que agente convive, (...) há algum tempo atrás que você poderia facilmente se deslocar num veículo para chegar com alguém, pra visitar familiares que hoje é tão difícil, os meios de transporte e os engarrafamentos etc, posso dizer que o celular veio sem para facilitar nossa forma convivência no dia a dia. (P2, 2017)

O celular se tornou um equipamento hoje imprescindível tanto na relação familiar como na relação profissional, eu diria que você tem um marco muito importante antes e depois do celular (P8, 2017)

Os relatos em foco indicam que avanços tecnológicos na área da comunicação digital são vistos como um marco histórico irreversível que já estão presentes em todos os âmbitos da vida do homem na atualidade, interferindo decisivamente nas suas relações e nas suas condições de existência no mundo. É predominante o discurso de que as novas mídias digitais facilitam a vida na dimensão espaço-temporal no contexto das relações familiares, na logística organizacional do trabalho, enfatizando a rapidez na discussão e tomada de decisões sem a necessidade de depender de um local e horário específicos para resolver as demandas pessoais e profissionais.

Essa nova concepção de sociabilidade humana em ausência de uma definição espaço-temporal, em diversas dimensões da vida, tem provocado um corte na ordem do tempo e das distâncias, na medida em que as pessoas já estão mergulhadas na realidade virtual e no tempo do “aqui e agora” marcadas pela hipervelocidade de informações, comunicação e relações de sociabilidade potencializada pelo desenvolvimento das tecnologias modernas (VIRILIO, 1996).

Com o desenvolvimento das novas tecnologias, as relações de sociabilidade tornaram-se mais distantes assumindo cada vez mais uma dimensão virtual, marcadas por uma dilaceração do tempo humano no sentido de um estar com o outro, visto que as pessoas não dependem mais de tempo e espaços pré-estabelecidos para se comunicarem. As interações sociais são predominantemente orientadas por suportes tecnológicos digitais que prescindem da presença física face a face, evidenciando uma cibernetização das relações humanas.

Essa perspectiva relacional se materializa em múltiplos processos de sociabilidade em ambientes virtuais redimensionados pela redução da dimensão espaço-temporalidade, onde as

relações sociais, culturais, econômicas, familiares, de relacionamento, entretenimento, lazer e outras, e revelam um amplo processo de interatividade em diversas dimensões da ação humana. Por outro lado, não podemos nos mostrar acríticos a esse cenário numa dimensão relacional, visto que são processos construídos no uso de redes sociais na internet, caracterizados pela instantaneidade das “coisas”, denominação de nossa responsabilidade para me referir a uma relação de quase imperceptibilidade da existência humana em razão da velocidade em que ocorre, o que dificulta qualquer forma de reflexão e percepção do outro em sua existência transcendente.

O pensamento filosófico marceliano faz profundas críticas à dilaceração do tempo existencial do homem pela noção do tempo virtual, tanto que ao refletir sobre o tempo como experiência de relação do homem com o mundo, Marcel (2005) parte do princípio de que o homem é um ser itinerante em razão de sua condição de inacabamento existencial. Essa percepção evidencia a concepção de temporalidade que perpassa a existência humana em sua relação consigo e com o outro, percebendo-se o tempo como uma experiência humana vivenciada de forma diferente.

Nesse sentido, o aparelho celular, segundo relatos de professores entrevistados, inegavelmente é uma ferramenta tecnológica determinante do movimento da vida cotidiana. Todavia, olhando pelas lentes de Gabriel Marcel, percebemos que além de seus avanços no âmbito da existência física humana, essa mídia de comunicação digital tem provocado graves consequências existenciais e éticas para o homem, revelando-se como elemento de regulação da vida levando as pessoas muitas vezes a perderem-se de si mesmo e da relação com o outro.

Houve uma mudança de comportamento na vida familiar, o celular nas relações sociais produz uma aproximação estranha, é que dentro do meio familiar ele produz um afastamento e no ambiente de trabalho é extremamente necessário para que haja uma articulação maior entre os seus pares. (P8, 2017)

O depoimento sinaliza para a percepção de que no seio do âmbito familiar, o celular provocou mudanças existenciais graves nas relações entre as pessoas, que já não conversam mais, perderam-se de vista uns dos outros, tornam-se estranhas dentro de seu próprio grupo em função de mergulhos no mundo virtual, distanciando-se das relações face a face e das condições existenciais concretas do homem, na medida em que tem-se observado uma desrealização do homem, que tem substituído suas relações da realidade concreta por uma realidade virtual (VIRILIO, 2001).

Na perspectiva de Marcel (2001), essas condições de existência orientadas por tecnologias digitais, que dominam a cotidianidade do homem, remetem-nos a percepção do ingresso do homem numa dimensão de inautenticidade, quando este passa a utilizar as novas tecnologias de comunicação como ferramenta de orientação para todas as suas demandas, a partir de um comportamento ditado pelo cenário hegemônico da técnica sobre o homem, que, inclusive, toma o parecer e a vida do outro como referência para a sua existência. Desse modo concebemos o homem como um ser totalmente dominado por um espírito de abstração que o leva a uma profunda “cegueira ética” de si mesmo e de sua existência com o outro.

Nesse âmbito marceliano, o relato em foco remete a percepção de uma relação edificada na racionalidade tecnológica dominada pela orientação do Ter, secundarizando a dimensão do Ser no homem, na medida em que o processo de aproximação maior entre as pessoas pelo celular, parece-nos está no âmbito das relações produtivas relacionadas diretamente com o trabalho como condição objetivada para a posse, evidenciando que o homem está mais preocupado em Ter do que Ser. Essa orientação de existência tem gerado um vazio existencial preenchido pela constante busca da posse, relacionando a felicidade do homem ao desejo do ter (BECKER, 2007).

É essa coisificação da existência, marcada predominantemente pelo desejo do ter que representa o maior perigo para o homem, que segundo Marcel (2003), o condiciona a se tornar escravo de seus próprios desejos materiais, levando-o a cair no pântano do “espírito de abstração”, e, assim, o tem levado a um estado de profundo vazio ético nas relações entre as pessoas.

Na ausência de posse de um celular, o homem parece entrar em estado de isolamento em razão de sua dependência em relação à máquina, ficando a deriva e à margem dos processos de sociabilidade que ocorrem em sua volta, sinalizando para uma situação de dominação do homem pela tecnologia, sem a qual as pessoas sentem-se impotentes de si mesma para resolver suas situações cotidianas.

Nesse mundo das tecnologias modernas, o homem se satisfaz e se compraz com a técnica, agravando o vazio caótico em que está vagando perdendo-se de sua própria existência transcendente. Nessa perspectiva,

permaneceremos, sem liberdade, atados à ela, mesmo que a neguemos ou a confirmemos apaixonadamente. Mas de modo mais triste estamos entregues à técnica quando a consideramos como algo neutro; pois essa representação, à qual hoje em dia especialmente se adora prestar homenagem, nos torna completamente cegos. (HEIDEGGER, 2007, p. 376)



No contexto dessa reflexão, o olhar face a face perdeu-se na dimensão virtual das relações de sociabilidade, gerando um distanciamento abismal entre os homens, que mergulham num campo de estranheza e “cegueira ética” entre os próprios pares, em meio a celebração incondicional das novas tecnologias na vida do homem contemporâneo, que inconscientemente, está mergulhando em águas cada vez mais marcadas pela violência, traduzida na ausência de amor, de esperança e solidariedade, o que vem construindo nas relações de sociabilidade humana uma espécie de cultura de morte (MENDONÇA, 2013).

Os depoimentos dos professores remetem à percepção de que nas relações sociais reguladas pelas novas tecnologias de comunicação, as pessoas sustentam suas vivências e experiências em condições objetivadas e orientadas pela dinâmica da vida material cotidiana, como rapidez na solução de problemas, contato com as pessoas no âmbito social e familiar, otimização das demandas no trabalho, mas sob orientação de uma perspectiva racional e objetiva de existência.

Desse modo, numa dimensão de existência transcendente verifica-se um crise dos valores humanos que evidenciam a nossa humanidade, como o estar com o outro edificado no diálogo, na escuta e na alteridade sob orientação de uma ética humanizada como nos aponta o pensamento marceliano. As pessoas estão mais preocupadas em otimizar suas relações num sentido de temporalidade, dentro da lógica capitalista de que “tempo é dinheiro” sob o julgo da dimensão Eu-Isso, prescindindo do encontro no sentido de estar com o outro numa relação de reciprocidade e alteridade. É assim que o homem tem se desencontrado de sua própria humanidade, lançando-se numa vida predominantemente objetal.

Esse movimento do homem na contemporaneidade, podemos perceber nos depoimentos de alguns professores entrevistados, que sinalizam para relações em que as pessoas não compartilham mais suas ideias, valores e sentimentos que expressam o estar junto, perdeu-se de vista o respeito de um pelo outro como pessoa humana, substituiu-se o eu com o outro pelo eu e o outro, a solidariedade pela competitividade, a paciência pela precipitação, o amar pelo ficar, dentre outras degradações e dilacerações da ética inter-humana. As pessoas não se disponibilizam mais para o diálogo e para a escuta do outro, evidenciando a destruição do mistério da alteridade pela instantaneidade das relações mediadas por tecnologias digitais e revelando um homem problemático no sentido marceliano, como podemos constatar no depoimento a seguir:

Eu vejo assim, as vezes você está falando com as pessoas, um colega seu e de repente ela te deixa falando sozinha. Ela pega o telefone celular, vê o que está acontecendo e de repente você fica ali falando sozinha. Isso já aconteceu comigo algumas vezes e, assim entre nós mesmos professores e isso me deixa muito chateada porque vejo como uma falta de educação, a pessoa te deixa falando sozinha, baixa a cabeça e começa a manusear o celular. Já passei por essas situação dentro da escola com um colega meu, professor que deveria ter pelo menos o mínimo de consciência que passa pela falta de educação, falta de respeito eu creio. (P3, 2017)

O relato em foco evidencia o desaparecimento do limite nas relações, a ausência de percepção do outro, o vazio ético nas relações entre as pessoas por meio do uso de celular e a perda de vista do respeito de uns pelos outros. A objetivação das relações, nessa perspectiva homem-tecnologia, alcança uma amplitude muito mais grave, que se manifesta em um lamentável quadro de violência contra a existência humana, na medida em que revelam atitudes que resultam na destruição sumária dos valores que sustentam a humanidade do homem, abrindo precedentes para o não reconhecimento do outro em sua transcendência, o que tem provocado uma visível banalização da morte no mundo contemporâneo, que se traduz em violência urbana, terrorismo internacional, fome, guerras, catástrofes ambientais, parafraseando Marcel (2001) que nos fala da violência do “homem contra os homens” sem que haja uma reflexão acerca da existência humana nesse quadro de barbárie e destruição.

Tudo é muito rápido e instantâneo nas relações cotidianas das pessoas, não existindo mais tempo para a escuta do outro numa perspectiva de contemplação, visto que o homem está sob a égide das ordens que a tecnologia determina, perdendo o controle de si e do outro, na medida em que consideramos o relato em questão como indicador de que as pessoas perdem-se de vista de si mesmo e do outro, em razão do “espírito de abstração” e de uma “consciência massificada” que os aprisiona no âmbito da racionalidade, fazendo-os distanciarem-se da capacidade de contemplação do ser, mergulhando num cenário de alienação e estranheza, alheios à sua própria existência e de relações intersubjetivas com alteridade (MARCEL, 1956b).

Esse cenário é evidenciado também por uma questão muito preocupante, que consiste na humanização da máquina e a tecnificação do homem, perceptíveis com bastante clareza quando dizemos “estou conectado!” e os sentimentos humanos quando são expressos por ícones denominados de *emojis*. Em contrapartida, a máquina assume características humanas, a exemplo de se considerar que o computador tem memória, proporciona prazeres até então inerentes aos humanos, expressam sentimentos pelos *emojis* como alegria, tristeza, movimento do corpo, celebrações, dentre outras apropriações.

Todavia, segundo relatos de professores entrevistados, devemos ter em consideração que não existe tecnologia do mal ou do bem, depende muito da forma como o homem se relaciona com ela. Não podemos negar que o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, a exemplo do celular, é um processo irreversível, cabendo às pessoas uma atitude de aprendizagem e adaptação a essa nova realidade. Vejamos o depoimento a seguir, acerca do peso que a tecnologia tem na vida cotidiana:

O problema não é o aparelho em si, é como ele é utilizado.(...) o celular é uma realidade que faz parte do contexto dos avanços tecnológicos, então não tem como você negar a sua existência, inclusive proibir em sala de aula a sua utilização. Essa aí é a primeira questão e eu vejo dessa maneira, então nós temos que achar um meio de como utilizar esta tecnologia. Toda tecnologia envolve risco. Não existe tecnologia totalmente positiva ou totalmente negativa. (...) Agora não há dúvida de que o celular melhorou, tornou a vida mais simples por um lado, porque facilitou a comunicação entre as pessoas e, apesar de que até hoje há um debate se essa tecnologia isola ou integra as pessoas, é possível você rever, via celular pelo *WhatsApp*, pessoas que você não via antes. Por outro lado, Também tornou a vida mais complexa porque tem pessoas que não sabem utilizar essa tecnologia e estas vão ficar completamente isoladas; já que estamos na sociedade do conhecimento, se você não tiver uma qualificação mínima, como é que você vai se posicionar no mercado de trabalho.(P5, 2017)

Mas não podemos perder de vista que, apesar da tecnologia ser histórica, devemos estar sempre refletindo como estamos vivendo esse jogo da vida e orientando a nossa relação com o outro no seio de um mundo virtual cada vez mais amplo e sedutor, mas portador de uma dualidade pantanosa: sedução e destruição. Os discursos sinalizam para estarmos atentos ao processo de distanciamento ou aproximação que o celular pode provocar entre as pessoas em razão da forma do uso que é dado a esta mídia de comunicação, porém não se pode prescindir dos avanços tecnológicos, inclusive em razão das demandas do mercado de trabalho. Este é o discurso hegemônico que predomina na lógica do capitalismo contemporâneo, o que tem lançado vorazmente o homem em vivências orientadas pela esfera do Eu-Isso.

Conforme o relato do professor, dominar a tecnologia é condição fundamental para as pessoas não serem excluídas das relações socioprodutivas, na medida em que a dinâmica do mercado de trabalho é dominada por ferramentas das novas tecnologias em todos os setores da produção. Por essa razão, as pessoas não podem prescindir de conhecimentos sobre tecnologia, visto que esta é de vital importância para a inserção no mercado de trabalho, caso contrário os resistentes correm sérios riscos de exclusão em quase todas as dimensões da sociedade capitalista.

Chamamos atenção para essa questão, que tem legitimidade na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDBEN - Lei 9.394/96), que em seu Art. 2º determina que a educação deve ter por finalidade a “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1996). Essa prescrição legal dificulta a construção de uma educação baseada em valores humanizantes edificados no diálogo, escuta, alteridade e uma cidadania edificada em laços de solidariedade, na medida em que estimula a competitividade, a violência e a perda de vista das pessoas umas das outras em razão da intensa disputa por mercado de trabalho, gerando a destruição da ética nas relações de sociabilidade construídas em nossa sociedade.

Os relatos da maioria dos professores indicam que é inegável o peso e importância que as novas tecnologias de comunicação exercem em nossa vida cotidiana, orientando a maior parte de nossas ações pessoais e profissionais pelos parâmetros da racionalidade ou pelo âmbito da produção de sentidos na existência humana, como percebemos em algumas poucas vozes de professores entrevistados.

Refletindo essa relação em uma perspectiva existencial, percebemos que a visão construída pela racionalidade tecnológica destruiu o sentido humano de nossas relações na modernidade. Nessa relação objetivada pela racionalidade científica, os homens não estão se dando conta de que a mais grave exclusão que o homem está sofrendo é de sua própria existência e da relação com o outro em experiências intersubjetivas humanizadas.

A perda do sentido da vida e a sujeição do homem à relação Eu-Isso é o ambiente no qual irá se forjar a educação no mundo atual. Um processo com uma dupla face: por um lado uma educação voltada para o mercado, para resultados e para uma ética da sobrevivência ensinada desde a mais tenra idade até os níveis de formação universitária; por outro lado, uma educação que se dá em escolas marcadas pela violência, pelo medo e pela desconfiança entre professores, alunos e corpo administrativo. (MENDONÇA, 2009, p. 50)

Desse modo, compreendemos que a legislação educacional atual, voltada para uma educação predominantemente racional-mercadológica e orientada pela dimensão do Eu-Isso no sentido buberiano, tem promovido uma formação educacional alicerçada na competitividade em meio a um cenário de violência e desconfiança que tem lançado o homem em um quadro de barbárie e destruição sob ponto de vista da ética e de nossa humanidade nas últimas décadas.

## **b) O uso do celular na dinâmica da escola**

Tradicionalmente, a ação educativa era realizada em espaços e temporalidades específicas, com pessoas e linguagens didático-pedagógicas bastante definidas, com professor e aluno, quadro técnico educacional e outros profissionais que atuam no ambiente escolar. Nesse cenário, buscava-se uma formação construída predominantemente entre os muros da escola, edificada em conhecimentos encontrados nas bibliotecas, revistas e socializados pelos professores, a partir dos quais era possível ter contato com as relações de sociabilidade estabelecidas em dimensões locais, nacionais e mundiais que julgavam necessárias à formação dos alunos no ambiente da escola.

O espaço de formação escolar por excelência era a sala de aula, onde acontecia a produção de conhecimentos norteadores da formação dos alunos. O uso desse espaço era gerenciado pelo professor, geralmente organizado de forma sistêmica e disciplinar, a fim de que os conteúdos fossem ensinados a partir de livros, cadernos e aulas expositivas com a utilização do “quadro negro”, lembrando de que essa dinâmica era e ainda é regulada por horários de aulas pré-estabelecidos pela coordenação e professores da escola.

Nos tempos hodiernos, a humanidade utiliza as novas ferramentas tecnológicas em todas as dimensões de sua existência, inclusive em seu processo de formação educacional. Nesse novo cenário, a escola assume uma dinâmica baseada em novos paradigmas, dentre os quais a presença de tecnologias modernas de comunicação no ambiente escolar sob a forma de computadores, *tablets* e celulares em versões avançadas como os *smartphones* e outros, apresentando-se o argumento de serem ferramentas de potencial uso no processo pedagógico que podem melhorar a qualidade de formação dos alunos e inseri-los qualitativamente na realidade do mundo contemporâneo fortemente influenciado pelo desenvolvimento tecnológico.

Em qualquer reflexão que façamos acerca da dinâmica educacional, é inevitável estabelecermos relações com o desenvolvimento da tecnologia, visto que o atual paradigma de educação evidencia a forte presença de modernas tecnologias sendo utilizadas na escola como importantes ferramentas ou não nos processos de sociabilidade intersubjetiva ou pedagógicas no ambiente escolar.

Embora as observações realizadas em sala de aula nos sinalizem ainda para um grave descompasso entre a dinâmica da escola e a utilização das novas tecnologias de comunicação no processo pedagógico-docente, em muitas escolas já existem laboratórios de informática vinculados ao trabalho escolar, data show, a burocracia escolar, as bibliotecas escolares já funcionam com mídias de informação e comunicação conectadas à internet e o uso intenso de celular no ambiente escolar, provocando novos processos de sociabilidade nos âmbitos

interpessoal e pedagógicos na escola e novas formas de relações com o saber, como podemos constatar no discurso de um dos professores entrevistados sobre o uso de celular na escola:

Falando de sala de aula, por exemplo, a gente precisa fazer um comentário de algum assunto recorrente, é muito rápido você acessar a internet, puxa aquele assunto, discute. Quando precisamos de uma projeção o recurso serve pra isso também. As pessoas de um modo geral, nas relações de trabalho, precisam de uma material, rapidinho consigo enviar pra que não atrase o processo dentro da escola, uma aula, um material que precise ser usado muito rápido. (P4, 2017)

Pedagogicamente o depoimento em questão indica que o celular é utilizado em sala de aula, graças a sua instantaneidade e rapidez de informação em conexão com a internet, em pesquisas rápidas de busca de informações relacionadas aos assuntos ministrados durante a realização de uma aula, mobilização e encaminhamento de materiais didáticos, inclusive, eventualmente, com a criação de grupos virtuais em redes sociais agregando professores e alunos, como relatou um professor:

Eu parti pra uma linha de criar no inicio do ano letivo, principalmente no ensino médio, grupos virtuais referentes a turma, a sala de aula. Então a gente cria, convida alguns professores que fazem parte das disciplinas da turma, e ai a gente faz um grupo particularizado pra turma, no qual passamos informações, alguns temas, fazemos em conjunto temas mais específicos e, é uma maneira de estarmos mais próximos, on line, a gente consegue trazer o aluno pra escola e pra realidade. Até mesmo quando um falta vários dias, você vai no grupo ou no privado e conversa com ele, procurando saber o que está acontecendo, então há uma relação mais próxima, apesar de ser *on line*, mas agente consegue muitas vezes resgatar esse aluno, eu acho que tem esse aspecto social, o aspecto educativo, ele ter utilizado como ferramenta o celular num site de pesquisa, e a gente acaba trazendo o aluno pra escola, utilizando o celular também como ferramenta de contato social.(P6, 2017)

O depoimento indica que o uso de modernas tecnologias tem provocado novos modos dos educadores se relacionarem entre si, com os alunos, com o saber e com a produção do conhecimento, evidenciando novas formas de percepção do mundo pela formação educacional por meio das lentes da própria inventividade tecnológica do homem contemporâneo. Assim, “na época atual, a técnica é uma das dimensões fundamentais onde está em jogo a transformação do mundo humano por ele mesmo” (LEVY, 1996, p. 7).

Os membros da comunidade escolar mostram-se cada vez mais deslumbrados com as possibilidades disponibilizadas pelos aplicativos tecnológicos nas novas mídias de comunicação digital, permitindo múltiplas relações de sociabilidade na realidade virtual por

meio de redes sociais na internet. Todavia, o grande perigo que reside nesse deslumbramento é o mergulho do homem num campo de embriaguez e cegueira ética que o tem levado a um estado de letargia e perda de controle sobre si e sua própria capacidade de autodomínio, sendo aviltado de sua própria vida, não conseguindo sair desse lodaçal movediço construído, pelo mau uso da tecnologia, sofrendo um processo de nulidade de seu próprio valor (MARCEL, 2001).

No ambiente escolar, jovens e adultos mostram-se fascinados com a rapidez e instantaneidade das comunicações possíveis de serem estabelecidas em conexão pela internet. No entanto, ressaltamos que o presente relato não é discurso hegemônico nas falas dos professores entrevistados acerca do uso de celular em atividades pedagógicas na escola e no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Quando questionados acerca da percepção da maneira de uso do celular no ambiente escolar de modo geral, a maioria dos professores respondeu que é um aparelho usado quase unanimemente por alunos, professores, coordenadores e funcionários de praticamente todos os setores da escola, afirmando que quase todas as pessoas na escola possuem celular.

Mas, quanto ao uso da referida mídia de comunicação na escola, professores responderam que a maioria das pessoas na escola utiliza o celular para acessar e-mails, entrar em redes sociais na internet, encaminhar seus interesses particulares, como questões familiares, relacionamentos, entretenimentos de diversos âmbitos, busca de notícias, negócios e outros, preterindo-se o uso do celular em atividades pedagógicas da escola, como pode ser verificado a seguir:

Eu não percebo nenhuma atividade no trabalho escolar, o que se percebe é que as pessoas usam particularmente, e não como recurso, ferramenta de trabalho pedagógico. É como eu percebo; no dia a dia da escola eu percebo como uso pessoal. (P1, 2016)

Acho que o professor e demais funcionários da escola ainda utilizam o celular no dia a dia pra entrar na rede social, pra conversar em chat de bate papo, pra ver uma foto, uma notícia. (P2, 2017)

Tanto o estudante quanto o educador utilizam o celular das maneiras mais diversas. No caso específico do aluno, obviamente não é muito diferente de nós professores, ele pode usar o celular para obter alguma informação, não necessariamente ligada a área da educação, pode estar usando o celular para se comunicar com alguém, para namorar com alguém. (P5, 2017)

Tanto o professor como o aluno usam o celular utilizando as redes sociais. O professor além das redes sociais utiliza como meio de comunicação com a família ou outro ambiente de trabalho, mas o uso mais recorrente é rede social, dentro das redes sociais, SMS, mensagem. (P8, 2017)

É difícil você passar e ver alguém que não está usando esse meio e de várias maneiras, você vê as pessoas ouvindo música, vendo vídeo, vendo filme, passando mensagens, tirando foto. Então dentro do ambiente escolar entre professores, alunos e funcionários, de modo geral é muito forte a presença desse meio, o telefone celular no dia a dia dentro da escola. (P9, 2017)

Os depoimentos evidenciam uma espécie de reprodução do cenário hegemônico presente na sociedade de modo geral. Mesmo no ambiente escolar, as pessoas ocupam grande parte de seu tempo conectados à internet, comunicando-se, resolvendo suas demandas racionais do dia a dia e outras, em redes sociais, esquecendo-se de si mesmo e da relação face a face, o que as desvia de sua “responsabilidade com o outro”, como nos diz Lèvinas (2000a). O compromisso com a formação humana do aluno que deveria ser o mote do trabalho escolar, sofre um processo de obnubilação em detrimento dos “prazeres imediatos” e mais pessoais oferecidos pela tecnologia e pelo racionalismo pedagógico.

Na escola, esse é o perfil dos usuários de tecnologia móvel, o celular é utilizado como ferramenta de comunicação e vivências virtuais tão fortes, que chegam a evidenciar um grande domínio do homem pela técnica como problematiza Heidegger (2007). Os toques indicadores de movimentos nas redes sociais causam verdadeiras provocações no sistema nervoso e, conseqüentemente, no comportamento humano, revelando-se como espécie de ordens que são dadas aos usuários de celular, sendo acompanhadas de uma incondicional obediência humana à máquina.

As pessoas em geral na sociedade e, especificamente, no ambiente escolar, que é o *locus* de interesse desta pesquisa, ficam a maior parte de seu tempo mergulhadas em relações na realidade virtual. Não conseguem disponibilizar tempo para pensar em si, em suas demandas como pessoa humana e em suas relações com o outro, visto que sua inserção permanente no mundo virtual obscurece as experiências concretas de subjetividade e intersubjetividade possíveis de serem construídas em dimensões inter-humanas.

A rapidez, a instantaneidade e a aparente onipresença de troca de informações pelo celular são principais atrativos para o uso generalizado dessa mídia de comunicação pelas pessoas. Porém, apesar das facilidades que o mesmo disponibiliza, os depoimentos dos professores indicam que essa tecnologia, somente de modo muito esporádico é utilizada na condição de ferramenta pedagógica no processo ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, Sibilia (2012) sustenta a tese de que a educação experimenta na contemporaneidade uma relação conflitual entre o discurso pedagógico e o desenvolvimento tecnológico, no que se refere ao desenvolvimento de habilidades cognitivas no processo



ensino-aprendizagem, afirmando que esse aparente paradoxo se manifesta em diversas dimensões do trabalho escolar. A autora coloca a questão do distanciamento que tem se evidenciado entre a necessidade pedagógica de concentração e reflexão interior articulada com uma realidade concreta existencial e a virtualidade das relações educativas construídas sob as lentes das novas tecnologias de informação e comunicação, provocando um descolamento do que se aprende na escola e do que se vive no mundo vivido.

Nesse contexto, quando questionados sobre o uso do celular na escola, muitos professores responderam que não se percebe ainda essa tecnologia sendo utilizada no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar, evidenciando o abismo ainda existente entre o desenvolvimento tecnológico e trabalho pedagógico, tal como podemos constatar nos relatos a seguir:

O que falta é uma metodologia de trabalho, nós sabemos dos recursos que ele tem, nós temos os recursos nas mãos, mas não sabemos como usar, em termos de ferramenta de trabalho, na realização de pesquisa. (P1, 2016)

Eu trabalho sempre com a realidade de Belém. Eu não conheço nenhuma escola em Belém que faça um trabalho onde o celular seja utilizado na sala de aula como parte pedagógica, não conheço, pode ser que se faça pontualmente uma coisa ou outra. (P2, 2017)

Por esse discurso, entendemos que a escola ainda está organizada em bases tradicionais de ação educativa, pelas quais a relação com o saber ainda está solidamente alicerçada em uma educação livresca, propedêutica e situada genuinamente na sala de aula como espaço de se fazer educação e sem nenhuma articulação com a realidade das pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem. Segundo o depoimento em questão, os projetos político pedagógicos das escolas não contemplam estratégias metodológicas de uso das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem, retratando ainda um distanciamento muito grande entre o que se ensina na escola e a realidade do aluno, visto que a maioria dos alunos, pelo que observamos em sala de aula, possui e sabe lidar com as novas tecnologias de comunicação, sobretudo o celular. Se não encontram uma realidade escolar coerente com essa nova realidade, conseqüentemente são tomados pelo desinteresse no que e como a escola ensina.

Desse modo, as novas tecnologias não encontram espaços para uso pedagógico, voltado para o estímulo das pessoas na produção de conhecimentos, remetendo os usuários de tecnologias, mesmo no ambiente escolar, a utilizarem as novas mídias de comunicação em

assuntos de interesse pessoal como nos apontam os depoimentos de professores que participaram deste estudo.

Segundo Sibilía (2012), esse "desinteresse" evidente em muitos alunos na ação educativa, desdobra-se com muita frequência em um intenso processo de evasão da escola, argumentando que esse quadro pode ser decorrente da expectativa dos alunos, seduzidos pela tecnologia, encontram uma prática educativa significativa, mas geralmente o que tem encontrado é uma ação escolar tradicional, pouco atrativa e sem acolhimento humano, remetendo à percepção de que a escola ainda encontra muitas dificuldades para se adaptar aos novos paradigmas tecnológicos como ferramentas didático-pedagógicas e educacionais e fomentar uma formação de totalidade humana.

Por outro lado, coloca-se a questão da capacitação de educadores para desenvolverem habilidades de uso de novas tecnologias no processo de formação dos alunos.

Os professores, por sua vez, muitas vezes não sabem como enfrentar esse novo cenário; assim, além de suportarem a precariedade socioeconômica que assola a profissão em boa parte do planeta, têm que lidar com as aflições suscitadas pelos questionamentos acerca do significado do seu trabalho e com a dificuldade crescente de estar à altura do desafio (SIBILIA, 2012, p. 65).

Essa reflexão remete à questão de que não basta introduzir na escola modernas tecnologias, esperando-se que por encanto todos os professores passem a utilizar essas novas ferramentas como linguagens didático-pedagógicas no processo ensino-aprendizagem, como é possível verificar no depoimento a seguir:

Hoje não se aceita mais do educador que ele apenas domine o conteúdo de sua disciplina, ele tem que dominar sim a tecnologia, é claro não é preciso ser um especialista em tecnologia, mas saber lidar o mínimo possível com as novas tecnologias. Nós educadores temos que aprender, a escola tem que aprender a lidar com essa tecnologia, e a coisa é complexa, é difícil, não é uma receita de bolo, mas você vai se adaptando à realidade. Agora o celular, é uma tecnologia que chegou pra ficar, e o próprio professor tem que acompanhar essas mudanças. Isso é uma exigência, estamos vivendo hoje na sociedade do conhecimento. (P5, 2017)

Faz-se necessário pensar um plano de ação que possibilite o uso pedagógico das tecnologias, contemplando aos educadores com cursos de capacitação que os subsidiem com competências e habilidades para se movimentarem no mundo virtual como condição para uma nova formação que o mundo contemporâneo impõe para as escolas proporcionarem aos educandos.

Percebemos, então, que um dos graves paradoxos dessa relação educação e tecnologia, continua sendo a inoperância de nossas escolas em implementar ações educativas articuladas com o uso de tecnologias, que acabam aparecendo como espécies de adornos usados isoladamente em demandas pessoais pela maioria dos membros da comunidade educativa.

Desse modo, uma tecnologia de comunicação como o celular, com recursos aplicativos tão avançados é utilizado de forma tão limitada no ambiente da sala de aula no processo ensino-aprendizagem. Um recurso que, se utilizado de forma racional, reflexiva e, sobretudo ética na experiência educativa, poderia proporcionar avanços extraordinários na qualidade da educação e na busca de uma formação não só na dimensão pedagógica, mas também no desenvolvimento das potencialidades humanas dos alunos e professores. Pensando a educação por esse prisma, Silva (2014), baseando-se no pensamento filosófico Gabriel Marcel, entende que é possível por meio da educação resgatar valores que nos humanizam, tal qual podemos constatar na reflexão a seguir:

A constatação de que, atrelado ao desenvolvimento das técnicas, existe um conjunto de interesses e procedimentos aviltantes que pretendem a degradação do humano, exige que professores e alunos procurem construir uma visão pedagógico-antropológica, cuja consistência transcenda aos resultados dos projetos formativos que postulam sua própria redução. É uma visão do homem onde se busca não só o aprimoramento de suas habilidades, como a promoção de sua emancipação e humanização possível. (SILVA, 2014, p. 296)

Porém, no contexto dos discursos que sinalizam para o uso do celular como ferramenta pedagógica, percebe-se uma preocupação de professores com a perda de vista do aluno em relação à leitura do livro como instrumento de aprendizagem, sob o argumento de que na era da realidade virtual, o livro tornou-se desinteressante e tem sido colocado em segundo plano como fonte de conhecimento.

Hoje eu vejo o celular como um meio de comunicação que as pessoas estão usando e que é muito bom pra que com rapidez um consiga chegar ao outro, seja em negócios, seja em trabalhos escolares, que é o nosso caso, só que eu vejo que a internet, o celular estão distanciando o aluno do livro, que está cada vez mais sendo esquecido e isso (celular) pedagogicamente está atrapalhando o desenvolvimento do aluno e seu objetivo quanto a sua participação da escola na vida dele. Eles vão correndo buscar respostas sobre aquilo que a gente está conversando, a gente tá dando uma aula de história da arte, por exemplo, falando de alguma coisa do Renascimento ou outro momento da história, eles vão buscar rápido, eles sabem chegar rápido naquele assunto que a gente está tratando, só que eles não vão a fundo pra conhecer, eles vão mais pelo interesse de chegar logo com uma resposta daquilo que a gente está conversando, mas não vejo interesse de conhecimento, eu vejo interesse de praticidade. (P7, 2017)

Percebemos a preocupação dos professores com a possibilidade do aluno não se interessar pela busca de conhecimento na internet e nem tampouco no livro impresso, comprometendo seu aprimoramento técnico e sua formação humana-cidadã. Ainda nesse sentido, verifica-se uma crítica à forma de uso do celular como meios de busca de conhecimento, pois essa busca rápida de informações na internet pode ter apenas um viés de praticidade em chegar rápido na informação, sem atentar para a construção de uma reflexão, que é fundamental para uma aprendizagem significativa do aluno.

Nesse cenário, é impossível se manter a margem das mudanças que perpassam as atividades na escola. Muitos educadores buscam desenvolver uma abertura ao aprendizado das novas ferramentas tecnológicas como estratégias de melhorar suas atividades pedagógicas, didático-docentes. Outros apresentam alguma resistência, mas sem negar claramente o papel que as novas tecnologias assumiram no âmbito educacional.

Mas, se a utilização do celular em sala de aula ocorrer como um meio para alcançar objetivos propostos, não como um fim em si mesmo, e possibilitar uma articulação entre a produção do conhecimento numa perspectiva de construção de subjetividades e intersubjetividades edificadas na alteridade, poderá contribuir para o desenvolvimento de uma educação e formação mais humanizada entre as pessoas, potencializando a busca de um mundo melhor para se viver. Desse modo, inferimos que, por meio da experiência educativa “buscar-se-á contribuir para que o homem, restaure a unidade entre a condição humana e a problematização poético-filosófica, tanto na construção de sua visão de mundo como de sua ressignificação existencial” (SILVA, 2014, p. 291).

Analisando relatos de professores acerca dessa relação homem-máquina na escola, percebemos que é tão veemente ao ponto de se evidenciar uma situação de dependência de seus usuários em relação ao celular que controla o movimento da vida cotidiana das pessoas, revelando uma condição de envilecimento discutido pelo pensamento filosófico marceliano, na medida em que a ausência de posse do celular cujos aplicativos, se objetos de mau uso, podem provocar um estado de impotência e nulidade da pessoa sobre si mesma, que não consegue se movimentar em suas relações pessoais e profissionais sem essa mídia de comunicação (MARCEL, 2001), tal como pode ser constatado no depoimento a seguir:

É difícil você encontrar uma pessoa que não tenha o celular hoje. Todas as pessoas têm e, é impressionante como não vivem mais sem esse aparelho, ajuda muito, mas atrapalha também. Hoje eu vejo que o celular é imprescindível, só que as pessoas

perderam o limite. Ajuda, mas também atrapalha bastante nas relações humanas porque é indiscriminado o uso do aparelho celular, as pessoas estão tão viciadas que já não conseguem mais ficar 5 minutos sem está olhando as redes sociais sem vê o que está acontecendo e, isso atrapalha, eu acho. (P3, 2016).

Parece-nos que se perdeu de vista o sentido humano de nossas relações. O homem está embrutecido pela tecnologia que não consegue encontrar a sua própria existencialidade, tem dificuldades para perceber a si mesmo e ao processo de dominação a que está submetido pela tecnologia, revelando-se impotente para se libertar da visão mecanicista de homem e mundo imposta pelo desenvolvimento tecnológico. Os envilecedores do homem na sociedade tecnológica “tentam destruir em sua consciência, ilusória ou não, que esse ser tem sobre o seu próprio valor” (MARCEL, 200, p. 43).

É notório que atualmente, as pessoas estabelecem suas relações em diversas dimensões e organizam sua vida cotidiana com base nas facilidades proporcionadas pelas novas mídias de comunicação, sobretudo a possibilidade de desenvolver multitarefas em tempo presente em face da instantaneidade que essa tecnologia proporciona nas relações de sociabilidade e comunicabilidade. Quando estão sem o celular, muitos perdem o rumo de suas vidas, visto que suas atividades são orientadas pelo tempo do “aqui e agora” e por aplicativos disponíveis nas modernas tecnologias de comunicação, como o aparelho celular, que dominam a consciência humana pela racionalidade técnico-científica.

Pode dizer-se que hoje um ser perde tanto mais consciência da sua realidade íntima e profunda quanto mais depende de todas as mecânicas que lhe asseguram pelo seu funcionamento uma vida material tolerável. Pondo a dizer que o seu centro de gravidade e como a sua base de equilíbrio passam a ser-lhe exteriores; que ele se situa progressivamente nas coisas, nos aparelhos de que depende para existir. (MARCEL, 2001, p. 51).

O uso de modernas tecnologias no processo educativo, nessa perspectiva, tem apresentado um viés predominantemente racionalizado e, desse modo, tem degradado a capacidade do professor e alunos pensarem, inferindo-se que o virtual tem se tornado o agente do pensamento humano, cujos valores e sentidos muitas vezes se perdem de vista.

Desse modo, a construção de uma educação voltada para uma formação humanizada requer tratar a tecnologia não como uma simples técnicas como um fim em si mesmo, mas como uma linguagem de abertura entre educador e educando, que, como nos diz Marcel, possibilite o encontro entre o Eu e o Outro numa relação intersubjetiva de disponibilidade recíproca. Todavia, a engessada preocupação com uma formação pedagógica racional do aluno, que é dominante nos sistemas educacionais atuais, dificulta a busca de uma formação

voltada para a totalidade humana, por meio de uma educação para o diálogo, como nos ensina Martim Buber (BUBER, 2003).

Na medida em que buscamos desenvolver experiências educativas por meio das tecnologias virtuais, além do simples uso da técnica em processos pedagógicos, podemos promover uma fecunda interação entre tecnologia e o processo ensino-aprendizagem de forma significativa e criadora com produção de sentido de ser e estar no mundo.

Nessa perspectiva inovadora e criadora é possível observarmos na relação tecnologia e educação a necessidade de conceber as ferramentas tecnológicas não como um fim em si mesmo, mas como um meio de alcançar a sua essência em articulação com uma formação pedagógica e humanizada para os educandos e educadores situados numa relação intersubjetiva, edificada no diálogo e na alteridade, como nos indica o pensamento filosófico de Gabriel Marcel, quando nos fala de uma educação humanizadora edificada sob forte influência de uma “educação de caráter” propugnada pela filosofia buberiana, na qual “o bom educador não só leva em conta as funções isoladas de seu aluno, buscando conferir-lhe unicamente conhecimentos ou habilidades, mas sim se ocupa continuamente com esse ser humano em sua totalidade” (BUBER, 2003, p.39).

#### 4.3 VOZES DE PROFESSORES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE USO DE NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA

Nesta secção apresentamos a construção de um diálogo entre os dados mobilizados na empiria juntos aos professores interlocutores da investigação e o *corpus* teórico que define o viés epistemológico deste estudo, na expectativa de realizar aproximações com nossas questões iniciais de investigação, em uma perspectiva fenomenológica-hermenêutica.

**a) Sala de aula:** um espaço de sociabilidade e possibilidades inter-humanas na ação educativa

Para iniciar esta reflexão acerca das relações construídas no ambiente da sala de aula, construímos uma pequena reflexão sobre as condições relacionais atuais na escola. As observações realizadas em sala de aula indicam que a escola tem se mostrado como um espaço de múltiplas relações em diversos âmbitos, apresentando nas dimensões pedagógicas e intersubjetivas uma multiplicidade de processos de sociabilidade perpassados por "diferentes valores, experiências, concepções, culturas e relações sociais que se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa rede de relações entre pessoas” (PANIZZI, s/d, p. 1).

As observações que realizamos indicam que as pessoas envolvidas nos processos de interação no ambiente escolar, professores, alunos, técnicos educacionais, funcionários dos demais setores da escola e familiares de alunos, estabelecem laços sociais fortes e frágeis em diferentes dimensões no ambiente escolar. Desenvolvem ações educativas, atividades culturais, esportivas, lazer, relacionamentos, poder, dominação, negociação, violências, enfrentamentos, dentre outros. No entanto, percebemos que essa intensa sociabilidade carece de uma aproximação mais humanizada, pois o imediatismo e a racionalidade dominam as ações entre as pessoas, diluindo a percepção do outro por uma ética de sensibilidade humana.

A maioria assume sumariamente a condição de indivíduo na concepção mouniesiana, que consiste no indivíduo centrado no eu com sua visão existencial eclipsada para o outro, relegando a um plano secundário a pessoa humana como condição para uma convivência baseada em laços de solidariedade e alteridade. Ressaltamos aqui o sentido de “pessoa não apenas em sua individualidade e singularidade, mas, sobretudo enquanto pessoa que se projeta para o mundo, tornando-se um nós, um élan comunitário, intersubjetivo, transcendental e concreto” (ABREU E PARACAMPO, 2013, p. 425).

Nesta perspectiva, a pessoa deve ser entendida numa condição intersubjetiva de alteridade, na qual prevalece a percepção do Eu com o Outro em presença e disponibilidade recíproca, como podemos perceber em Emanuel Mounier:

“pela existência interior, as pessoas sugere-nos como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas numa perspectiva de universalidade. As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer”. (MOUNIER, 1964, P. 63)

Nesse contexto escolar, a sala de aula representa um ambiente, não no sentido de espaço físico, mas um *lócus* de construção de relações de vivências e experiências entre pessoas nos campos pedagógico e intersubjetivo orientadas por uma ética instituída por seus protagonistas. Essa eticidade inevitavelmente sofre forte influência dos valores que sustentam o horizonte hermenêutico das pessoas que interagem no ambiente escolar e o sentido que atribuem às relações socialmente construídas. “A sala de aula é um espaço de convivência e de relações pedagógicas, espaço constituído pela diversidade e heterogeneidade de ideias, valores e crenças, sendo assim, impregnado de significado” (PANIZZI, s/d, p. 2).

O processo de observação que realizamos revelam que no ambiente da sala de aula, a ética instituída pelos professores e alunos é orientada por parâmetros pedagógicos e interpessoais sustentados por uma forte racionalidade técnica e ainda por estratégias de ensino-aprendizagem bastante tradicionais.

Percebemos que a maioria dos professores em sala de aula mostra-se mais preocupada em ministrar os conteúdos curriculares das disciplinas, muitas vezes de forma descontextualizada da realidade social dos alunos. E geralmente, na maioria dos casos, usam métodos didáticos ainda sustentados pelo simples uso do pincel, quadro, transmissão de conteúdos e eventualmente leitura de trechos de livros com atividades aplicadas apenas como forma de cumprir uma tarefa escolar proposta por um suposto planejamento de ensino.

Do outro lado, os alunos com uma nova forma de ver o mundo, pelas lentes das tecnologias digitais, “olham” para o professor que está apresentando uma aula, mas penso que não os “veem”, porque aparentemente estão mais preocupados com a aprovação ao final do período letivo, ou muitas vezes ignoram ao professor “isolando-se” em suas mídias digitais, de forma individual ou compartilhada, geralmente com fones de ouvido, evidenciando pouco ou nenhum interesse pelo conteúdo que o professor está “ensinando” em sala de aula, mergulhando no mundo virtual e experimentando a fuga de uma realidade concreta para uma dimensão virtual, vivenciando um processo de desrealização (VIRILIO, 2001).

Essa relação indica um vazio ético abismal, não apenas no âmbito pedagógico, visto que por esse viés didático-pedagógico, constrói-se um processo ensino-aprendizagem edificado em bases racionais e muito frágeis, sob ponto de vista da relação inter-humana, sem relação com a existência no mundo das pessoas envolvidas; mas, sobretudo na dimensão ética inter-humana da relação entre professores e alunos, que não conseguem mais se encontrar um com o outro numa perspectiva existencial. Perderam de vista os valores humanos, a educação escolar da forma como está chegando em sala de aula está sem sentido. As vivências em sala de aula revelam apenas uma formação racional pedagógica edificada na esfera do Eu-Isso, perdendo-se uma oportunidade muito especial de encontro e contemplação da humanidade do outro por meio da possibilidade de uma formação integral e humana baseada na dimensão do Eu-Tu.

Definir a sala de aula, por mais óbvio que seja, com base nas condições apriorísticas que conhecemos, não é uma tarefa tão elementar, na medida em que não podemos considerá-la apenas como um espaço físico, mas sim como um ambiente perpassado por uma multiplicidade de relações, cujas tessituras revelam papéis sociais e concepções de mundo dos protagonistas desse ambiente social.

Numa perspectiva relacional, a sala de aula é um espaço onde as pessoas interagem em movimentos velados ou desvelados, evidenciando relações intersubjetivas construídas a partir da subjetividade de seus protagonistas. Isso significa que esse ambiente é perpassado por uma



eticidade que revela a condição existencial ou racional implícita na atitude das pessoas envolvidas nos processos sociais e pedagógicos que se constroem nesse ambiente.

Se olharmos por meio do imediatismo que os dados da observação em sala de aula indicam, poderemos mensurar a sala de aula como um espaço físico com estruturas aparentemente adequadas para a realização da ação educativa, com carteiras, professor, alunos, quadro, luminárias e equipamentos de ventilação ou refrigeração, mas não possibilitam uma abertura para penetrar nas relações estabelecidas entre as pessoas numa dimensão inter-humana por uma perspectiva fenomenológica hermenêutica.

Nesse viés epistemológico, faz-se necessário buscarmos o desvelamento do fenômeno, a fim de possibilitar a emergência do fenômeno existencial como condição para a realização de uma aproximação fenomenológica com a dimensão das relações construídas em sala de aula.

Nesse viés, as lentes do processo de observação, possibilitaram-nos perceber que há na sala de aula um distanciamento muito grande entre professor e alunos, no sentido do acolhimento humano. De um lado, o professor está preocupado predominantemente com as questões pedagógicas, como a condição nodal para a sua permanência naquele ambiente; e de outro, os alunos apáticos, um olhar no vazio, aparentam dificuldades em compreender a razão de estarem ali. Em consequência, colocam seus fones de ouvido, ligam celulares e entregam-se aos "prazeres" imediatos das novas tecnologias de forma individual ou compartilhada. Desse modo, cria-se um distanciamento abismal entre professor e aluno, que se revela eventualmente, em atitudes autoritárias do professor, resistência do aluno ou num cenário de total indiferença entre os dois, eclipsando o olhar de um para o outro na sua condição existencial humana.

Esse quadro abre precedentes para que a tecnologia assuma o controle da relação entre professor e aluno em sala de aula, destruindo a possibilidade de um momento muito especial para um exercício de humanidade, que é substituído por uma relação de estranheza, tanto nas questões pedagógico-docentes, cujos conteúdos ensinados, na maioria das vezes são vazios de sentido e descolados da vida do aluno, quanto a eticidade de suas relações, que não possibilitam processos de intersubjetividade alicerçados na alteridade, como buscava em suas formulações filosóficas o eminente pensador francês Gabriel Marcel. Como um ser de relação, o homem não consegue viver sozinho, ele necessita estar em comunhão com o outro numa relação experiencial de alteridade, como condição para a percepção de si mesmo numa experiência fenomenológica concreta de sua existência com o outro (MARCEL, 1953).

Nessa perspectiva, as relações estabelecidas em sala de aula como experiências fenomenológicas, compreendemos que professores e alunos só conseguem perceber um ao outro quando organizam um ambiente relacional, cujas vivências e experiências extrapolam a racionalidade pedagógica e alcançam uma dimensão inter-humana orientada por uma ética de busca e contemplação do outro, alicerçada em relações intersubjetivas de alteridade. “Formalmente, a sala de aula é ocupada pelo professor e pelo aluno. O encontro ou desencontro entre essas figuras confirma (...) o elo que os relaciona. Relacionar-se significa afirmar o outro, a alteridade. Afirmar o outro é afirmar o próprio eu” (NOVELLI, 1997, p. 45).

Por esse âmbito, percebemos a sala de aula como um ambiente de relações e experiências humanas, onde professor e aluno devem criar a possibilidade do encontro na sua existência transcendente, mas infelizmente, ainda estão muito presos a uma relação genuinamente objetual evidenciada no discurso pedagógico e atualmente no entusiasmo pelo desenvolvimento tecnológico.

Entretanto, não podemos nos mostrar indiferentes, ao fato de que em plena contemporaneidade, em um mundo dominado por novos paradigmas, sobretudo pela tecnologia digital, a escola ainda encontra muitas dificuldades para se inserir nessa nova ordem, continua engessada em suas estruturas tradicionais, revelando-se como uma instituição profundamente anacrônica. Suas estruturas físicas, seus projetos políticos pedagógicos e as relações construídas em sua dinâmica ainda estão edificadas em velhas estruturas, velhos temas e velhos objetivos, sem conseguir sair do cenário movediço e predominantemente racional em que está situada.

Nesse ambiente, a sala de aula continua funcionando como um espaço de relações socio-pedagógicas, mas ainda engessado em paradigmas racionais e tradicionais, repercutindo de forma decisiva no comportamento e nas relações estabelecidas entre professor-aluno e aluno-aluno, perdendo-se de vista esse espaço como um campo de ação socio-educacional, em dimensão de experiência pedagógica e existencial numa perspectiva de intersubjetividade e alteridade.

A sala de aula, como parte desse todo da escola, ainda organizada em bases tradicionais, mostra-se como um ambiente de aprisionamento, isolado do contexto em que está situada, asfixiando as possibilidades inter-humanas de seus protagonistas, professores e alunos. As relações construídas dentro desse espaço são orientadas por um modelo de ensino ainda autoritário, com professores não valorizados, com uma formação limitada e com um

ensino descontextualizado, cuja preocupação parece ser apenas a certificação escolar, sem uma relação com a formação escolar e integral do aluno no sentido de sua condição humana.

Desse modo, visualizamos a escola da atualidade com uma funcionalidade que está caminhando na contramão das expectativas dos alunos, sobretudo os mais jovens, cuja vida cotidiana já é marcada profundamente pelos parâmetros das novas tecnologias digitais, com novos temas, novos problemas e novas abordagens, mostrando-se desinteressados pelo que é ensinado na escola pelas relações aí construídas e aparentemente frustradas por suas expectativas em relação à dinâmica da escola (SIBILIA, 2012).

Sob ponto de vista das mudanças experimentadas pelo homem no mundo contemporâneo, é inevitável falarmos de tecnologia e sua repercussão na ação educativa. Atualmente, o processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar e, especificamente em sala de aula, nos discursos hodiernos, apontam para um processo de mudança, na medida em que os protagonistas desse ambiente lidam com um campo de produção de conhecimento gigantesco configurado pelas modernas tecnologias articuladas à internet, demandando dos agentes do processo ensino-aprendizagem uma nova atitude em suas relações na ecologia da sala de aula.

O modelo educacional de hoje revela estar mais focado em questões mercadológicas impostas pelos ditames do capitalismo. A organização de escolas com mais tempo do aluno no ambiente escolar, mais alunos em sala de aula, volta-se para uma formação de técnicos trabalhadores, como indica a nossa legislação educacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional determina que a educação deve ser voltada para o desenvolvimento do educando para o trabalho e conquista da cidadania (BRASIL, 1996). A presente legislação sinaliza para um processo de despersonalização do homem e construção de uma sociedade pautada na competitividade e na violência.

Busca-se formar, a partir da sala de aula, “indivíduos” no sentido mouniesiano, para o mercado de trabalho edificado num discurso de cidadania de concepção economicista, desferindo por meio da educação um golpe de profunda violência contra os valores que nos humanizam segundo as perspectivas buberiana e marceliana. A educação pelo discurso hegemônico posto na atual legislação destrói qualquer forma de cidadania baseada em laços de solidariedade humana, violentando a possibilidade de a educação formar “pessoas”, cujas relações sejam orientadas por uma ética humanizada.

Esse modelo tradicional e racional de educação propostas em sala de aula ainda está baseado na preocupação predominante com o ensino de conteúdos curriculares e uma prática pedagógica voltada apenas para uma formação escolar sustentada pela dimensão do Eu-Isso,

prescindindo de uma ética humanizada, pela qual os educadores possam alcançar com o aluno uma formação integral de totalidade existencial humana na perspectiva do Eu-Tu por meio de uma relação ética inter-humana.

A sala de aula da atualidade requer um novo olhar, orientado por processos de sociabilidade que a tradição não dá mais conta de mediar. Hoje as relações em sala de aula são perpassadas por diferentes pessoas e projetos, demandando deste espaço de processos socioeducativos, novas relações, não só baseadas em critérios pedagógicos, mas sobretudo em relações intersubjetivas edificadas na contemplação do outro em sua condição humana, evidenciando professores e alunos como pessoas que possam viver na ação educativa em sala de aula a possibilidade do encontro como experiência fenomenológica. Devemos lembrar de que, no sentido marceliano, o encontro como experiência inter-humana, para acontecer, não basta estar fisicamente no mesmo ambiente com outra pessoa, requer disponibilidade, presença e reciprocidade de um para o outro numa relação dialógica e de uma existência transcendente.

#### **b) Professores e alunos:** vivências de temporalidades diferentes em sala de aula

No contexto do acelerado desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, as pessoas manifestam reações de euforia por um lado, e por outro, muitas se distanciam resistindo aos efeitos da tecnologia ou por vezes evidenciam posicionamentos confusos, ficando sem saber o que fazer diante do gigantesco aparato tecnológico presente nas atividades cotidianas da sociedade contemporânea.

No que se refere à geração que precede ao desenvolvimento atual das tecnologias modernas, observamos situações bem diferenciadas em sua relação com a máquina, quanto ao uso das ferramentas tecnológicas em suas atividades cotidianas. Algumas dessas pessoas, em razão da necessidade de adequação de suas atividades a esse novo cenário como condição, para a continuidade de suas funções pessoais, sociais e profissionais, empenham-se em uma aproximação com o uso dos suportes materiais das novas tecnologias, chegando a um domínio técnico significativo de inserção no mundo virtual.

Parcela da geração que não nasceu no seio desse amplo desenvolvimento tecnológico manifesta dificuldade para se relacionar com o uso e operacionalização da máquina. Nesse sentido, podemos destacar as mídias digitais móveis, como celulares, *smartphones e tablets*, que são utilizados por muitas pessoas da geração contemporânea em suas atividades, ainda

representam mistério para outras de gerações anteriores, tal como podemos constatar no depoimento de um dos professores entrevistados:

Nós somos de uma geração ainda analógica, ainda uma geração que cresceu manuseando papel, e esta geração nova é diferente. O que pra nós soa estranho, pra eles (*alunos*) é perfeitamente natural trabalhar com a tecnologia. Não quer dizer isso que nós perdemos a nossa importância, pelo contrário, tem que ser remodelada... (P5, 2017)

É muito comum essa geração tradicional utilizar as mídias digitais apenas para as mais simples operações, como fazer e receber ligações telefônicas, apresentando dificuldades na operacionalização dos aplicativos e acesso à internet para estabelecer relações em redes sociais virtuais. Em geral, essa dificuldade é explicada pelo argumento levinasiano de que os processos de interação social construídos por meio de tecnologias digitais dissipam a dimensão humana da relação face a face, que é abraçado por muitas pessoas das gerações tradicionais.

A geração “*on line*”, contemporânea das novas tecnologias digitais, que Serres (2013) denomina de “Polegarzinha”, representa a formação de um homem com uma nova concepção de mundo, sob forte influência das novas tecnologias de comunicação, que o possibilitou a inserção e construção de relações de sociabilidade na realidade virtual, que não estão presas à dimensão tempo-espaço. Estabelecem relacionamentos, amizade, jogos, criam novas linguagens, formam comunidades virtuais, veem o mundo de forma mais rápida e abrangente em permanente estado de conexão com o mundo virtual sob mediação da internet.

Os alunos fazem uso do celular com frequência, mais do que o próprio professor. Eles têm uma capacidade de manusear, uma habilidade muito maior do que a nossa, ele tem o intuito de encontrar aplicativos, uma facilidade maior que nós não temos, eles estão bem na frente dos professores, pais de modo geral. E eles acabam criando redes, aplicativos pra que eles possam estar interagindo. (P8, 2017)

Nesse contexto, grande parte da humanidade, sobretudo os mais jovens, no sentido etário, buscam possibilidades de solução para quase todas as suas demandas cotidianas. É muito comum em espaços públicos e privados, essas pessoas utilizarem tecnologias digitais, dos mais simples aos mais sofisticados, em permanente conexão com a internet, estabelecendo relações sociais com inúmeras pessoas simultaneamente em redes sociais *offline* (*e-mails*) e *online* (*Twitter, WhatsApp, Instagram, LinkedIn, Telegram*). Nesses espaços de comunicação virtual, a geração *online* adequa sua vida às novas possibilidades disponibilizadas pela tecnologia, estabelecendo uma infinidade de interações sociais.

No referido cenário do mundo contemporâneo, dominado por tecnologias, as ações e comportamentos dessas duas gerações de temporalidades diferentes tem revelado (des) caminhos de aproximação, indiferença e até de conflitos relacionais. Para compreendermos o sentido dos processos sociais construídos entre essas gerações, no seio da profusão tecnológica, recorreremos a uma análise fenomenológica hermenêutica, seguindo o pensamento filosófico de Gabriel Marcel, visto que demanda uma compreensão da essência do ser em cada uma dessas gerações em sua temporalidade vivendo experiências concretas.

Para uma compreensão fenomenológica das relações sociais construídas entre gerações diferentes no mundo das tecnologias digitais, uma foi profundamente marcada pela tradição e pela linearidade temporal que atingiu a idade adulta ainda no século XX, que vê a tecnologia como algo ainda esmaecido, cujo tempo é celebrado pela memória de forma linear, sendo mais lento e associado à ideia de uma sucessão progressiva do desenvolvimento humano em articulação com suas atividades tradicionais. E a outra geração, que nasceu no meio da efervescência tecnológica da sociedade contemporânea, marcada pelo presenteísmo e pela rapidez de suas ações, que tem uma concepção de tempo imediato, em face de sua própria percepção de mundo marcada pela efemeridade e finitude das coisas, remetendo a Heidegger que trata das coisas como o ente, cuja essência do é situada no tempo.

Nesse contexto, as relações entre as gerações tradicional e “*on line*” são edificadas sobre as necessidades demandadas pela nova sociedade tecnológica. Nesse processo, observa-se uma inversão de valores evidenciados historicamente nas sociedades ocidentais. Tradicionalmente, a transmissão do saber das experiências humanas cabia aos mais velhos, que assumiam o papel de ensinar aos mais jovens os caminhos da vida e das relações socioprodutivas. No entanto, no mundo da sociedade tecnológica, o papel da ensinagem também cabe aos mais jovens que dominam a tecnologia.

O enredamento dessas relações, inevitavelmente, tem sido tecido por caminhos de tolerância, conflitos e necessidades de mudanças. Nesse sentido, parte da geração tradicional portadora de conhecimentos historicamente construídos no tempo e no espaço, nas diversas dimensões da sociedade tentam adequar o seu conhecimento às novas condições tecnológicas, buscando fugir de um anacronismo sociofuncional. É nesse momento, que muitas vezes, tornam-se evidentes as diferenças de temporalidade entre essas duas gerações.

Para nos remetermos de forma mais específica, buscamos situar a discussão em foco no espaço da sala de aula, na expectativa de evidenciar a relação que se constituiu com o saber e entre professor-aluno no processo de execução da aula em meio à proliferação de

novas tecnologias, em uma perspectiva fenomenológica, buscando refletir pelas linhas de uma ética inter-humana.

Segundo Serres (2013), com o desenvolvimento das novas tecnologias e sua introdução da ação educativa, a relação com o saber se metamorfoseou, na medida em que o saber não está mais concentrado em espaços específicos como bibliotecas, livros cujos conteúdos eram acumulados na cabeça das pessoas como indicadores do conhecimento e das maiores “inteligências” responsáveis pela sua transmissão, remetendo a uma noção de temporalidade marcada pela existência de pessoas detentoras e não detentoras do conhecimento e, conseqüentemente, uma relação hierarquizada na relação do homem com o saber. Na sociedade tecnológica, essa relação se modificou, visto que o saber não está mais concentrado num espaço com temporalidade específica.

Essa ruptura atinge as relações em sala de aula, na medida em que os alunos de hoje se comunicam de forma diferente, falam línguas diferentes das formas tradicionais, percebem o mundo de forma diferente dos professores, transitam em espaços diferentes e tem uma relação cognitiva com o conhecimento que extrapola a simples consulta aos livros e a presença na sala de aula. O saber está distribuído em todos os lugares e não requer mais necessariamente a presença física de professores e alunos para desenvolverem o processo educativo (p. 26).

Frente a essas novas condições relacionais que evidentemente interferem nas práticas pedagógico-docentes no ambiente da sala de aula, em nossas experiências profissionais temos observado que durante muitas aulas, em escolas de educação básica e inclusive no ensino superior, é muito comum durante uma aula, enquanto o professor faz sua exposição, alunos estarem concentrado em seus celulares, smartphones e outros que não entram na sala de aula; e preferem ficar ouvindo música fora de sala ou fazendo *selfies*, enfim, circulando em espaços nos quais não está presente o que o professor está fazendo na sala de aula.

No outro polo dessa relação está o professor, que por sua vez também apresenta seus argumentos. Algumas vezes busca adequar-se ao novo tempo geracional, a fim de inserir suas práticas às novas perspectivas temporais existenciais da geração “*on line*”, buscando dar sentido as suas ações, numa perspectiva inter-humana, e, assim, tentando uma aproximação com os alunos nesse novo tempo, como uma estratégia de autoconhecimento e percepção do “eu” e da necessidade de uma redução das diferenças de temporalidade com esses novos alunos.

Entretanto, nem sempre o professor consegue superar as experiências de sua temporalidade, geralmente marcadas por uma compreensão tradicional, de que “tudo tem seu tempo”, ou seja, as coisas devem acontecer numa sucessão de fatos sobrepostos em instantes

progressivos. Marcados por essa perspectiva de temporalidade, muitos professores apresentam dificuldades em compreender a noção de instantaneidade do tempo dos novos alunos e, muitas vezes, tecem comentários ou tomam atitudes que evidenciam um anacronismo pedagógico-docente e eventualmente desenvolvem uma relação autoritária como forma de garantir e manter seu discurso e suas práticas hegemônicas em sala de aula, usando a fala de Shutz, como “reservas de experiências” construídas no cerne da tradição.

Eu conheço professor que o aluno não liga o celular na aula dele, não liga mesmo, não abre o celular, você vê um ou outro lá atrás camuflado com fone no ouvido, ouvindo alguma coisa, o professor pede pra tirar e o aluno tira. (P2, 2017)

Eu ainda estou aprendendo a lidar com isso. Quando eu percebo que estão usando celular fora do contexto, peço para desligar o celular. (P5, 2017)

Considerando a autoridade do professor e as determinações de um código interno da escola, quando o professor começa a aula e não é autorizado o uso do celular, eles tem que guardar, você vê poucos casos, e quando acontecem esses casos, o aluno é chamado atenção naquele momento e no segundo momento se ele insistir, ai ele é enviado pra coordenação. (P8,2017)

Entre professores que estão situados nesse quadro tradicional, é muito comum a externalização de falas conclusivas de que os alunos que usam mídias tecnológicas em sala de aula “não querem nada com estudo, não respeitam os professores; a autoridade do professor foi esfacelada, os alunos não sabem ler, não sabem escrever” (P2, 2017). No âmbito relacional, eventualmente, tem-se estabelecido um campo de confrontos entre professor e aluno, na medida em que em razão das diferenças de suas experiências temporais, cada lado busca impor sua forma de compreender o mundo e a relação com o saber e com o outro, o que tem provocado ações relacionais que resultam em situações de conflitualidade elucidativa de uma disputa de poder e diferenças de temporalidade. “A utilização do celular, muitos colegas nossos enxergam como um ato de indisciplina do aluno. Então aquele aluno, muitas vezes que está desinteressado da aula, ele utiliza o celular como um sinal de rebeldia”. (P5, 2017)

De um lado, o processo de observação em sala de aula possibilitou-nos perceber que alguns professores retiram o aluno da sala de aula, confiscam ou proíbem o uso do celular ou simplesmente o ignoram durante a aula, como estratégias de garantia de sua prática docente e sua autoridade. No outro lado, alguns alunos assumem posicionamentos de enfrentamento direto com o professor, saem da sala como manifestação de repúdio ao professor, e muitas vezes ficam na sala em completa indiferença ao trabalho docente do professor, numa ideia de obrigação assistem às aulas apenas como estratégia para passar de ano.



Quando questionados sobre as formas de uso do celular pelos alunos em sala de aula, os professores, predominantemente, afirmaram que estes geralmente utilizam o celular para assuntos pessoais desvinculados das atividades pedagógico-docentes que envolvam os conteúdos ministrados em sala, verificando-se apenas esporadicamente relação entre o celular e o trabalho escolar. A maioria dos relatos de professores e o processo de observação realizado em sala de aula indicam que, na maioria dos casos, os alunos utilizam amplamente o aparelho celular na escola e na sala de aula em atividades voltadas para os seus interesses e prazeres pessoais, como ouvir música baixadas por aplicativos da *web*, realizar processos de sociabilidade em redes sociais, como enviar mensagens para amigos virtuais com os quais se comunicam, trocam ideias e imagens em forma de textos, fotos ou vídeos, não estabelecendo vínculos com as atividades curriculares e os conteúdos disciplinares ensinados em sala de aula pelos professores, distanciando-se das dimensões pedagógica e inter-humana, tal como pode ser observado nos relatos a seguir:

Infelizmente dentro de nossas escolas de hoje o que a gente percebe é o aluno entrando pra fazer coisas que ele gosta de fazer que não tem relação com a escola, o aluno está em sala de aula muitas vezes falando no celular com o colega dele ou recebendo mensagem de pai ou da família ou alguém que interessa a ele; fora de sala de aula a gente vê os alunos colocando mensagem ou vendo vídeo, chat de bate papo. (P2, 2017)

O aluno acaba usando, e usa não para contribuir para o seu aprendizado em sala de aula, mas sim para se comunicar com os colegas em redes sociais o tempo todo. (P4, 2017)

O celular é só pra se comunicarem no *whatApp*, principalmente quando um está na sala, avisa o outro que o professor já chegou, aí o que está lá fora decide se vem ou não porque o interesse lá fora está mais importante do que na sala de aula e, as musiquinhas que eles gostam de ouvir. (P7, 2017)

Nos presentes relatos podemos perceber uma questão muito recorrente no paradigma atual de educação, que é o forte conteúdo pedagógico racionalista, cuja preocupação fulcral é a busca incessante de uma formação escolar edificada predominantemente na apreensão de teorias elaboradas pela comunidade científica e busca de certificação escolar.

Inferimos que a maioria dos professores tem suas ações educativas alicerçadas na busca de uma formação genuinamente pedagógica para os alunos. As suas falas deixam evidenciar que a formação escolar construída pelo ensino de conteúdos curriculares é a condição *sine qua non* para o sucesso dos alunos, a partir de uma relação de extrema racionalidade com o saber e sua aprendizagem, seguindo sistematicamente um planejamento pedagógico docente, como aponta o depoimento a seguir:

Quer queira ou não, nossa escola ainda é muito conteudista; o Enem por exemplo ainda não conseguiu resolver esse problema, vem com todo um discurso bonito; vamos ensinar o aluno a pensar, trabalhar de maneira interdisciplinar, mas na nossa escola se o professor priorizar por muito tempo durante a sua aula conteúdo que não esteja relacionado com o vestibular, ele pode ser acusado de estar enrolando os alunos, isso já ocorreu com vários colegas nossos.(P5, 2017)

Como podemos observar, a proposta de formação está edificada no ensino de conteúdos pré-estabelecidos que devem ser transpostos pedagogicamente aos alunos pelos professores, seguindo um planejamento. A transgressão desse processo pode acarretar transtornos escolares e profissionais para alunos e professores, evidenciando de forma bastante elucidativa que a preocupação é pedagógico-racional, destruindo qualquer possibilidade de uma formação voltada para a totalidade humana do aluno.

A atitude dos alunos em desviar a sua atenção das ações construídas em sala de aula sobre o ensino dos conteúdos disciplinares para se reservarem em outras formas de relações, por meio do uso de mídias digitais móveis, deslocando-se de suas “obrigações” escolares propostas pelos “educadores”, parece a estes como uma transgressão ao processo educativo, anunciado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96, art. 2º – e na tradição educativa de nossa sociedade em proporcionar ao aluno uma formação Racional, instrumental e sistematizada voltada para “a vida, trabalho e cidadania” (BRASIL, 1996).

Eu vejo ainda uma carência, uma descoberta por parte deles de que isso é uma ferramenta muito interessante, prática, fácil de se fazer uma pesquisa mais aprofundada, não só pela atividade que o professor passa em sala de aula, mas dele ir buscar essa informação, é uma ferramenta interessante porque você vai buscar todas as formas de informações, rápida, barata de certa forma e que tem um acesso universal, mas falta esse passo aí, talvez a gente possa colaborar nesse aspecto, pra não ser só um canal de contato, de informação, de amizade, mas ser algo mais profissional e tirar como recurso pra vida acadêmica deles, não só agora no em sino médio e fundamental, mas também mais lá pra frente.(P6, 2017)

Essa pretensão anunciada da ação educativa, analisada por um viés fenomenológico-hermenêutico, evidencia um eclipse em outras possibilidades formativas orientadas por uma ética inter-humana. A concepção racional de educação explica-se pela lógica do ter que orienta atualmente a maior parte das ações humanas. O pensamento filosófico marceliano, preocupado com o desvelamento do Ser em sua existência transcendente, possibilita-nos um olhar extremamente crítico para esse modelo de formação, na medida em que é indicador de

um processo educativo que não agrega os valores humanos como o diálogo, a fraternidade e o amor voltados para uma formação baseada em lições de solidariedade, pelo contrário, fomenta a competitividade, a individualidade e a construção de uma cidadania de concepção economicista que estimula o crescimento de um cenário de violência entre as pessoas.

Pelos meios de comunicação verificamos que tem se tornado muito recorrentes situações de enfrentamento entre professores e alunos, aluno-aluno no ambiente escolar, evidenciando “um quadro de barbárie” que caminha para um cenário de violência cada vez mais intenso, revelando a escola que de um espaço de formação, está sendo transformada em campo de batalha, marcada por intensas disputas, cujo troféu é o desejo do Ter: ter autoridade, ter poder, ter saber, ter liderança, ter hegemonia dentre outros, distanciando-se do Ser e conseqüentemente da percepção uns dos outros de sua condição humana.

Desse modo, percebemos um modelo de educação orientado pelos ditames da esfera do ter, o que contribui para a formação do “homem problemático”, como evidencia Marcel (1956b) que perdeu-se de si mesmo e dos outros, não dando conta de sua própria existência enquanto ser humano, visto que sua sensação de humanidade e felicidade está na lógica da posse.

Pelas lentes do pensamento marceliano, entendemos que esse é o grande drama do homem contemporâneo, cujas estruturas se fortalecem em instituições como a escola, onde se desenvolve uma concepção de educação genuinamente científico-racional que tem obnubilado cada vez mais os valores humanos, lançando vorazmente o homem no lodaçal da instrumentalidade racional do capitalismo contemporâneo. O homem perdeu-se da esfera do mistério e está mergulhando em águas cada vez mais profundas na dimensão do problema, como já nos sinalizava Gabriel Marcel desde o século passado, mas com uma projeção pontiaguda que está ferindo mortalmente a humanidade do homem atual (MARCEL, 2003).

Em outra perspectiva, alguns depoimentos nos remetem à relação família-escola, sinalizando na fala de alguns professores que a família desresponsabiliza-se de suas funções educativas com as suas crianças e adolescentes, repassando-as para os professores também esse papel. Os professores alegam que assumem o papel de formadores educacionais, sociais, morais e éticos, indicando que a família, por alguma razão, não está conseguindo educar seus filhos dentro de preceitos éticos que os possibilitem se relacionar com outras pessoas numa perspectiva de alteridade, cabendo aos professores o exercício desse papel.

O aluno vem de casa sem a menor noção de educação. Usam para ouvir música; não há educação na relação com o outro; quebra da ética na relação com o outro; as

peças deixam o outro falando só... Parece que os pais delegaram pra gente a função deles, que é educar, principalmente pra os nossos alunos do EJA, que são alunos que já tem uma idade avançada, a noção de educação é bem pouca entre eles. (P3, 2016)

Ele vai conversar com colegas dele, eventualmente com estranhos, agora nós temos que esclarecer sempre esse jovem, antes de ser estudante ele é um jovem, cheio de insegurança, que está se afirmando ainda, então nós temos que tentar orientá-lo sobre o uso dessa tecnologia, esse é o nosso papel também, que é da família, mas o que está acontecendo, a família está nos delegando poderes cada vez maiores, e de repente tem a ver com a nossa própria vida, nós trabalhamos muito, passamos muito tempo fora de casa e de repente nós somos professores e pais. (...) O papel do educador, tem que ser também o papel da família, que é educar esse jovem, mostrar pra esse jovem que há caminhos diversos na vida, então eu não vejo de maneira negativa a utilização desta tecnologia, agora é claro que você como educador, ministrando uma aula não vai aceitar que a todo momento os alunos utilizem o aparelho porque vai desconcentrar a turma. (P5, 2017)

Nesse sentido, os relatos insinuam que o “mau” uso das mídias digitais de comunicação em sala de aula, decorrem também da falta de orientação educacional em casa, no ambiente familiar, condicionando uma formação comprometida com uma existência que os desvia de relações intersubjetivas baseadas na alteridade.

Muitas famílias estão desestruturadas em razão de seu distanciamento do diálogo, não permitindo mais uma relação de proximidade entre pais e filhos. Estes atiram-se no mundo virtual com anuência e indiferença dos próprios pais, que não orientam sobre as possibilidades tecnológicas e nem tampouco estabelecem limites às crianças e adolescentes, esclarecendo sobre as vantagens e os riscos da inserção na realidade virtual. Consequentemente, cada membro da família cria seus feudos tecnológicos dentro de sua própria casa, isolando-se uns dos outros e construindo uma relação marcada pela distância e pelo estranhamento entre membros da própria família (VIRILIO, 2001).

Os depoimentos sinalizam para uma reflexão sobre a relação da família com os filhos, evidenciando que, aparentemente, não existe uma orientação familiar sobre como as crianças e adolescentes devem estabelecer vínculos com as novas mídias digitais de comunicação e como estão se relacionando com os outros e consigo mesmo, inclusive no ambiente escolar. O processo de observação e as falas de professores nas entrevistas que realizamos, indicam que muitos alunos, quando chegam à sala de aula, ficam a maior parte do tempo de aula conectados em seus celulares e fones de ouvido, criando uma relação de distanciamento e estranheza entre professor e alunos. Queremos aqui enfatizar uma situação de vazio ético e normativo entre usuários de tecnologias móveis nos ambientes familiar e escolar.

Na escola, como podemos observar nas falas de professores, os alunos chegam, ignoram o que está acontecendo pedagogicamente em sala de aula e mergulham na realidade

virtual por meio de suas mídias de comunicação, na maioria das vezes, em conexão com a internet. Eles escutam música, jogam ou entram em redes sociais nas quais estabelecem um amplo processo de comunicação e sociabilidade,

Eu vejo muito assim, a música é constante, o fone de ouvido é constante entre os alunos, as mensagens também. E no momento em que você chega não há uma conversa, os alunos estão todos, um no lado do outro mostrando conversas que aconteceram no celular e também as redes sociais, eu acho que eles estão muito conectados nas redes sociais.(P9, 2017)

Os professores mostram-se em alguns momentos “contratualistas”, mas simultaneamente assumem posicionamentos autoritários ou são indiferentes, que é o mais comum em situações de uso de celular pelo aluno em sala de aula.

Ainda agora mesmo eu estava em sala de aula passando exercício, tinha uns quatro com o fone no ouvido, provavelmente ouvindo musica. Eu faço só o sinal que é pra tirar ou então eu digo pra eles tirem o fone do ouvido, aqui não é espaço para ouvir música ou estar nas redes sociais, é um espaço de aprendizagem. Só que aquela coisa sabe, cansa, você vai cansando, você fala, fala e... (P3, 2016)

Existe uma coisa muito ruim, eu principalmente gosto de tá sendo escutado porque eu dou aula falando, e ai a gente pede de vez enquanto para o aluno tirar o fone de ouvido, mas escondido ele põe o fone por debaixo do cabelo. Tem certas salas de aula que a gente percebe que não está nem sendo observado que está lá, porque o aluno está lá ligado por baixo da mesa com o celular dele, fazendo pose de que está prestando atenção pra gente, mas não está, ele está mais ligado é no *whatsApp* dele, só que eu tenho uma insistência: desliga esse celular, tira o fone do ouvido, sem me cansar, sem brigar, como é o caso de outros professores que tomam o fone, levam pra direção. (P7, 2017)

Geralmente os alunos usam o celular pra ouvir música, pra jogos e redes sociais e eu procuro limitar isso em sala de aula. (P10, 2017)

Os presentes relatos evidenciam um cenário de vazio ético que deixa transparecer um quadro de violência, sobretudo a violência contra a pessoa humana, na medida em que professores e alunos não conseguem mais se colocar em uma posição de contemplação uns dos outros porque não se enxergam mais, não conseguem se encontrar para viverem uma experiência inter-humana por meio da ação educativa, violentando a sua própria humanidade, o que os conduz a um quadro de dilaceração humana, sobretudo na dimensão espiritual. Essa relação entre professores e alunos, transforma a educação em um campo de instrumentalização para uma vida genuinamente racional e individualista.

Essa situação relacional em meio à profusão de uso de tecnologias móveis em sala de aula, evidencia, sobretudo na atitude dos professores, uma forma de distanciamento ético de seu papel de educador no que se refere à formação do aluno, sobretudo em sua condição humana, escapando à sua “responsabilidade ética com a gerações futuras” (JONAS, 2006).

O posicionamento da maioria dos professores, evidenciado em seus relatos e nas observações que realizamos em sala de aula, reflete a perda de percepção do outro como um ser e estar no mundo com o outro. Reflete o tempo e a ideia do “aqui e agora”, transparecendo que o importante é cada um fazer a sua parte em completa indiferença ao outro, destruindo desse modo, o princípio da “responsabilidade com o outro”, evidenciada pelo pensamento filosófico de Emanuel Lévinas, segundo o qual independente da reciprocidade do outro, o eu deve assumir essa responsabilidade. Assim, Lévinas diz: “pouco me importa o que outrem é em relação a mim, isto é problema dele, para mim ele é antes de tudo aquele por quem Eu sou responsável” (LÉVINAS, 2000a).

Os alunos, geralmente jovens adolescentes, mergulham em um mundo virtual, dispensando as possíveis relações estabelecidas pelo professor em sala de aula, onde segundo os informantes, prevalece uma relação pautada na falta de educação pela ausência de respeito e não reconhecimento do outro, sob orientação de uma ética destrutiva do olhar face a face. É uma relação que transita pela esfera do problema, segundo o pensamento filosófico marceliano, pelo qual o homem está tão dominado pela técnica, que se esqueceu de si mesmo e das relações possíveis de serem estabelecidas com o outro em vivências e experiências concretas de intersubjetividade.

Não podemos nos mostrar indiferentes ao papel dos professores nesse processo, cuja ação deve ser voltada para uma preocupação com a formação do aluno, não apenas no sentido pedagógico, mas também em sua totalidade humana (BUBER, 2003). Nessa perspectiva de formação do aluno, os relatos nos remetem a uma perda de percepção dos professores com sua responsabilidade com o outro no sentido ético inter-humano, na medida em que seu discurso está situado numa dimensão apenas de culpabilidade dos alunos, evidenciados como “indivíduos”, no sentido mouniesiano, que estão dominados pela ideia de centralidade no eu e distanciamento do outro, estabelecendo em sala de aula uma relação baseada na estranheza de uns com os outros.

Por um lado, os alunos conectados permanentemente, não se interessam pelas aulas ministradas pelos professores, ficando geralmente durante as aulas conectados em redes sociais construindo virtualmente formas variadas de sociabilidade em redes sociais ou entregues a entretenimentos individuais ou compartilhados com outros colegas de classe;

ressaltando a habilidade que possuem para lidar com as modernas tecnologias, o que lhes possibilita baixar diversos aplicativos que os disponibiliza ações e relações, que geralmente consideram mais importantes e prazerosas que as aulas dos professores.

Por outro, os professores evidenciam aparente descaso com esses alunos, geralmente rotulados como alunos que “não querem nada”, que “não tem educação”, supervalorizando o seu papel de formadores pedagógico-científico-rationais, o que os desloca de experiências educativas que possibilitem a quebra dessa frieza relacional, baseada em culpabilidades e estranhamento, para construir relações pedagógicas e intersubjetivas alicerçadas em valores e uma ética humanizada, como a percepção da existência do outro numa dimensão transcendente, por meio de um novo olhar para o outro a partir do diálogo, não apenas no sentido de trocar ideias e culturas, mas sobretudo no sentido de um se disponibilizar para o outro por uma atitude de encontro e reciprocidade em presença do Eu com o Outro, ou seja, neste caso do professor com o aluno, que em experiências concretas possam atingir uma dimensão contemplativa de sua condição humana orientadas, como nos ensina Marcel (2005), pelo amor e pela esperança de por meio da educação os homens possam alcançar a sua verdadeira humanidade transcendente.

Mas, contrariamente a essa expectativa, os relatos pontuados pelos professores entrevistados nos levam inevitavelmente à percepção de um quadro de barbárie, como afirma Mendonça (2009), no qual as relações entre as pessoas são construídas sobre o alicerce da violência, degradação e da destruição. Traçando um paralelo desse pensamento de Mendonça com as relações entre professor e aluno em sala de aula em meio ao uso de mídias de comunicação móveis, como o celular e *smartphone*, percebemos um cenário de violência e destruição que se traduzem na indiferença estabelecida entre professor e aluno, aparentemente aviltados de sua condição humana, mostrando-se impotentes e incapazes de promover atitudes de encontro inter-humano pela experiência educativa.

Esse quadro evidencia que o mau uso das modernas tecnologias de comunicação e o pensamento predominantemente racional construído em suas finalidades, revelam-se como técnicas que aviltam o homem de seus valores humanos, evidenciando a nulidade de suas condições humanas a que está exposto pela profusão da tecnologia como um fim em si mesmo e não como um meio, mostrando-se incapaz de reagir no sentido de encontrar meios de percepção de sua existência no mundo e com o outro em relações intersubjetivas de alteridade.

**c) Celular em sala de aula: usar ou não usar? “Eis a questão!”**

O processo de observação em sala de aula e as entrevistas realizadas com professores são elementos indicadores de que o perfil dos alunos que utilizam celular em sala de aula é bastante objetivo, sendo evidenciados como tipos ideais de usuários de tecnologias móveis em sala de aula. Tipos ideais, segundo o pensamento sociológico Weberiano, são construções metodológicas caracterizadas pelo ordenamento arbitrário de características de um fenômeno inserido em determinada realidade, visando ao pesquisador uma aproximação cognitiva ou um afastamento em relação a uma situação concreta em análise. Como podemos constatar em Gabriel Conh, um estudioso do pensamento sociológico de Max Weber, que:

O tipo ideal é um conceito ‘caracterizador’. Ele não se aplica aos traços médios ou genéricos de uma multiplicidade de fenômenos, mas visa a tornar o mais unívoco possível o caráter singular de um fenômeno particular. Seu princípio básico é genético: tais ou quais traços da realidade são selecionados e associados no tipo e na estrita medida em que a ordem de fenômenos a que se refere é significativa para o pesquisador, porque permite formular hipóteses acerca da influência causal sobre o modo como se apresentam contemporaneamente certos valores a que o pesquisador adere. (CONH, 1979, p. 128)

A realidade suscitada na presente reflexão é traduzida nesta pesquisa como o ambiente da sala de aula, cuja ecologia é dinamizada por uma multiplicidade de relações fenomenológicas a partir do modo como o fenômeno se dá na realidade estudada, sobretudo a partir do perfil apresentado pelos alunos usuários de mídias tecnológicas móveis no referido ambiente socioeducacional.

Nesse cenário, os alunos, geralmente, já chegam em sala com seus adornos tecnológicos, como celular, fone de ouvido com os quais, se não lhes for imposta nenhuma regulação, ficam entregues aos “prazeres” disponibilizados pelas tecnologias durante todo o período da aula, normalmente alheios ao que está acontecendo pedagogicamente no ambiente da sala de aula. É muito comum o aluno usuário de celular em sala de aula, adotar um comportamento reservado e criar estratégias para utilizar a referida mídia de comunicação ouvindo música e outras formas de entretenimento, como podemos constatar nos depoimentos a seguir:

Eles já sentam com o celular na mão e o fone no ouvido, é bem complicado. Se você deixar eles ficam a manhã todinha com o fone no ouvido, manuseando o aparelho,



por exemplo, se eu observo que o aluno está muito concentrado, ai eu levanto e vou lá olhar, ele não está fazendo o exercício, ele está no celular, é impressionante!(P3, 2016)

Em relação ao comportamento em sala de aula a gente percebe que quando eles estão usando, é o contrario ai eles se fecham. Quando a gente percebe aquele aluno, muito calado, normalmente cabisbaixo é porque ele está usando celular, mas não abordando o assunto que está sendo trabalhado em sala de aula ou alguma coisa assim, mas sim se comunicando com pessoas de fora, assim nesse sentido eles acabam assim, mudando o comportamento no sentido de não andar pela sala, mas se fecham na no celular na troca de informações. (P4, 2017)

Adotam uma atitude de isolamento e meios sutis de não serem percebidos pelo professor. Apesar de eventuais restrições impostas pelo professor, esses alunos usuários de tecnologia geralmente produzem maneiras de continuar utilizando os referidos artefatos tecnológicos, ficando conectados ou ligados a alguma forma de entretenimento o tempo todo.

Não chega a incomodar em termos de som, eu acho que já houve uma reeducação, mas ainda há uma dispersão ali naquele momento em que ele está usando escondido, tipo” eu tô de olho no professor, mas ele não está sabendo que a gente está olhando” a gente percebe que o cara não tá ligado no assunto. (P6, 2017)

O depoimento remete a uma percepção de que a ação educativa na profusão de tecnologias digitais acontece em meio a relações de sociabilidade pautadas na estranheza e na desconfiança, contrapondo-se a uma educação na qual os seus protagonistas possam apreender uns com os outros, não apenas, conhecimentos curriculares e científicos, mas também valores humanos que orientem suas ações para a busca de mais humanidade entre as pessoas, a autonomia que os tornem capazes de dialogar com a sua própria interioridade e estabelecer relações existências transcendentais com o outro (FREIRE, 1996).

Nosso paradigma educacional carece desse olhar, na medida em que está predominantemente focado em uma educação utilitarista e mercadológica, o que nos encaminha cada vez mais, segundo o pensamento marceliano, em direção de um “mundo quebrado” orientado pela dimensão do “Eu-Isso”, no qual a felicidade do homem está na esfera do ter no sentido de posse (MARCEL, 1956 a). Nesse sentido, a educação passa a ser vista como um caminho para a busca da felicidade, porém devemos ressaltar que esse estado de suposta felicidade é edificado em princípios racionais e instrumentais.

Sob o ponto de vista pedagógico-disciplinar, os alunos apresentam um comportamento disperso, marcado pela apatia e desinteresse pelas atividades escolares, resultando geralmente em um baixo aproveitamento de escolaridade.

Você percebe o aluno quando ele está usando ele está mais apático, mais distraídos, infelizmente eu tenho alunos, alguns poucos, eles não se desconectam, é o tempo todo, você está explicando, você percebe que o aluno olha alguma coisa e volta a tentar prestar atenção de novo na aula, esses são mais distraídos. Eu percebo isso, o aluno que usa rede social na sala é mais distraído, e é uma luta muito grande tirar o fone dos que usam fone de ouvido, mesmo que as vezes eles digam não estou ouvindo nada. (P9, 2017);

Geralmente são alunos menos interessados e possuem um baixo rendimento. (P10, 2017)

O desinteresse do aluno pelas atividades escolares, demonstrado nos relatos dos professores, é atribuído, segundo Sibilia (2012), ao anacronismo da escola frente às expectativas do aluno de encontrar uma escola inserida na modernidade tecnológica e pelo vazio ético nas relações estabelecidas entre professor e aluno, decorrente fundamentalmente de projetos educacionais genuinamente pedagógico-rationais e distantes de uma proposta voltada para a formação humana dos alunos, numa relação intersubjetiva e de alteridade, em que professor e aluno possam contemplar um ao outro em sua sacralidade humana. (BUBER, 2003)

Esse contexto de sociabilidade evidencia entre professor e aluno uma relação completamente objetivada que avilta desses protagonistas da ação educativa o sentido da vida, revelando-os como seres envilecidos de suas possibilidades educativas humanas no sentido de aprender um com o outro em relações intersubjetivas de alteridade, visto que a única possibilidade de realização educativa planejada é de caráter pedagógico-instrumental que não consegue adentrar em experiências éticas e humanizadas por meio da educação.

É um quadro indicador de uma crise existencial e ética na qual está mergulhado o homem da contemporaneidade, que dominado por um profundo espírito de abstração, busca na razão instrumental a solução para todas as suas demandas, o que o aprisiona cada vez mais em sua própria inventividade e o lança num estado de completa alienação de si mesmo e da relação com o outro. O homem não consegue se encontrar como um Ser no mundo e com o Outro, mergulhando num campo de estranheza e indiferença para si mesmo e de relações intersubjetivas, no que se refere às suas condições existenciais transcendentais (MARCEL, 1956b).

Em paralelo com as relações em sala de aula, esse pensamento de Gabriel Marcel nos encaminha, por um lado, para uma percepção de alunos que embevecidos pela tecnologia, em um “mundo quebrado” dominado pela esfera do Ter e pela instrumentalização da vida, não

conseguem libertar-se de sua condição de seres “escravizados” pela máquina para estabelecer relações inter-humanas com os professores. Estes, por sua vez, na maioria dos casos, alienados de uma percepção humana de educação, não conseguem quebrar as amarras absolutas de uma pedagogia racional e científica para construir uma relação de aproximação ética com os alunos por meio de uma proposta pedagógico-docente, voltada também para uma formação humana restauradora do sentido da vida para ambos por meio de experiências educativas edificadas em uma ética humanizada.

O aluno vai à escola com a expectativa de encontrar um ambiente moderno, funcionando com as novas tecnologias e seus atrativos como estratégias de ensino-aprendizagem, evidenciando dificuldades em pensar a escola como um espaço de relações intersubjetivas de alteridade. O que ele encontra, é em muitos casos, um ambiente marcado pela frieza relacional e falta de acolhimento humano pelos educadores, cuja maior preocupação é hegemonicamente ensinar conteúdos disciplinares que possibilitem aos alunos apenas uma certificação escolar, que não certifica a restauração do sentido da vida em dimensão existencial e transcendente.

O uso do celular de forma aleatória eu considero como condenável, agora se for usado como recurso didático em sala de aula como recurso didático eu aceito; O uso do celular quando atrapalha, quando ele quer mostrar alguma coisa, uma foto em redes sociais, isso daí eu não permito, porque é ensino médio, então ele deve ter a consciência.(P10, 2017)

as vezes você tem ainda que chamar atenção porque você tá trabalhando ali no conteúdo e o cidadão está lá com a cabeça baixa utilizando o celular, eu não sei se é pra pesquisa ou uso pessoal. Nesse aspecto eu acho que precisaria a gente dar uma melhorada pra ter o momento. Tem o momento pra usar, a gente vai usar, eu acho interessante como ferramenta educacional; (P6, 2017)

Por essa perspectiva, a educação, da forma como está sendo conduzida em nossa sociedade, não possibilita a formação de homens capazes de construir um mundo melhor, baseado no diálogo e na alteridade, pelo contrário, provoca a formação de homens, cujos elementos orientadores de suas ações são a competitividade e individualidade que o empurram cada vez mais para um mundo de “barbárie e violência”, como temos vivenciado todos os dias em nossa sociedade, onde está se construindo um mundo de frieza, dominado por “avatares”, portadores de uma cultura de morte e destruição.

Um cenário dessa violência está na própria relação objetal estabelecida mecanicamente entre professor e aluno, que não conseguem se encontrar humanamente pela disponibilidade de um para o outro. Percebemos nas observações de sala de aula, que

parecem dois alienígenas em sala de aula, na medida em que suas relações são marcadas pela estranheza, onde por um lado os alunos buscam guarida para suas expectativas instrumentais e racionais nas modernas tecnologias, enquanto os professores entendem que seu papel fundamental ainda é ensinar conhecimentos curriculares e disciplinares para os alunos, mas tendo em vista o fato de que não promovem o encontro entre si pelo diálogo e pela escuta, as suas ações perdem sentido ético na experiência educativa.

Quando questionados sobre a forma de lidar com alunos usuários de celular em sala de aula, alguns professores entrevistados deixaram transparecer em suas falas que a referida mídia tecnológica não é ferramenta de intervenção pedagógica em sala de aula e por essa razão não deve ser utilizada durante a realização das aulas. Em seus depoimentos afirmaram que solicitam que os alunos guardem seus celulares, inclusive, alguns dizem que assumem esse posicionamento desde o primeiro dia de aula do ano letivo, quando fazem uma exposição das regras de comportamento e relacionamento em sala de aula, pelas quais o uso do celular é considerado proibido durante as aulas, tal como podemos constatar nos depoimentos a seguir:

Já que o celular não está lá como ferramenta de trabalho, eu peço pra ele guardar o celular. Porque geralmente ele nunca fica sozinho no aparelho, sempre está com outro do lado, aí não demora já tem três olhando para o celular de um só, aí não demora já está o grupinho e assim vai, é uma reação em cadeia, e isso atrapalha (P1, 2016)

No meu primeiro dia de aula, eu tento “rezar a cartilha”. Eu digo pra eles que eu não aceito o celular na sala de aula, que eu não aceito fone de ouvido e se eles quiserem ouvir música, que fiquem do lado de fora ou então não venham pra escola. (P3, 2016)

eu sempre peço pra que eles desliguem o celular ou deixem longe da mão. (P9, 2017)

Os depoimentos em questão, numa perspectiva instrumental, remetem-nos à percepção de que ainda há um distanciamento significativo entre o desenvolvimento tecnológico e a atividade educativa. O celular, como uma das mídias mais emblemáticas das novas tecnologias de comunicação não é considerado ainda na escola como um a ferramenta pedagógica efetiva de uso no processo ensino-aprendizagem, tanto pelo aluno como pelo professor. Para os alunos, essa mídia de comunicação representa apenas um meio de entretenimento, e por outro lado, os professores manifestam dificuldades em visualizar aplicativos que os possibilitem usar o celular como uma ferramenta de intervenção pedagógica em suas experiências educativas, como um meio de alcançar o objetivo proposto.

Essa reflexão é uma manifestação bastante elucidativa da dimensão pedagógica, científica e racional que sustenta a ação educativa e a relação entre maioria de professores e alunos em sala de aula. Revela que os professores tem por finalidade fulcral em suas aulas a aprendizagem dos conteúdos curriculares em sala de aula por meio de uma relação genuinamente pedagógico-racional, considerando que este é o papel da escola: formar alunos com base num currículo cientificista e voltados para fins utilitaristas, mas revelam dificuldades em exercer esse papel em concomitância ao uso das modernas tecnologias.

Na perspectiva da fenomenologia marceliana, esses discursos evidenciam que a busca do “ser com o outro” perdeu-se na relação entre professores e alunos, desnudando uma situação de adoecimento existencial que obscurece possibilidades de experiências educativas inter-humanas e misteriosas de existência, dificultando a ambos se disponibilizarem um para o outro em uma relação de transcendência, perdendo-se, desse modo, o encantamento humano na educação como possibilidade restauradora do sentido da vida.

O posicionamento científico-racional dos professores em relação a prática docente impõe dificuldades à ação educativa de ser orientada em experiências inter-humanas restauradoras de sentido para alunos e professores por meio de relações intersubjetivas construídas em sala de aula, em ações educativas baseadas em valores que fortalecem a sua humanidade. A instrumentalidade racional do paradigma atual de educação evidencia uma crise de valores na relação entre professores e alunos, sinalizada por discursos de alguns professores entrevistados acerca do uso de celular por alunos em sala:

o professor fica falando para as paredes porque a atenção do aluno não está mais no professor e nem no assunto.(P1, 2016)

no mínimo muita falta de respeito com seu professor que está aqui na frente tentando passar alguma coisa pra vocês aprenderem e vocês não estão nem ai, eu acho uma profunda falta de respeito. (P3, 2016)

Essas falas de professores nos permitem refletir sobre as relações intersubjetivas em sala de aula, como um campo de crise ética, onde não existe diálogo, escuta e respeito entre os protagonistas da ação educativa. Revela um paradoxo no papel da escola, que de um espaço de formação cidadã, como determina a LDB atual (Lei 9.394/96), está sendo transformada num espaço marcado pela despersonalização das pessoas envolvidas nas atividades educativas e estimulando o desenvolvimento de relações baseadas na frieza, no distanciamento e no desencontro, no sentido buberiano entre professores e alunos.

A formação dos alunos nessa perspectiva direciona-se para uma cidadania instrumental e racional, suprimindo a possibilidade de uma formação cidadã e humana baseada em laços de solidariedades e relações de alteridade. A objetivação das relações entre professor e aluno, orientadas predominantemente pela racionalidade pedagógica traduzida no Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), destrói a natureza misteriosa da experiência educativa. Desse modo, percebemos uma espécie de coisificação da relação professor-aluno, o que os impede de desenvolverem relações de sociabilidade baseadas em valores humanos edificados na fraternidade e solidariedade, em razão da degradação de sua humanidade pelo domínio da razão instrumental.

Na esfera do mistério do pensamento marceliano, a relação entre professor e aluno deve caminhar pela dimensão do diálogo, do encontro e da disponibilidade de um para o outro no sentido de uma experiência educativa orientada por relações intersubjetivas de reciprocidade, alicerçadas numa ética humanizada, pela qual considera-se que o homem não é sozinho, ele é um ser no mundo, cujo o seu Eu emerge da experiência com Outro em relações concretas de existência transcendente. Entretanto, o amor, a esperança e a doação, no sentido marceliano do “Eu para o Outro” na relação de sala de aula entre professor e aluno caminha pela esfera do problema, na medida em que coisificam a experiência educativa como estratégia de enquadramento da dimensão do ter (MARCEL, 1953).

Em outras falas de professores entrevistados, percebemos uma tentativa de contratualidade e estabelecimento de regras entre professores e alunos acerca do uso de celular pelos alunos em sala de aula, assim como professores que buscam chegar a um consenso, por meio de uma relação lúdica com os alunos e a conversas sobre o sentido que o celular toma, quando utilizados durante a realização das aulas.

Em seus depoimentos, professores relatam que desde o início do período letivo buscam estabelecer uma relação com os alunos acerca da dinâmica de sala de aula, orientada pela definição de regras instituídas verticalmente, na maioria dos casos, com a finalidade de construir um ambiente racionalmente organizado para o exercício da aula. No que se refere ao uso do celular em sala durante as aulas, alguns desses professores se empenham em construir uma imagem negativa dessa mídia de comunicação, tentando convencer os alunos de sua influência nociva ao processo ensino-aprendizagem. Para isso desenvolvem argumentos nesse sentido, como podemos perceber nos discursos a seguir:

Qualquer aluno dentro de uma sala de aula ele percebe as regras, quando você chega pra dar sua aula e coloca as regras bem claras, há uma discussão com a turma, explicando porque que aquilo(*celular*) pode atrapalhar. (P2, 2017)

Primeiro tem que estabelecer regras. As regras tem que ser bem claras. Se a gente vai fazer uma atividade que permite o uso, eles tem que estar consciente da situação que eles vão fazer uso e não só fazer uso por fazer uso, mas fazer uso direcionado para aquela atividade, e existem atividades quem não permitem o uso, como uma exposição de uma aula abordando o tema e que posteriormente você vai poder até utilizar, mas que naquele momento você não precisaria utilizar, então nesse momento tem que ter uma intervenção (P8, 2017)

Os depoimentos em questão deixam transparecer uma preocupação muito forte dos professores, desde o início da relação, no sentido de instituir um caráter disciplinar favorável à realização das atividades docentes, que lhes permitam executar suas aulas dentro de uma proposta pedagógica racionalmente sistematizada para garantir o ensino dos conteúdos disciplinares previstos no planejamento pedagógico-docente. Devemos ressaltar que, não obstante ao uso da terminologia “regras”, as estratégias de regulação ditada pelos professores geralmente são acompanhadas de uma ameaça anunciada ou velada de uma ação punitiva, evidenciando a dimensão autoritária que permeia a relação em sala de aula atravessada pelos ditames das modernas tecnologias de comunicação, como o celular.

Esse quadro relacional desvela uma situação muito preocupante na relação professor-aluno, que é a existência de um distanciamento abismal entre ambos, no sentido humano, indicando que a experiência educativa se perdeu pelos caminhos da racionalidade pedagógica e instrumental da formação escolar. Dominados por um profundo sentimento de abstração espiritual na profusão do desenvolvimento tecnológico, professores e alunos perderam-se de si e da relação com o outro na dimensão de experiências concretas existenciais, na medida em que se quebrou o encantamento do ensinar no sentido de pegar pela mão, conduzir e caminhar pelas trilhas da vida e aprender pelo encontro de um com o outro sob os auspícios de uma ética inter-humana como nos ensina o pensamento filosófico marceliano, segundo o qual o homem perde a noção de si mesmo e passa a ter sua vida condicionada por elementos externos à sua própria vida, caindo sob jugo do condicionamento social massificado(MARCEL, 2001).

O que percebemos é que cada um, vive a sua própria individualidade com suas verdades racionais, profundamente envilecidos pela instrumentalidade da vida, traduzida em sedutoras possibilidades que a tecnologia dispõe. Professores de um lado, competindo com as tecnologias móveis em sala de aula, numa perspectiva de enfrentamento e alunos de outro,

mergulhados na realidade virtual, ignorando a tradição pedagógica e a ação educativa e docente como estratégia de formação em sua vida, provocando em alguns momentos um quadro de “disputa” por espaços entre professores e alunos como podemos perceber nos depoimentos a seguir:

ele tem que saber o que é mais importante, se é a aula que ele vai perder, a explicação do conteúdo ou uma troca de ideias entre eles, os alunos pra ele se ausentar ou não. A gente tenta chegar nesse consenso ai, agora se o aluno não consegue entender esse processo, ai eu paro a aula e chamo atenção. Digo: olha tá incomodando, você pode se retirar, se não, desligue seu celular. (P6, 2017)

eu consigo me relacionar brincando com eles e pedindo insistentemente pra que eles prestem atenção, fica uma guerra, eu pedindo e outros insistindo em querer usar o aparelho.(P7, 2017)

Desse modo, a ação educativa, passando à margem da condição de uma experiência humana, é praticada no campo da imanência como um movimento objetivado que provoca um eclipse na capacidade de professores e alunos viverem uma verdadeira experiência de formação humana entre si por meio da educação, caindo num lodaçal de competitividade e violência contra a sua própria humanidade, e lançando-os em um pântano de individualidades e particularismos, perdendo de vista a possibilidade de relações intersubjetivas de alteridade, baseadas no diálogo (MARCEL, 2001).

Devemos chamar atenção para o fato de que alguns professores buscam estabelecer com os alunos usuários de celular em sala de aula uma relação baseada em normas de contrato, mas estas deixam transparecer um conteúdo autoritário, à medida que são orientadas por regras estabelecidas unilateralmente pelo próprio professor para o aluno obedecer.

Por outro lado, eventualmente percebemos um conteúdo democrático em algumas dessas contratualidades em sala de aula, considerando que alguns “acordos” são acompanhados de algumas formas de liberdade de uso do celular, mediante a importância da necessidade naquele momento, como uma prioridade de contato com familiares ou pessoas de suas relações, o que com anuência do professor, o aluno tem liberdade para sair de sala e realizar as operações demandadas em seu celular. Mas, ressaltamos que essa “liberdade concedida” considerada na esfera do trabalho pedagógico, pode ser uma estratégia do docente para assegurar que sua prática pedagógica em sala de aula tenha continuidade sem interrupções indesejáveis. Essa reflexão nos foi possível construir a partir do que dizem alguns professores em seus depoimentos:



Normalmente a gente conversa e tenta amenizar a situação daquele momento, agora normalmente tem um, dois...que ainda insistem, alguma coisa assim e a gente acaba tendo que tomar alguma providência mais drástica, mas normalmente não acontece, mas eles acabam perdendo o foco daquele momento;(P4, 2017 )

Eu normalmente converso no início do ano. A gente faz um acordo e quem tiver precisando ligar ou vai receber alguma ligação e, percebe que vai incomodar ao professor trabalhando um raciocínio que não pode parar naquele momento, então o aluno tem liberdade de sair naquele momento da sala, desde que seja importante. (P6, 2017)

No primeiro dia de aula eu procuro apresentar o que a gente vai trabalhar, a forma como eu trabalho e coloco pra eles que temos um pacto, então eu falo de uma certa maneira até irônica com eles, eu pergunto se “alguém aqui é médico, bombeiro, é pai ou mãe de família com criança pequena” pra dizer que esses seriam os casos em que eu aceitaria o uso de celular. Desses aí pouquíssimos casos eu já tive de alunas mães e eu compreendi essa situação e aí então eu faço um pacto com eles de que esse celular tem que ficar no silencioso. Se o celular tocar, que eles peçam pra sair e atender o celular. (P10, 2017)

Quando o professor propõe uma pseudoliberalidade para o aluno sair de sala em razão da necessidade de uso do celular, inferimos que ele encontra aí uma estratégia para executar racionalmente e com disciplina a sua prática docente. Mas não podemos deixar de construir, numa perspectiva fenomenológico-hermenêutica, uma reflexão que nos leva à percepção do desapego humano, na medida em que suprime a oportunidade do professor realizar um acolhimento daquele aluno em suas necessidades humanas, numa experiência relacional de alteridade que provoque o encontro existencial entre ambos numa relação dialógica e de sentido inter-humano.

No entanto, no seio dessa relação pendular em torno da utilização de celular por alunos, como indicativo predominante para a regulação pedagógica em sala de aula, podemos verificar que em momentos eventuais abrem-se possibilidades para o encontro buberiano entre professor e aluno, como é possível percebermos nas tessituras dos depoimentos em foco, quando, alguns professores relatam manifestações de conversa, respeito e aproximação pelo ato de cativar o outro, que são sentimentos basilares para a constituição de nossa humanidade em experiências concretas de alteridade.

Normalmente eu peço para o aluno desligar o celular e ele desliga e guarda, converso algumas vezes quando eu percebo que já falei uma duas vezes com ele, é mais na conversa, no respeito e até agora tem dado certo. Agora é preciso saber cativar seu aluno. (P5, 2017 )

Eu acho que tem muito a ver com a forma como você consegue convencer ao aluno, como você se dirige ao aluno pra que ele não use o celular de modo inadequado. É do conhecimento de muitos, atritos que tem ocorrido entre professor e aluno por causa do celular, eu particularmente, nunca tive nenhum atrito com aluno por causa disso. (P9, 2017)

Essas falas nos possibilitam pensar a relação em sala de aula entre professor e aluno na sociedade tecnológica industrial, no âmbito de um processo que evidencia a itinerância do “*Homo viator*” e sua inesgotabilidade no sentido de reencontrar-se com a vida subjetiva numa relação intersubjetiva humanizada sob os auspícios da esperança (MARCEL, 2005). Por esse viés, acreditamos que, numa perspectiva fenomenológico-hermenêutica, nesses momentos de aproximação orientados pela dimensão do “Eu- Tu” entre professor e aluno, pode ser desvelada a capacidade de percepção de sua humanidade numa dimensão de existência transcendente, traduzida no amor e na disponibilidade, possibilitando o emergir de um para outro por meio de experiências educativas voltadas para uma formação de totalidade humana, diluindo o cenário de violência que tem ameaçado a existência humana no mundo.

**d) A violência conectada em sala de aula:** velada e anunciada.

A configuração atual do mundo contemporâneo é amalgamada por tessituras que atingem todas as dimensões da sociedade humana, desde as mais simples até as mais complexas relações estabelecidas entre os indivíduos. No âmbito sociológico, uma das questões mais notórias é a disseminação da violência na dinâmica de todas as instituições, a começar pela família, escola e, posteriormente, estendendo-se por outros espaços, onde processos sociais se desenvolvem. E o mais preocupante é a naturalização desse cenário, o que tem colocado em xeque o próprio sentido da vida.

Nesse contexto, a escola tem sido um dos espaços mais afetados, onde as ações de violência, em seus diversos formatos, têm atingido toda a comunidade escolar, comprometendo o processo ensino-aprendizagem, mas sobretudo, a vida física e social de crianças, jovens e adultos que buscam na escola a concretização de sonhos construídos. Mas, acreditamos que ainda é possível modificar esse cenário, incentivando atitudes éticas que possibilitem o resgate de relações efetivamente humanizadas no ambiente escolar.

A violência é um fenômeno sociológico que há muito tempo faz parte das composições que regulam as relações entre os indivíduos em muitas sociedades humanas,

onde as desigualdades sociais são dominantes e o poder público não consegue implementar políticas efetivas no combate ao quadro de violência que se abate sobre a sociedade. As pessoas perderam-se de sua própria humanidade, ao distanciarem-se de valores importantes que edificam a nossa condição numa dimensão de existência em relações intersubjetivas de alteridade, como nos ensina o pensamento marceliano, que na contemporaneidade o homem está mergulhado em uma crise existencial, em razão da qual não consegue se ver e nem tampouco ver o outro por uma relação ética inter-humana, visto que está dominado por um espírito de abstração que o tem cegado eticamente pela racionalidade instrumental, revelando-se como um “homem problemático” em sua existência no mundo (MARCEL, 1956b).

Nas escolas, esse fenômeno tem assumido formas variadas que a mídia tem explorado intensamente, chegando a se pensar num quadro de ações sem limites, provocando nos educadores e na sociedade uma sensação de angústia e impotência, face aos indicadores alarmantes que a violência tem apresentado em ambientes escolares. E o mais grave é que esse fenômeno parece se naturalizar, sendo tratado muitas vezes com indiferença, como sendo uma questão comum. “A violência é considerada inconcebível, condenável e, simultaneamente, banalizada, percebida como inevitável e fatal - o que leva à indignação e, contraditoriamente, à indiferença.” (ABRAMOVAY, 2004, p. 1)

Discutir sobre a violência numa perspectiva sociológica e fenomenológica requer buscar uma compreensão das relações de sociabilidade que os indivíduos estabelecem relações entre si, que permitem a emergência dessa categoria como resultado da dilaceração de valores que constituem a essência da humanidade, como o diálogo, a escuta, a cooperação e a solidariedade entre as pessoas.

Nesse sentido, buscamos situar de modo mais pontual esse debate acerca da violência, no contexto das relações de sociabilidade que são construídas no âmbito escolar, mais especificamente na sala de aula, visto que como educador-professor, este pesquisador, a partir de um horizonte hermenêutico específico edificado em uma cultura de paz, sensibiliza-se profundamente com o cenário da escola de educação básica, sobretudo da rede pública, que cotidianamente tem sido transformada em “arena”, perdendo-se de vista a formação e o desenvolvimento de valores humanos que são fundamentais para a construção de uma cidadania baseada em relações solidárias e orientadas por uma ética humanizada.

Observamos que a escola nos primeiros anos do século XXI tem enfrentado grandes dificuldades para o desenvolvimento de sua missão que, segundo a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), é a formação do aluno e a sua preparação para a vida, trabalho e conquista da cidadania. A instituição escolar da contemporaneidade,

sobretudo da esfera pública, tem convivido com situações de instabilidade nas relações entre os atores do âmbito educativo, em formas diversas como famílias desestruturadas, desemprego, tráfico e uso de drogas, criminalidade e uma ampla utilização de novas tecnologias na construção de um cenário de barbárie e destruição, corroborando-se com a afirmação de que “a escola acaba se transformando em um território de produção de violências de diversas ordens, tipos e escalas.” (ABRAMOVAY, 2004, p. 1).

As observações realizadas no processo desta investigação científica indicam a gravidade da violência no ambiente escolar. Situações como agressões físicas e verbais entre alunos, atitudes de aparente hostilidade entre professores e alunos, depredação do espaço físico, quebra de carteiras escolares, uso de drogas, pichação de paredes da escola, uso de sons agressivos por meio de mídias digitais móveis no ambiente escolar, dentre outros.

A violência que domina as escolas na atualidade reflete profundamente na qualidade do processo ensino-aprendizagem, colocando em xeque a formação escolar das crianças, adolescentes, jovens e adultos que geralmente buscam na escola a mobilização de conhecimentos que lhes proporcionem uma vida melhor, tal como pode-se constatar na citação a seguir:

A violência na escola é um fenômeno gritante já que as mesmas têm um grande potencial de desorganizar a escola, o processo ensino-aprendizagem e também de desestabilizar as relações entre os atores que nela convivem, inviabilizando o cumprimento de seu papel social. (ABRAMOVAY: s/d)

Em muitas escolas, sobretudo da esfera pública, salta aos olhos o cenário de violência que impera nessas instituições. Os protagonistas da violência são todos sujeitos envolvidos no processo educativo. Os atos de violência são de toda ordem.

Conforme Delors (2001), a escola é um espaço que deve ter por missão oportunizar um desenvolvimento da pessoa humana como possibilidade de libertar as crianças e jovens da pobreza, exclusão social, intolerância e opressão. Quando as famílias colocam seus filhos na escola, nutrem a expectativa de que estes serão orientados por uma ação educativa ancorada em princípios basilares de humanidade e na esperança de uma vida melhor, na busca de concretização de sua cidadania.

Entretanto, segundo Abramovay (s/d), o que se encontra muitas vezes é uma escola que “exclui os seus alunos, não respeita as diferenças e é elitista”. Além de ser excludente, essa escola não respeita a criança e o jovem, expulsando-os do espaço escolar. Essa afirmação também é corroborada por Sibilia (2012), segundo a qual, o aluno encontra uma escola

totalmente anacrônica e apartada da realidade cotidiana, profundamente marcada pelo uso de novas tecnologias de comunicação em quase todas as atividades cotidianas da vida. Por esse olhar, a escola ainda está alicerçada, na maioria dos casos, em uma pedagogia tradicional baseada apenas numa relação verbal e livresca em sala de aula e descolada da realidade tecnologizada do mundo contemporâneo, não obstante ao uso intenso de tecnologias móveis de comunicação em todos os setores da escola.

Esse cenário, marcado por diferenças sociais e de temporalidade, tem fomentado um pano de fundo para a (re)produção da violência nas mais variadas formas, o que impõe dificuldades à escola para desenvolver o processo ensino-aprendizagem, abrindo precedente para uma formação sem qualidade e distante de valores humanos. Desse modo, a escola não consegue cumprir seu papel educativo; do ponto de vista das famílias dos alunos, a escola é como um espaço de mobilização de saberes que amalgamam a formação de sua condição humana e cidadã (CHARLOT, 2002).

Quando a escola não consegue dar conta da sua missão e das múltiplas relações construídas pelos atores sociais do âmbito institucional, emergem fenômenos que dilaceram qualquer perspectiva de uma formação humana-cidadã baseada em laços de solidariedade.

Esse cenário se revela alarmante para nós, especificamente educadores, e em um nível macro para a sociedade, quando se pensa que a escola é um espaço formativo que deve possibilitar a conquista da cidadania num ambiente de harmonia. Inversamente, a escola tem se mostrado com um ambiente de (re)produção da cultura da violência. Os atos de violência assumem condição de ícones da cultura de valorização do poder muito presente no mundo contemporâneo. Na escola, para alguns alunos, a prática da violência representa uma estratégia de autoafirmação diante dos demais colegas. Com isso, o medo se torna uma das principais consequências do quadro de violência que impera no ambiente escolar.

Os atos de violência, a cada dia se tornam mais graves, alarmantes e cada vez mais frequente, instituindo uma situação de pavor e medo na comunidade educativa. Esse cenário tem assumido formas muito diferentes nos últimos tempos. Fatos que têm sido muito comuns na escola são: pequenos furtos, brigas entre alunos, agressões verbais e físicas, tráfico e uso de drogas lícitas e ilícitas, alunos que tomam atitudes de enfrentamento com ações e expressividades agressivas entre si com professores, coordenadores e outros segmentos funcionais da escola, e inclusive um meio mais recente de promoção da violência são as novas tecnologias de comunicação móveis, pelos quais alguns usuários de mídias tecnológicas postam vídeos, textos e fotos profundamente ofensivas em redes sociais, provocando sofrimento e perda de sentido da vida em muitas vítimas desse tipo de violência, que entram

em completo estado de envilecimento, experimentando uma anulação de seus próprios valores em razão do aviltamento de sentido de suas vidas (MARCEL, 2001).

Além dos exemplos mais triviais, como brigas, agressões verbais, pequenos furtos, uso de drogas, dentre outros, percebemos que o uso de novas tecnologias de comunicação tem provocado novas formas de violências, fomentando posicionamentos, depoimentos entre os atores que integram a comunidade educativa.

Uma questão que está em evidência em muitas escolas é a utilização de novas tecnologias de comunicação, sobretudo o celular e *smartphone*, que em muitas situações têm fomentado a emergência de novas formas de violências no ambiente escolar, transparecendo o mau uso dessas novas mídias de comunicação.

O avanço das tecnologias de informação e comunicação tem provocado entre jovens, sobretudo adolescentes, um descontrole acerca do uso dessas tecnologias, que os tem colocado em grande risco no gigantesco espaço de comunicação interativa do ciberespaço.

Uma forma de violência por meio de mídias de comunicação em grande evidência atualmente e um dos perigos a que estão expostos as crianças e jovens nesse contexto, são definidos por *sexting*, que é uma prática desenvolvida sobretudo entre jovens, cuja característica é a veiculação de fotos, vídeos pornográficos e muitas vezes com cenas de sexo explícito, por meio das novas tecnologias de comunicação disponíveis no mercado cibernético.

O uso dessas novas tecnologias tem fomentado novas formas de violência colocando em cheque o valor da própria vida. Nesse sentido, a violência perpassa pela exploração sexual na forma de prostituição, pedofilia, sexo de risco, “cyberbullying no caso de estas imagens serem usadas para comentário, e provocação pública”. (<http://www.crimespelainternet.com.br/o-que-cada-pai-deve-saber-sobre-sexting/>)

Pressupõe-se que muitos adolescentes e adultos estão utilizando as novas tecnologias de comunicação como uma nova estratégia para o fomento da violência no ambiente escolar, evidenciando uma dilaceração cada vez mais grave dos valores humanos e éticos das pessoas que adentram o ambiente escolar, colocando em xeque o próprio valor da vida.

Sobre essas questões da violência na escola, quando questionados acerca de possíveis ameaças ou sensação do medo em sala de aula, os professores que se manifestaram em seus depoimentos, visto que é um caso delicado de ser comentado, disseram que remetem à existência de um estado de violência declarada e velada à integridade física ou à vida, gerando uma situação de impotência no professor para o exercício da profissão docente,

provocando inclusive de forma eventual, um clamor por mais seguranças para os educadores exercerem seu ofício com mais segurança.

As situações relatadas pelos professores são indicadoras de que atualmente o exercício da profissão docente, sobretudo no âmbito da esfera pública tem sido marcada pelo domínio do medo em razão da ameaça declarada à sua própria vida, desde o ambiente da sala de aula até ao contexto geral da escola, tal como podemos constatar nos depoimentos a seguir:

Sim, eu já fui ameaçado mais ou menos uns três ou quatro anos atrás por um aluno na faixa de 13 a 14 anos. Um menino indisciplinado, eu estava dando aula normalmente, todos estavam atentos e ai de repente ele entra e começa a fazer bagunça; eu falei pra ele se sentar e se comportar e, ele se levantou apontou o dedo em riste e disse eu vou te matar, ai eu disse senta. Eu Dei a volta, bati no ombro dele e disse assim, olha vai merendar, depois a gente conversa. Ai eu fiz uma ocorrência na coordenação e, depois que eu fiquei sabendo que ele é um menino problemático, os pais eram separados, ele morava com o avô, já tinha dado problemas em outras escolas. (...) Eu os respeito para ser respeitado. Eu acho que essa deve ser uma característica muito importante do professor, porque aquele que se impõe demais, ele pode ter dificuldade de relacionamento com a turma. (P1, 2016)

Já, por diversas vezes a gente é ameaçado, por exemplo, tive um aluno que a gente sabia que ele era envolvido com tráfico, e uma vez ele me abordou na porta da escola e disse assim pra mim: “olhe professora, veja lá a minha nota hein! A senhora trate de não me reprovar senão o negócio vai pegar”.(P3, 2016)

Com certeza, em vários momentos, na própria instituição pública nos sentimos um tanto inseguros. Algumas vezes já tive de me confrontar com situações de ameaça à vida, outras situações de confronto que demonstram uma insegurança (P8, 2017)

Já senti, e foi justamente por causa de celular e estava recente o uso de celular que ainda não era para uso de internet, era mais para o uso de fazer e receber chamadas, e o celular do aluno tinha um toque que era o mugido do boi e eu fui grosseira com ele, já era a terceira vez que ele colocava pra tocar ou não sei se realmente estavam ligando pra ele, ou se ele estava ali colocando pra poder irritar, e como era algo novo, eu acabei me estourando com o aluno, me estressando com esse aluno, que de certa maneira me ameaçou, era o turno da noite. O aluno chegou a me ameaçar, não na sala de aula, mas quando eu já estava no carro ele se aproximou e disse “olha isso não vai ficar assim”. Eu comuniquei à direção da escola e quando eu sai da escola eu fiz uma ocorrência na delegacia. então realmente eu me senti ameaçada por essa questão envolvendo o uso do celular. (P9, 2017)

Os relatos dos professores nos remetem a percepção de que fazer educação hoje significa andar por uma linha tênue entre a vida e morte, o que impõe uma relação marcada pelo medo e pela degradação da relação humana. Nesse contexto, a escola e, especificamente, a sala de aula tem se revelado como uma espécie de campo de batalha, onde prevalece o domínio pelo medo que se impõe nesse ambiente, revelando uma disputa de poder num cenário de hostilidade e tensão entre os protagonistas da ação educativa.

Em um ambiente de violência na escola, os objetivos da ação educativa, focados na formação do aluno, geralmente perdem-se de vista, na medida em que os valores da essência humana, que devem articular a relação entre os atores da comunidade educativa são dilacerados pela emergência do quadro de violência e formação de um ambiente hostil. (COSTA, 2013, p. 296)

Na construção de uma fenomenologia desse quadro de conflitualidade entre professor e aluno, sobretudo no ambiente da sala de aula, na dimensão de uma relação inter-humana, percebemos nos relatos dos professores e na citação apresentada por Costa (2013), algumas questões vinculadas ao quadro de violência em foco nesta reflexão, que perpassam pela dimensão de valores humanos, respeito, relações familiares e tecnologia.

Não podemos compreender esse cenário por uma análise construída à margem dos paradigmas que orientam o mundo da contemporaneidade. Atualmente, as relações entre as pessoas têm sido orientadas predominantemente pela razão instrumental e científica, colocando o homem sob controle dessa esfera “problemática” no sentido marceliano, que afeta todas as dimensões da vida. O tempo das pessoas está tão tomado pela instrumentalidade da vida na esfera do Eu-Isso e do “aqui e agora”, que não existe mais disponibilidade para relações orientadas por uma ética inter-humana, evidenciando uma situação de adoecimento existencial nas relações humanas (MARCEL, 1956b).

As pessoas estão mais distantes entre si, não conversam mais, perderam-se umas das outras no sentido de sua humanidade, provocando uma “catástrofe acidental no homem” Virilio (2001). O homem dominado pela esfera do problema tornou-se um ser isolado no meio da multidão, vivendo em um mundo de estranheza e desconfiança, idolatrando as tecnologias e coisificando as relações humanas, que se afastaram da realidade concreta de intersubjetividade e alteridade, sendo substituídas por novas sociabilidades na realidade virtual, despersonalizando e desumanizando as relações humanas.

Remetendo essa análise para a escola e circunscrevendo-a nas relações de sala de aula, evidencia-se, nos relatos dos professores, que os jovens adolescentes carecem de amor e acolhimento humano, na medida em que em suas ações percebemos um profundo vazio de sentido da vida, mergulhados num vazio caótico de existência que dificulta a sua formação humana, na perspectiva de uma existência baseada em relações de alteridade e solidariedade.

Por sua vez, os professores também manifestam dificuldades de lidar com as situações de violência e hostilidade, porque também são vítimas da instrumentalidade da vida, na medida em que buscam “soluções” para o cenário conflituoso em dimensões institucionais da



escola (coordenação) e da sociedade (delegacia) que lhes são mostradas pelas “janelas” da racionalidade. Afinal, em nossa sociedade, o discurso hegemônico para a proteção e preservação da vida reside, sobretudo, na utilização de recursos institucionais, dificultando, desse modo, a percepção de relações mais humanizadas entre as pessoas na busca de uma cultura de paz, edificada em valores éticos inter-humanos.

Nesse contexto de violência na escola, tão marcante na relação professor-aluno na atualidade, ressaltamos a partir de alguns relatos que algumas vezes o professor sente medo por ameaças veladas, elucidativas da tentativa de uma imposição de poder, como nos remete o depoimento a seguir:

Tivemos um aluno, que foi preso por assalta a mão armada em ônibus e por isso foi preso, quando ele voltou, impunha-se para o professor e os colegas na sala de aula em tom ameaçador, e isso é constante em nosso dia a dia na escola. Meu lema é trata-los muito bem, mas pra que eles não se voltem contra mim em nenhum momento, isso é uma forma de eu proteger mesmo a minha vida. (...) Tem aluno que já te ameaça só no olhar; Semana passada eu estava dando aula, ai eu perguntei: quem ainda não recebeu o livro? Um aluno levantou a mão; eu disse então desça para pegar o seu livro. Ai ele desceu e veio procurar o coordenador da tarde, para o qual relatou que tinha um aluno meu que estava armado, ele estava com um revolver aqui no bolso dele. E ai não demorou muito, o coordenador subiu e me chamou em particular e me disse. Eu fiquei nervosa, fiquei ali mais uns 15 minutos, assim, Dava uma voltinha olhava e realmente tinha algo no bolso do aluno, aí comecei a ficar nervosa, com medo, mas eu não podia demonstrar ali, fiquei mais uns 15 minutos ai inventei que estava com dor de cabeça, que ia descer mais cedo, mas na verdade eu estava era com medo e liberei eles, mandei eles logo embora. (P3, 2016)

Eu tive um caso de chamar atenção do aluno, porque queria me peitar, criar uma forma dele de se comportar na sala, que eu não aceitei, ele estava atrapalhando a aula e eu fui pedir pra ele sentar, ele falou que sentava se quisesse, então eu sai de sala. Depois eu fiquei pensando as duas vezes que esse aluno bateu de frente, e ai conversando com colegas, eles disseram: olha esse ai, o avô é traficante, o pai é traficante, então ele também vai ser traficante. Pelo comportamento dele fiquei receoso de que poderia sofrer alguma retaliação. (P7, 2016)

Percebemos nesses depoimentos que os valores humanos se perderam no cerne da racionalidade instrumental traduzida no desenvolvimento tecnológico da sociedade contemporânea. Os sentimentos de solidariedade, alteridade, diálogo e a escuta estão dilacerados, mas a esperança de resgatarmos a condição humanizada na escola, por meio de uma educação verdadeiramente libertadora e redentora, baseado em sólidos princípios éticos, não pode ser perdida de vista, em nenhum momento de nossa vida na relação com o outro.

Nesta perspectiva, não podemos deixar de acreditar na superação desse quadro em que o humano está fragilizado. Devemos acreditar que é possível mudar esse cenário para um ambiente de não violência, por meio de ações de fomento ao diálogo, possibilitando o

estabelecimento de uma ética que nunca perde de vista o homem em sua dimensão humanizada. A intenção de Buber é “desvendar o sentido existencial da palavra que, pela intencionalidade que a anima, é o princípio ontológico do homem como ser dialógico e dialógico.” (BUBER, 2001, p. 41).

Desse modo, defendo a hipótese de busca da não violência por uma ética edificada em uma relação de alteridade. Nessa relação faz-se necessário conhecer o aluno, não como um indivíduo institucional matriculado regularmente em uma escola, mas como uma pessoa com sentimentos humanos, é condição fundamental para a instauração de um espírito dialógico, fundado na escuta e na esperança, que podem proporcionar a não violência.

A ética Buberiana como possibilidade de mediação da violência e não violência na escola, apoia-se no princípio de que “o diálogo é portador da esperança” (BRITO, 2012, p. 26). Todavia, na visão do referido autor, ao refletir sobre a filosofia de Buber, esse diálogo fundado na esperança não é orientado pela razão instrumental, que mobiliza um conjunto de interesses na dimensão Eu-Isso, entre os indivíduos envolvidos no processo social em questão, mas uma relação dialógica alicerçada na presentificação das pessoas, elucidando a dimensão inter-humana que Buber (2001) denomina de relação Eu-Tu. Conforme o autor, essa dimensão relacional acontece, “quando olhamos para alguém, quando dirigimos a palavra, é com movimento natural do corpo que a ele nos voltamos; porém na medida do necessário, quando a ele dirigimos nossa atenção fazemo-lo também com a alma.” (BUBER, 1982, p.56).

Devemos considerar que essa relação Eu-Tu, conforme Buber, é um evento e é exatamente nessa dimensão que surge a esperança, pois é nela que se constrói a verdadeira alteridade, quando as pessoas se entregam numa relação de totalidade humana. Na relação Eu-Isso, a totalidade humana não se manifesta, visto que a mesma é orientada pela racionalidade instrumental. “Buscar a superação desse dilema em algo que ao final, mesmo sem segurança alguma, como dizia Buber, remete à esperança e à possibilidade de encontrar uma luz no fim do túnel.” (MENDONÇA. 2007, p. 6).

No cerne dessa concepção filosófica, acerca da relação inter-humana, vislumbramos uma possibilidade de mediação da violência, fomentando a esperança de um ambiente de não violência no espaço escolar. Acreditar que esse estado é possível de ser alcançado, não por meio de políticas ou ações institucionais punitivas, mas pela humanização e presentificação das relações entre todos as pessoas da comunidade escolar.

Assim, defendemos que o trato com a violência na escola deve ser conduzido com base nos princípios do pensamento buberiano, tomando-se em consideração as dimensões da

relação Eu-Tu e Eu-Isso, desde que esta última não impeça a emergência da primeira. Não podemos perder de vista que a racionalidade do ambiente escolar requer um cenário de não violência, mas é condição fundamental: que o encontro inter-humano por meio do diálogo possa fomentar a esperança nas pessoas, que a escola consiga instituir um ambiente favorável a uma educação efetivamente humanizada, formadora e libertadora.

#### 4.4 ALUNOS CONECTADOS E O TRABALHO DOCENTE EM SALA DE AULA

Quando questionados acerca da influência que o uso de celulares por alunos em sala de aula exerce na qualidade do trabalho docente, os relatos mais recorrentes dos professores entrevistados indicam a referida mídia digital de comunicação como um elemento que dificulta a construção do processo ensino-aprendizagem de qualidade.

As falas sinalizam para uma perspectiva racional de educação, pela qual o celular não fomenta uma relação positiva para a qualidade do ensino-aprendizagem em razão da ausência de uma metodologia que facilite ao docente o uso do celular como ferramenta pedagógica em sala de aula, bem como apresenta o argumento de que uma suposta fragilidade do sinal da internet nas escolas dificulta o uso desse suporte de comunicação, que depende de uma boa rede de internet para estabelecer conexão com a realidade virtual e navegar em *sites* que oportunizem a busca de conhecimentos, considerados fundamentais para a formação escolar do aluno, tal como é possível percebermos nos depoimentos a seguir:

o celular não facilita porque nós não temos uma metodologia de trabalho de uso do celular. Para usar o celular com todo o recurso que ele tem, a escola tem que disponibilizar uma internet acessível, com sinal forte e que o professor já tenha um site indicado para pesquisar. Então está precisando de uma metodologia de trabalho de uso do aparelho celular em sala de aula.(p1, 2016)

Eu procuro direcionar isso de forma que ele acabe... se for pra prejudicar que ele se prejudique sozinho, que não atrapalhe a minha aula e nem ao seu colega e eu busco direcionar o uso do celular de uma forma pedagógica, mas o problema todo é a dificuldade de acesso à internet, as vezes tem um que diz que pode rotear pra um colega, pra dois, ou então no celular dele ele tenta mostrar algo pra alguém. (...) Então fica uma diferença muito gritante para você utilizar o celular como recurso pedagógico, então eu evito fazer isso, e como é um numero elevado de alunos não dá pra você chegar e dizer pra um colega ou dois compartilhem, porque vai ficar complicado. (P10, 2017)

Mas, as observações realizadas em sala de aula articuladas a uma hermenêutica dos depoimentos de professores entrevistados, remetem-nos a percepção da indiferença de muitos

professores no sentido de mobilizar conhecimentos metodológicos que os possibilitem realizar intervenções pedagógico-docentes para a produção do conhecimento por meio de aparelhos celulares, os quais viabilizem a construção de relações intersubjetivas entre professores e alunos, através da tecnologia como um meio para alcançar um fim e não como um fim que se esgota em seu próprio utilitarismo.

Conectado com mídias digitais de comunicação e/ou ligado na realidade virtual, segundo os presentes depoimentos, o aluno não aprende o que está sendo ensinado, repercutindo diretamente na aprendizagem dele de forma negativa, na medida em que sua inserção no mundo tecnológico o faz perder de vista sua busca formativa, pedagogicamente traduzida na execução das aulas ministradas pelo professor, que nos faz perceber nos depoimentos a seguir:

primeiro que ele não aprende, porque se eu estou explicando matéria, ele não está ouvindo, porque ele está ligado na música, se eu estou passando exercício ele também não está fazendo porque está manuseando celular, então isso interfere muito com certeza no aprendizado, na qualidade do ensino porque aquilo me incomoda porque eu tenho que parar para chamar atenção, e é uma coisa que me incomoda muito, eu tô ali dando aula e o aluno não está nem aí, com fone no ouvido ou baixa a cabeça e fica ali no celular dele. (...) aí eu paro a aula, e digo novamente olha tira o fone do ouvido, aí eu acho que isso prejudica muito o andamento da aula para o aluno e pra mim, eu tenho que parar chamar atenção e reiniciar o que eu estava explicando, é difícil. (p3, 2016)

eu percebo e se comprova uma distração, perda de foco do aluno em relação ao que está sendo abordado, pra mim isso é um prejuízo, esse prejuízo por sua vez transcende ao individuo porque ele passa a envolver quem está ali em volta dele, quem está do lado, embora não esteja mexendo, mas ele tem sua atenção desviada por aquela situação, por mais que ele não participe diretamente, mas ele participa de uma forma que começa desviar sua atenção do que está sendo discutido na sala de aula, aí ele atrapalha nesse sentido de forma negativa.(P8, 2017)

Bom, eu vejo assim a partir do momento que eu vou pra sala eu preciso ter atenção do meu público, então se tem algo que distrai então o meu trabalho fica prejudicado como o do ouvinte também, que ele termina ficando sem informação, e isso vai repercutir nas notas, no desempenho escolar. (P9, 2017)

Os relatos em foco também sinalizam para um desgaste emocional do professor, que se sente desprestigiado pelo aparente desinteresse do aluno, sendo lançado num quadro de desânimo e de envilecimento, no qual ambos estão degradados de valores humanos pelo seu principal aviltador, a tecnologia idolatrada, na medida em que centram sua existência em relações cada vez mais racionais e instrumentais pelas quais “o perseguidor tenta destruir em um ser a consciência, ilusória ou não, que esse ser tem de começo sobre o seu próprio valor”(MARCEL, 2001, p. 43).

Nessa perspectiva, relação entre professor-aluno sob tutela da tecnologia entra num estado de degradação que se traduz num cenário de vazio ético, que destrói o sentido da experiência educativa, não apresentando efeitos positivos na formação do aluno e nem tampouco na satisfação pessoal e profissional do professor, como é possível perceber no relato a seguir:

Olha a dificuldade, que não tinha tanta antigamente; esse aluno é cheio de informações, apesar de não saber usar a maioria delas muitas vezes, ele tem a quantidade, mas não tem a qualidade, de qualquer maneira o nosso trabalho é hercúleo, esse nosso de chamar o aluno, olha preste atenção aqui, é uma coisa difícil realmente, todo dia você tem que matar um leão; você deve ter o carisma necessário pra chamar o aluno naquele momento, e a competência para utilizar aqueles recursos ali, humanos e tecnológicos pra produzir uma aula bastante positiva. (P5, 2017)

O depoimento pontua que o professor passa a maior parte do tempo de aula numa relação de tensão e conflitualidade entre o exercer sua função docente e conseguir cooptar a atenção do aluno, que está mais interessado em suas formas de comunicação disponibilizadas pelas mídias tecnológicas móveis, sem dar sinais de compreensão de sua presença ali em sala de aula, evidenciando, segundo o relato em questão, uma influência negativa na qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Mas, por outro lado, o relato evidencia a necessidade de qualificação para os professores aprenderem a lidar com esse novo movimento da docência em sala de aula, o que muitas vezes os professores tem dificuldade de percepção em razão da utilização de jurisprudências docentes consideradas consagradas pelo tempo de exercício do magistério, verificando-se desse modo, uma coexistência de temporalidades diferentes num espaço, onde a principal preocupação deveria ser a busca de um reencontro com nossa humanidade por meio da experiência educativa.

Nessa situação relacional na sociedade tecnológica industrial, as pessoas, neste caso professores e alunos, estão tão tomadas pela tecnologia, que não dispõem mais de tempo para si e nem tampouco para o outro, vivendo numa dimensão de imanência marcada por um aspecto pantanoso e movediço. O Eu e o Outro perderam-se de vista pelo homem contemporâneo, apontando para um mundo, onde os homens são estranhos entre si, assumindo a condição de “o homem problemático”, caracterizado pela perda de percepção de si e do outro, em razão do extremo particularismo provocado pelo mau uso da técnica, tornando as pessoas tão próximas e tão distantes simultaneamente, que chegam a perder o sentido e o significado da vida (MARCEL, 1956b).

Traçando um paralelo com as relações em sala de aula no meio da profusão do desenvolvimento tecnológico, alunos e professores perderam-se de suas relações intersubjetivas, baseadas no olhar face a face e na solidariedade. Não se conhecem mais; revelam-se estranhos a si mesmos; o diálogo foi substituído por regras racionais de convivência baseadas na premiação e na punição; cada um enclausura-se em suas realidades e verdades construídas, em face do estado de disputa que tem se construído em decorrência do desenvolvimento tecnológico na escola e a valorização de uma educação voltada para uma formação pedagógica predominantemente racional e tradicional.

Por um viés instrumental, alguns depoimentos afirmam que os alunos da geração “*online*” já nascem no seio da efervescência tecnológica, com uma noção de tempo e velocidade marcados pela instantaneidade das coisas e da vida. Articulando essa percepção de tempo e velocidade do aluno e sua relação com as novas tecnologias, evidencia-se uma espécie de multitarefa, na medida em que por meio de aplicativos tecnológicos avançados, ele estabelece simultaneamente uma multiplicidade de formas de comunicação e relações, inclusive na sala de aula, o que repercute no seu aproveitamento cognitivo no processo ensino-aprendizagem.

hoje com a velocidade da informação, com essa explosão tecnológica, a gente percebe o seguinte, que a própria geração que já nasce nessa velocidade de informação, o que acontece, eles acabam não focando, não centrando, não aprofundando alguns conceitos, porque? eu penso assim, o aluno com um aparelho desse em sala de aula, ele consegue falar com várias pessoas ao mesmo tempo, com vários grupos, vários assuntos diferentes, baixam programas, gravam sua própria aula, pra ouvir e procurar entender depois, fazendo várias coisas ao mesmo tempo, isso é da própria geração deles, eles nasceram nessa velocidade da informação. então eu vejo que isso vai acabar repercutindo no aprendizado dele. (p4, 2017)

Segundo o presente relato, em determinados momentos, quando o aluno utiliza o celular para desenvolver alguma atividade relacionada às atividades realizadas em sala de aula acerca das questões curriculares, ele o faz também na mesma velocidade inerente às outras coisas, repercutindo de forma aligeirada a sua compreensão acerca do tema buscado por meio da tecnologia, em face de que seu movimento de busca não é acompanhado de uma reflexão mais aprofundada e refinada pedagogicamente, implicando em uma compreensão apenas superficial e pontual do assunto proposto pelo professor, resultando em uma pseudoaprendizagem. Desse modo, podemos considerar que da forma como o celular é utilizado, mesmo em alguns momentos como uma eventual ferramenta pedagógica, não

contribui para o trabalho docente em sala de aula e nem tampouco para melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizado.

Na perspectiva do professor, outra questão evidenciada no depoimento remete ao aspecto instrumental do processo pedagógico, na medida em que revela o papel da escola e do professor como meios de mobilização de conhecimentos disciplinares que credenciam aos alunos submeterem-se a provas de validação de sua aprendizagem. Na relação com o uso de tecnologias móveis em sala de aula, essa aprendizagem fica comprometida pela superficialidade e aligeiramento dos estudos, que segundo o professor entrevistado, os alunos, orientados por uma noção de tempo do “aqui e agora”, não se disponibilizam em uma dimensão temporal para o aprofundamento dos temas estudados, tal como fica evidenciado nos relatos a seguir:

na (*disciplina- grifo nosso*) não adianta ele só entender aquele assunto, que normalmente ele entende, mas na hora de aprofundar, fazer o exercício, de focar na prova do vestibular, do ENEM, de otimizar o tempo, cuja grande reclamação hoje é o tempo de prova, eles acabam perdendo esse treino do exercício, da compreensão; ele vê o assunto e acha que já entendeu, e aí ele não quer aprofundar, trabalhar para ganhar essa habilidade para resolver os modelos de questões que tem visto nessas provas de ENEM, então acaba prejudicando nesse sentido. (P4, 2017)

Não tem qualidade! O que a gente vê é cada vez mais esse aluno se distanciando do livro, do conhecimento e achando que a praticidade de chegar e conseguir o objetivo que é tirar a nota na avaliação já é suficiente. Cada vez menos a gente vê a pessoa escrevendo, e é muito ruim, não está trazendo nenhum benefício. (P7, 2017)

Os relatos apontam para mudanças de comportamento na construção de uma nova relação com o saber. Tudo é muito rápido e o trânsito na realidade virtual obscurece a tradição do conhecimento posto no livro, pois pelo espírito das respostas dos entrevistados, é o espaço pedagógico-racional que subsidia o aluno com conhecimento e reflexão. Todavia, ressaltamos que não é esse distanciamento do livro tradicional, mas o afastamento do exercício da reflexão como um atributo humano, que torna caricatural a relação que se estabelece com a aprendizagem no âmbito das novas tecnologias.

O uso de tecnologias móveis, segundo os professores entrevistados, não tem apresentado avanços para o processo ensino-aprendizagem, na medida em que, dominadas por um profundo espírito de abstração, segundo o pensamento marceliano, os alunos evidenciam uma consciência massificada traduzida por um declarado domínio do homem pela máquina, no cerne do qual o discurso hegemônico da tecnologia é de que as demandas humanas encontram respostas instantâneas e imediatas por meio de aplicativos tecnológicos.

Analisando essa relação aligeirada e superficial do celular-aluno-professor-trabalho docente em sala de aula pelas lentes da fenomenologia em um processo hermenêutico, deparamos-nos com a noção de tempo baseada na velocidade da luz, marcado pela efemeridade da vida e das coisas, orientado por uma noção de temporalidade real, imediata e global que explica a instantaneidade e velocidade das formas relacionais (VIRILIO, 1999).

Na realidade virtual, as relações de sociabilidade são construídas de modo tão veloz, que as pessoas não conseguem perceber a sua própria existência no mundo e com o outro, neste caso professores e alunos, cuja relação existencial revela-se dilacerada pelo domínio da tecnologia, destruindo o mistério da educação como uma experiência de formação integral humana, impondo-se a necessidade de resgatar a integralidade humana (MARCEL, 2005).

Esse resgate da integralidade humana requer que professores e alunos reflitam acerca da experiência educativa na possibilidade da construção de propostas educacionais sustentadas por uma ética inter-humana que transcenda o caráter pedagógico-objetivista e racional de formação educativa em função de uma formação que dê sentido à vida humana. É uma visão do homem o qual se busca o aprimoramento de suas habilidades e a promoção de sua emancipação e humanização possível (SILVA, 2014).

Frente a uma percepção mais humanizada, compreendemos que essa relação professor aluno e celular, articulados ao trabalho docente, talvez tome novas direções se as propostas pedagógicas orientadoras do trabalho escolar buscarem sustentação em uma ética inter-humana que torne possível uma ação educativa baseada em relações intersubjetivas de alteridade, onde os seus protagonistas consigam se contemplar na educação como num campo de experiências existenciais concretas e transcendentais, possibilitando desse modo, uma formação de pessoas no sentido mouniesiano, com produção de sentido e celebração da vida e existência no mundo.

#### 4.5 A AUTORIDADE DO PROFESSOR EM SALA DE AULA NA ERA DA TECNOLOGIA DIGITAL

No mundo contemporâneo, as relações de sociabilidade entre as pessoas têm sido decisivamente influenciadas pelas novas tecnologias de comunicação, e um dos temas mais presentes na escola, tão impactada pelo uso de novas mídias tecnológicas, são as relações entre professor e aluno em sala de aula sob influência de tecnologias de comunicação, como o celular, *smartphone* e outros com avançados aplicativos tecnológicos, que tem suscitados



inquietações sobre a situação da autoridade do professor em sala de aula. Diante desse quadro, propusemo-nos a construção de algumas reflexões críticas numa perspectiva fenomenológica a realizar uma hermenêutica da autoridade docente, frente ao uso do celular por alunos em sala de aula a partir das vozes de professores que vivenciam esse cenário.

Quando questionados se o uso de celular em sala de aula por alunos afeta a sua autoridade, alguns professores afirmaram que o uso dessa mídia de comunicação em sala de aula não interfere em sua autoridade, na medida em que diante de uma situação de desatenção do aluno supostamente provocada pelo uso da referida mídia tecnológica, eles solicitam que o aluno guarde o celular e preste atenção na aula, gerando em muitos casos, uma reação de acomodação no aluno, no sentido de atender à determinação do professor, a fim de que seja construído um ambiente considerado adequado disciplinarmente e com atenção de todos para a realização da aula. Os depoimentos a seguir sugerem esse movimento:

Na minha autoridade não interfere, o que ele faz é desviar atenção do aluno e do professor, porque quando eu percebo que o aluno está por muito tempo com fone de ouvido ou muito tempo teclando eu peço, por favor, pra ele guardar para que ele possa acompanhar a atividade da aula. (P1, 2016)

Eu não percebo assim essa questão da autoridade, até porque agente conversa com o aluno, ele até guarda, ele te atende, no entanto, se ele estava envolvido em algum comentário, algum problema dele em relação a algum colega ou alguma coisa, ele guarda o celular até o final da aula. A questão da autoridade aí eu não sinto, mas agente percebe que ele não fica centrado na aula.(P4, 2017)

Desse modo, a autoridade em questão é vista pelo professor como a sua capacidade de gerar a obediência do aluno numa relação de poder a partir de uma ordem instituída hierarquicamente e não espontaneamente, configurando, embora como uma linguagem branda e eventualmente gentil, uma forma de autoridade tradicional com aspecto de poder autoritário.

Paradoxalmente, ao que dizem os professores que não sentem sua autoridade fragilizada pelo uso de celular em sala por alunos, há um indicador velado em suas falas de que eles convivem permanentemente com uma ameaça de não conseguirem executar sua prática docente em razão de um cenário de competitividade entre as aulas ministradas e os atrativos disponibilizados pelas novas mídias de comunicação. Talvez nem o próprio professor perceba a formação desse ambiente dominado pela tecnologia, em cujas tessituras, as relações com o outro vão se tornando cada vez mais frias, autoritárias e vazias de sentido humano.

Em discursos elucidativos dessa preocupação, os professores envolvidos na situação deixam transparecer uma forma de exercício de poder imposto e não a evidência de uma autoridade edificada em uma obediência espontânea e convicta do aluno, como nos ensina Arendt (2009), que autoridade e poder autoritário são categorias diferentes de ação humana. A autoridade não está baseada no poder ou força de alguém fazer-se obedecer, mas sim no reconhecimento e consentimento daqueles a quem se solicita obediência. O fundamento dessa concepção de autoridade não é edificado primeiramente na obediência como uma relação de dominação e subordinação, mas numa relação de reconhecimento da importância de um para o outro, evidenciando-se desse modo que “Sua insígnia é o reconhecimento inquestionável daqueles a quem se pede que obedeam; nem a coerção nem a persuasão são necessárias” (ARENDR, 2009, p. 62).

A autoridade docente na relação professor-aluno expressa nas falas dos docentes em foco relativa dificuldade dos professores em compreender com clareza as discussões existentes acerca do conceito de autoridade para além da relação de dominação e submissão que tradicionalmente orienta a dinâmica da sala de aula. Nessa perspectiva, verificamos um processo hierarquizado de mando e obediência que passa à margem de uma ética inter-humana, na qual professor e aluno não conseguem desenvolver a percepção de um com outro, numa perspectiva existencial mais humanizada e menos assimétrica. Em suas relações de sociabilidade, a autoridade docente não se traduz na busca de uma experiência educativa concreta caracterizada pelo encontro humano, em que um desenvolva uma abertura e disponibilidade para o outro numa relação intersubjetiva edificada no diálogo e sob orientação de uma ética humanizada, a qual a condição de pessoa humana de um pode ser encontrada no outro, como nos orienta o pensamento marceliano, “eu me afirmo como pessoa na medida em que acredito na existência dos outros.” (MARCEL, 2005, p. 34).

Nessa reflexão de Marcel, vislumbramos a grande dificuldade existencial do homem da atualidade. O mundo está tão dominado pelos paradigmas da racionalidade científica, que não consegue mais encontrar a si mesmo e nem tampouco ao outro. Fazendo um paralelo com a discussão sobre autoridade docente em sala de aula frente ao uso de celular, percebemos que professores e alunos não conversam mais, perdeu-se a mágica de professores e alunos se encontrarem como pessoas humanas com responsabilidade de um com o outro num ambiente relacional de alegria e prazer. Essa relação convive com uma crise de autoridade, mas, sobretudo, de humanidade no ambiente da sala de aula, que requer com urgência um reencontro com a esperança de se resgatar na escola uma educação que torne possível o estabelecimento de uma forma de autoridade docente alicerçada no desejo de professores e

alunos sentirem uma disponibilidade marceliana para estar um com o outro na prática educativa como uma experiência existencial concreta.

O processo de observação realizado em sala de aula nos remete a um posicionamento bastante crítico acerca da autoridade docente, na medida em que diferentemente dos depoimentos anteriores nos quais professores afirmam que sua autoridade não é afetada pelo uso de celular, percebemos uma forma crise na autoridade do professor nas relações estabelecidas em sala de aula frente ao uso de celulares por alunos. Enquanto os professores ministram ou tentam ministrar suas aulas, é fato comum muitos alunos passarem a maior parte do tempo de aula envolvido com alguma atividade relacionada ao uso da referida mídia de comunicação, frente a eventuais solicitações do professor para guardarem o aparelho ou completa indiferença deste em relação ao seu uso durante o processo de aula.

Desse modo, entendemos que a autoridade do professor seja numa perspectiva tradicional de mando e obediência ou a busca de reconhecimento de um pelo outro por uma obediência baseada no consentimento e reconhecimento, vivendo um momento de crise no mundo da contemporaneidade.

Podemos constar essa reflexão nas entrevistas realizadas e as observações em sala de aula que apontam para alguns professores, em cujos discursos foram categóricos em afirmar que o uso do celular por alunos em sala de aula afeta a autoridade docente evidenciando a crise referida. Podemos ter essa percepção, na medida em que suas falas sobre a relação celular e autoridade docente indicam que:

Se as regras não forem claras desde o início, você vai ter isso sim, se um está falando no celular, se o outro está falando no celular e você deixar ele usar o celular fora do contexto da aula, se a coordenação deixa, se o professor deixa, se aquilo torna rotina, realmente vai atrapalhar o desempenho do professor. (P2, 2017)

Uma coisa que você jamais deve fazer é ofender ao aluno, bater boca com o aluno. Se aquele aluno não está aceitando participar da aula, quer ficar no celular, então retire ele de sala, mas graças a Deus isso é muito raro ocorrer comigo, e só uma ou duas vezes quando isso aconteceu o aluno se recusou a se retirar de sala, o que eu fiz? Ameacei eu sair de sala se ele não saísse! E aí os alunos saíram de sala, achando que eu ia tomar uma atitude radical, jogando a turma contra eles. (P5, 2017)

O celular quebra o respeito e a autoridade. Eu já tive problema com aluna que eu pedi pra ela tirar o celular do ouvido ela não quis tirar e aí nós entramos numa discussão porque a minha autoridade estava sendo abalada naquele momento. (P7, 2017)

Se não for bem conduzido repercute sim na autoridade do professor em sala de aula, porque ele pode gerar um efeito em cadeia. Se o professor não toma uma atitude, não impõe sua autoridade, isso com certeza vai fazer com que outros comecem fazer

a mesma prática e aí o professor vai perder o controle da turma, aí isso repercute.  
(P8, 2017)

Os depoimentos evidenciam discursos que denunciam o uso do celular como um elemento que afeta negativamente a autoridade do professor em sala de aula, na medida em que os professores alegam que não tem uma atenção espontânea dos alunos para os assuntos ministrados, o que os condiciona a reiteradas paralizações da aula para solicitar aos alunos que deixem de algum modo o celular para dar atenção à aula ou criam regras restritivas e coercitivas de proibição de uso do celular durante a aula, evidenciando uma quebra na autoridade do professor em sala. O discurso do professor reside na valorização de uma prática docente na qual o sucesso da aprendizagem que requer do aluno a ideia da “ordem e disciplina” numa demonstração de obediência vertical ao professor e suas ações docentes. Essa reflexão evidencia nos professores o exercício de um poder coercitivo em nome da preservação da autoridade em sala de aula, revelando a autoridade como um apanágio do poder, para que seja possível àqueles que o obtém assegurem dos que não têm uma obediência incontestada.

Assim, “o recurso à autoridade intervém quando um poder, por razões diversas, tem necessidade, a fim de cumprir eficazmente a função que é sua e de obter obediência daqueles sob quem se exerce, de um acrescento de justificação ou de fundamentação” (RENAUT, 2004, p. 34).

Devemos chamar atenção para a concepção de autoridade que está implícita nas tessituras dos relatos em foco articulada à presente reflexão. Os professores falam de autoridade docente numa perspectiva social hierarquizada, referindo-se a uma relação de regulação e obediência, sendo esta última um comportamento esperado no aluno, que é solicitado, como nos mostram os relatos, para guardar os seus celulares e assistirem a aula numa demonstração de obediência à determinação do professor, que argumenta ser necessário o aluno estar atento aos conhecimentos ensinados em sala de aula, inclusive como uma evidência de respeito ao professor e ao que ele está fazendo em sala. Os professores sentem necessidade de exercer a sua “autoridade” em sala de aula por vários meios, inclusive pela coerção ou estratégia de intimidação, alegando que se regras e normas de regulação não forem

estabelecidas, a prática docente corre o risco de não ser realizada em razão da formação de um ambiente de anomia social na sala de aula.

Essa questão sobre a ação dos professores expressa em suas falas para a necessidade de manter sua autoridade em sala de aula, remete-nos à ideia de funcionalização do homem e do mundo, formulada por Marcel (1949), que consiste em um fenômeno que despersonaliza e desumaniza o homem, deixando-o desorientado diante da vida.

A funcionalização do homem é produzida pela objetivação do mundo, dominado pela racionalidade instrumental. O que orienta o homem nesta perspectiva é sua condição funcional e busca de reconhecimento pelo outro a partir de sua função, que o tem lançado num profundo vazio ético existencial, marcado pela agonia e desespero em razão da perda de vista do sentido da vida como o mistério de sua existência. Neste mundo problemático e funcionalizado, o homem é apenas um funcionário que busca reconhecimento e segurança material em detrimento de uma vida prazerosa com o outro em dimensão de existência humana. Em um mundo cada vez mais dominado pela técnica e pela funcionalização do homem, o sentido da vida e o cultivo da esperança torna-se muito distante, na medida em que “há uma correlação dialética íntima entre um otimismo do progresso técnico e uma filosofia do desespero” (MARCEL, 1949, p. 54). Nesta concepção de mundo, o homem se reconhece cada vez mais pela sua função racional, tornando-se cada vez mais distante de sua plenitude humana existencial.

Na construção de uma fenomenologia da ação do professor em sala de aula, em busca de assegurar o exercício de sua autoridade em articulação com essa formulação filosófica de Marcel acerca da funcionalização do homem e do mundo, percebemos que o objetivo fundamental do professor é fazer-se reconhecer legitimamente pelo aluno por meio de uma atitude deste de obediência ao profissional e à função docente que exerce em sala de aula. Nessa perspectiva, a consolidação da função do professor e de sua excelência profissional só atingirá a sua forma mais plena mediante o reconhecimento e obediência do aluno em relação ao papel do professor em sala de aula. Mas, por um viés fenomenológico esse cenário evidencia uma tecnificação da relação professor-aluno indicando um quadro de tensão, angústia e vazio de sentido humano nas relações estabelecidas entre professor e aluno.

Por outro lado, chamamos atenção para um professor entrevistado, cuja fala aponta para uma relação com razoável horizontalidade relacional, que deixa transparecer uma concepção de autoridade docente baseada no reconhecimento e consentimento em uma forma de obediência mais espontânea e consentida de quem a relação solicita tal atitude, tal como nos remete o depoimento a seguir:

É complicado você chegar e dizer: olha não pode usar o aparelho, eu acho que tem um certo respeito no sentido de que se o professor está falando agora, pelo menos agora não vou falar no aparelho, não vou atender e nem vou ligar, mas se a coisa já foi absorvida, a gente também tem que rever nossas ações pedagógicas para que isso possa ser inserido durante a aula ou pós-aula, de maneira que os alunos e nós que já usamos como ferramenta em nossas relações. Eu acho que não dá para fechar os olhos, por isso eu acho que tem que ser usado mesmo, agora, tem que ter alguns critérios sobre quando usar e como usar, pra que traga retorno. (...) mas isso é só pra ter uma ideia de que a gente não pode ir de encontro ao novo, a gente pode questionar, avaliar e de repente tentar conviver e tirar proveito dessa estrutura...e que foi absorvida pela sociedade e que os alunos fazem parte desse processo. (P6, 2017)

De acordo com o depoimento em foco, a obediência do aluno não deve ser pedida pelo professor, mas reconhecida a sua importância pelo aluno, numa relação de orientador e orientando educacional, cujo reconhecimento e consentimento da obediência deve ser condição fundamental para a realização da aula e da qualidade do processo ensino-aprendizagem. Essa atitude deve representar uma forma de inserção no mundo com suas transformações por meio da ação educativa envolvendo o Mestre com sua experiência e responsabilidade com o aprendiz, cuja obediência deve ser uma atitude de imanência cotidiana para a construção de uma experiência diante de sua existência com o outro no mundo.

É desse modo, quando o professor se responsabiliza pela construção de um novo mundo por meio dos mais jovens pela experiência educativa, que ele pode ter o reconhecimento e o consentimento na condição de uma pessoa que possui autoridade. A autoridade do professor emerge dessa dupla responsabilidade que lhe é atribuída, visto que, por estarem em constante *devir*, os mais jovens se constituem como homens no mundo pelas tessituras da tradição entre passado e futuro (ARENDETT, 2001). Portanto, nessa perspectiva, compreendemos a autoridade docente como um fenômeno pelo qual o professor se disponibiliza a compartilhar suas experiências com seus alunos de forma ética, responsável e dialógica, o que lhe credencia a ser reconhecido como um ser de autoridade pelos alunos, não por uma ação de coerção, mas por uma atitude de consentimento.

Mediante essas reflexões construídas com base nas falas de professores entrevistados e nas observações realizadas em sala de aula, inferimos que a educação vive uma crise de autoridade docente na escola contemporânea, visto que é unânime no discurso dos entrevistados que os alunos não prestam atenção na aula de forma espontânea, não obedecem aos professores por reconhecimento e consentimento, o que tem aberto precedentes para uma relação entre professor e aluno pautada no autoritarismo e na coerção em sala de aula,

indicando um exercício de poder autoritário pelo professor como forma de reclamar uma atitude de obediência do aluno, que não manifesta reconhecimento e legitimidade a esse poder de regulação com viés de dominação e submissão, enveredando-se pela ausência de obediência e, conseqüentemente, de autoridade em sala de aula.

Portanto, consideramos que o uso de celular em sala de aula por alunos durante a realização das aulas, não apenas afeta a concepção de autoridade esboçada pelos professores, como desnudam uma crise existente na relação de autoridade e obediência entre professor-aluno, mas fundamentalmente, vislumbramos uma crise existencial nas relações intersubjetivas em sala de aula, marcadas profundamente, como nos indica o pensamento marceliano, por um quadro de adoecimento humano traduzido na formação de um ambiente de tristeza e desespero de professores e alunos. Estes se revelam dominados por uma situação de cegueira ética, que os impedem que vivenciem uma verdadeira experiência humana de um ser com o outro por meio da ação educativa em sala de aula.

## **CAPITULO V – SER PROFESSOR E A RELAÇÃO COM A ÉTICA NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA-INDUSTRIAL**

Neste capítulo Construímos uma análise fenomenológica das condições existenciais e do sentido de ser professor na contemporaneidade, tomando por base depoimentos de professores voluntários da pesquisa; e como é possível promover o encontro do “Eu com o Outro” por meio da experiência educativa numa dimensão ética e social. A discussão foi encaminhada pelos seguintes eixos: a decisão de ser professor: vocação, tradição ou profissão? O sentido de ser professor “ontem e hoje”; a eticidade das relações entre professores e alunos em sala de aula; a busca do ser com o outro por meio de uma ética humanizada na experiência educativa.

### **5.1 A DECISÃO DE SER PROFESSOR: vocação, tradição ou profissão?**

“Eu não queria ser professor. Eu queria fazer medicina!”

“A necessidade começou a impor a situação!”

“vírus que entra na veia de todos os professores!”

“Meu Deus, eu tenho a vida desses meninos, eles me deram na minha mão”. Foi isso que me fez ser professora!”  
(vozes de professores)

Ao analisarmos a decisão de ser professor no mundo tecnológico-industrial na contemporaneidade, inevitavelmente somos levados a algumas reflexões conceituais e fundamentos desse ofício tão importante para a configuração e funcionamento da sociedade. Uma questão que muito nos chama atenção é um aparente paradoxo entre o grande número de pessoas que dizem não se sentirem atraídas pela profissão docente e o exponencial aumento numérico de professores que são formados todos os anos pelas licenciaturas nas Instituições de Ensino Superior (IES) e os bacharéis que fazem cursos de formação complementar em áreas pedagógicas para exercerem legitimamente o ofício de professor.

No processo desta pesquisa, deparamos formalmente com professores entusiasmados com a profissão, mas também encontramos alguns desencantados com as condições de trabalho, com as relações intraescolares, com as questões salariais, políticas de formação docente e tantas outras questões que perpassam a vida do professor na atualidade.

Nos tempos hodiernos, dominados pela era da tecnologia digital, vivemos um contexto econômico, político, social e cultural que distancia muitas pessoas do desejo de abraçar a profissão docente. Ser professor não é fácil! Implica em assumir diversos desafios, mas,



sobretudo tornar a docência uma experiência capaz de formar homens que façam escolhas que possam ajudá-los a viver melhor neste mundo uns com os outros, orientados por valores éticos que os tornem mais humanos numa perspectiva existencial.

Tradicionalmente, em meio a tantos atrativos e distanciamentos, muitas pessoas, por alguma motivação, ainda buscam os cursos de formação de professores e o tomam muitas vezes como profissão para o resto de sua vida laboral produtiva. Por essa razão, consideramos fundamental construir um olhar acerca das razões que levam pessoas a buscarem o ofício de professor, abraçando-o muitas vezes como profissão por toda sua vida.

Com essa finalidade, entrevistamos professores para buscar aproximações com respostas para as nossas indagações acerca da escolha pela profissão docente.

Ao serem indagados sobre a decisão de ser professor, a maioria dos entrevistados afirmou que em razão da necessidade financeira de sobrevivência ou como estratégia para manutenção ou preparação financeira para outro curso de graduação pretendido como preferência de identificação e definição profissional, foram enveredando pela vida docente, como uma condição passageira, como podemos constatar nos depoimentos a seguir:

Na realidade uma boa parte de minha vida eu passei muito por necessidades. Eu não queria ser professor. Quando eu vim pra Belém, eu queria fazer medicina, por necessidade financeira, eu morava em casa de estudante, e pra fazer medicina pra chegar onde eu queria, eu não podia ficar empregado o dia todo, porque não dava pra estudar, ai eu comecei dar aula particular pra ganhar uma grana que minha família não podia me manter, e eu acabei pegando gosto por isso e comecei dar aula em supletivo, sempre com essa finalidade de ganhar uma grana pra poder me manter na faculdade de medicina. Ai aconteceu o vírus que entra na veia de todos os professores que ingressam no magistério. (P2, 2017)

Bom, mas a história dessa escolha da profissão se deu assim: eu fui aluno de escola pública e sempre gostei muito de engenharia, e queria fazer engenharia naval, acontece que não tinha aqui no Pará, só tinha no Rio e São Paulo, eu mal tinha dinheiro pra ir pra escola pública, imagina sair daqui para Rio ou São Paulo. Muito bem, trocando informações com alguns colegas e amigos, alguém virou pra mim e disse: “por que tu nas faz engenharia civil que tem aqui, trabalha, ganha dinheiro com engenharia civil e depois tu vai e faz fora o teu curso de engenharia naval e, eu comprei a ideia, muito bem vou fazer isso, e passei a falar pra todo mundo sobre esse projeto. Aí um amigo chega comigo e diz assim, mas olha pra tu ganhares dinheiro na engenharia tu precisas te especializar em cálculo estrutural, que é o que dá mais dinheiro, paga melhor, vou fazer engenharia civil, me especializar em cálculo estrutural, ganhar dinheiro e fazer engenharia naval fora. Muito bem, mas alguém depois chegou comigo e disse, mas pra tu fazeres cálculo estrutural tu precisas ser bom de matemática. Resolvi minha vida novamente, vou fazer matemática, fazer engenharia civil, me especializar em cálculo estrutural, ganhar dinheiro e fazer engenharia naval fora. E foi assim, comecei fazer matemática. (P4, 2017)

Na verdade eu não decidi ser professor. Foi uma situação de condução, a intenção era fazer o curso de Direito, pelo meu pai eu seria marinheiro e pela necessidade, quando eu comecei tive uma relação cedo e dessa relação tive um filho que eu tive

que começar a prover e a situação mais imediata era ser professor, crente que o médico precisa concluir e o professor não precisa, precisa ter alguma habilidades, não é que eu tivesse, mas a necessidade começou a impor a situação, ai depois, claro, você começa construir uma identidade. (P8, 2017)

Não obstante aos discursos dos professores indicarem que estes inicialmente não manifestavam interesse na profissão docente, verificamos que acabaram assumindo parcial ou inteiramente a função de professor como uma profissão, após passarem por momentos de indefinições acerca da carreira a ser seguida em suas relações socioprodutivas.

Os presentes relatos remetem a uma questão que ainda é muito recorrente em nossa sociedade, que consiste em um discurso muito presente na maioria das pessoas em fase de maturação da escolha de uma profissão de que não querem ser professor. Essa percepção, provavelmente, está vinculada às imagens e símbolos que são atribuídos à profissão docente, que muitas vezes evidenciam uma visão muito negativa da profissão de professor, provocando esse discurso de afastamento da possibilidade de escolha desse ofício como profissão.

A profissão docente, infelizmente, no seu percurso histórico em nosso país tem sido uma atividade laboral na sociedade brasileira relegada a um plano secundário, no que se refere ao fomento de investimentos em sua organização e funcionamento por parte das políticas públicas em todas as esferas de poder: Federal, Estadual e Municipal. Essa atitude do poder público em relação à educação e especificamente à profissão docente exerce forte influência na representação que muitas pessoas fazem acerca das imagens e símbolos do ofício de professor.

A visão que tem se tornado um discurso quase hegemônico é de uma profissão desvalorizada e precarizada, profundamente marcada pelo aviltamento salarial que dificulta a existência com dignidade de quem abraça esta profissão; as precárias condições de trabalho nas escolas, sobretudo da esfera pública; longas jornadas de trabalho que repercutem na qualidade de vida do professor e na qualidade da educação, considerando que este profissional, em razão da necessidade de trabalhar vários turnos por dia, não dispõe de tempo e nem tampouco de condições físicas para a busca de capacitação, tão necessária para a manutenção do professor no mercado de trabalho e para a construção de uma educação de qualidade satisfatória para a formação dos alunos na escola. Tudo isso indica um discurso que desqualifica a profissão de professor.

Os professores nunca viram seu conhecimento específico devidamente reconhecido. Mesmo quando se insiste na importância da sua missão, a tendência sempre para

considerar que lhes basta dominarem bem a matéria que ensinam e possuem um certo jeito para comunicar e lidar com os alunos. O resto é dispensável. Tais posições conduzem a, inevitavelmente ao desprestígio da profissão, cujo saber não tem qualquer valor de troca de mercado (Nóvoa, 2006, p.33).

Em nossa sociedade, a forte influência de um capitalismo periférico é ainda muito dependente dos grandes centros do capitalismo internacional. No olhar de muitas pessoas, ser professor significa apenas um meio de ter uma profissão para viver uma vida simplória em meio a muitas dificuldades acrescidas à ilusória ideia de que ser professor é algo fácil e que não requer muitas exigências teóricas, legais e burocráticas para o seu exercício, não obstante a já existência de uma legislação nacional que regulamenta essa profissão expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica (Parecer CNE/CP nº 9, de 8 de maio de 2001, Parecer CNE/CP nº 28/2001 de 18 de janeiro de 2001, Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002.), que no entanto, não conseguiram criar mecanismos de superação da imagem depreciativa que atinge a profissão do magistério (BRASIL, 1996 e 2002).

É nessa direção que os depoimentos da maioria dos professores entrevistados apontam. Para eles, o exercício do magistério foi uma opção e não uma escolha, pelo menos inicialmente, com a finalidade de atender a outras necessidades que eram consideradas prioridades.

Ser professor, antes de ser visto como uma profissão a ser abraçada por convicção, segundo o discurso dos interlocutores entrevistados, representava apenas uma condição passageira de estar professor, para atingir outros interesses acadêmicos e profissionais, geralmente vinculados a cursos de graduação considerados mais promissores sob ponto de vista financeiro. Olhando por essa perspectiva, percebemos que a docência, vista apenas como um trampolim para outros ofícios mais tradicionais e em tese mais lucrativos, não oferece as possibilidades de ganhos, como as demais profissões mencionadas nos depoimentos dos professores, que por sua vez são considerados áreas de grandes possibilidades materiais e de certo modo, também de longevidade pessoal e profissional, evidenciando a grande preocupação da sociedade atual com ideia do “vencer na vida”, com sucesso alicerçado na lógica de uma existência material confortável, caracterizando a nossa existência num “mundo quebrado” edificado na lógica do Ter (MARCEL, 1956a).

Esse posicionamento acerca da opção pelo magistério nos remete à percepção do “desencantamento do mundo” weberiano que atinge a profissão docente, afastando a ideia de vocação que permeava tradicionalmente o ofício do magistério e que o vislumbrava na esfera de mistério no olhar marceliano. O Mistério da docência foi destruído pela racionalidade instrumental e pela lógica do ter no sentido de posse do capitalismo. O exercício da docência distanciou-se do encantamento permitido pela possibilidade do encontro e da relação com o outro como uma experiência humana, e enveredou, na perspectiva do pensamento filosófico de Gabriel Marcel, pela esfera do problema, onde a felicidade do homem está situada no desejo do ter no sentido da posse material (MARCEL, 2003).

Nesse olhar, entendemos que a decisão de ser professor hoje está situada predominantemente na dimensão do Eu-Isso. Esse é o grande perigo que ameaça a humanidade e, neste caso, os alunos em processo de formação, visto que centrar a ideia do ser professor e a formação do aluno exclusivamente na dimensão racional do Eu-isso, retira a possibilidade da educação ser realizada como uma experiência existencial de humanidade e encontro inter-humano. Faz-se necessário, no âmbito da docência, resgatar o prazer do encantamento e da experiência do Ser com o Outro no mundo, que tem se perdido em nossas escolhas racionais.

Mas, ressaltamos que no percurso das escolhas racionais e temporárias pela docência, os professores entrevistados afirmaram que assumiram a docência como sua efetiva profissão ou passaram a exercê-la em concomitância com outra profissão adquirida. Isso significa que durante o processo de exercício do magistério, os professores adquiriram uma identidade docente com a prática em sala.

A identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão e da revisão das tradições (...). Mas também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios e do sentido que tem em sua vida o ser professor. (PIMENTA, 2005, p.19)

Nesse processo de constituição de uma identidade docente, percebemos nas falas dos professores em foco uma situação que aparentemente foge ao controle deles no que se refere à sua história de ser professor. É recorrente nos depoimentos em questão uma referência ao fato de que chegava a um momento em que, quando se apercebiam já estavam professor e não

conseguiam mais modificar a direção dessa caminhada profissional, que eventualmente coexiste profissionalmente com outros ofícios liberais.

Os depoimentos indicam que esse abraço da docência não se deu por convicção, mas por oportunidades que surgiram no processo de definição da escolha profissional, contribuindo algumas vezes para uma decisão levada a cabo pela possibilidade de iniciar uma vida profissional, ainda não concretizada em outra profissão.

(...) No primeiro semestre de matemática, já me envolvendo, minha coordenadora me pegou pelo braço e disse: “vem aqui meu filho vai te inscrever ali no concurso de monitoria. Aí eu perguntei pra ela ‘o que é monitoria’? ela disse: vai depois a gente conversa! Aí eu fui e passei e comecei me envolver dentro da faculdade. Fui monitor na faculdade, fui representante do curso de matemática, depois na monitoria comecei substituir colegas professores, e quando terminei o curso já estava trabalhando dentro da faculdade e aí eu tentava conciliar a condição de aluno e professor da faculdade, era muito difícil. Cheguei a fazer uma complementação da engenharia, mas não consegui, era difícil conciliar em razão de compromisso, carga horária, compromisso profissional e aí ficou muito difícil fazer. Quando chegou engenharia naval em Belém eu já estava muito envolvido com a matemática, com a qual eu me identifiquei. (P4, 2017)

Eu sou formado em artes, eu sou de uma família que tem uns artistas, música, teatro, artes plásticas, e eu estudando artes visuais no caso, pensava em me aprimorar para me encaminhar na vida de uma forma só artística, só que na minha trajetória quando eu estava terminando meu curso eu estava bastante envolvido com política estudantil e me tornei até bastante conhecido, e daí eu fui levado por colegas a um contrato para ser professor da Secretaria estadual de educação (SEDUC) e o interessante é que foi fácil, eu era o único de minha sala de aula, entre os colegas na formação que não dizia que ia ser professor e da nossa turma eu sou um dos únicos que se tornaram professores, do nosso grupão. E aquela história que eu tinha vontade de me aprimorar, me desenvolver como artista caminhou para o lado da profissão de professor, e daí eu estou há quase 25 anos trabalhando. (P7, 2017)

Esses depoimentos nos remetem novamente à discussão da racionalidade capitalista que pesa sobre a escolha das profissões. As oportunidades de trabalho que cooptaram os professores em foco para a docência, estão relacionadas às expectativas financeiras que surgiam de modo aparentemente mais rápido evidenciando uma relação com uma temporalidade situada na dimensão financeira do capitalismo edificado na ideia de que “tempo é dinheiro”.

Por outro lado, esse ingresso na docência, olhando pelas lentes do pensamento filosófico marceliano, remete-nos à concepção de tempo fechado formulado por Gabriel Marcel (2005), segundo o qual as pessoas, cujas vivências são orientadas por um tempo fechado, têm uma existência temporal edificada na finitude e numa linearidade temporal caracterizada por um permanente estado de sofrimento no presente, em razão de uma

existência edificada por condições exteriores à sua vida interior, enveredando por um campo marcado pelo desejo do ter e de prazeres efêmeros que não desvelam o verdadeiro sentido da vida que é construído na dimensão do Eu-Tu em relações intersubjetivas e de alteridade.

Em articulação com esse pensamento de Marcel, os depoimentos em foco, elucidativos da decisão de ser professor, estão intimamente ligados à noção de um tempo fechado, visto que evidenciam uma busca pela profissão numa perspectiva de penetração rápida ao mercado de trabalho que poderá ser traduzida em renda financeira como estratégia de sobrevivência.

Ressaltamos, no entanto, que isso não é um mal para o homem, pois a sociedade capitalista demanda a qualificação dos trabalhadores para melhorar a sua inserção no mercado. Todavia, quando o homem cai na esfera do problema, como nos diz Marcel, deixando-se dominar exclusivamente pelos parâmetros dessa racionalidade instrumental da vida na dimensão do Eu-Isso, ele entra em estado de adoecimento existencial, distanciando-se de valores importantes para uma relação com o outro, edificada numa ética inter-humana com produção de sentido para a vida. “Trata-se antes da constatação de que a inexistência em nosso tempo de um diálogo com o transcendente, que confira sentido e rumo à existência do homem, conduz à ausência de responsabilidade para com o outro” (MENDONÇA, 2009, p. 49).

Neste caso, quando o ofício do professor é escolhido sob motivação exclusiva da dimensão racional da vida, perde-se de vista a relação com o aluno numa perspectiva de encontro e responsabilidade com o outro, tornando a docência apenas uma ação pedagógica racional distante da condição de uma experiência humana baseada no encantamento entre duas pessoas que podem se disponibilizar um para o outro pela ação educativa.

A identificação de percurso com o magistério, de acordo com os discursos de alguns professores remete eventualmente ao que alguns chamam de “vírus do magistério”, ou seja, é uma referência a um apego até certo ponto inconsciente com as tessituras da docência e suas relações com a comunidade educativa. Por outro lado, outra questão bastante recorrente na decisão de ser professor remete à força da tradição, indicando que alguns assumiram a docência sob influência do peso desse ofício no âmbito familiar, tal como podemos constatar nos depoimentos a seguir:

Olha eu venho de uma geração da leitura, a geração de hoje não é a geração da leitura. Eu sempre gostei de ler, a minha mãe era professora, eu sempre tive esse contato com aluno desde cedo, eu ia pra escola com ela desde garoto porque não tinha com que ficar em casa. (P1, 2016)

(...) Tem um fato interessante também é que eu sou de uma família de professores. Sou de uma família de 11 irmãos e os outros dez são todos professores e todos são casados com professores ou professoras, então eu não podia destoar dessa regra. (P2, 2017)

A análise dos depoimentos nos remete, de certo modo, a uma visão tradicional da ideia de ser professor. Neste sentido, a percepção que temos nos discursos é ainda um pouco romantizada e traduz a admiração que se tinha e ainda se tem, embora de forma pontual, pelo ofício docente e pelas pessoas que o exerciam, revelando um transcender da profissão para uma forma de missão. Essa influência da tradição familiar nos remete a uma luz no fundo do túnel, como nos diz Buber (2003), acerca da esperança que ainda se tem por uma educação de totalidade humana, visto que os presentes relatos dos professores sinalizam ainda para a ideia de que ser professor é manter acesa a histórica experiência de estar com o outro pelo prazer de construir relações no sentido de um encontro inter-humano ensinado no tempo pela própria humanidade numa dimensão de existência transcendental.

Essa influência familiar na decisão de optar pela docência também nos aproxima do pensamento de Marcel acerca da relação com o outro, na medida em que consideramos a família, ainda no sentido de comunidade, marcada pela presença, encontro e reciprocidade entre seus membros, um ambiente de humanização e alteridade. Desse modo, quando alguém decide ser professor, sob influência do ambiente familiar, parece-nos estar resgatando a docência pelo peso da tradição, mas também elucidativa de uma força vocacional, que carrega a ideia do encantamento na relação professor-aluno como uma experiência existencial humana, onde um consegue se encontrar no outro por meio de relações intersubjetivas de alteridade (MARCEL, 2005).

Essa discussão remonta a tradicional ideia da vocação para o magistério como uma missão sacerdotal indicadora da beleza e da virtude do homem por meio da docência. Nesse sentido, chamaram-nos bastante atenção alguns depoimentos de professores, que afirmaram sobre a escolha de ser professor como uma experiência de encontro existencial.

Eu já trabalhava como professora normalista, professora de 1ª a 4ª série, eu pegava uma turma, trabalhava com eles durante um período e via as respostas imediatas do meu trabalho e a transformação que ele fez, e aquele grupo de alunos eu passava adiante, e aí no ano seguinte eu pegava outro grupo, então a emoção era sempre diferente e o fato de lidar com o ser humano, cada aluno era diferente, aquele mais espetivado, aquele mais tímido, aquele mais rebelde, aquele mais inteligente, aquele mais amigo, aquele mais meiguinho, e isso me envolveu com a educação. Depois que sai das crianças e fui pros jovens, então ficou melhor, porque a rebeldia, a ousadia, a displicência, o modo deles verem a vida, eu acho que contagia a gente, deixa a gente tão jovem quanto, eu digo que eu costumo roubar a energia deles e eu

acho isso emocionante, eu gosto de lidar com eles, eu gosto de lidar com o diferente, um é assim, outro é assim. Os mais fáceis são bacanas de lidar, mas eu acho que eu gosto dos mais difíceis porque é legal conquistar, é um desafio, eu vejo aquele aluno arredo, afastado, rebeldão, aí você chega vai falando, vai conquistando, você briga, aí você chega, passa a mão na cabeça dele, aí ele fala não fica chateada tá tia, o outro diz, nossa, mas ela não é tia, ela é professora! mas o fato de falar isso já dá aquela quebrada no aluno, sabe, é por isso que eu gosto de lidar com essa juventude! Eles são dinâmicos, todo dia é uma coisa nova, uma emoção nova, nunca é a mesma coisa! E o que mais me emociona, como aconteceu ontem, por exemplo, conclui uma mostra cultural, aí eu perguntar: foi bom? Poderia ter sido melhor? E eles: poderia, é porque faltou isso, faltou aquilo. Eu disse então aprendam, quando vocês forem fazer alguma coisa, façam o melhor de primeira, pra depois não vir o arrependimento de depois você dizer “poxa eu podia ter feito melhor”, então leva isso pra tua vida pessoal, profissional de dizer logo e fazer logo o melhor, porque o arrependimento é teu de mostrar para o outro que tu podias ter sido melhor. E aí quando eu estava falando isso com eles, aquele bando de olhinho, assim sabe, bebendo aquilo que eu estava dizendo, acreditando naquilo que eu estava dizendo (*lagrima nos olhos...”olha como eu fico”*), aí eu disse “meu Deus, eu tenho a vida desses meninos, eles me deram na minha mão” e aí eu posso muda-los pra um lado positivo, ou se eu for muito intransigente, não acreditar no potencial deles eu posso mudá-los pra um lado negativo. É isso que me faz ser professora! (P 9, 2017)

Eu tive um professor, e nessa época escolhíamos por área e iniciei pela área de CB e meu 1º semestre foi muito difícil no 1º ano e depois passei para área de CH (ensino médio), onde conheci um professor de História que influenciou a minha escolha do que realmente eu quis fazer, e essa vontade foi aumentando. E assim, aquelas coisas de professor que tinha anteriormente: eles utilizavam bata, giz, aquela caneta que apontava para o quadro e caderneta, essa coisa toda, que pode parecer estranho, mas esses recursos todos foram me apaixonando. Hoje a gente falando do uso do celular e, eu achava super apaixonante o uso de uma caderneta, um porta giz, então esse universo todo do magistério foi me contagiando. (P 10, 2017)

Os depoimentos acerca da decisão de ser professor indicam a expectativa dos respondentes em ajudar crianças e jovens a viverem melhor, de forma mais humanizada, aprender com eles também a viver melhor como pessoa humana e ter uma relação de existência concreta e com alteridade. Essa sensibilidade humana, percebemos na emoção do respondente uma demonstração de entrega e doação para as crianças e jovens como seres humanos em formação que buscam um encontro com sua identidade e interioridade por meio da experiência educativa.

Nos relatos, também fica evidente a sensibilidade humana para o encantamento com os símbolos e imagens do ser professor que traduzem um imaginário construído historicamente que remete à respondente a um diálogo com sua interioridade a partir da relação com o outro que é sua fonte de inspiração, buscando o Eu na contemplação do Outro. O pensamento marceliano nos ajuda a refletir sobre a decisão de ser professor a partir de uma fonte de inspiração, partindo do pressuposto de que o valor que há em mim, eu consigo encontrar numa relação intersubjetiva de contemplação e alteridade com o outro (MARCEL, 2005).



Os presentes relatos trazem para esta reflexão um conteúdo de tradição da atividade docente como uma missão, que pode ser evidenciada na sensibilidade humana que se deixa transparecer na fala dos professores. Embora possa parecer tradicional e obsoleto para alguns, essa concepção de docência baseada no sentimento vocacional como uma missão para a arte do ensino, de ser professor, que estão expressos nos depoimentos em foco, revelam a inesgotabilidade da condição humana e sua itinerância existencial (MARCEL, 2005).

Ser professor nesta perspectiva revela nas falas dos respondentes uma busca pelo próprio ser em sua transcendência no sentido de contemplação de si e do outro em situação de reciprocidade e doação de totalidade humana entre professor e aluno, evidenciando na vocação para a docência um campo favorável à construção de uma “educação de caráter” marcada pela responsabilidade ética de um com o outro (BUBER, 2003; MENDONÇA, 2009).

Em contrapartida, ressaltamos que o homem da contemporaneidade está tão dominado pelos parâmetros da racionalidade instrumental, que muitas vezes utiliza o viés vocacional da profissão docente para construir um quadro degradado do ofício de professor, evidenciando no cerne do discurso hegemônico da racionalidade, um olhar para a docência edificada em um pilar sacerdotal, orientado pelo amor e caridade, que são sentimentos e atitudes que fogem a lógica do ter, no sentido de posse que é tão presente no cotidiano do homem contemporâneo.

Felizmente, seguindo o pensamento de Gabriel Marcel, considerado o filósofo da esperança, e Martim Buber, o grande filósofo da relação a quem Marcel tanto deve, ainda é possível ao homem, como nos possibilitam os relatos dos professores em foco, enxergar uma “luz de esperança no fundo do túnel”, iluminando a nossa caminhada em busca do encontro com o outro em uma perspectiva de comunhão existencial transcendente no âmbito do mistério. “Poder-se-ia dizer que a esperança é essencialmente a disponibilidade de uma alma bastante e intimamente comprometida em uma experiência de comunhão” (MARCEL, 2005, p. 90).

Embora em minoria no quadro de professores entrevistados, os seus discursos sobre a decisão de ser professor são bastante elucidativos de que ainda é possível ser e exercer a docência na ideia de comunhão e encontro humano entre professor-aluno, cujas relações podem ser construídas e amalgamadas pelo diálogo, disponibilidade e reciprocidade no sentido marcel-buberiano, tornando a escolha e o exercício do magistério uma verdadeira experiência misteriosa com produção de sentido para a vida humana.

Todavia, essa dimensão relacional só é possível de ser alcançada quando há uma abertura existencial de um para o outro, sem os grilhões dominadores que aprisionam o

homem no âmbito da racionalidade tecnológica, que tem configurado um “mundo quebrado”, em que vivemos numa situação de cativeiro, caracteriza pela prevalência do Ter sobre o Ser, que condiciona o homem a isolar-se e autoconsumir-se como um “homem problemático” marcado pela solidão e desespero na contemporaneidade.

## 5.2 O SENTIDO DE SER PROFESSOR “ONTEM E HOJE”

Quando questionados sobre o sentido de ser professor na contemporaneidade, os professores respondentes edificaram suas falas em alguns eixos que perpassam a atividade docente desde as questões mais amplas construídas nas tessituras das vivências cotidianas dos alunos em suas realidades sociais, desenvolvimento tecnológico até às relações construídas no ambiente da escola e da sala de aula. Foram respostas bastante indicativas de que a docência se constitui em uma atividade situada no mundo, no tempo e na relação com o outro.

Foram bastante significativos os depoimentos sobre ser professor “ontem”, que indicaram a relação de empoderamento do saber e a forma de lidar com esse saber junto aos alunos, em uma perspectiva de processo ensino-aprendizagem baseado numa perspectiva bastante tradicional e verticalizada, autoritária e algumas vezes avançando para a dimensão da violência, como é evidenciado no depoimento a seguir:

Professor antigamente era o detentor do saber, tinha o monopólio do saber e da violência. Ele podia bater no aluno, esbrachar com o aluno e, aquilo fazia parte do processo pedagógico, criar jovens disciplinados, então esse era o professor de antigamente, nós não apanhamos, mas ainda pegamos professores carrascos, ainda tem esses professores, só que eles não têm mais espaços para desenvolver seus mecanismos de violência. (P5, 2017)

A fala do professor em foco remete a uma crítica à visão tradicional de docência de “ontem”, marcada por uma relação de poder, pela qual as condições para a realização da aula eram ditadas de forma declarada ou velada pelo professor, sob os auspícios de rígidas normas. Nesse processo, o professor era considerado o “dono do saber” e seu papel era ensinar esse conhecimento para os alunos, por uma relação docente de mera transmissão técnica, a fim de que os alunos apreendessem e a confirmação dessa aprendizagem era “medida” pelo volume de informações que o aluno conseguia armazenar e responder com refinada fidelidade ao que fora transmitido.

O educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação, Pará, capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil. A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. (FREIRE, 1987, p. 66)

Essa concepção de docência remete ao conceito de “Educação Bancária” elaborado pelo eminente educador brasileiro Paulo Freire. Nessa concepção de ensino, o sentido de ser professor reside em uma ação de fomento à memorização de conteúdos pelos alunos sem nenhum significado para a sua vida, revelando uma anulação do saber como um meio de reflexão sobre suas experiências no mundo vivido, a sua percepção com o outro no mundo em relações intersubjetivas e humanizadas entre educador e educando, passando a margem de um encontro com alteridade como sugere o olhar da filosofia marceliana.

A atividade de ensino apartada da realidade do aluno, evidenciada na concepção em discussão é apresentada como um dos graves problemas da ação educativa, na medida em que sua verticalidade engessa a capacidade do professor e aluno desenvolverem a percepção de si e do outro, visto que apresentam dificuldades de voltar-se para a sua interioridade por meio da experiência educativa. Nessa relação não é possível atingir a essência da educação, considerando que, no viés fenomenológico do ensino, compreendemos que o sentido da educação é possibilitar ao homem, além de sua formação pedagógica, desvelar os sentidos de sua própria existência humana no mundo como uma experiência transcendente (MARCEL, 2005).

A educação bancária, segundo o método freireano, caracteriza-se por um profundo vazio de sentido para a vida humana, que atravessa a prática docente em sala de aula e a relação entre professor e aluno, marcados por uma percepção racional e instrumental de sujeito narrador (professor) e objeto paciente (aluno), no qual o conteúdo ensinado não tem significado algum para a vida, sendo totalmente desvinculado das experiências cotidianas dos protagonistas da ação educativa. Nessa perspectiva, refletir sobre educação significa “falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos” (FREIRE, 1987, p. 65).

Essa concepção de docência não admitia qualquer forma de intervenção ou comentário referente ao conhecimento e à metodologia utilizada pelo professor, sendo considerado uma grave transgressão e inclusive passiva de punição. “O conteúdo tinha que ser transmitido aos alunos. Se estes apresentavam dificuldades, eram escoltados a “estudar mais”. E caso as

dificuldades permanecessem, não haveria outra solução além da reprovação ou da dependência” (RODRIGUES; et al, 2011, p. 4).

Essa condição também era utilizada como critério de verificação do nível de aprendizagem do aluno, ao qual era atribuída qualquer deficiência de aprendizagem, não ao professor que ensinava. No caso de o aluno não aprender de forma satisfatória, no entender do professor, ele podia sofrer punições físicas ou psicológicas, consideradas estratégias legítimas no processo escolar, evidenciando a violência no processo ensino-aprendizagem, embora no contexto histórico da época não fosse considerado como tal, mas não podemos ser indiferentes ao cunho agressivo dessas práticas que atingiam a existência do aluno como ser humano, visto que entendemos o método situado no tempo, mas a humanidade do homem é atemporal, na medida em que está na interioridade humana e, portanto, no âmbito do mistério (MARCEL, 1968a).

Nesse contexto, os professores entrevistados indicaram mais facilidade no exercício da prática docente de “ontem”, na medida em que o processo ensino-aprendizagem era baseado na lógica dos conteúdos. A grande preocupação docente dos professores era com a transmissão dos conteúdos e as condições de sala de aula baseadas na disciplina e na ordem determinados pela escola, sem a construção de reflexões críticas acerca do que era ensinado ou relações pedagógicas ou intersubjetivas mais complexas, como podemos constatar no depoimento a seguir:

Eu penso que ser professor ontem parecia ser muito mais fácil, porque era o conteúdo pelo conteúdo. Eu fiz prova de vestibular assim, estudava muita matemática, eram diretas as questões de conteúdos específicos. (P4, 2017)

Bom, me parece que era mais fácil ser professor antes. Ontem eu tinha alguns professores na época do fundamental e médio, que a gente chamava de primeiro grau e segundo grau, e alguns professores chamavam atenção pela maneira de conduzir a sala de aula, o conteúdo programático e tudo mais, então isso me chamava atenção. (P6, 2017)

Os professores de ontem, eu te coloco que os meus professores, principalmente os do ensino fundamental eram limitados mesmo, eram professores conteudistas. (P10, 2017)

As citações nos remetem a uma percepção de que ser professor, mesmo num passado recente, era mais fácil em razão de uma relação objetivista e racional estabelecida com os conteúdos, que não demandava reflexões mais elaboradas acerca das temáticas tratadas em sala de aula. O ensino dos conteúdos era caracterizado por um processo de simples transmissão de conhecimentos previamente elaborados, cuja verificação de aprendizagem era

realizada pela fiel reprodução do que foi ensinado. A ideia que se tem é de que a docência não demandava competências e habilidades mais complexas do professor para o exercício da prática docente.

Devemos ressaltar que uma das preocupações dos professores era uma organização estética da sala de aula que lembra o lema do positivismo comteano da “ordem e progresso”. Esse lema, no espírito das falas dos professores em questão, é traduzido em uma preocupação sistemática com a organização do espaço da sala de aula e a sua ocupação pelos alunos, pois considerava-se que o sucesso da aula no sentido de garantir a aprendizagem dependia da capacidade do professor em transmitir com clareza os conteúdos, organizar e controlar os alunos em sala de aula, considerada o espaço por excelência para o desenvolvimento da ação educativa, elucidativo da educação bancária.

Uma questão que é relevante lembrar acerca do ser professor em tempos passados, diz respeito ao processo de mobilização de conhecimentos que ainda estava situado em espaços e tempos específicos como livros, revistas, bibliotecas e outros, diferentemente da atualidade da sociedade tecnológica industrial, em que o conhecimento não está mais centrado unicamente em um lugar definido, mas, sobretudo em espaços virtuais, cujo acesso não depende mais de espaços e tempos específicos. Sua acessibilidade é relacionada a uma conexão pela internet em *sites* e outros endereços eletrônicos do ciberespaço, cujo acesso é marcado pela instantaneidade proporcionada pelo desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação.

No que se refere às relações de sociabilidade entre professor e aluno nessa concepção mais tradicional de docência, algumas entrevistas indicam que o professor manifestava um olhar homogeneizado para a turma, considerando todos os alunos como pessoas que estavam ali na classe para estudar, ignorando qualquer forma de singularidade, como um elemento significativo no processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, deve ser colocado em discussão o contexto histórico de época, sobretudo o período da Ditadura militar no Brasil (1964-1985), em que as interferências políticas na escola serviram como elemento frenador de qualquer debate para além do que era permitido pelas dimensões políticas e ideológicas dominantes no país.

Antes, essa é a impressão que eu tenho porque não sei se a juventude era aquietada de uma maneira...porque a gente vivia na época da ditadura militar, e havia um certo receio, medo e um comportamento que parece que era e não era real.(P6, 2017)

Olha ser professor é uma missão. Essa missão antes ou agora o que norteia ela são as condições históricas, como o Brasil passou por um momento de repressão e aí a missão foi um tanto quanto tolhida. (P8, 2017)

No exercício de suas funções docentes, na época da ditadura militar, os professores sofriam um cerceamento em suas atividades de sala de aula, na medida em que eram coagidos à prática de uma docência voltada para a manutenção do regime instituído no país, o que os condicionava a uma atividade docente, muitas vezes de caráter orgânico e limitado sob ponto de vista da crítica intelectual.

Desse modo, ser professor “ontem” no olhar dos interlocutores desta pesquisa, significava estar atento a uma proposta pedagógica racional voltada para a manutenção do *status quo*, o que definia o aspecto técnico-linear e racional- instrumental da prática docente.

A concepção tradicional de professor condicionava uma relação marcada pelo distanciamento entre professor e aluno. Os dois perdiam-se de vista como pessoas, cujos sentimentos e valores de humanidade eram relegados a um plano secundário, sendo a experiência educativa uma relação genuinamente racional e instrumental, destituída de uma dimensão ética inter-humana.

A educação representava uma dimensão da sociedade preocupada com uma formação sociopolítica, que não perpassava pela busca de uma formação humana, baseada em relações intersubjetivas de alteridade entre professor e aluno, como sugere o pensamento filosófico de Gabriel Marcel.

Na construção de reflexões acerca do sentido de ser professor na atual sociedade tecnológica industrial, tomamos em conta a nova configuração do mundo, sob a égide das novas tecnologias de comunicação que tem exercido forte influência em todos os âmbitos da atividade humana e provocado a exacerbação de um espírito consumista no homem, cuja capacidade de pensar sobre si e suas ações em relação ao outro tem sido corrompidas por técnicas de aviltamento que anulam a sua percepção de existência e sua própria forma de agir no/ser no mundo.

Esse novo contexto coloca desafios ao professor em sala de aula que interferem diretamente em sua prática docente e nas relações de sociabilidade construídas com os alunos no processo de produção de conhecimentos julgados necessários à formação dos alunos, colocando em debate o papel do professor no exercício de seu ofício.

Em face desse cenário dominado pelas novas tecnologias, a ação educativa tem se tornado cada vez mais complexa, sobretudo nas demandas impostas ao professor, principalmente no que se refere às práticas pedagógico-docentes e às formas de relações estabelecidas com os alunos em sala de aula.

O sentido de ser professor hoje, segundo as informações dos professores respondentes, apontaram para questões pedagógico-rationais, mas, sobretudo para situações referentes à dimensão ética pela qual perpassam as relações construídas em sala de aula entre professor e aluno. Uma questão bastante recorrente nas falas de professores acerca do sentido de sua prática em sala de aula nos tempos hodiernos, sinalizam para uma grave crise de relacionamento e valores nas relações familiares, que repercutem diretamente nos processos relacionais estabelecidos entre professores e alunos, cuja expressão se verifica nos relatos a seguir:

Pra mim a grande dificuldade que existe não está no aluno, está na família, o grande entrave na relação professor-aluno está na família. Te digo isso porque pra mim, a família não o respalda a escola, ela não respalda o professor. As famílias de hoje não vem na escola, elas não entendem que a escola é um parceiro, elas não entendem que o bem que o pai e a mãe querem para o filho é o mesmo bem que a escolar que pra ele. Quando acontece alguma coisa com o filho na escola família vem, alegando sempre que a escola errou, que a escola não está certa, e as vezes acaba falando pra gente de uma criança que esta na nossa frente que a gente não entende que aquela criança seja filho daquela família. Então pra mim o grande divisor é a relação família e filhos e a relação família escola. (P2, 2017)

Hoje é muito mais difícil ser professor neste país, muito mais do que foi ontem, porque eu digo que a família brasileira esqueceu de se educar e esqueceu de educar seus filhos. Elas acham que quem tem que fazer isso somos nós e nós não somos preparados para educar os filhos deles, a gente é preparado para transmitir conhecimentos, isso é muito difícil. (P3, 2016)

O sentido de ser professor, de acordo com o depoimento em foco, é perpassado pela dinâmica das relações familiares. Nesse sentido, infere-se que a relação entre pais e filhos encontra-se bastante aviltada de valores humanos, evidenciando relações precarizadas em razão da desestruturação nos laços familiares. Pais e filhos não conversam mais; vivem como estranhos na comunidade familiar e isso contribui para que se perca de vista a responsabilidade de um com o outro e sua transcendência. Esse tipo de relação repercute nas relações estabelecidas na escola, onde os professores manifestam dificuldades para estabelecer relações inter-humanas, pela própria ausência de confiabilidade entre escola e família, em razão do distanciamento físico, moral e ético entre essas instituições. Devemos lembrar de que muitas vezes a família e a escola tentam formas de comunicabilidade por redes sociais na internet, no entanto, nem sempre isso funciona em razão da virtualidade e perda da dimensão face a face e despersonalização humana em meio a uma profunda crise de valores.

Pessoalmente, me parece que a filosofia dos valores é uma tentativa, verdadeiramente abortada para recuperar em palavras o que se perdeu nos espíritos. É como o signo de uma espécie de desvalorização fundamental que afeta a realidade mesma. (...) O que está envilecido é a noção mesma de vida, e o mais vem por acréscimo. (MARCEL, 2001, p. 129)

No âmbito educacional, esse cenário relacional em meio à crise de valores, repercute na sala de aula, onde os professores sentem-se desrespeitados pelos alunos, os quais aparentemente não têm a percepção do outro que é o professor, mas que antes de qualquer condição funcional é uma pessoa humana. Estes alegam que, mais preocupados com seus interesses racionais e instrumentais da dimensão do Eu-Isso, as famílias “abandonam” seus filhos na escola sem saber que tipo de educação irão receber, evidenciando seu foco mais voltados para a esfera do problema no sentido racional do Eu-Isso.

A maior gravidade dessa relação é a destruição da educação como uma experiência humana existencial, visto que de um lado, os professores centram suas ações em procedimentos racionais pedagógico-docentes e, por outro lado, as famílias ignoram completamente a formação de seus filhos na escola, resultando num quadro conflitual de culpabilidade entre escola e família, tornando visível o “homem problemático” que está sendo formado nessa relação. Por essa perspectiva, a educação torna-se um dos grandes canais para a crise ética e moral na qual está mergulhada a humanidade no mundo contemporâneo.

As questões levantadas nas falas dos professores sinalizam para uma grave crise ética e de humanidade, com aspecto movediço, na qual o homem da contemporaneidade está enlodaçado, cujas texturas atravessadas por ligas pantanosas de crise de valores, relações familiares, perda de sentido da vida na relação com o Eu e com o Outro e um profundo envilecimento humano, provocado pelas técnicas de aviltamento construídas pela racionalidade instrumental da sociedade tecnológica do mundo contemporâneo, que tem lançado a humanidade na direção do “homem problemático” (MARCEL, 1956b).

Essa crise de valores que afeta humanidade, de acordo com os relatos de professores repercute diretamente nas múltiplas relações estabelecidas entre professor e aluno em sala de aula. As observações realizadas em sala de aula possibilitou-nos perceber esse quadro, a começar pelo desinteresse do aluno pelas atividades de ensino desenvolvidas pelo professor. Parte dos alunos, em total indiferença ao professor, fica no uso de celular em diversas formas de sociabilidade virtual ou ouvindo música ou, simplesmente, conversando com colegas, frente a um estado de aparente impotência ou atitude autoritária do professor, que considera, nesse olhar, um desafio exercer a docência na atualidade, como podemos constatar no relato a seguir:



hoje a gente vê a juventude muito solta, muito sem projeto de vida e ai eu diria que hoje é um desafio maior pra gente. São contextos diferentes dessa minha pequena história de vida na área da educação, mas eu diria que hoje o desafio é bem maior porque tem várias questões sociais envolvidas e que de uma forma ou de outra pode amenizar a problemática que a gente vê: a criminalidade, falta de perspectiva do jovem perdido naquilo que ele poderia planejar pra sua vida pessoal, familiar e profissional. E é um desafio que a gente tenta buscar sempre; é um elixir dar aula porque ao mesmo tempo que é um desafio pras grandes questões que a gente vê colocadas ai na sociedade, mas por outro lado é o desafio de você dar sua contribuição para a formação desses jovens.(P6, 2017)

O relato nos remete à percepção de um professor marcado pelo desespero, na tentativa de ser educador em um mundo marcado por uma profunda crise de valores e de ética, mergulhado na barbárie e na violência. Essa condição “problemática” no sentido marceliano, que afasta professor e aluno da dimensão do “Eu-Tu” e da possibilidade do encontro verdadeiramente humano entre ambos, parece ser decorrente da falta de percepção de nós mesmos e do outro na contemporaneidade, que tanto tem dilacerado o sentido da educação como uma experiência de humanidade, evidenciando o desafio de ser professor atualmente nesse quadro de distanciamento entre educador e educando, como revela o depoimento a seguir:

“Se você não for conhecer aquela pessoa, não fizer movimento de ir ao encontro para conhecer um pouco daquela pessoa para resgatar uma afinidade e afetividade você também vai ter mais dificuldade, então veja que o desafio nosso não é a disciplina, mas as relações que permeiam a pessoa professor a pessoa aluno”. (P8, 2017)

As falas sinalizam que os jovens alunos mostram-se perdidos de sua própria existência e da relação com o outro, sendo caracterizados no que Gabriel Marcel denomina de o “homem da cabana”, que não tem consciência de sua condição no mundo e sua relação com o outro (MARCEL, 1956b). Os alunos mostram-se perdidos de sua própria vida, evidenciando na escola um cenário de crise ética que repercute nas relações de sociabilidade e pedagógicas construídas em sala de aula, tornando um grande desafio ser professor nesse mundo “problemático”.

Mas não podemos perder de vista que há uma luz no fundo do túnel, como é possível observar no relato, quando o professor sinaliza para uma esperança de superar esse desafio e desenvolver a sua ação educativa de encontro e reciprocidade, buscando formar jovens com produção de sentido para a vida.

Neste mundo profundamente marcado pelo envelhecimento humano, onde as pessoas estão predominantemente dominadas pela instrumentalidade racional da vida, ser professor significa uma grande possibilidade de engrossar as fileiras desse racionalismo, sobretudo porque, como nos diz Marcel, estamos vivendo num mundo de homens funcionais orientados pela lógica do Ter no sentido de posse.

Mas, no contraponto dessa percepção, o relato em foco, embora com relativa timidez, sinaliza para docentes ainda preocupados com uma formação de totalidade humana para os alunos, como enfatiza a “educação de caráter” defendida pelo pensamento de Martin Buber, que propugna uma experiência educativa, que mesmo no meio da barbárie humana, seja marcada pela esperança de formar pessoas cujos valores sejam edificados no amor, mesmo em meio ao cenário de barbárie. “Educar, pois, em tempos sombrios e marcados pela barbárie exigirá um campo germinado por esta espécie de esperança” (MENDONÇA, 2009, p. 56).

Por outro lado, o exercício da docência na dimensão da racionalidade científica da atualidade, alguns professores foram bastante enfáticos na afirmação de que “hoje” é mais difícil ser professor em razão da complexidade instrumental desse ofício. Segundo os relatos de professores acerca dessa questão, o professor de hoje coloca-se diante de exigências que demandam um novo olhar e atitude do professor, em razão da complexidade do conhecimento e do desenvolvimento da tecnologia. Vejamos o que dizem alguns professores:

o professor de hoje precisa ser dinâmico mesmo, porque senão ele vai ser um professor que fica meio fora, digamos atrasado. E a aula não é só na sala de aula, o professor tem que conhecer alguns espaços, as praças, parques, museus, teatros, cinemas, e isso também é uma forma de fazer uma educação mais ampla pro nosso aluno. (P1, 2016)

hoje o ensino está muito diversificado e muito mais amplo, até porque, primeiro as questões hoje são contextualizadas, essa contextualização abrange muita coisa, vem a interdisciplinaridade que a gente precisa e tem que conhecer um pouco de cada coisa, não dá pra saber só como resolver aquela questão da matéria, como trabalhar aquele assunto, a gente precisa dar enfoques diferentes, trabalhar com disciplinas diferentes pra poder ensinar matemática. Então hoje eu penso que se torna mais difícil ser professor, pois é preciso estudar muito. (P4, 2017)

hoje em dia já não se faz ,mais isso, a gente tem o imediatismo, com interesse apenas em se livrar da nota, é claro que tem bons alunos, mas de modo geral é cada vez menos o interesse pelo conhecimento, os alunos só querem passar de ano. (P7, 2017)

Mediante as mudanças experimentadas pelo mundo no século XXI, sobretudo no âmbito das novas tecnologias, conhecimento tornou-se mais complexo, impondo novas demandas à prática docente e à relação com o saber, como evidenciam os relatos dos

professores em questão. Para o exercício do ofício docente, o professor da atualidade deve mobilizar constantemente novos conhecimentos, por meio de formação continuada, a fim de desenvolver estratégias de ensino diferenciadas que fomentem a pro-atividade do aluno no sentido deste se envolver mais nas atividades ministradas pelo professor, que deve assumir a condição de mediador do processo ensino-aprendizagem, buscando possibilitar ao aluno o estabelecimento de um diálogo entre o que se aprende em sala de aula e as especificidades de sua realidade social. Para tanto, faz-se necessário ao professor reconhecer suas limitações e buscar novos conhecimentos coerentes com as mudanças experimentadas pelo mundo contemporâneo. O docente precisa “[...] reconhecer seus limites e necessidades e ver que há domínios onde a sua incompetência é absoluta” (MARCEL, 2001, p. 97).

Nesse contexto, os relatos apontam para a maior dificuldade que perpassa o exercício da prática docente em razão da complexidade que afeta a relação com o saber na ação educativa. Esta, segundo os professores entrevistados, deve ser construída pelas vias da contextualização dos conhecimentos ensinados em sala de aula com a realidade vivida pelo aluno, a fim de que o processo educativo tenha sentido para este. Desse modo, cabe ao professor, por meio de estratégias didático-pedagógicas diversas e um sentimento de responsabilidade ética com o aluno, mediar esse diálogo entre escola e a comunidade, deixando de considerar a sala de aula como o único espaço por excelência do processo ensino-aprendizagem e estender esse fenômeno para outros espaços de vivências e processos de sociabilidades, tornando o conhecimento ensinado uma ferramenta de intervenção no mundo cotidiano.

O educador-filósofo (...) precisa reconhecer que o engajamento da prática docente se expressa pelo modo como cada um se compromete com as questões concretas do Ser, através da relação entre os fazeres e os dizeres, que são realizados dentro e fora dos espaços possibilitadores das vivências educativas e das aprendizagens. (SILVA et al., 2016, p. 97)

Por essa perspectiva, cabe ao professor adequar sua forma de ensinar à realidade do aluno, apresentando o tema a ser estudado, e possibilitando a ele estabelecer comparações e construir reflexões acerca da relação entre o que está aprendendo e suas experiências no mundo vivido. Para possibilitar ao aluno o desenvolvimento dessas competências e habilidades, sugerimos ao professor propor uma prática de ensino e aprendizagem baseada na interdisciplinaridade na contextualização do saber, ou seja, no intercruzamento de conhecimentos de áreas diferentes, no qual o aluno possa se autoperceber no processo; e passar a construir uma relação com a educação, cujos saberes possam ser adequados às suas

necessidades humanas e sociais e, para tal, o “conteúdo precisa ter coerência e ser ministrado de acordo com a vivência e realidade dos alunos” (RODRIGUES et al., 2011, p. 6).

Desse modo, segundo os professores respondentes, ser professor na atualidade, representa um maior desafio que no “passado”. Na prática docente, além das novas habilidades pedagógicas e metodológicas que o professor deve desenvolver, impõe-se a ele assumir uma profunda responsabilidade ética com a formação do aluno no sentido humano-existencial, buscando promover pela experiência educativa um verdadeiro encontro inter-humano, em relações intersubjetivas de alteridade, que os possibilitem a percepção do Ser com o Outro na perspectiva do “Eu-Tu” Marcel-Buberiano, evidenciando um olhar fenomenológico para o sentido de ser professor.

### 5.3 A ETICIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM SALA DE AULA

No intuito de compreender fenomenologicamente as relações interpessoais e pedagógicas entre professores e alunos nas dimensões ética e social e tomando em consideração as temporalidades tradicional e atual dessas relações, levantamos alguns relatos empíricos que são fios condutores desta análise.

Quando questionados sobre a dimensão ética das relações entre professores e alunos no ambiente da sala de aula, os professores respondentes forneceram informações que apontam diferentes eixos de compreensão desse fenômeno: respeito ao professor; crise de valores; relações hierarquizadas em sala de aula, influência das novas tecnologias de comunicação; degradação das relações familiares; dentre outras.

Nesse contexto, alguns relatos indicam que as relações entre professor e aluno na dimensão ética e social da atualidade, apresentam muita semelhança com as mais tradicionais e o respeito do aluno pelo professor permanece. O que mudou foram as linguagens que permeiam essa relação, como é o caso do indiscutível desenvolvimento tecnológico e sua repercussão na ação educativa. Observa-se uma mudança na forma de busca do conhecimento, quando comparamos as relações entre professor e aluno em sala de aula, na medida em que, tradicionalmente, o conhecimento tinha lugar específico nos livros, bibliotecas e outras formas impressas. E, atualmente, o conhecimento não está circunscrito, não está vinculado a um tempo e espaço definidos, podendo ser mobilizado instantaneamente em qualquer mídia de comunicação conectada à internet. Mas no âmbito da eticidade dessas

relações, ainda se mantém uma relação de respeito ao professor, sobretudo àquele que expressa domínio de conhecimento e exige o envolvimento do aluno na sua produção, ou seja, a relação que o professor estabelece com o saber e sua socialização com os alunos.

Até por força das novas tecnologias, essa nova geração, é uma geração da rapidez, da velocidade, então eles são mais ágeis em tudo. Há 15, 20 anos atrás as relações eram outras, mas o respeito existe, o professor mantém o seu respeito em sala de aula sim, mas depende muito do professor. Essa relação de ontem e hoje continua a mesma, mesmo com as mudanças. (P1, 2016)

Agora a nossa grande missão é fazer o nosso aluno entender que ele precisa aprender, acho que essa é a nossa grande dificuldade hoje, não é ensinar mais a matéria, mas é fazer o aluno entender o contexto em que ele está relacionado e que aquilo é importante pra ele. Agora quando eu falo em relação ao respeito que eu acho que é muito interessante é muito pertinente, eu acho que o aluno ainda respeita o professor... muito, e o aluno ainda gosta do professor que impõe respeito, ele sai falando bem dos professores que são tradicionais que exigem o exercício feito em casa, exigem que os alunos observem a aula, que copiem o dever. Os alunos ainda gostam muito disso, isso como regra geral, ele ainda é muito ligado no professor que cobra muito. (P2, 2017)

Na perspectiva dos respondentes, a ética que sustenta as relações entre professor e aluno, é um fenômeno situado historicamente no tempo. Na temporalidade tradicional e na atual, o que modificam os processos de sociabilidade entre professor e aluno são as ferramentas que orientam a produção e socialização do conhecimento. No primeiro momento, o conhecimento era mobilizado em suportes situados, impressos e nas aulas ministradas pelos professores, gerando uma relação de dependência do aluno em relação ao professor para a mobilização do conhecimento, o que na dimensão social e humana, evidenciava uma relação sem conteúdo afetivo significativo para o sentido da vida. Ao professor cabia apenas o papel de “[...] ser um especialista de certo modo intoxicado pela própria especialidade” (MARCEL, 2001, p. 92), sem atentar às inerências humanas e às mudanças no mundo.

O professor era visto como autoridade, cujo saber devia ser inquestionável. Suas narrações docentes eram consideradas representações de verdades absolutas e isso, consequentemente, gerava no aluno um respeito amalgamado por um misto ético de medo, disciplina e admiração pelo professor no exercício de seu ofício. Isso era condição *sine qua non* para o professor executar a sua aula em analogia a uma máquina com todas as engrenagens funcionando, cada uma com sua função específica, levando-nos a comparar com o homem funcional do mundo quebrado de Gabriel Marcel (1956a). O mundo está

mergulhado num pântano de destruição e barbárie, marcado pela violência e uma intensa competição pela lógica do ter, que o distancia da dimensão do ser.

No contexto atual, nas relações construídas em sala de aula entre professor e aluno, segundo os respondentes, não se perdeu o respeito ao professor, mas a sua consistência ética sofreu uma redução de sentido. Ainda existe o respeito ao professor, agregado a uma facilidade de contato por mídias tecnológicas e facilidade de acesso à informação, que diluiu o quadro de dependência do aluno em relação ao professor no que se refere à mobilização de conhecimentos e tem gerado uma nova relação com o saber tanto do professor quanto do aluno, na medida em que não há mais uma necessidade imperativa de estarem juntos em tempos e espaços específicos para desenvolverem processos pedagógicos e interpessoais. Nesse sentido vejamos o que diz o depoimento a seguir:

Naquela época o professor agregava a ele a autoridade. Tudo o que ele falava valia; havia um respeito por medo ou disciplina, que hoje eu já não vejo tanto isso não que se tenha perdido o respeito, eu acho que ainda há uma consideração por essa categoria de professor, colocado como uma pessoa que vai te passar informação, conhecimento, trocar experiência e tudo mais, mas eu acho que diluiu um pouco, por outro lado acho que a gente se aproximou mais, quebrou um elo da distância que existia entre professor e aluno, há uma diminuição não sei se pela facilidade um pouco mais de contato, troca de informações, o acesso se tornou mais fácil, é como se o aluno não tivesse tanta dependência de conhecimento e informação, como era antes dado a limitação do acesso a informação. (P6, 2017)

Em cada uma das temporalidades aludidas nas falas do respondente, parece-nos que há uma eticidade indicadora de uma forma de respeito ao professor que remete à ideia de um respeito orientado por uma ética funcional, baseada numa racionalidade burocrática. Essa sociabilidade era sustentada na forma de relação com o saber e como o mesmo se tornava acessível ao aluno, o que evidencia a dimensão ética da relação entre professor e aluno pela forma como o professor exerce a sua função docente junto ao aluno, que remete à compreensão da relação em foco para a dimensão do Eu-Isso.

Nessa perspectiva, o ambiente escolar e as múltiplas relações estabelecidas entre educadores e educandos parecem um mundo onde o homem está fundamentalmente preocupado com sua condição funcional, que o tem transformado em um simples “ser de funções vitais, sociais e psicológicas, que o tem afastado de sua própria humanidade, despersonalizando-o e lançando-o numa atmosfera de profunda tristeza” (MARCEL, 1956b, p.15), evidenciando, por esse olhar o desaparecimento do mistério nas relações entre professores e alunos.

Por outro lado, uma questão que muito nos chamou atenção em nossas investigações, diz respeito ao vínculo que alguns professores respondentes estabelecem entre a eticidade das relações professor-aluno e as relações e/ou ausência delas no âmbito familiar.

Acho que perpassa por um momento de formação, da relação familiar, alguns valores eram muitos mais presentes do que hoje. Não se questionava tanto a prática do professor, ao contrário se respeitava muito, então essa relação de respeito fazia com que o processo fluísse mais. E a relação com o professor não era tão próxima como tem nos dias de hoje. No decorrer desse processo e diante do agravamento das condições de vida de grande parte da população brasileira, verifica-se uma dificuldade na relação familiar de dar afetividade pra esses jovens seja pelo trabalho de pai e mãe, ou pelo próprio descaso em si, criou-se uma perda de respeito pela família e conseqüentemente pela instituição escolar, então hoje você percebe que há uma possibilidade maior, mas também resulta na perda de respeito, principalmente pela autoridade do professor. (P8, 2017)

O relato indica que na perspectiva tradicional havia uma forma de respeito maior entre professor e aluno, embora houvesse um distanciamento entre ambos. Era um respeito condicionado pela hierarquia estabelecida em sala de aula, que não permitia ao aluno autonomia para ser participativo no processo ensino-aprendizagem, mas esse cenário era sustentado em tese por valores que eram construídos desde o âmbito familiar até ao ambiente escolar.

Em contrapartida, segundo o depoimento, no contexto atual da escola, parece que os valores formativos familiares se perderam, gerando uma crise ética nas relações no âmbito da família, que repercute na escola, na forma de relações profundamente degradadas sob ponto de vista da humanização das pessoas envolvidas na experiência educativa, que reverberam de modo impactante no respeito ao professor, o que muitas vezes tem se traduzido em formas diversas de violência, sobretudo contra a pessoa, no sentido mouniesiano, em sala de aula.

Quando eu fui aluna, nossa! O professor era bem respeitado. Essa relação professor aluno, eu acho que a educação é doméstica, e parece que os pais esqueceram de educar seus filhos, por exemplo, eu me faço de muda, cega, doida. Então eu vejo assim, hoje essa dimensão do respeito pelo professor, não é que ela não exista mais, mas perdeu-se muito, o professor hoje é desvalorizado desde a casa do aluno, porque a maioria dos pais esqueceu de educar seus filhos e eles levam mesmo pra sala de aula também, então, o professor está ali, mas não merece respeito não. nossa! Se eu for relatar aqui o que eu já vivi, tanta falta de educação não só pela parte dos filhos, mas dos próprios pais, a gente vê pais que não tem educação e nem respeito pelos professores de seus filhos, também não respeitam os professores porque aprendem tudo errado na casa deles.(P3, 2016)

Estudei ainda no período militar e a gente tinha assim um respeito muito grande pelos nossos professores, e as vezes eu te confesso que tínhamos até medo, eu tinha

um pavor de uma professora que eu tinha de moral e cívica; professores de matemática então, nem se fala o medo que realmente eu tinha deles. A questão não é o medo, mas passa pelo respeito e, eu não quero que o meu aluno tenha medo de mim ou de minha disciplina, o que eu coloco pra eles é a questão do respeito (...) Você percebe a falta de respeito que eles tem em relação ao professor, a não valorização do professor. Eles não valorizam por que? São coisas que eles não tiveram no ambiente familiar. A questão está na desestrutura de valores, morais e éticos. Hoje os pais não estão tendo aquele tempo, que não precisa ser um tempo pra passar para os filhos valores morais e éticos para que eles venham pra rua, a igreja, a escola outros ambientes sabendo que tem que respeitar ao outro pela sua condição humana.(P10, 2017)

Percebemos nas falas dos respondentes, que nas formas tradicionais de educação coexistiam medo e respeito na relação entre professores e alunos. No contexto atual, essas relações perpassam pela falta de respeito do aluno e desvalorização do professor. Parece-nos que a falta de respeito do aluno em relação ao professor tem sua origem nas relações ou em sua ausência construídas no âmbito familiar, considerando que as famílias não se disponibilizam para orientar aos filhos, evidenciando uma crise de valores, cujas sequelas repercutem nas relações estabelecidas em diversas dimensões da sociedade, inclusive na educação e neste caso, especificamente, entre professores e alunos, apresentando dificuldades para a construção de relações intersubjetivas de alteridade e humanizadas, evidenciando um cenário que nos remete à peça de teatro “o mundo quebrado” de Gabriel Marcel.

CHRISTIANE - Você não tem a impressão, às vezes, de que vivemos, se isso pode ser chamado de viver, em um mundo quebrado? Sim, quebrado, como um relógio quebrado. A primavera não funciona mais. Na aparência, nada mudou. Tudo Está em seu lugar, Mas se você levar o relógio ao ouvido, você não pode ouvir mais nada, você entende? o mundo, o que chamamos de mundo, o mundo de homens, outrora, devia ter um coração, mas diria que parou bater (MARCEL, 1956a, p. 14)

A reflexão remete à ideia de que o mundo em que vivemos atualmente está quebrado (adoecido), porque o homem perdeu-se de si e de sua existência transcendente, que é encontrada na relação com o outro na dimensão do Eu-Tu. A existência de um homem só pode ser compreendida na relação de totalidade que ele estabelece com o outro em reciprocidade vital (BUBER, 1982). É um mundo governado por técnicas de aviltamento, o que tem formado homens marcados pela falta de amor, diálogo e solidariedade, e suas vidas perderam o sentido inter-humano. Num olhar fenomenológico, as relações estabelecidas entre professores-alunos estão quebradas pela frieza e pela racionalidade do mundo que repercute nos ambientes familiar e escolar.



Embora não neguem sumariamente a existência de uma ética edificada no respeito e no reconhecimento do professor pelo aluno, os depoimentos sinalizam para uma visível degradação dessa relação, na qual educadores e educandos estão apartados de si e do outro, cada um centrado em uma vida funcional na dimensão do Eu-Isso. Entendemos que essa perda de vista de si mesmo e do outro, numa perspectiva fenomenológica, elucidativa de uma relação eclipsada entre professor e aluno, deve-se à destruição da responsabilidade com o outro no âmbito familiar. As famílias não têm mais com seus filhos uma relação dialógica, pautada na orientação e numa eticidade de percepção e responsabilidade com o outro.

As famílias estão de tal modo dominadas por seus interesses materiais na dimensão do Eu-Isso, que falta-lhes sensibilidade de uma ética inter-humana para desenvolverem a percepção dos seus próprios filhos na dimensão do Eu-Tu. Sua vida com os filhos tornou-se um “mundo quebrado”, marcado pela ausência de relações de comunhão, solidariedade e responsabilidade humana com as crianças e jovens. “(...) todo mundo no seu canto, sua pequena empresa, seus pequenos interesses. DENISE - Como poderia ser de outra forma? CHRISTIANE - Não há mais centro, mais vida, a nenhum lado” (MARCEL, 1956a, p. 14).

A partir desse ambiente degradado da existência familiar, o aluno estende essa relação para o professor, que nos tempos atuais tem convivido com um ambiente de barbárie, falta de respeito, violência e destruição da possibilidade de uma ética inter-humana em sala de aula, capaz de fazer da educação uma experiência redentora de sentido humano.

Por outro lado, olhando pelas lentes de uma fenomenologia sociológica, evidenciamos que o processo de observação realizado em sala de aula desse cenário, possibilitou-nos a percepção de uma anomia social e pedagógica em sala de aula, cuja intervenção para resgatar a “ordem” é uma imposição docente, como palavras de ordem para a turma, cobrança de atividades ou brincadeiras irônicas, que deixam transparecer uma tentativa do professor assegurar a sua autoridade.

Quando eu era mais nova, em minha sala de aula, agente brincava, eu não me lembro como, mas eu lembro que tinham uns bilhetinhos quando a aula estava chata, e a gente passava bilhetinho entre a gente, era uma forma de se distrair, não prestar a atenção no professor, quebrar aquela autoridade, aquelas normas...a reação do professor era geralmente autoritária, impositiva, chamava atenção, botava pra fora de sala, levava pra coordenação, mas ele tinha esse tipo de postura, e eu vejo muitos professores, infelizmente com esse mesmo tipo de postura. Mudou muita coisa na educação, mas eu ainda vejo muitos professores, e detalhe, professores até com pouco tempo de sala de aula com uma postura tão autoritária como professores da década de 50, 60, aquela coisa de eu mando e você obedece.(P9, 2017)

Em pleno século XXI, amplamente marcado por discursos democráticos em todas as dimensões da sociedade, segundo o relato, ainda sobrevivem práticas bastante autoritárias de professores em relação aos alunos, elucidativas de uma eticidade baseada na dominação e submissão. Porém, é uma forma de autoridade que não é fruto de uma disponibilidade e presentificação entre professor e aluno. “Presença significa algo mais e diferente do que o fato de estar aí. Digamos que na presença está sempre implícita uma experiência por sua vez irreduzível e confusa que é o sentimento mesmo de existir, de estar no mundo”. (MARCEL, 2005, p. 18)

Nessa olhar fenomenológico, professores e alunos precisam se disponibilizar em sentido existencial transcendente para que possam atingir afetivamente uma presentificação baseada no encontro e na reciprocidade.

Quando questionados acerca da eticidade das relações entre professor e alunos, usuários de celular em sala de aula, os professores respondentes afirmam que as relações de sociabilidade em sala de aula são sempre perpassadas pelo uso do celular.

As relações são eticamente marcadas pelo distanciamento e ausência de percepção do outro, gerando um ambiente de estranheza entre eles, em razão da cortina racional-tecnológica que os distancia, evidenciando um estado de isolamento entre eles (VIRILIO, 2001). A realização da aula é marcada por momentos de advertências verbais do professor ao aluno no sentido de desviar a atenção do celular e atraí-lo para o que está sendo ministrado, criando em situações pontuais, momentos de tensão entre professor e aluno. Os alunos, mesmo durante a aula, evidenciam formas de sociabilidade de isolamento e falta de percepção de si mesmo e do outro (professor). Eles, muitas vezes não sabem nem porque estão ali, mostram-se completamente alheios ao processo ensino-aprendizagem, cuja única preocupação é o resultado pedagógico final, traduzido na certificação escolar, tal como podemos verificar nos relatos a seguir:

Eu percebo que alguns ficam isolados no seu contato pessoal, as vezes eu percebo que eles estão utilizando, não pelo processo que a gente está vivendo ali naquele momento, e sim por algum motivo pessoal, então eles ficam meio que deslocados, por isso as vezes não incomoda, eu já tive oportunidade de conversar sobre isso, dizer que naquele momento o celular não está sendo convidado para ser usado, então vamos deixar ele de lado, ele vai ter o seu momento, mas eu vejo que alguns ainda tem uma certa resistência, ou põe o fone de ouvido, ou ficam lá no celular, eu tô vendo que ele fica isolado. E assim quando eu percebo que eu preciso da atenção deles eu chamo atenção, ai eu dou um toque, olha vamos deixar o celular, ai eu consigo dar aula nesse momento, desse modo a gente consegue dar aula. (P6, 2016)

As vezes um fone dividido pra dois, eles estão ouvindo a mesma música quando estão calados, estão de cabeça baixa no *WhatsApp* enquanto o outro está perdido

naquele meio e quanto ao professor é só pra saber mesmo o que ele tem que fazer (o aluno), ele não quer nem um vínculo pedagógico com o professor, é a busca imediata do que ele tem que responder pra fazer e se livrar daquele compromisso pedagógico com o professor.(P7, 2016)

As observações realizadas em sala de aula e o depoimento em foco indicam uma situação que nos chamou bastante atenção: nas relações estabelecidas nesse ambiente de ação educativa, os professores sentem-se desrespeitados e desvalorizados pela atitude ética marcada pela indiferença e descaso do aluno em relação ao trabalho docente realizado em sala de aula.

Os alunos ignoram o professor e se entregam aos entretenimentos disponíveis pelas novas tecnologias de comunicação na internet ou baixados por aplicativos tecnológicos, provocando no professor um sentimento de frustração e uma perda de percepção do outro em sua condição humana. O depoimento a seguir é indicador desse olhar:

O professor tem que ser respeitado, se teu professor está em sala de aula você não tem que ficar ouvindo música, você não deve está com fone no ouvido, mas é assim, quanto mais você fala, mas eles não estão nem ai. Você cansa também, fala, fala, fala e você acaba sendo visto como um professor chato antissocial, aquele que não deixa utilizar as redes sociais, então tem horas que cansa, ai eu me retiro de sala de aula com tudo isso, porque eu acho inadmissível eu explicar a matéria e o aluno não está nem ai pra você e fica ouvindo música, isso é um absurdo, eu acho! (P3, 2016)

Fenomenologicamente, o depoimento evidencia um quadro relacional de frieza e destruição do olhar e do Ser com o Outro no sentido de uma relação inter-humana. Revela-se um quadro relacional entre professores e alunos, cujas vidas estão envilecidas pelas técnicas de aviltamento, impostas pelo racionalismo científico e tecnológico, o que os impedem de viver eticamente uma “vida boa consigo mesmo, com os outros e com instituições justas”, como desde a antiguidade já defendia o pensamento aristotélico.

Esse quadro relacional indica um estado de esvaziamento ético nas relações humanas entre professor e aluno, que obscurece a dimensão existencial do ser com o outro e dificulta o estabelecimento de uma ética inter-humana entre eles. O cenário degradado da relação expressa um mundo de barbárie e violência que nos últimos tempos tem afetado as relações no ambiente escolar, caminhando para a destruição do mistério e da magicidade entre professor e aluno, o que revela um mundo de relações opacas e sem sentido, que impedem o estabelecimento de processos relacionais interpessoais e dialógicos numa dimensão de existência transcendente (GARCIA-BARÓ, 2006), o que evidencia um estado de aviltamento do homem e de sua capacidade de percepção de si e do outro, caindo na condição de “homem

problemático” envilecido pelas técnicas de aviltamento da racionalidade contemporânea (MARCEL, 1956b)

Mas, por outro lado, relatos de alguns professores sinalizam que a percepção das relações entre professores e alunos em meio à profusão de imagens e formas comunicacionais tecnológicas, não se pode perder de vista que não existe tecnologia do mal, pois a sua repercussão nas relações de sociabilidade depende da forma de uso dada pelos usuários.

O professor continua tendo o conhecimento, mas o seu interlocutor também já tem muito acesso a conhecimento, pela própria tecnologia, nas redes sociais, internet, enfim. Então o que você tem que fazer aí, você tem que saber como é que vai ser a mediação entre educador e educando. (P5, 2017)

Cada um usa celular e interage com o grupo todo, outro acaba se isolando porque começa a ter aquele auto prazer de ficar ali, seja brincando, fazendo qualquer coisa, ficar naquela ação de está ali com o celular. Quando você faz alguma coisa prática e faz com que o aluno participe dessa atividade, ele esquece o celular, e aí é mais uma comprovação de que o celular não é problema, o problema é como eu conduzo minha prática pedagógica com esses alunos. (P8, 2017)

Mediante o acelerado desenvolvimento tecnológico, os alunos tem acesso a um volume muito grande de informações, o que lhes credenciam a uma nova relação com o saber e com o professor, do qual se exige uma relação diferente com o aluno, com o saber e com a forma de ensinar esse saber. Ele deve assumir um posicionamento de mediador e orientador do aluno, a fim de que este desenvolva a capacidade de pensar o conhecimento como uma forma de melhor compreender a si e seu mundo.

Os depoimentos indicam que o uso de celular não compromete eticamente as relações de sociabilidade entre as pessoas. Estas devem estar atentas à forma de uso dessa mídia. Não é possível ir contra o desenvolvimento tecnológico, mas sim refletir como as novas mídias de comunicação estão sendo utilizadas nas relações de sociabilidade entre as pessoas na sociedade e, neste caso, no ambiente da sala de aula.

A atuação docente nunca se dá no campo da neutralidade; jamais poderá fechar-se em si mesma, porque a produção dos saberes articula-se através das relações existentes entre a escola, a sociedade, o homem e a realidade. A construção de conhecimentos se transforma, continuamente, através do tempo e nos diversos espaços que vivemos e onde nos relacionamos. (SILVA et al., 2016, p. 98)

Ser indiferente às mudanças que ocorrem na sociedade representa uma renúncia à capacidade do homem encontrar-se com seu próprio Ser, e perder de vista a sua capacidade criativa que ressignifica o sentido de sua existência no mundo.

Nessa perspectiva, o celular não é considerado um obstáculo para construções de relações eticamente humanizadas entre professor e aluno. Porém, no âmbito pedagógico-docente, essa mídia impõe uma dificuldade relacional, visto que seus usuários, sobretudo professor têm dificuldades técnicas de uso do celular como ferramenta pedagógica. Conseqüentemente, essas condições geram uma relação de estranheza entre professor e aluno, como se fossem dois alienígenas em sala de aula, que se perderam no meio de um “mundo quebrado” e “problemático”, profundamente marcado pela ausência de amor e afetividade entre as pessoas e pela perda de percepção de sua própria humanidade.

Percebemos que na atualidade tecnológica e industrial, ainda é muito forte entre professor e aluno uma relação marcada por uma ética de tensionamento e disputa de poder em sala de aula, onde cada um luta para assegurar o seu espaço. Fenomenologicamente, professor e aluno apresentam dificuldades em se perceber um com o outro na experiência educativa, nas tessituras de uma intersubjetividade orientada por uma ética inter-humana, que é obscurecida pela prevalência da racionalidade pedagógica instrumental, verificando-se, na relação professor-aluno, uma regressão da ética humana, como podemos constatar na reflexão a seguir:

uma regressão em sua eticidade [...] o homem se torna individualista, anti-solidário e anti-comunitário. Ou seja, a regressão física dos sentidos se faz acompanhar de uma regressão ética em uma sociedade marcada pela razão instrumental. Aí se encontra a base da violência. (MENDONÇA, 2009, p. 47)

Mas como nos ensinam Gabriel Marcel e Martin Buber, a esperança é o único valor que o homem não deve perder, visto que, sempre existe uma luz no fundo do túnel. Nesse sentido, como alternativa de fuga ao domínio do racionalismo instrumental, levemos em consideração o relato a seguir:

Se eu professora estou em sala de aula eu imagino que cabe a mim o controle da sala de aula, e esse controle não é necessariamente pela coerção, pela força, pela ameaça, esse controle pode passar por uma conquista. Então se eu conquisto meu aluno, eu não vou impor a ele, eu vou mostrar que esse é o melhor caminho, então nessa relação ética eu não vejo o aluno, eu me vejo, eu não quero que o meu aluno me veja como um professor relapso, ditador, eu quero que ele me veja como um ser humano. (P9, 2017)

O depoimento evidencia a busca de uma relação baseada no diálogo e no reconhecimento do Eu no Outro pelas vias da escuta e alteridade sob orientação de uma ética inter-humana. As falas remetem a uma eticidade relacional, na qual professores e alunos se coloquem um no lugar do outro com respeito mútuo pela via do diálogo e da reciprocidade, como a luz no fundo do túnel indicada por Buber, que revela as cores da esperança de um mundo que pode ser edificado na contemplação da sacralidade do outro como um meio de encontrar consigo mesmo, pelas vias do amor, afetividade e da esperança por meio de uma “educação para o diálogo”.

É desse modo que acreditamos ser possível o encontro do Ser com o Outro pela experiência educativa, numa relação ética inter-humana na dimensão da existência transcendente entre educadores e educandos.

#### 5.4 A BUSCA DO SER COM O OUTRO POR MEIO DE UMA ÉTICA HUMANIZADA NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

Nesta secção, o foco de nossas reflexões está centrado na busca de compreensão de uma formação humana baseada numa prática educativa realizada como experiência concreta existencial, a partir das relações estabelecidas ente educador e educando. Buscamos uma percepção fenomenológica-hermenêutica de como é possível aos dois se entregarem à prática educativa como uma experiência de humanização e promoção de um verdadeiro encontro existencial, por meio do resgate de uma formação integral de totalidade humana frente às demandas da sociedade tecnológica industrial da contemporaneidade.

Tomando a educação no contexto de desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação no mundo contemporâneo, entendemos que o homem não pode perder de vista a sua condição humana e nem tampouco a realidade em que está inserido, como condições fulcrais para compreensão de Si e de sua existência no mundo com o Outro. Como nos ensina Gabriel Marcel, em sua obra *“Homo Viator”*, o homem é um ser itinerante marcado pela inescapabilidade, colocado diante de eternas perguntas sobre si e sua existência no mundo, tendo que viver um permanente estado de relações subjetivas e intersubjetivas para responder aos desafios da vida. “Para cumprir essa missão, o homem necessita do outro: deve fazer a experiência do encontro, da partilha da vida e dos projetos” (OLIVEIRA, 2015, p. 72).

Pensamos que este é o ponto de partida para fazermos uma hermenêutica-fenomenológica de uma ética orientadora da construção de uma educação humanizada e capaz

de promover o encontro do Ser com o Outro, numa perspectiva existencial transcendente. Mediante a natureza objetual da técnica e das tecnologias, pressupõe-se a inoperância de suas possibilidades sobre as condições existenciais do homem, cabendo, desse modo, à educação a percepção de que “só o indivíduo, ou mais exatamente a pessoa é educável” (MARCEL, 2001, p. 13). Nesse sentido, compreendemos que a educação como experiência de existência humana,

precisa se inscrever no quadro de um conjunto de relações e/ou virtudes que se nutram por uma confiança no Ser. A confiança, assim, assume também valor pedagógico, na medida em que a Fé no humano pode ser apreendida numa relação intersubjetiva, o que torna a confiança no homem o pressuposto da verdadeira Educação e da verdadeira Filosofia. (SILVA, 2014, p. 291)

Tradicionalmente, a formação educacional do homem ocidental foi orientada por uma concepção de educação centrada predominantemente numa dimensão linear e técnico-racional, que prescindia da capacidade psíquica do homem em sua existência transcendente. Ao professor cabia o papel de transmitir saberes que promovessem a certificação escolar do aluno e, ao aluno, cabia um papel de passividade diante da maestria do professor. Esse modelo de educação, numa perspectiva crítica fenomenológica resultava em uma formação vazia de sentido e significado para a existência humana no mundo, "constatando-se uma clara perda de visão mais ampla e integral do próprio ser humano, num processo de esvaziamento do Ser" (SILVA, 2014, p. 94).

Na sociedade tecnológica industrial, parece-nos que esse cenário de abstração da condição humana na experiência educativa permanece. A ação educativa é orientada pela dimensão da racionalidade tecnológica, científica e econômica, legitimada na legislação educacional, na medida em que, segundo a nossa LDB atual (Lei 9.394/96), “a educação deve formar homens para a vida, o trabalho e a conquista da cidadania”. Desse modo, entendemos que a experiência educacional está submissa às exigências de uma formação funcional para atender às demandas mercadológicas do capitalismo contemporâneo.

Num olhar fenomenológico, esse modelo de educação evidencia um aviltamento da condição humana pelo instrumentalismo técnico da cotidianidade do homem, que se vê diante da impossibilidade de exercer a sua própria humanidade em situação autêntica, sendo dominada por seus aviltadores que tentam anular em seus alvos a crença no valor de si mesma (MARCEL, 2001). Em todas as dimensões da existência, a vida humana é controlada cada vez mais pelo racionalismo instrumental, condicionando o homem a perder-se de si e de sua existência transcendente, sendo lançado num mundo de inautenticidade e degradação do Ser.

Pode dizer-se que hoje um ser perde tanto mais consciência da sua realidade íntima e profunda quanto mais depende de todas as mecânicas que lhe asseguram pelo seu funcionamento uma vida material tolerável. Pondo a dizer que o seu centro de gravidade e como a sua base de equilíbrio passam a ser-lhe exteriores; que ele se situa progressivamente nas coisas, nos aparelhos de que depende para existir.(MARCEL, 2001, p. 51)

Nesse contexto, em que o homem encontra-se aviltado de sua integridade humana no sentido existencial, pensamos que é possível, por meio de uma experiência educativa que transcenda os postulados técnicos racionais, uma educação redentora que possa resgatar uma formação verdadeiramente humana e que "busque não só o aprimoramento das habilidades do homem, mas também, promova a sua emancipação e humanização possível" (SILVA, 2014, p. 296).

Uma das condições fundamentais para a superação desse espírito de abstração que envolve a formação de nossas crianças e jovens pela experiência educativa, é promover uma ação docente que não seja refém das teorias científicas consolidadas, mas uma prática docente com produção de sentido para vida que "não caia a maior parte de suas matérias num resultado que é nulo e sem sentido" (MARCEL, 2001, p. 45).

Ao educador, cabe o papel de romper com a exclusividade dos grilhões epistemológicos e agregá-los a um fazer docente, baseado no diálogo, na escuta e novas possibilidades construídas na fenomenalidade humana em articulação com uma relação humanizada com o saber científico, e isso "Implica que a ação ética do educador em relação ao educando, proceda de modo a garantir que todo seu agir, se mostre a favor do humano e contra todo e qualquer tipo de abstração e/ou atitude aviltante" (SILVA, 2014, p. 299). Desse modo, pensamos que é possível promover pela experiência educativa uma formação integral do homem numa perspectiva de mistério, que possibilite o encontro no sentido existencial do Ser com o Outro.

Nessa perspectiva, quando questionados sobre um momento de sensibilidade humana com alunos, alguns professores forneceram respostas bastante elucidativas de uma ética inter-humana, tal como:

Eu Acho que eu sou uma professora muito humana. Quando você faz um trabalho não apenas como docente, você tem essa visão do humano, olhar o seu aluno como humano, a primeira coisa quando um professor que se preocupa com o outro tem consciência de que ele tem que fazer o papel e o trabalho dele com responsabilidade com o aluno (...) aqui na escola pública eles são carentes de tudo, de amor, de afeto, de atenção, de educação, de instrução(...) Nós vivemos uma crise moral, então dentro dessa crise moral é preciso o aluno ter consciência, mas como esse aluno vai ter consciência se não tem ninguém preocupado com ele, com a formação pessoal



dele. Essa é uma preocupação que eu tenho com esses jovens de hoje. Se tivéssemos mais professores pensando dessa maneira talvez tivéssemos mais jovens mais conscientes e preparados pra vida. (P3, 2016)

Eu fui trabalhar no ensino fundamental e pedi para os alunos, “olha vamos ver essa questão da história e sua importância” e pedi pra eles trazerem uma música ou uma história que os pais cantavam ou contavam pra eles. Eles me diziam que nunca seus pais tinham cantado ou contado uma música ou história pra eles, nem quando crianças uma historinha infantil sequer ou uma música. Todos diziam que nunca tinham escutado dos pais. Então isso me sensibiliza muito. (P10, 2017)

Os relatos indicam que é possível fazer uma educação humanizada, na medida em que o professor assume o papel de educador frente ao educando. Nesse olhar, o professor se disponibiliza numa relação de totalidade humana para o aluno, estabelecendo formas de sociabilidade intersubjetivas baseadas no diálogo e na alteridade, assumindo responsabilidade com a formação do aluno por uma ética humanizada inserida nas vivências concretas da vida cotidiana.

A ação docente deve ser baseada não apenas em pressupostos teóricos e pedagógicos buscando uma formação certificadora do saber escolar e científico, mas também sustentar suas arguições numa ética inter-humana, preocupando-se em proporcionar uma ação educativa provocadora do educando em sua interioridade. Uma relação entre educador e educando, na qual os dois consigam perceber-se em uma experiência de encontro existencial do ser com o outro no mundo.

Essa concepção de docência, para além das demandas pedagógicas, deve ser baseada, na percepção do aluno em sua condição humana. Ao professor cabe o papel de possibilitar ao aluno, por meio da ação educativa, um desvelar de si mesmo e de sua condição de existência no mundo, em reflexões acerca de si e do outro em suas relações intersubjetivas construídas nas suas experiências cotidianas. Nesse sentido, estudando a educação na perspectiva marceliana, Silva (2016) afirma que:

a dimensão pedagógica da abordagem fenomenológica apresenta-se como um ato em que se reconhece a educação como uma experiência fundamental e profundamente humana. Neste sentido fenomenológico, o papel da educação é tentar compreender a realidade, buscar explicitar os aspectos do desenvolvimento da condição humana, através da apreensão do seu sentido e do desvelamento dos modos como a existência e as relações são experienciadas e apreendidas. (SILVA et al, 2016, p. 99)

Para viver essa experiência educativa existencial com o aluno, o professor deve desenvolver uma abertura de sua interioridade, pela via de uma profunda sensibilidade humana em relação ao outro, que é o aluno “pessoa”, na experiência do qual o professor

também se descobre como Ser. A ação educativa, vista por esse viés, como um fenômeno que pode ser desenvolvido a partir da interioridade do homem e articulado às suas vivências concretas, impõe a necessidade de um olhar fenomenológico como forma de desvelamento do Ser com o Outro no mundo, contribuindo para que professores e alunos consigam perceber o sentido de sua própria existência pela experiência educativa edificada no amor e na alteridade.

As atividades, ferramentas pedagógicas e os documentos orientadores da realização da ação educativa devem ser utilizados em benefício da formação do aluno em todas as dimensões de sua vida, desde a formação pedagógica até uma formação integral, baseada no desenvolvimento escolar e humano do aluno simultaneamente a um desenvolvimento formativo do professor em sua interioridade, tomando-se em conta que:

O educador não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 1983, p. 39)

Desse modo, podemos considerar o depoimento do professor a seguir:

No processo de relação, sentimento de gratidão, de dever cumprido, satisfação de ver uma evolução de uma criança, um jovem, já senti isso inúmeras vezes. Pra nós uma sensação de dever cumprido, a gente ensina alguma coisa, mas também aprende. É a paciência, é o saber lidar, conquistar a confiança, e quando a gente consegue avançar nisso todo dia é uma satisfação muito grande. (P8, 2017)

Nesse processo de ensino-aprendizagem há uma relação de doação, disponibilidade e reciprocidade. A confiança é a base dessa relação, na medida em que educadores e educandos conseguem caminhar junto e se comprazem com a felicidade do outro. Nessa experiência de comunhão, torna-se possível a cada um estabelecer contato consigo mesmo na relação com o outro e alcançar a sua autenticidade humana, remetendo-nos à lembrança da “educação de caráter” de Buber. Na perspectiva buberiana, o professor pela vontade de presença e disponibilidade deve se mostrar para o aluno como um ser de confiança com quem estabelece relações intersubjetivas em experiências concretas no mundo, revelando que “o acesso ao aluno em dimensão existencial só pode ocorrer pela confiança” (BUBER, 2003, p. 41).

Essa experiência educativa requer uma relação de sólida cumplicidade entre professor e aluno para que a educação tenha um caráter dialógico e de autenticidade entre educador e educando, a fim de que a experiência educativa produza sentido para a vida humana (BUBER, 2003). Desse modo, a base de uma ação docente verdadeiramente preocupada com a formação

humana do aluno deve ser alicerçada numa relação de confiabilidade orientada por um sentimento de abertura e disponibilidade do professor para o aluno, numa perspectiva de encontro e reciprocidade.

Nessa perspectiva de disponibilidade, como um caminho para pensar a construção de uma relação ética do Ser com o Outro, retomamos o relato de uma professora entrevistada no processo deste estudo,

Esse ano eu fiquei penalizada com uma turma inteira da manhã, que esta o ano inteiro sem professor da minha disciplina, eu resolvi dar aulas pra eles desde o início do ano sem ganhar nada, porque a turma não é minha, mas eu fico penalizada de ver que eles não têm professor, então eu vou ali e faço meu papel independente se vou ganhar dinheiro ou não, eu fico preocupada com os alunos como pessoas. Se não tem aula eles vão começar a se meter em coisa erradas que tem na escola. (P3, 2016)

O relato indica um momento de fuga do homem da dimensão Eu-Isso da esfera problemática, para lançar-se na dimensão Eu-Tu, por uma atitude ética inter-humana orientada pela esfera do mistério no sentido marceliano. A professora em questão, indiferente às possibilidades do Ter e profundamente tomada pela busca do Ser e por um momento de sensibilidade humana e percepção do Outro, entregou-se a uma atitude de doação de totalidade aos alunos em uma relação de intersubjetividade e alteridade, evidenciando uma fenomenologia da responsabilidade ética que o educador deve ter com o educando.

A responsabilidade ética agregada ao sentimento de disponibilidade para o outro na manifestação de abertura existencial, possibilitou à professora, impulsionada pela necessidade interior de promover a ascense do Ser a encontrar-se no reconhecimento da necessidade do outro, que, neste caso, eram os alunos que estavam completamente envilecidos de suas possibilidades humanas pelas técnicas de aviltamento de uma educação construída em bases da racionalidade instrumental, evidenciando o conceito de “técnicas de aviltamento” formulado por Marcel em suas reflexões filosóficas e que se manifestam em todas as dimensões da sociedade contemporânea (MARCEL, 2001).

É em formas de sociabilidades intersubjetivas e pedagógicas amalgamadas pela alteridade, como essa elucidada no relato da professora, que pelas vias da fenomenologia-hermenêutica, conseguimos vislumbrar a esperança do encontro dialógico do Ser com o Outro, por uma experiência educativa com produção de sentido. Nesse âmbito, sob os auspícios da filosofia marceliana, entendemos que o verdadeiro encontro do Ser em dimensão existencial só pode ocorrer por uma disponibilidade de abertura para a experiência do Outro, no qual há o verdadeiro encontro com o Eu, na medida em que “me elevo a uma percepção verdadeiramente concreta de minha própria experiência, mais estarei em condições pela

mesma medida de ascender a uma compreensão efetiva do outro, da experiência do outro” (MARCEL, 1953, p. 10). Esse olhar nos permite inferir que, fenomenologicamente, a professora só conseguiu se reconhecer como Ser ao se entregar autenticamente à experiência do aluno como pessoa em uma vivência concreta.

Assim, o professor consegue tornar a ação educativa uma experiência existencial verdadeiramente humana. É uma experiência que Buber (2009) refletindo sobre a “educação de caráter” chamou de “educação para o diálogo”, que representa um deslocamento das concepções tradicional e crítica de orientação pedagógica científico-racional para uma educação com produção de sentido da vida, traduzida no verdadeiro encontro de conhecimento e autoconhecimento entre professor e aluno, como educador e educando em situação de comunhão, indicando como nos ensina Marcel, que o homem só descobre o verdadeiro conhecimento de si pela vivência da experiência do outro, inferindo que somente por relações intersubjetivas de alteridade, professor e aluno podem alcançar a percepção de si e do outro.

Desse cenário abstrai-se uma questão importante para uma educação dialógica, edificada no encontro do Ser com o Outro: a liberdade. Seguindo o pensamento de Buber e Marcel, o verdadeiro encontro com sentido para a vida na ação educativa só pode ocorrer entre professores e alunos como pessoas livres e com abertura para si e para o outro. A noção de liberdade expressa na presente relação não é baseada na filosofia Kantiana, segundo a qual um homem é livre quando ele consegue controlar suas ações por meio de determinações imperativas de sua própria razão; pelo contrário, a noção de liberdade aqui em evidência é construída “no âmbito da fé, da disponibilidade, da esperança e de outras vivências existenciais transcendentais” (RAMOS, 2014, p. 66).

Nesse sentido, segundo o pensamento filosófico de Gabriel Marcel, essa concepção de liberdade só pode ser vivenciada no âmbito do Mistério em relações humanas baseadas na dimensão do Eu-Tu, na qual o Outro para mim se torna um Tu. É nesse contexto marcado pela disponibilidade de um para o outro que o homem consegue exercer verdadeiramente a sua condição de Ser livre, quando estabelece um diálogo e uma experiência existencial que o conduz ao outro pelas exigências ontológicas da fraternidade, do amor e da esperança.

Com base nessa noção de liberdade transcendente, inferimos que na experiência educativa, professores e alunos, na medida em que estabelecem como objetivo uma formação humanizada pela responsabilidade com o outro, busca da dignidade e uma doação de totalidade que os conduza ao desvelar do Ser com o Outro, edificam suas ações numa permanente abertura dialógica e alcançam a dimensão do Ser e de pessoas livres, revelando,

desse modo, a educação como um campo favorável à conquista e exercício da liberdade humana na dimensão do Mistério marceliano. “A liberdade pertence à esfera do ser. Somos livres à medida que permanecemos em diálogo conosco, enquanto nos abrimos aos outros e nos dispomos à doação” (ZILLES, 1988, p. 101).

Devemos compreender esse diálogo no contexto de um encontro, não num sentido corporal, mas num sentido de evento existencial que se atualiza na presença e reciprocidade entre dois seres na dimensão do Eu-Tu (BUBER, 2001). Quando duas pessoas chegam a si por um momento de plena disponibilidade e entregam-se naquele momento a uma ligação pura e verdadeira, marcada por uma atitude de doação e totalidade humana de um para o outro, ocorre o verdadeiro encontro dialógico.

É desse modo que pode ocorrer o diálogo entre professor e aluno, promovendo um verdadeiro encontro face a face pela experiência educativa, em uma situação de vivência no Eu-Tu, na medida em que “No verdadeiro encontro Eu-Tu, o homem alcança o outro e é por ele alcançado” (PARREIRA, 2016, p. 116). Professor e aluno, nesse olhar fenomenológico, encontram-se verdadeiramente quando se disponibilizam a vivenciar mutuamente a experiência do outro, conseguindo perceber na sua mais profunda intimidade existencial a necessidade do outro de forma recíproca.

Não devem buscar apenas ensinar e aprender conhecimentos científicos e pedagógicos um com o outro, mas, sobretudo, chegarem a um conhecimento e autoconhecimento pela percepção da sacralidade um do outro, em uma educação de totalidade humana construída no diálogo, escuta e na paciência. O diálogo na dimensão do encontro é a condição *sine qua non* para o estabelecimento de uma relação baseada numa ética inter-humana entre educador e educando, considerando que é por meio de uma relação dialógica que “o sentido mais profundo da existência humana é revelado” (ZUBEN, 2003, p.70).

Dai surge uma questão que consideramos fundamental para uma vivência dialógica entre professor e aluno na experiência educativa: a paciência. Segundo Marcel (1956b), o homem do mundo contemporâneo compulsivamente dominado pela técnica, tem revelado um comportamento marcado pela impaciência e instantaneidade em suas relações. Desse modo, entendemos, que para escapar da condição de "homem problemático", ao homem da contemporaneidade falta o reencontro com a paciência, como uma virtude que pode levá-lo ao reencontro com sua condição humana e com o outro no mundo, como possibilidade para enfrentar os desafios impostos à sua existência.

Pedagogicamente, essa reflexão representa uma questão de importância vital para compreendermos a relação entre professor e aluno na prática educativa, pois “Sem paciência

inesgotável não é possível em última instância nenhuma educação” (BOLLNOW, 1962, p. 61). Ao professor, na condição de educador, cabe o papel de ser paciente com o aluno, no sentido de desenvolver uma relação baseada no diálogo e na abertura para a aceitação do aluno em suas condições existenciais, em seu tempo e capacidade de aprendizagem. Devemos ressaltar que a paciência nessa perspectiva não representa uma banalização do processo de formação do aluno a qualquer valor do processo ensino-aprendizagem, mas dar a ele condições pedagógicas e humanas para aprender.

Conforme Marcel (1953), a paciência no âmbito pedagógico é uma virtude exercida em articulação com a suavidade, como alternativa humano-didática para fomentar no aluno o desenvolvimento de sua própria humanidade, mas com a responsabilidade que deve fazer parte do papel formador do professor. Desse modo, a paciência, como um componente humanizador da relação entre professor e aluno, deve ser edificada numa atitude de confiança do professor em relação as possibilidade do aluno, como um "*Homo Viator*" marcado pela itinerância, inacabamento e pela inesgotabilidade do Ser (MARCEL, 2005). Assim, entendemos que a paciência está vinculada à esperança no inesperado, que está no desvelamento do Ser no aluno e professor pela ação educativa em relações éticas inter-humanas na dimensão do Mistério.

É nessa forma de relação entre educador e educando, baseada num profundo sentimento de comunhão que acreditamos ser possível construir, sob a orientação de uma ética inter-humana, uma verdadeira educação humanizada que transcenda a dimensão da racionalidade pedagógica e funcional, promovendo um autêntico encontro do Ser com o Outro em existências e experiências concretas no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconectando-nos às questões iniciais deste estudo de tese de doutoramento, lembramos de que nossas inquietações remetem a uma análise fenomenológico-hermenêutica dos processos de sociabilidade construídos em sala de aula, nos âmbitos interpessoal e pedagógico sob influência das novas tecnologias de comunicação digital, na tentativa de entender as relações na dimensão ética e social, a partir do olhar de professores em relação aos alunos que utilizam celular em sala de aula.

A construção de um olhar nessa perspectiva, sobretudo pelas lentes fenomenológico-hermenêuticas de Gabriel Marcel, inicialmente, não foi uma tarefa fácil, foi um grande desafio em razão de diversas questões que perpassam o diálogo com esse filósofo, dramaturgo, musicista e crítico literário francês e sua contextualização com o objeto investigado neste estudo. É um autor pouco estudado na comunidade acadêmica no Brasil, sobretudo nos Programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu*; a dificuldade de aproximação com sua extraordinária obra em razão de a maior parte ainda está publicada nas línguas francesa e espanhola; a profunda densidade filosófica-epistemológicas de suas reflexões; e, por fim, o fato de que seu pensamento filosófico rejeita qualquer forma de sistematização metodológica a ser seguida, sendo, antes, profundas e proféticas reflexões que interpelam o homem em suas condições existenciais no mundo em situações de experiências concretas em relações intersubjetivas do Eu com o Outro. Maior ainda, foi o desafio em articular o pensamento filosófico marceliano com as relações de sociabilidade entre professor e aluno usuário de celular em sala de aula no processo da ação educativa.

Mas, com bastante entrega, disciplina, perseverança e com as luzes que adentraram ao nosso olhar pelas “janelas” abertas perspicazmente pela orientadora deste estudo, conseguimos avançar gradualmente e estabelecer um diálogo bastante fecundo com o autor e transformá-lo em uma tocha de iluminação teórica e epistemológica em nossa caminhada investigativa. Na medida em que avançávamos no processo investigativo, enxergando Marcel em nossas inquietações, seu pensamento, gradualmente ia se mostrando com maior clareza em nosso estudo.

Em retomada às questões levantadas nesta pesquisa, destacam-se: como as novas tecnologias de comunicação influenciam nas relações de sociabilidade na sociedade contemporânea? Quais as principais formas de uso pessoal dessas novas tecnologias de

comunicação na escola? Como as informações mediadas por essas novas tecnologias de comunicação podem ser vinculadas às relações interpessoais e pedagógicas em sala de aula? Quais formas de sociabilidade, decorrentes do uso das novas tecnologias de comunicação, são mais recorrentes atualmente no ambiente da sala de aula? Como a ética perpassa as relações de sociabilidade em sala de aula mediadas por novas tecnologias de comunicação digital?

Fustigados por essas interpelações e seguindo as lentes de uma fenomenologia-hermenêutica marceliana, em articulação com as falas de nossos interlocutores que se propuseram a participação nesta pesquisa como colaboradores, realizamos algumas aproximações com nossas questões de investigação propostas neste estudo.

Por ser a tecnologia uma das categorias centrais deste estudo, buscamos compreender junto aos interlocutores da pesquisa o papel que as novas tecnologias de comunicação exercem na vida do homem na contemporaneidade e obtivemos como resultados aproximativos: discursos indicadores de que as novas tecnologias de informação e comunicação exercem na vida do homem contemporâneo uma influência positiva e otimista, sobretudo o celular, facilitando a vida na dimensão espaço-temporal no contexto das relações familiares, na logística organizacional do trabalho, enfatizando a rapidez na discussão e tomada de decisões sem depender de um local e horário específicos para resolver as demandas pessoais e profissionais, sob uma perspectiva racional e objetiva de existência.

Todavia, olhando pelas lentes de Gabriel Marcel, que é o grande mentor desta análise, essa mídia de comunicação digital tem provocado graves consequências existenciais e éticas para o homem, revelando-se como elemento de regulação da vida levando as pessoas muitas vezes a perderem-se de si mesmas e da relação com o outro. As condições de existência orientadas pelo domínio das tecnologias digitais têm lançado o homem numa dimensão de inautenticidade, quando este passa a utilizar o parecer e a vida do outro como referência para a sua existência (MARCEL, 2001).

Nesse sentido, alguns diálogos construídos acerca do uso de tecnologias sinalizam para relações em que as pessoas não compartilham mais suas ideias, valores e sentimentos que expressam o estar juntos. Perdeu-se de vista o respeito de um pelo outro como pessoa humana, o limite nas relações desapareceu, a ausência de percepção do outro, provocando um vazio ético nas relações entre as pessoas por meio do uso de celular. Todavia, segundo relatos de professores entrevistados, devemos ter em consideração que não existe tecnologia do mal ou do bem, depende muito da forma como o homem se relaciona com ela.



No que se refere às questões acerca das relações de sociabilidade estabelecidas entre professores e alunos, sob influência do uso do celular, tomando como referência o olhar do professor, e para otimizar a compreensão desta escrita, dividimos as percepções desta pesquisa em duas dimensões: pedagógica e relacional.

Na dimensão pedagógica, foi possível concluir que em muitas escolas já existem laboratórios de informática vinculados ao trabalho escolar, data show, a burocracia escolar, as bibliotecas escolares já funcionam com mídias de informação e comunicação conectadas à internet e o uso intenso de celular no ambiente escolar. No entanto, a maioria das pessoas na escola utiliza o celular para acessar e-mails, entrar em redes sociais na internet, encaminhar seus interesses particulares, como questões familiares, relacionamentos, entretenimentos de diversos âmbitos, busca de notícias, negócios e outros, preterindo-se o uso do celular em atividades pedagógicas da escola. Somente de modo muito esporádico é utilizado na condição de ferramenta pedagógica no processo ensino-aprendizagem.

As vozes de professores indicam que os projetos político pedagógicos das escolas não contemplam estratégias metodológicas de uso das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem, retratando um distanciamento significativo entre o que se ensina na escola e a realidade do aluno, visto que a maioria dos alunos, em sala de aula possui e sabe lidar com as novas tecnologias de comunicação, sobretudo o celular. Se não encontram uma realidade escolar coerente com essa nova realidade, conseqüentemente são tomados pelo desinteresse do que e como a escola ensina.

Faz-se necessário pensar um plano de ação que possibilite o uso pedagógico das tecnologias, contemplando aos educadores com cursos de capacitação que os subsidiem com competências e habilidades para lidarem com as novas tecnologias, como condição para uma nova formação que o mundo contemporâneo impõe para as escolas proporcionarem aos educandos.

O processo de observação revela que no ambiente da sala de aula, a ética instituída pelos professores e alunos é orientada por parâmetros pedagógicos sustentados por uma forte racionalidade técnica e ainda por estratégias de ensino-aprendizagem bastante tradicionais. A maioria dos professores em sala de aula mostra-se mais preocupada em ministrar os conteúdos curriculares das disciplinas, muitas vezes de forma descontextualizada da realidade social dos alunos. Do outro lado, os alunos, com uma nova forma de ver o mundo pelas lentes das tecnologias digitais, “olham” para o professor que está apresentando uma aula, mas não os “veem”, “isolando-se” em suas mídias digitais, de forma individual ou compartilhada,

geralmente com fones de ouvido, evidenciando pouco ou nenhum interesse pelo conteúdo que o professor está “ensinando” em sala de aula.

Muitos professores apresentam dificuldades em compreender a noção de instantaneidade do tempo dos novos alunos gerado pelas novas tecnologias de comunicação e, eventualmente, tecem comentários ou tomam atitudes que evidenciam um anacronismo pedagógico-docente e desenvolvem uma relação autoritária como forma de garantir e manter seu discurso e suas práticas hegemônicas em sala de aula.

Sobre as formas de uso do celular pelos alunos em sala de aula, a maioria dos relatos de professores e o processo de observação realizado em sala de aula indicam que os alunos utilizam amplamente o aparelho celular na escola e em sala de aula em atividades voltadas para os seus interesses e prazeres pessoais, como ouvir música baixadas por aplicativos da *web*, realizam processos de sociabilidade em redes sociais, como enviar mensagens para amigos virtuais, trocando ideias e imagens em forma de textos, fotos ou vídeos, não estabelecendo vínculos com as atividades curriculares e os conteúdos disciplinares ensinados em sala de aula pelos professores.

Em relação à forma de lidar com alunos usuários de celular em sala de aula, alguns professores deixaram transparecer em suas falas que a referida mídia tecnológica não é ferramenta de intervenção pedagógica em sala de aula e, por essa razão, não deve ser utilizada durante a realização das aulas. Em seus depoimentos afirmaram que solicitam que os alunos guardem seus celulares, inclusive, alguns dizem que assumem esse posicionamento desde o primeiro dia de aula do ano letivo, quando fazem uma exposição das regras de comportamento e relacionamento em sala de aula, pelas quais o uso do celular é considerado proibido durante as aulas. Desse modo, o uso do aparelho em sala durante as aulas, alguns desses professores se empenham em construir uma imagem negativa dessa mídia de comunicação, tentando convencer aos alunos de sua influência nociva ao processo ensino-aprendizagem.

Alguns professores buscam estabelecer com os alunos usuários de celular em sala de aula uma relação baseada em normas de contrato, mas estas deixam transparecer um conteúdo autoritário, à medida que são orientadas por regras estabelecidas unilateralmente pelo próprio professor para o aluno obedecer.

O professor passa a maior parte do tempo de aula numa relação de tensão e conflitualidade entre o exercer sua função docente e conseguir cooptar a atenção do aluno, que está mais interessado em suas formas de comunicação disponibilizadas pelo celular, sem dar sinais de compreensão de sua presença ali em sala de aula.

Esporadicamente, quando o aluno utiliza o celular para desenvolver alguma atividade relacionada às atividades realizadas em sala de aula acerca das questões curriculares, ele o faz de forma aligeirada na sua compreensão acerca do tema buscado por meio da tecnologia, em face de que seu movimento de busca não é acompanhado de uma reflexão mais aprofundada e refinada pedagogicamente, implicando em uma compreensão apenas superficial e pontual do assunto proposto pelo professor, resultando em uma pseudoaprendizagem.

Quando questionados se o uso de celular em sala de aula por alunos afeta a sua autoridade, alguns professores afirmaram que o uso dessa mídia de comunicação em sala de aula não interfere em sua autoridade, na medida em que diante de uma situação de desatenção do aluno, supostamente provocada pelo uso da referida mídia tecnológica, eles solicitam que o aluno guarde o celular e preste atenção na aula.

Por outro lado, a maioria, denuncia o uso do celular como um elemento que afeta negativamente a autoridade do professor em sala de aula, na medida em que os professores alegam que não tem uma atenção espontânea dos alunos para os assuntos ministrados, o que os condiciona a reiteradas paralizações da aula para solicitar aos alunos que deixem de algum modo o celular para dar atenção à aula ou criam regras restritivas e coercitivas de proibição de uso do celular durante a aula, evidenciando uma quebra na autoridade do professor em sala de aula.

Entendemos que a autoridade do professor seja numa perspectiva tradicional de mando e obediência ou a busca de reconhecimento convicto de um pelo outro por uma obediência baseada no consentimento e reconhecimento, vive um momento de crise no mundo da contemporaneidade.

Ao serem indagados sobre a decisão de ser professor, a maioria dos entrevistados afirmou que em razão da necessidade financeira de sobrevivência ou como estratégia para manutenção ou preparação financeira para outro curso de graduação pretendido como preferência de identificação e definição profissional, enveredando pela vida docente, como uma condição passageira.

A identificação de percurso com o magistério, de acordo alguns professores, remete ao “vírus do magistério” numa referência a um apego até certo ponto inconsciente, com as tessituras da docência e suas relações com a comunidade educativa e, por outro lado, outra questão bastante recorrente na decisão de ser professor remete à força da tradição, indicando que alguns assumiram a docência sob influência do peso desse ofício no âmbito familiar.

Verificamos que acabam assumindo parcial ou inteiramente a função de professor como uma profissão, após passarem por momentos de indefinições acerca da carreira a ser seguida em suas relações socioprodutivas.

Sobre o sentido de ser professor, os interlocutores deste estudo responderam que ser professor, mesmo num passado recente, era mais fácil em razão de uma relação objetivista e racional estabelecida com os conteúdos, que não demandava reflexões mais elaboradas acerca das temáticas tratadas em sala de aula. O ensino dos conteúdos era caracterizado por um processo de simples transmissão de conhecimentos previamente elaborados, cuja verificação de aprendizagem era realizada pela fiel reprodução do que foi ensinado.

Alguns professores foram bastante enfáticos na afirmação de que “hoje” é mais difícil ser professor em razão da complexidade instrumental desse ofício. Segundo os relatos de professores acerca dessa questão, o professor de hoje coloca-se diante de exigências que demandam um novo olhar e atitude do professor, em razão da complexidade do conhecimento e do desenvolvimento da tecnologia. Outra, segundo os professores entrevistados, a ação educativa deve ser construída pelas vias da contextualização dos conhecimentos ensinados em sala de aula com a realidade vivida pelo aluno, a fim de que o processo educativo tenha sentido para este.

Na dimensão relacional, a partir de um viés fenomenológico-hermenêutico, concluímos que com o desenvolvimento das novas tecnologias, as relações de sociabilidade tornaram-se mais distantes, assumindo cada vez mais uma dimensão virtual, marcadas por uma dilaceração do tempo humano no sentido de estar com o outro, visto que as pessoas não dependem mais de tempo e espaços pré-estabelecidos para se comunicarem. As interações sociais são predominantemente orientadas por suportes tecnológicos digitais que prescindem da presença física face a face, evidenciando uma cibernetização das relações humanas.

Professores entrevistados apontam para relações em que as pessoas não compartilham mais suas ideias, valores e sentimentos que expressam o estar junto, perdeu-se de vista o respeito de um pelo outro como pessoa humana, substituiu-se o eu com o outro pelo eu e o outro, a solidariedade pela competitividade, a paciência pela precipitação, o amar pelo ficar, dentre outras degradações e dilacerações da ética inter-humana, evidenciando-se um vazio ético nas relações entre as pessoas por meio do uso de celular.

No âmbito educacional, o processo de observação, evidencia em sala de aula um distanciamento muito grande entre professor e alunos, no sentido do acolhimento humano. De um lado, o professor está preocupado predominantemente com as questões pedagógicas, como a condição nodal para a sua permanência naquele ambiente; e de outro, os alunos, apáticos,

com um olhar no vazio, aparentam dificuldades em compreender a razão de estarem ali. Em consequência, colocam seus fones de ouvido, ligam celulares e entregam-se aos "prazeres" imediatos das novas tecnologias de forma individual ou compartilhada, eclipsando o olhar de um para o outro na sua condição existencial humana.

A sala de aula, como parte do todo da escola, ainda organizada em bases tradicionais, mostra-se como um ambiente de aprisionamento, isolado do contexto em que está situada, asfixiando as possibilidades inter-humanas de seus protagonistas, professores e alunos. Hoje as relações em sala de aula são perpassadas por diferentes pessoas e projetos, demandando este espaço de processos socioeducativos, novas relações, não só baseadas em critérios pedagógicos, mas, sobretudo em relações intersubjetivas orientadas pela contemplação do outro em sua condição humana, nas quais professores e alunos como pessoas que possam viver na ação educativa em sala de aula, a possibilidade do encontro como experiência fenomenológica.

Eventualmente, tem-se estabelecido um campo de confrontos entre professor e aluno, na medida em que em razão das diferenças de suas experiências temporais, cada lado busca impor sua forma de compreender o mundo e a relação com o saber e com o outro, o que tem provocado ações relacionais que resultam em situações de conflitualidade elucidativa de uma disputa de poder e diferenças de temporalidade. Indica uma ação educativa que não agrega os valores humanos como a solidariedade, o diálogo e a alteridade. Esse cenário desnuda uma relação eticamente vazia que deixa transparecer um quadro de violência contra a pessoa humana, na medida em que professores e alunos não conseguem mais se colocar em uma posição de contemplação uns dos outros, porque não se enxergam mais, não conseguem mais se encontrar para viver uma experiência inter-humana por meio da ação educativa, violentando a sua própria humanidade.

Essa condição aviltada da percepção de si e do outro entre professores e alunos, construída pelas inovações tecnológicas reflete o tempo e a ideia do "aqui e agora", transparecendo que o importante é cada um fazer a sua parte em completa indiferença ao outro, destruindo desse modo o princípio da "responsabilidade com o outro" no sentido ético inter-humano, estabelecendo em sala de aula uma relação baseada na estranheza e desconfiança de uns com os outros.

Essa forma de relação completamente objetivada avilta desses protagonistas da ação educativa o sentido da vida, revelando-os como seres envilecidos de suas possibilidades educativas humanas em relações intersubjetivas de alteridade, dificultando a professores e alunos se disponibilizarem um para o outro em uma relação de transcendência, perdendo-se

desse modo, o encantamento humano da educação como possibilidade restauradora do sentido da vida.

Nesse quadro, a escola tem se mostrado com um ambiente de (re)produção da cultura da violência. Com isso, o medo se torna uma das principais consequências do quadro de violência que impera no ambiente escolar. Quando questionados acerca de possíveis ameaças ou sensação do medo em sala de aula, os professores que se manifestaram, deram depoimentos que remetem à existência de um estado de violência declarada e velada à integridade física e à vida, gerando uma situação de impotência no professor para o exercício da profissão docente.

Nesse cenário de barbárie, destruição e violência evidenciam-se nos relatos dos professores, que os jovens adolescentes carecem de amor e acolhimento humano na medida em que em suas ações percebemos um profundo vazio de sentido da vida, mergulhados num quadro caótico de existência que dificulta a sua formação humana.

Percebemos que professores e alunos não conversam mais, perdeu-se a mágica de professores e alunos se encontrarem como pessoas humanas com responsabilidade de um com o outro num ambiente relacional de alegria e prazer. Os alunos não prestam atenção na aula de forma espontânea, não obedecem aos professores por reconhecimento e consentimento, o que tem aberto precedentes para uma relação entre professor e aluno pautada no autoritarismo e na coerção em sala de aula, indicando um exercício de poder autoritário pelo professor como forma de reclamar o reconhecimento de sua autoridade.

Portanto, o uso de celular em sala de aula por alunos durante a realização das aulas, não apenas afeta a concepção de autoridade esboçada pelos professores, como desnuda uma crise existente na relação de autoridade e obediência entre professor-aluno, mas fundamentalmente, vislumbramos uma crise existencial nas relações intersubjetivas em sala de aula, marcadas profundamente, por um quadro de adoecimento humano traduzido na formação de um ambiente de tristeza e desespero de professores e alunos.

Os relatos de professores sobre a opção pelo magistério nos remetem à percepção do desencantamento que atinge a profissão docente, afastando a ideia de vocação que permeava tradicionalmente o ofício do magistério. O Mistério da docência foi destruído pela racionalidade instrumental e pela lógica do ter no sentido de posse do capitalismo. A docência enveredou, na perspectiva do pensamento filosófico de Gabriel Marcel, pela esfera do problema, em que a felicidade do homem está situada no desejo do ter no sentido da posse material (MARCEL, 2003).

Quando alguém decide ser professor, sob influência do ambiente familiar, parece-nos estar resgatando a docência pelo peso da tradição, mas também elucidativa de uma força vocacional, que carrega a ideia do encantamento na relação professor-aluno como uma experiência existencial humana. Nos relatos também ficou evidente a sensibilidade humana para o encantamento com os símbolos e imagens do ser professor que traduzem um imaginário construído historicamente, que remete à um diálogo com sua interioridade a partir da relação com o outro que é sua fonte de inspiração, buscando o Eu na contemplação do Outro.

Ao tratarmos sobre o sentido de ser professor “ontem e hoje”, na dimensão ética, o professor, tradicionalmente, era visto como autoridade, cujo saber devia ser inquestionável. Suas narrações docentes eram consideradas representações de verdades absolutas e isso, conseqüentemente, gerava no aluno um respeito amalgamado por um misto ético de medo, disciplina e admiração ao professor no exercício de sua profissão. No contexto atual, nas relações construídas em sala de aula entre professor e aluno, segundo os respondentes, não se perdeu do respeito ao professor, mas a sua consistência ética sofreu uma redução de sentido.

Embora não negue sumariamente a existência de uma ética baseada no respeito e no reconhecimento do professor pelo aluno, há uma visível degradação da relação, na qual educadores e educandos estão apartados de si e do outro, cada um centrado em uma vida funcional, na dimensão do Eu-Isso, evidenciando uma relação eclipsada entre professor e aluno.

Os professores sentem-se desrespeitados e desvalorizados pela atitude ética marcada pela indiferença e descaso do aluno em relação ao trabalho docente realizado em sala de aula. Os alunos ignoram o professor e se entregam aos entretenimentos disponíveis pelas novas tecnologias de comunicação na internet ou baixados por aplicativos tecnológicos, provocando no professor um sentimento de frustração e uma perda de percepção do outro em sua condição humana.

Fenomenologicamente, em razão de uma relação marcada por uma ética de tensionamento e disputa de poder em sala de aula, professor e aluno apresentam dificuldades em se perceber um com o outro na experiência educativa, nas tessituras de uma intersubjetividade orientada por uma ética inter-humana, que é obscurecida pela prevalência da racionalidade pedagógica instrumental.

Ao educador, cabe o papel de romper com a exclusividade dos grilhões epistemológicos e agregá-los a um fazer docente, baseado no diálogo, na escuta e novas possibilidades construídas na fenomenalidade humana em articulação com uma relação

humanizada com o saber científico, para que “não caia a maior parte de suas matérias num resultado que é nulo e sem sentido” (MARCEL, 2001, p. 45).

Para viver essa experiência educativa existencial com o aluno, o professor deve desenvolver uma abertura para a sua interioridade, pela via de uma profunda sensibilidade humana em relação ao outro, que é o aluno “pessoa”, na experiência do qual o professor também se descobre como Ser. No verdadeiro encontro de conhecimento e autoconhecimento entre professor e aluno, em situação de comunhão, como nos ensina Marcel, é que o homem descobre o verdadeiro conhecimento de si pela vivência da experiência do outro, inferindo que somente por relações intersubjetivas de alteridade, professor e aluno podem alcançar a percepção de si e do outro.

É nessa forma de relação entre educador e educando, baseada num profundo sentimento de comunhão que acreditamos ser possível construir, sob a orientação de uma ética inter-humana, uma verdadeira educação humanizada que transcenda a dimensão da racionalidade pedagógica e funcional, promovendo um autêntico encontro do Ser com o Outro em existências concretas no mundo.

Não obstante a um mundo dominado pelas técnicas de aviltamento e pelo espírito de abstração que afetam o homem, decorrentes da profusão tecnológica e da prevalência do Ter sobre o Ser, cultivamos e alimentamos a esperança de uma escola, com uma proposta educativa voltada para uma formação de totalidade humana, pela qual professores e alunos em situação de comunhão, consigam viver autênticas experiências educativas na dimensão do Eu-Tu, que Buber (2003) chamou de "educação de caráter" fundamentada no diálogo, no amor, na fraternidade e na esperança. Uma relação de entrega espiritual, de conhecimento e autoconhecimento entre professor e aluno, num sentimento pleno de abertura e disponibilidade de um para o outro, alicerçado numa relação de amor no sentido de Ser com o outro no mundo, pois o homem que ama consegue desvelar o Ser em sua plenitude, por meio da ação imediata com o outro numa dimensão face a face em uma perspectiva de totalidade humana (BUBER, 2001).

Devemos lembrar de que a abordagem crítica que construímos acerca da relação aluno professor em sala de aula sob influência do uso do celular, não representa em hipótese alguma, uma anulação da importância das modernas tecnologias para o homem contemporâneo e nem tampouco estamos jogando por terra as concepções pedagógicas racionais de formação educacional, como proposta obsoleta de formação do homem no mundo da contemporaneidade. Pelo contrário, a nossa tese se constitui em um posicionamento intelectual de viés fenomenológico-hermenêutico, no qual buscamos problematizar a



formação educacional do homem em suas condições existenciais em experiências educativas concretas em meio a profusão das modernas tecnologias digitais, em um mundo marcado pela perda de percepção do Eu com o Outro, pela violência e por uma existência orientada pela lógica do Ter em detrimento do Ser. Porém, acreditando que mesmo em sua mais profunda interioridade, o homem ainda não se perdeu da esperança. “Uma esperança que se situa no marco de uma prova que não só corresponde, senão que é uma verdadeira resposta do Ser” (MARCEL, 2005, p. 42).

Segundo Marcel (2005, p. 69) “somente onde existe o amor, é que se pode falar de esperança”. Nestes tempos sombrios de barbárie, violência e destruição do mistério na relação entre os homens, em meio a hegemonia da racionalidade instrumental, cabe também aos educadores, por meio de uma educação alicerçada numa ética inter-humana, incitarem o reacender da esperança em si e nos alunos, como seres itinerantes. Somente por uma ação educativa, na qual professores e alunos se disponibilizem em pleno sentimento de comunhão de um com o outro pelas vias do amor, fraternidade, responsabilidade, confiança, paciência e do autêntico encontro humano, é possível educar para a restauração do sentido da vida. Essa é a verdadeira esperança humana na experiência educativa. É “a disponibilidade de uma alma comprometida com uma experiência de comunhão capaz transcender a oposição entre o querer e o conhecer, na qual ela afirma a perenidade vivente da qual esta experiência lhe oferece” (MARCEL, 2005, p. 79).

Nesse sentido, Marcel considera que uma das estruturas fundamentais da esperança é o amor, pois amar e ser amado significa mergulhar no tempo, na disponibilidade e na reciprocidade, o que demanda o "Eu" estar disponível para o outro numa condição de abertura dialógica. Educar nessa perspectiva esperançosa significa a construção de uma relação entre professor e aluno, não apenas alicerçada em práticas pedagógicas instituídas pela ciência da educação, mas sobretudo, em uma relação de encontro, no sentido buberiano, marcado pela reciprocidade, disponibilidade e abertura transcendente de um com o outro, transitando pela dimensão Eu-Tu.

Neste momento fazemos uma pequena pausa em nossas reflexões, mas ressaltamos que nesta interrupção momentânea de conversas sobre ética, tecnologia e sociabilidade na escola, buscamos, em meio a muitas limitações teóricas, linguísticas e metodológicas, compreender as relações entre professor-aluno em sala de aula a partir de um esforço difícil, mas profundamente gratificante e edificante de perspectiva fenomenológica-hermenêutica, baseado, sobretudo no pensamento filosófico de Gabriel Marcel. Ciente das limitações e incompletudes inerentes a uma tese de doutoramento, entendemos que muitas questões

importantes acerca da temática em foco não foram aqui discutidas, reforçando, desse modo, que este estudo foi apenas uma das pontas das tessituras do fio que nos indica um caminho para dialogar com o a existência humana, provocando um desfiar de outras pontas da existência do homem no mundo que requerem urgentemente novos olhares investigativos, na esperança de desvelar novas e fecundas pesquisas que possam acenar para a educação, não apenas como um campo de formação pedagógica e racional, mas também, como uma dimensão da ação educativa voltada para uma formação integral de totalidade humana, como uma verdadeira experiência ética inter-humana de encontro existencial do Ser com o Outro em relações de plena intersubjetividade em alteridade na dimensão existencial humana.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas Escolas**. Como mudar a situação?. 19ª Semana Monográfica. Madri (Espanha): Fundação Santillana, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Violência que não é silenciosa**. s/d

ABREU, Verônica do Couto ; PARACAMPO, Vera de Souza. Valores E Pessoa: Uma proposta de educação transformadora. In: MENDONÇA, Kátia Marly Leite. **Valores para paz**. Vol. 2. Belém: UFPA / EditAEDI, 2013.

ALWEISS, Lilian. *Heidegger and 'the concept of time'*. History of the Human Sciences, Vol. 15 No. 3, pp. 117–132, 2002.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sobre a violência**. Tradução André Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

AZEVEDO, José André. **O Mistério da Encarnação em Gabriel Marcel**. Argumentos, Ano 2, N°. 4 – 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água Editores Lda, 1991.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BECKER , Julci Stefano. **Gabriel Marcel e a formação na perspectiva do ser** (Dissertação). Ijuí (RS): UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2007.

BOGDAN, R. C.: BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 1994.

BOGO, Kellen Cristina. **A história da internet: como tudo começou**. (s/d)

BOLLNOW, Otto Friedrich. **Filosofía de la esperanza**. Buenos Aires: Companhia General Fabril Editora, 1962.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**: texto constitucional de 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal; Editora Atual, 1998.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA** Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996

\_\_\_\_\_. **Marco Civil Regulatório da Internet no Brasil**. Lei nº12.965/14 de 23 de abril de 2014.

BRITO, Valber Oliveira. **Educação e esperança**: uma contribuição de Gabriel Marcel e Martin Buber sobre o papel do educador em meio à violência. Revista do Difere. v. 2, n.4, dez/2012.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: editora perspectiva S/A, 1982.

\_\_\_\_\_. **EU e TU**. 8ª edição. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. Sobre educación del carácter. In: **El camino del ser humano y otros escritos**. (C. Díaz, Trad.). Madrid: Fundación Emmanuel Mounier, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**- a era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. I. São Paulo: cortez, 1999.

CASTRO, Fábio Fonseca. **Fenomenologia da comunicação em sua quotidianidade**. São Paulo: Intercon – RBCC, v.36, n.2, p. 21-39, jul/dez. 2013.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam a questão. Sociologias. Porto Alegre, ano 4 nº. 8, jul/dez de 2002

CONH, Gabriel. **Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

\_\_\_\_\_. **Max weber: sociologia**. São Paulo: editora ática, 2003.

CORDEIRO, Robson Costa. **Heidegger e a técnica moderna como perigo e como Salvação**. Revista de filosofia *Aufklärung*. V.1, N.2, Abril de 2014. p. 157174.

COSTA, R.F. **Um olhar sobre a concepção de professor adotada nas propostas curriculares implantadas no curso de História da UFPA em 1988 e 2006**. Belém: UFPA / ICED, 2008.

\_\_\_\_\_. Ética: Uma perspectiva de não violência na escola. In: MENDONÇA, Kátia Marly Leite. **Valores para paz. Vol. 2**. Belém: UFPA / EditAEDI, 2013.

CURY, Lucilene; CAPOBIANCO, Lígia. **Princípios da História das Tecnologias da Informação e Comunicação Grandes Invenções**. Guarapuava (PR): Unicentro, VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo. Contraponto.2003.

DELORS,J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, UNESCO, 2001.

DEPOIMENTOS (P1 a P10). [2016/2017]. Entrevistador: Rildo Ferreira da Costa. Belém, 2018.

DUEÑAS, David et all. **Expresiones discriminatorias, jóvenes y redes sociales: la influencia del género**. Reviasta científica de educomunicación. España: comunicar n.46, v. XXIV, 2016.

DURAND. Gilbert. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Imaginação Simbólica**. São paulo: Cultrix, 1988.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ESCOBAR, Juliana Lúcia. **A formação de comunidades virtuais no portal Comuniquese: um primeiro olhar**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – e –compós. Abril de 2006 – p. 3-18

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. **A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Out-Dez 2014, Vol. 30 n. 4, pp. 441-447

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. V. I Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Verdade e Método**. v. II Petrópolis (RJ): Vozes, 2008

GANHO, Maria de Lourdes Sirgado. **A Filosofia Concreta de Gabriel Marcel**. 1983.

GARCÍA-BARÓ, M. **Del dolor, la verdad y en bien**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.

GOMES, Jones da Silva. **Comunidade e eticidade: uma contribuição à aventura sociológica no pensamento de Martin Buber**. Belem: UFPA, 20016.

\_\_\_\_\_. **Cidade da arte: uma poética da resistência nas margens de Abaetetuba**. Tese de Doutorado. UFPA/PPGCS, 2013.

HAZELTON, Roger. **Marcel on Mystery**. “The journal of religion”. Vol. 38, n. 3, jul de 1958, p. 155-167.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. V. 1 Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Língua de tradição e língua técnica**. Trad. Mário Botas. 2ª ed. Lisboa: Passagens, 1999.

\_\_\_\_\_. **A questão da técnica**. In: Ensaios e conferências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A questão da técnica.** *Scientiæ zudia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.  
 HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia.** Introd. E tradução de Urbano Zilles. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.** 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

JENKINS, Henri. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Editora Aleph Ltda, 2008.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

KENYON, Susan. **Internet Use and Time Use: The importance of multitasking.** Time Society, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia.** São Paulo: Atlas, 2005.

LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

LEMOS, A. **Cibercultura.** Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. **O imaginário da cibercultura.** *são paulo em perspectiva*, 12(4) 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é virtual.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: editora 34, 1996.

LÉVINÁS, E. **Totalidade e Infinito**. Traduzido por José Pinto Ribeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000a

LOPES, João Teixeira. **Tristes Escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano**. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

MACHADO, Nealla Valentim; PEREIRA, Costa Silvio da. **Sexting, mídia e as novas representações da sexualidade**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MS), 2013

MAFFESSOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS • Porto Alegre • n° 15 • agosto 2001

MARCEL, Gabriel. *Position et aproches concrètes du mystere ontologique*. Paris: Nauwelaerts Vrin, et Louvain, 1949.

\_\_\_\_\_. **El Misterio del Ser**. Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1953.

\_\_\_\_\_. **El mundo quebrado**. Buenos Aires: Ediciones Losange, 1956a.

\_\_\_\_\_. **El hombre problemático**. Buenos Aires: editora sudamericana, 1956b.

\_\_\_\_\_. **Revolução da Esperança: rearmamento moral em ação**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1961.

\_\_\_\_\_. **Dos discursos y um prólogo auto-biográfico**. Provenza, 388 - Barcelona (Espaha): Editorial Herder S. A., 1967.

\_\_\_\_\_. **Diário metafísico: 1928-1933**. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1968a.

\_\_\_\_\_. **Diário Metafísico**. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.

\_\_\_\_\_. **L'existence et la liberte humaine chez Jean-Paul Sartre**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1981.

\_\_\_\_\_. **Os homens contra o homem**. Madrid: Caparrós Editores. 2001.

\_\_\_\_\_. **Ser y tener**. 2. ed. Madrid: Caparrós Editores, 2003.



\_\_\_\_\_. **Homo viator:** prolegómenos a una metafísica de la esperanza. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

MENDONÇA, K. M. L. **Entre a dor e a esperança:** educação para o diálogo em Martin Buber. Memorandum, 17, 4559 Retirado em // , da World Wide Web. Memorandum 17, out/2009 Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP  
<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a17/mendonca01.pdf>

\_\_\_\_\_. **Televisão:** da profusão de imagens à cegueira ética. Revista FAMECOS Porto Alegre, v. 20, n. 1, pp. 179-192, jan./abr. 2013a.

\_\_\_\_\_. Arte como Experiência Estética e como Experiência Ética. In: MENDONÇA, Kátia Marly Leite. **Valores para Paz** (Vol. 2). Belém: UFPA / EditAEDI, 2013b.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura.** Porto Alegre: editora sulina, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAN, José. **Novos modelos de sala de aula.** Publicado na Revista **Educatrix**, n.7, Editora Moderna, p. 33-37. Disponível em [www.moderna.com.br/educatri](http://www.moderna.com.br/educatri). Acessado em 29 de setembro de 2017.

MOREIRA, Virginia. **Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica Fenomenológica** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 4, p. 723-731, out./dez. 2010.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo.** Lisboa: Martins Fontes, 1964.

MUSSOI, Eunice Maria; FLORES, Maria Lucia Pozzatti; BEHAR, Patricia Alejandra. **Comunidades virtuais** – um novo espaço de aprendizagem. UFRGS, 2007.(online)

NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. **O legado de Guy Debord:** reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra (s/d). Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)

NOVELLI, Pedro Geraldo. **A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema.** Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. Ed. Porto Alegre; Bookman, 2005.

OCHOA, Mauricio Menjívar. **El sexting y l@s nativ@s neo-tecnológic@s**: apuntes para una contextualización al inicio del siglo XXI. Revista Electrónica “Actualidades Investigativas em Educación”. Instituto de Investigación en Educación Universidad de Costa Rica Volumen 10, Número 2, Año 2010, ISSN 1409-4703 .

OLIVEIRA, Manoel Messias. **A experiência da intersubjetividade como fundamento da subjetividade**: a contribuição de Gabriel Marcel no processo de ensino aprendizagem. III Encontro de História da Educação na região Centro-Oeste(EHECO). Catalão (GO), 19 a 21 de Agosto de 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.  
ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**: vicissitudes das ciências-cacofonia na física. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Limitada, 1963.

PANIZZI, Conceição Aparecida Fernandes Lima. **A relação afetividade-aprendizagem no cotidiano da sala de aula: enfocando situações de conflito** – ISEP – s/d.

PALACIOS, Marcos Silva. Cotidiano e Sociabilidade No Cyberespaco: Apontamentos Para uma discussao. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José. (Org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de janeiro, 1996.

PARREIRA, Gizele Geralda. **Martin Buber e o sentido da educação**. Goiânia: IFG, 2016.

PÉREZ, José Seco. **Introducción al pensamiento de Gabriel Marcel**. Clássicos Básicos del personalismo nº 4. Madri: Instituto Emmanuel Mounier, 1990.

PÉREZ, Julia Urabayens. **El humanismo trágico de Gabriel Marcel**: el ser humano en un mundo roto. *Estud.filos*, nº41 Junio de 2010 *Universidad de Antioquia* pp. 35-59

PRADO, José Erivaldo da Ponte. **A questão da técnica em Martin Heidegger**. Revista Homem, Espaço e Tempo setembro. Ceará –Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Centro de Ciências Humanas-CCH 111, de 2011. ISSN 1982-380

PRIMO, A. **A emergência das comunidades virtuais**. In: Intercom 1997 - XX

Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em <[http://www.pesquisando.atraves da.net/comunidades\\_virtuais.pdf](http://www.pesquisando.atraves da.net/comunidades_virtuais.pdf)>. Acesso em: 30 março 2007.

RAMOS, Deyvison dos Santos. **A Liberdade em Gabriel Marcel**. Instituto Filosófico-Teológico São José – IFTSJ. Sapientia Fidei, v. 1, n. 1, 2014.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

\_\_\_\_\_. **Comunidades Virtuais: Uma Abordagem Teórica**. Artigo apresentado no V seminário Internacional de Comunicação, GT de Tecnologia das Mídias. (outubro de 2002). Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm> (02/08/2002)

\_\_\_\_\_. **Comunidades Virtuais: Uma Abordagem Teórica**. Artigo apresentado no V seminário Internacional de Comunicação, GT de Tecnologia das Mídias. (outubro de 2002). Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm> (02/08/2002)

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. (online)

REZENDE, Renata. **O corpo digital como corpo duplo: a tecnologia purificando as formas**. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), s/d.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Tradução de Helder Aranha. Gradiva, 1996.

\_\_\_\_\_. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras**. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciência. Barcelona, 1996.

RENAUT, Alain. **O fim da autoridade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

RICOEUR, P. **Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II**. Porto: Rés, 1986.

\_\_\_\_\_. A imaginação no discurso e na ação. In **Do texto à ação**. Lisboa: RES Editora, s/d.

\_\_\_\_\_. **Interpretação e Ideologias**. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

RODRIGUES, L. P. **O tradicional e o moderno quanto à didática no ensino superior.** Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.4, n.3, Pub.5, Julho 2011.

SAMPAIO-RALHA, J. **Comunidades Virtuais:** Definições, origens e aplicações. Disponível em <<http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?down=79>> Acesso em: 10 abril 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Pós-humano:** porque? REVISTA USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

SANTOS, Félix Requena. **Amigos y redes sociales:** elementos para una sociología de la amistad. Madrid: Centro de investigaciones sociológicas, 1994.

SEIBT, Luis Cezar. **Heidegger: da fenomenologia ‘reflexiva’ à fenomenologia hermenêutica.** Natal (RN): Pincípios Revista de Filosofia, v. 19, n. 31 Janeiro/Junho de 2012, p. 79-98 .

SERRES, Michel. **Polegarzinha:** uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Fundamentos epistemológicos e políticos da produção do conhecimento em educação.** Conferencia no 11º Seminário nacional de Políticas Educacionais e Currículo. Belem(Pa): UFPA, 2013

SIBILIA, P. **O Homem Pós-Orgânico:** Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. **A escola no mundo hiperconectado:** Redes em vez de muros? MATRIZES, Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012 - São Paulo - Brasil – p. 195-211

\_\_\_\_\_. **Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica.** Do sujeito. Grupo de Tecnologias Informacionais da Comunicação e Sociedade, XII Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação COMPOS, Niterói/RJ, 2003.

SILVA, Gomes, Jones da. **Comunidade e eticidade:** uma contribuição à aventura sociológica no pensamento de Martin Buber. Dissertação (Mestrado). Belém: Universidade Federal do

Pará Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2006.

SILVA, Ezir George. **Fenomenologia da metafísica do ser e do ter**: contribuições do pensamento filosófico de gabriel marcel para a educação numa perspectiva da formação humana (tese de doutorado). Recife (PE): UFPE, 2014.

\_\_\_\_\_. et al. **Papel do professor de filosofia da educação na era da técnica e da tecnologia**: contribuições do pensamento de Gabriel Marcel para a vivência pedagógica numa perspectiva da formação humana. ResearchGate, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/291504980>

SIMMEL, Georg. **Conceitos fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro. Jorge zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sociabilidade**: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SPREJER, Pedro; KAZ, Roberto. Me, my selfie e eu. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 15 dez. 2013. Revista o Globo. p. 32-36.

TALLARICO, GABRIELA. **Las redes sociales en la comunicación estratégica de las instituciones**. XIV Congreso REDCOM- investigación y extesión em comunicación: sujetos, politicas y contextos. Universidad Nacional de Quilmes(Buenos Aires): 28, 29 y 30 de junio de 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/19987651/Las\\_redes\\_sociales\\_en\\_la\\_comunicaci%C3%B3n\\_estrat%C3%A9gica\\_de\\_las\\_instituciones](https://www.academia.edu/19987651/Las_redes_sociales_en_la_comunicaci%C3%B3n_estrat%C3%A9gica_de_las_instituciones) . Acessado em 04 de fevereiro de 2016.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade. In: MIRANDA, Orlando de. **Para ler Ferdinand Tönnies**. 1. ed. São Paulo: EdUSP, 1995a. p. 231-352.

URABAYEN, Julia. *Temps clos et temps ouvert dans la pensée de Gabriel Marcel*. Departamento de Filosofía. Université de Navarre (Espagne): Edificio de Bibliotecas, 2012.

VIRILIO, Paul. **El procedimiento silencio**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2001.

\_\_\_\_\_. **Estratégia da decepção**. Estação Liberdade, 2000

\_\_\_\_\_. **O resto do tempo**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 10, 1999.

\_\_\_\_\_. **Velocidade e política.** Estação Liberdade, 1996

\_\_\_\_\_. **A Máquina de Visão.** José Olympio, 1994.

\_\_\_\_\_. **Cyberwar, God And Television: Interview with Paul Virilio.** 1994.  
<http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=62>

VILLAS, Sara. **Formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de ensino médio/técnico.** Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2009. (Dissertação)

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. De Gabriel Cohn. 4ª ed. E 4ª reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Conceitos Básicos de Sociologia.** Editora Moraes. São Paulo, 1987.

WEBER, J. F. **Técnica, tecnologia e educação em Heidegger e Simondon:** Destruição do pensamento ou ampliação da experiência? X congresso Nacional de Educação. Paraná: PUC. 2011. In: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4854\\_2407.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4854_2407.pdf). Acesso em: 17 nov.2013.

WELLMAN, Barry e GULIA, Milena. **Virtual Communities as Communities:** Net Surfers don't ride Alone. In KOLLOCK Peter. e Marc Smith. (organizadores) *Communities in Cyberspace.* Routledge. New York, 1999.

WINAND, Edwaldo José. **Comunidade enquanto estética do inter-humano:** A comunidade em Martin Buber e em Boaventura de Sousa Santos. *Revista Ética e Filosofia Política* – Nº 13 – Volume 1 – Janeiro de 2011

WOLTON, Dominique. **Sobre la comunicación:** una reflexión sobre sus luces y sus sombras. Madrid: Acento Editorial, 1999.

ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o existencialismo.** Porto Alegre: PUCRS, academia, 1995.

ZUBEN, Newton Aquiles von. **Martin Buber**: diálogo e cumplicidade. Bauru, SP: Edusc, 2003.

[WWW.abc.es/20120923/sociedad/rc-peligros-sexting-201209230934.html](http://WWW.abc.es/20120923/sociedad/rc-peligros-sexting-201209230934.html)  
<https://www.rnp.br/rnp/historico.html>

<http://www.crimespelainternet.com.br/o-que-cada-pai-deve-saber-sobre-sexting/>

# **ANEXOS**



## ANEXO A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Título da Pesquisa: TECNOLOGIA, ÉTICA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA: uma Fenomenologia das relações entre professor e aluno em sala de aula na era da tecnologia digital**

**Nome do Pesquisador:** Rildo Ferreira da Costa

**Vínculo Acadêmico:** Discente do curso de Doutorado em Sociologia no programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA).

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Marly Leite Mendonça

Você está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como objetivo compreender os processos de sociabilidade que são construídos em sala de aula, nos âmbitos interpessoal e pedagógico, sob influência de novas tecnologias de comunicação digital, na tentativa de entender as relações na dimensão ética e social, a partir do olhar de professores em relação aos alunos que utilizam tecnologias móveis na sala de aula.

Os participantes da pesquisa serão professores que atuam profissionalmente no magistério da educação Básica há mais de 20 anos.

A sua participação neste estudo será por meio do envolvimento em entrevistas, observação e preenchimento de questionários. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da Orientadora, por meio do telefone do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA).

A coleta de dados para a pesquisa será realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com perguntas direcionadas, mas que asseguram direito de voz aberta aos entrevistados; aplicação de questionários com perguntas fechadas; realização observação direta em sala de aula.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. **Sua identidade também será rigorosamente preservada.**

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Para assegurar identidade do voluntário(a). Os seus dados serão identificados com um código ou nome fictício, e não com o nome próprio do voluntário. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que possam acrescentar elementos importantes à relação professores e alunos que utilizam mídias tecnológicas em sala de aula, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalidades.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após a leitura e compreensão destas informações, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Belém-Pa, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Orientadora

#### Contatos telefônicos:

Voluntário: \_\_\_\_\_

Pesquisador: \_\_\_\_\_

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO PARA PROFESSOR

Você está convidado(a) a responder a este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados desta pesquisa, cujo título é “**TECNOLOGIA, ÉTICA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA: uma Fenomenologia das relações entre professor e aluno em sala de aula na era da tecnologia digital**”, sob responsabilidade do pesquisador Rildo Ferreira da Costa, discente do curso de Doutorado em Sociologia no programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFGPA).

Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os pontos a seguir: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem apresentar justificativa; c) sua identidade será preservada sigilosamente; d) se for de sua vontade, poderá ser informado(a) de todos os resultados da pesquisa.

#### **I- Identificação de dados pessoais e profissionais:**

1. Sexo:

( ) Masculino      ( ) Feminino

2. Faixa etária:

( ) 18 – 30 anos    ( ) 31 – 45 anos    ( ) 46 – 55 anos    ( ) 56 – 65 anos

3. Estado civil:

( ) Solteiro(a)    ( ) Casado(a)    ( ) Companheiro(a)

( ) Separado ou Divorciado    ( ) Viúvo(a)

4. Formação: nível mais avançado de escolaridade

( ) Graduação    ( ) Especialização    ( ) Mestrado    ( ) Doutorado

5. Tempo de atuação profissional no Magistério:

( ) 01–10 anos    ( ) 11-20 anos    ( ) 21-30 anos    ( ) mais de 30 anos

6. Utiliza celular em suas relações de comunicação:

Sim  Não

7. Acessa a Internet ? onde?

Sim  Não

em casa  no trabalho  no celular

8. O que você mais acessa na internet?

E-mails  Sites  Redes sociais  Outros

9. Quanto tempo aproximadamente, você navega na internet semanalmente?

menos de 2 horas  de 2 a 4 horas

de 4 a 8 horas  mais de 8 horas

10. Você faz parte de redes sociais? Qual a principal?

Sim  Não

Twitter  WhatsApp  Instagram  Snap Chat  Facebook

**APÊNDICE B****ENTREVISTA COM PROFESSORES QUE TEM PELO MENOS 20 ANOS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

**Entrevistador:** Rildo Ferreira da Costa

**Entrevistado:**

1. Como você vê o uso do telefone celular em nossas atividades cotidianas?
2. Como você percebe o uso do celular entre as pessoas no ambiente escolar?
3. Quais as formas mais recorrentes de uso do celular por alunos em sala de aula na escola?
4. Como é o perfil dos alunos que usam celular em sala de aula?
5. Como o uso de celular por alunos em sala de aula repercute no seu trabalho?
6. Como o uso do celular em sala repercute na autoridade docente do professor?
7. Como você lida com alunos que usam celular em sala, durante a realização de uma aula?
8. Que avanços e/ou retrocessos você pode perceber no uso dessas novas tecnologias de comunicação em sala de aula?
9. Como você percebe o relacionamento social de alunos que usam celular em sala de aula em relação ao professor e com os demais colegas de turma?
10. Em algum momento de sua vida docente você já sentiu medo ou alguma forma de ameaça em sala de aula?
11. Você já teve com algum aluno (a) um momento de profunda sensibilidade humana para além da preocupação pedagógica?
12. O que você pode dizer acerca da relação ética de ontem e de hoje entre professor-aluno em sala de aula?
13. Por que você decidiu ser professor?
14. O que você pode dizer sobre ser professor ontem e hoje?